

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



## **A Recomplementação no Português Europeu**

Joana Rita Pinto Mesquita

Tese orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Gabriela Matos, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística

2020

À minha mãe e ao meu pai.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à prof.<sup>a</sup> Gabriela Matos, minha orientadora, pela disponibilidade, pela paciência e, sobretudo, pela confiança que depositou em mim e nas minhas capacidades, mesmo quando eu própria não a tinha.

Agradeço a todos os professores da Faculdade de Letras que passaram pela minha vida académica e despertaram o meu gosto e entusiasmo pela Linguística, com um especial agradecimento às prof.<sup>as</sup> Margarita Correia, Manuela Âmbar e Maria João Freitas.

À Paula, agradeço o apoio e os conselhos prestados em alturas em que a Faculdade foi menos simpática para mim. Agradeço-lhe também por ter deixado que me apoderasse da sua gramática por alguns meses.

À Alice, agradeço os esclarecimentos sobre questões de Semântica e o interesse que demonstrou pelo tema da minha dissertação.

Agradeço a todos aqueles que, sem se aperceberem, solidificaram a minha confiança no objeto de estudo desta dissertação: aos meus avós, aos meus tios Rúben e Lúcia, à minha mãe e à Ângela – pessoas que por esta altura estariam ricas se ganhassem um euro por cada recomplementação que fazem.

Agradeço ao Lucas, o meu afilhado, que, para além de me fazer sempre sentir mais sociável, me tirou do caminho o principal obstáculo entre mim e a escrita da dissertação nas férias – o telemóvel – devido à sua obsessão pelos jogos da *Play Store*.

Aos meus pais, agradeço por lutarem por mim e por fazerem sempre o que podem e o que não podem pela minha felicidade. Espero um dia poder retribuir todo o apoio que me dão.

Agradeço aos meus amigos. Ao Bica e ao Lima, amigos de longa data, por continuarem a manter contacto e a preocupar-se comigo, mesmo depois de as nossas vidas começarem a seguir rumos diferentes. À Filipa, à Cátia e à Olizy, pela amizade, pelos risos e por me fazerem sentir normal e menos sozinha nos meus anos de Licenciatura, dando-me confiança para arriscar no Mestrado. À Mel e ao Rui, pela companhia nos anos de Mestrado, pelas conversas animadas das pausas mais ou menos longas para o café e pela compreensão e empatia que demonstraram ter em relação à minha personalidade mais reservada. À Mel, agradeço ainda os pequenos empurrões que me levaram a arriscar mais, tanto na vida académica como na vida pessoal. À Ângela, pela ajuda em situações complicadas em que eu não sabia o que fazer e por conseguir sempre fazer-me rir com a sua personalidade divertida.

E ao Mário, a pessoa que melhor conhece os meus conflitos internos e que, sem nunca perder a paciência, me relembra constantemente dos obstáculos que já consegui ultrapassar. Que continuemos a aprender como a vida funciona juntos.

# ÍNDICE

RESUMO .....	5
ABSTRACT .....	7

## INTRODUÇÃO

0. Objetivos Gerais .....	9
1. Estrutura da Dissertação.....	9

## CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

0. Organização do Capítulo.....	11
1. A Perspetiva Cartográfica .....	11
1.1. Rizzi (1997) .....	11
1.1.1. Informação obrigatória.....	12
1.1.2. Informação opcional.....	12
1.1.3. Estrutura expandida de CP .....	13
1.2. A argumentação de Haegeman (2012).....	15
1.2.1. Inversão Negativa .....	15
1.2.2. Topicalização .....	16
1.2.3. Adjunção vs. posições especializadas.....	17
1.3. Propostas subsequentes .....	19
1.3.1. Efeitos de intervenção: topicalização vs. DEC e adjuntos periféricos .....	19
1.3.1.1. Tópicos e adjuntos múltiplos na periferia esquerda.....	20
1.3.1.2. Coocorrência com sintagmas-wh.....	20
1.3.1.3. Ilhas de tópico.....	22
1.3.1.4. Recomplementação .....	23
1.3.1.5. Intervenção com base em conjuntos de traços .....	23
1.3.2. Periferia esquerda em orações subordinadas adverbiais .....	26
1.3.2.1. Truncamento .....	28
1.3.2.2. Movimento e intervenção .....	29
2. Recomplementação e Construções Semelhantes.....	30

2.1. O caso do espanhol.....	31
2.1.1. Demonte & Soriano (2007, 2009).....	31
2.1.1.1. Recomplementação.....	34
2.1.2. Villa-García (2012) .....	37
2.1.2.1. Propriedades da recomplementação no espanhol.....	37
2.1.2.2. <i>que</i> de recomplementação vs. <i>que</i> jussivo/optativo .....	39
2.1.2.3. Efeitos de reconstrução .....	42
2.1.2.4. Efeitos ilha e movimento através de <i>que</i> .....	44
2.1.2.5. Proposta: efeitos Comp-t e reparo por apagamento em FF.....	47
2.2. O caso do inglês e do francês .....	49
2.2.1. Motivação para uma projeção ModP? .....	52
2.3. O que sabemos sobre o português europeu?.....	53
2.3.1. Construções de topicalização .....	53
2.3.1.1. Tópico Pendente .....	53
2.3.1.2. Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente .....	54
2.3.1.3. Deslocação à Esquerda Clítica.....	55
2.3.1.4. Topicalização.....	56
2.3.1.5. Topicalização Não Canónica .....	57
2.3.2. Barbosa (2000, 2008).....	58
2.3.3. Carrilho (2005).....	61
2.3.4. Mascarenhas (2015) .....	64
2.3.5. Ribeiro e Torres Morais (2012).....	69
3. Conclusão do Capítulo .....	74

## CAPÍTULO II - OS DADOS

0. Introdução .....	76
0.1. Hipóteses a confirmar/infirmar.....	76
0.2. Organização do capítulo.....	77
1. Metodologia .....	77
1.1. Apresentação dos <i>corpora</i> envolvidos.....	77
1.1.1. Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC).....	77
1.1.1.1. Português Fundamental (PF) .....	78
1.1.2. Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN).....	79
1.2. Processo de recolha e seleção de dados.....	81

1.2.1.	CORDIAL-SIN .....	83
1.2.1.1.	Recolha de dados por etiquetas sintáticas .....	83
1.2.1.2.	Recolha de dados por etiquetas POS.....	84
1.2.2.	CRPC.....	85
1.2.3.	PF .....	87
1.3.	Contabilização de Ocorrências e Organização dos Anexos.....	87
1.3.1.	Múltiplos tópicos/adjuntos .....	88
1.3.2.	Repetições, reformulações e bordões linguísticos .....	88
1.3.3.	Ambiguidades .....	89
1.3.4.	Dados inesperados .....	89
2.	Análise dos Dados Obtidos .....	90
2.1.	Extensão do fenómeno no PE .....	90
2.1.1.	A Recomplementação no registo oral vs. escrito (Hipótese 1) .....	90
2.1.2.	Produtividade da Recomplementação no PE (Hipótese 2) .....	91
2.1.3.	Distribuição da Recomplementação no PE (Hipótese 3).....	92
2.2.	Identificação dos complementadores/conjunções (Hipótese 9) .....	94
2.3.	Subordinação a Nomes e Adjectivos (Hipótese 8).....	96
2.4.	Múltiplos constituintes periféricos (Hipóteses 6 e7).....	97
2.5.	Natureza dos constituintes em recomplementação .....	100
2.5.1.	Constituintes compatíveis com a recomplementação (Hipótese 4) .....	100
2.5.2.	Constituintes incompatíveis com a recomplementação (Hipótese 5) .....	104
2.6.	Dados inesperados .....	105
2.6.1.	Outros conetores redobrados .....	105
2.6.2.	Outros constituintes em recomplementação .....	106
2.6.3.	<i>que</i> de recomplementação seguido de <i>é que</i> .....	107
3.	Síntese e Discussão dos Resultados.....	107
3.1.	A hipótese infirmada: múltiplos constituintes periféricos .....	109
3.2.	Os dados inesperados: constituintes não previstos e pseudoclivadas invertidas de <i>é que</i> .....	110
3.2.1.	Constituintes locativos não-adjunto.....	110
3.2.2.	Tópicos Pendentes.....	111
3.2.3.	<i>que</i> de recomplementação seguido de <i>é que</i> .....	112
3.3.	Consequências para as propostas de análise da Recomplementação.....	115
3.3.1.	<i>que</i> de recomplementação em Fin .....	115
3.3.2.	<i>que</i> de recomplementação no núcleo de um ForceP duplicado .....	117

3.3.3.	A projeção ModP para adjuntos.....	117
3.3.4.	<i>que</i> de recomplementação em Top.....	118
3.3.5.	Recomplementação em orações adverbiais.....	119
3.3.6.	Propriedades adicionais dos conectores de recomplementação .....	120
CONCLUSÃO .....		122
Referências .....		124

## RESUMO

A recomplementação tem sido estudada para diversas línguas (principalmente línguas românicas), consistindo na realização, numa mesma oração, de duas instâncias de um mesmo complementador, separadas por um constituinte de natureza variável.

Os objetivos gerais desta dissertação são contribuir para os estudos da periferia esquerda da frase com uma descrição mais detalhada das estruturas de recomplementação do português europeu e proporcionar evidência empírica que sirva de base a essa descrição e dê origem a possíveis trabalhos futuros relacionados com o fenómeno.

Sigo, desde o início, uma perspetiva cartográfica, dando a conhecer os estudos de Rizzi (1997) e Haegeman (2012), que exploram o sistema CP. É no seguimento destes autores que descrevo o ponto em que se encontram os estudos sobre a Recomplementação em algumas línguas, com foco sobre os estudos de Demonte & Soriano (2007/2009) e Villa-García (2012) para o espanhol. Através dessa descrição, podemos observar que as estruturas de recomplementação envolvem sempre pelo menos dois conetores aparentemente iguais, separados por algum tipo de material periférico que varia de língua para língua.

Direcionando-me finalmente para o português europeu, faço uma síntese do que tem sido referido acerca da Recomplementação – nos estudos de Barbosa (2000, 2008), Carrilho (2005) e Mascarenhas (2015) –, chegando através dela a um conjunto de hipóteses a confirmar ou infirmar pelos dados recolhidos e analisados. Tais hipóteses passam pela produtividade do fenómeno na língua, os tipos de conetores com a possibilidade de serem redobrados, o tipo de constituintes que se pode encontrar entre conetores (constituintes mais associados a um valor de tópico vs. constituintes mais associados a um valor de foco) e as possíveis sequências “conector – constituinte periférico” (i.e. sequências com mais do que dois conetores, sequências com mais do que um constituinte periférico entre conetores ou uma combinação destas duas sequências).

A extração e análise quantitativa de dados provenientes do CORDIAL-SIN, do CRPC e do Português Fundamental permitiu-me tirar conclusões sobre algumas das hipóteses formuladas. A Recomplementação é um fenómeno produtivo um pouco por todo o território português. A maioria dos constituintes entre conetores tem propriedades de tópico (com um grande número de ocorrências de tópicos-sujeito e adjuntos), apesar de algumas ocorrências, contra o esperado, apresentarem constituintes quantificados. Por sua vez, apesar de a recomplementação com o complementador *que* ser a mais produtiva, há indícios de recomplementação com *se* interrogativo, *se* condicional e *para* introdutor de orações adverbiais finais, sendo, ainda assim, fraca a evidência para os dois primeiros. Os padrões de recomplementação disponíveis no português europeu incluem tanto sequências com iteração do *que* de recomplementação como sequências com múltiplos constituintes entre complementadores e uma combinação de ambas. Verificou-se ainda que a recomplementação pode surgir em contextos de subordinação a nomes. Em termos gerais, os dados favorecem uma análise que coloca o conector de recomplementação no núcleo de uma projeção TopP, no especificador da qual se encontra o constituinte em recomplementação.



**Palavras-chave:** redobro do complementador, complementador, conjunção, periferia esquerda, tópico, foco, subordinação, adjunto, tópico-sujeito, dupla recomplementação, perspectiva cartográfica

## ABSTRACT

Recomplementation has been studied in the context of several languages (especially romance languages), consisting in two instances of the same complementizer occurring in the same clause and separated by a constituent of variable nature.

The purpose of this dissertation is to contribute to the literature on the left periphery of the sentence with a more complete portrayal of recomplementation structures in European Portuguese and to provide empirical evidence that supports that portrayal and encourages possible future works related to the subject.

I follow a cartographic approach, introducing work by Rizzi (1997) and Haegeman (2012), who both explore the CP system. Following these authors, I describe the status of the recomplementation literature in some languages, with a focus on studies by Demonte & Soriano (2007/2009) and Villa-García (2012) for Spanish. Through that account I note that recomplementation structures always involve at least two apparently similar connectors, separated by some peripheral material which varies across languages.

In regards to European Portuguese, I review previous work and discussions on recomplementation – in studies by Barbosa (2000/2008), Carrilho (2005) and Mascarenhas (2015) –, reaching a set of predictions to be confirmed or infirmed by the extracted and analysed data. Those predictions are related to the productivity of the phenomenon in the language, the kinds of connectors that can be doubled, the kinds of constituents that can be found between connectors (constituents more associated with topic vs. constituents more associated with focus), and the possible “connector – peripheral constituent” sequences (i.e. sequences with more than two connectors, sequences with more than one peripheral constituent between connectors or a combination of both thereof).

The extraction and quantitative analysis of data from the CORDIAL-SIN, CRPC and Português Fundamental corpora allowed me to reach a verdict about some of the formulated predictions. Recomplementation is a productive phenomenon all across the Portuguese territory. The majority of constituents between connectors has properties of topics (a great number of instances being topical subjects and adjuncts), despite some instances presenting, contrary to expectations, quantified constituents in that position. As for connectors, although recomplementation with complementizer *que* is the most productive, there are instances of recomplementation with the interrogative complementizer *se*, the conditional conjunction *se* and *para* from purpose clauses (though evidence for the first two is weak). The recomplementation patterns available in European Portuguese include sequences with recomplementation *que* iteration as well as multiple constituents between complementizers and a combination of both. In addition, I was able to find that recomplementation can be used in embedded sentences selected by nouns. In general terms, the data favours an analysis by which the recomplementation connector is located in the head of a TopP projection, while the sandwiched constituent is in its specifier.

**Keywords:** complementizer doubling, complementizer, conjunction, left periphery, topic, focus, subordination, adjunct, topical subject, double complementation, cartographic approach

# INTRODUÇÃO

## 0. Objetivos Gerais

Alguns fenómenos sintático-discursivos existentes em diversas línguas têm colocado um desafio à forma como olhamos para a estrutura interna da periferia esquerda da frase, desencadeando novas perspectivas que visam dar conta desses fenómenos e, em última análise, chegar a uma estrutura mais abrangente, extensível às várias possibilidades atestadas nas línguas do mundo. A presente dissertação trata de um desses fenómenos.

A Recomplementação é uma construção que tem vindo a ser identificada para cada vez mais línguas ou variedades de uma língua, consistindo numa estrutura de dois complementadores com a mesma forma lexical separados por um ou mais constituintes de natureza periférica cujo valor discursivo varia de língua para língua. Os seguintes exemplos ilustram esta construção para o português europeu, o espanhol e o inglês:

A. português europeu:

porque há quem diga **que** este castelo **que** deve ter uma saída para a beira-rio...  
(*Português Fundamental*)

B. espanhol:

*Susi dice **que** los alumnos, **que** son felices.* (Villa-García, 2012: 25-26)  
'A Susi diz que os alunos que são felizes.'

C. inglês:

*He reminds me **that in the days of Lloyd George** **that** business leaders were frequently buying their way in.* (*Guardian*, G2, Nov 20, 2000: 9, col. 2, *apud* Haegeman, 2012: 84)

No que respeita ao português europeu (doravante PE), o fenómeno está ainda pouco estudado, sendo mais frequentemente usado como argumento na análise de outros fenómenos, como a Topicalização e a Focalização, os padrões de colocação dos clíticos e os pronomes expletivos periféricos das variedades não padrão. São objetivos gerais desta dissertação:

- (i) Contribuir para os estudos da periferia esquerda com uma descrição mais detalhada da estrutura interna da Recomplementação do PE, partindo de estudos realizados para outras línguas e de características gerais mencionadas para o português;
- (ii) Extrair e analisar dados de *corpora* de modo a providenciar evidência empírica que corrobore ou, por outro lado, infirme as hipóteses retiradas da literatura disponível.

## 1. Estrutura da Dissertação

A presente dissertação organiza-se em dois capítulos centrais, para além de uma introdução e de uma conclusão.

No Capítulo I, farei uma síntese daquilo que tem sido descrito sobre o sistema CP numa perspectiva cartográfica e de como a Recomplementação como fenómeno periférico tem sido integrada nesse quadro teórico em línguas como o espanhol, o inglês, o francês e o italiano – com particular foco no espanhol. Farei ainda uma síntese do que tem sido mencionado sobre a Recomplementação no PE em articulação com outros fenómenos.

No Capítulo II, dedicar-me-ei à extração e análise quantitativa e qualitativa de dados de *corpora* que possam ajudar a descrever as estruturas de Recomplementação existentes no PE, através da confirmação ou infirmação de um conjunto de hipóteses estabelecidas a partir da síntese feita no Capítulo I. Farei também uma breve discussão sobre a forma como os dados extraídos se enquadram nas hipóteses que têm sido colocadas para explicar o fenómeno.

Por fim, na Conclusão, farei uma síntese do trabalho realizado, esperando ter correspondido aos objetivos gerais e propondo sugestões para trabalhos futuros relacionados com o tema em estudo.

# CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## 0. Organização do Capítulo

O Capítulo I está organizado em três secções.

Na secção 1., dou um panorama geral dos estudos que têm sido feitos em relação à estrutura interna de CP numa perspectiva cartográfica, sintetizando alguma da argumentação que tem sido dada a favor de uma estrutura expandida. Neste sentido, em 1.1. exponho a proposta de Rizzi (1997) para um sistema CP dividido em várias projecções funcionais, em 1.2. apresento a argumentação de Haegeman (2012) a favor desta perspectiva e contra uma proposta de adjunção e em 1.3. exponho algumas propostas subsequentes de alteração à estrutura proposta inicialmente por Rizzi (1997).

Na secção 2., passo ao tema central da presente dissertação. Em 2.1., faço uma síntese das propriedades da Recomplementação no espanhol e das propostas apresentadas por Demonte & Soriano (2007, 2009) e por Villa-García (2012). Em 2.2., descrevo o que foi mencionado em Haegeman (2012) relativamente à Recomplementação no francês e no inglês. Em 2.3., apresento sucintamente alguns estudos que mencionam algumas propriedades da Recomplementação no PE, como o trabalho de Mascarenhas (2015) e de Barbosa (2000).

Por fim, na secção 3., faço uma pequena conclusão do capítulo.

## 1. A Perspetiva Cartográfica

No Programa Minimalista (Chomsky, 1995), admite-se como suficiente uma estrutura em que C marca a força ilocutória da frase, bem como outros traços semântico-discursivos, e em que a posição de especificador recebe o sintagma-wh, movido quando C marca o traço-wh como positivo. No entanto, alguns conjuntos de dados, provenientes não só do inglês como de outras línguas, incluindo o português e outras línguas românicas, vieram mostrar que essa estrutura nem sempre é suficiente. Nas secções que se seguem serão apresentadas algumas hipóteses que têm surgido na literatura, começando pela proposta de Rizzi (1997), que desencadeou muitas outras que seguem a mesma perspectiva.

### 1.1. Rizzi (1997)

A ideia de uma só projecção sintagmática para representar o sistema CP revelou-se insuficiente para Rizzi, que, em 1997, propôs uma estrutura expandida de CP, mais detalhada. A proposta de divisão de uma projecção em várias não foi completamente nova. Já se haviam tornado aceites hipóteses em que outras projecções se cindiam: Pollock (1989) dividiu IP em várias projecções funcionais, antes correspondentes a traços presentes em IP, como AgrP e TP; já a necessidade de representar VPs em que o verbo seleciona mais do que um argumento deu origem à segmentação do VP em dois níveis (Larson, 1988), mais tarde analisados como vP e VP em Chomsky (1995).

Nos seguintes pontos será, assim, apresentada a estrutura proposta por Rizzi (1997) e os argumentos que conduziram à mesma.

### 1.1.1. Informação obrigatória

Segundo Rizzi (1997: 283), o sistema CP deve conter pelo menos dois tipos de informação: uma que diga respeito à estrutura superordenada (i.e. uma oração mais alta) ou à articulação da frase com o discurso em casos de frases raiz, e outra referente ao conteúdo proposicional expresso pelo TP que seleciona.

Os complementadores costumam, assim, expressar informação sobre o tipo de oração (terminologia de Cheng (1991)<sup>1</sup>) – interrogativa, exclamativa, relativa, adverbial, etc. –, a que Rizzi chama especificação de Força Ilocutória, adotando a terminologia de Chomsky (1995). Os complementadores podem, então, ser selecionados com uma dessas especificações pela estrutura superordenada.

Por outro lado, considera-se que os complementadores influenciam o conteúdo do TP encaixado, i.e. as propriedades do sistema verbal da oração encaixada, na medida em que a opção por um complementador em detrimento de outro pode, por exemplo, resultar numa oração infinitiva – como no caso do inglês *for*, contra *that*, que introduziria uma oração finita<sup>2</sup>. Rizzi nota que este tipo de informação contida em C é rudimentar, dando o exemplo do complementador italiano *che*, que coocorre tanto com o indicativo como com o conjuntivo ou o condicional, mas não com orações infinitivas, gerundivas ou participiais. Tal indica que as propriedades em C estão ligadas a Finitude, mas não a informações mais específicas, como o Modo ou o Tempo, reservadas para TP.

### 1.1.2. Informação opcional

Enquanto as informações relativas a Finitude e Força Ilocutória são necessárias ao sistema CP, pois são selecionadas tanto pela estrutura encaixada como pela estrutura superordenada, há outros tipos de informação que estão associados à periferia esquerda, mas não são selecionados, sendo, por isso, considerados por Rizzi (1997) como opcionais. A Topicalização, em que temos movimento de um constituinte considerado informação conhecida, disponível previamente no discurso, é um desses tipos, bem como a Focalização, em que, desta feita, o constituinte movido é tido como informação nova. Esta distinção entre Topicalização e Focalização é observável nos exemplos que se seguem.

- (1) a. *Your book, you should give t to Paul (not to Bill).*  
b. *YOUR BOOK you should give t to Paul (not mine).*

[Rizzi, 1997: 285]

---

<sup>1</sup> *Apud* Rizzi (1997: 283).

<sup>2</sup> Observação de Chomsky e Lasnik (1977).

Como refere o autor<sup>3</sup>, algumas línguas têm formas mais precisas de diferenciar os dois tipos de articulação, como é o caso de algumas línguas românicas, que utilizam a construção de Deslocação à Esquerda Clítica (DEC) para expressar a articulação tópico-comentário. O exemplo (2a) demonstra esta construção para o italiano, podendo ver-se um clítico resuntivo correferente com o constituinte topicalizado, o que não acontece se o constituinte movido for focalizado (cf. (2b)):

- (2) a. *Il tuo libro, **lo** ho letto.*  
 b. *IL TUO LIBRO ho letto (, non il suo).*

[Rizzi, 1997: 286]

Rizzi (1997: 286-287) propõe que tanto a articulação tópico-comentário como a articulação foco-suposição sejam representadas em teoria X-barra, com os constituintes movidos na posição de especificador e os núcleos Top e Foc foneticamente nulos ou, dependendo das línguas, preenchidos por partículas de tópico e foco. O movimento dos constituintes seria, assim, motivado pela verificação dos traços de foco ou tópico, através da relação especificador-núcleo.

### 1.1.3. Estrutura expandida de CP

Sendo Finitude e Força Ilocutória necessárias ao sistema CP, Rizzi (1997) assume que estes devem ocupar extremidades opostas na representação, dado a ligação de Força Ilocutória à estrutura superordenada e a ligação de Finitude à estrutura encaixada. Assim, naturalmente, as projeções de Tópico e Foco, quando ativadas, surgem entre as projeções de Força Ilocutória e Finitude, como se pode ver em (3)<sup>4</sup>.

- (3) ... Force ... (Topic) ... (Focus) ... Fin IP

[Rizzi, 1997: 288]

Esta estrutura está inclusivamente de acordo com evidência empírica proveniente do italiano, na medida em que o complementador *che*, introdutor de orações finitas, deve preceder sempre um constituinte topicalizado/focalizado, enquanto *di*, uma preposição considerada a contrapartida de *che* para as orações infinitivas, deve seguir-se a esses mesmos constituintes:

- (4) a. *Credo **che** il tuo libro, loro lo apprezzerebbero molto.*  
 ‘Penso que, o teu livro, eles o apreciariam muito.’  
 b. *\*Credo, il tuo libro, **che** loro lo apprezzerebbero molto.*

- (5) a. *\*Credo **di** il tuo libro, apprezzarlo molto.*  
 ‘O teu livro, penso apreciá-lo muito.’  
 b. *Credo, il tuo libro, **di** apprezzarlo molto.*

[Rizzi, 1997: 288]

<sup>3</sup> Rizzi (1997: 285).

<sup>4</sup> Os parênteses representam a opcionalidade do Tópico e do Foco na estrutura.



Para além de estes exemplos constituírem evidência de que o sistema CP não pode ser composto apenas por um núcleo C, demonstram que *che* e *di* ocupam posições diferentes dentro do mesmo sistema: uma antes de TopP para *che* (Force) e outra depois de TopP (e FocP, quando ativado) para *di* (Fin).

Do mesmo modo, em italiano, pronomes relativos precedem obrigatoriamente constituintes topicalizados, enquanto pronomes interrogativos surgem mais facilmente depois desses constituintes, o que indica que os pronomes relativos devem ocupar a posição de especificador de ForceP, mais alta do que TopP, enquanto os pronomes interrogativos devem ocupar uma posição mais baixa do que TopP. Vejam-se, assim, os seguintes exemplos, com os tópicos a sublinhado e os pronomes a negrito:

- (6) a. *Un uomo **a cui**, il premio Nobel, lo daranno senz'altro.*  
 'Um homem a quem, o prémio Nobel, eles darão indubitavelmente.'  
 b. \**Un uomo, il premio Nobel, **a cui** lo daranno senz'altro.*

- (7) a. \****A chi**, il premio Nobel, lo daranno?*  
 b. *Il premio Nobel, **a chi** lo daranno?*  
 'O prémio Nobel, a quem o darão?'

- (8) a. *Mi domando, il premio Nobel, **a chi** lo potrebbero dare.*  
 'Pergunto-me a quem poderão dar o prémio Nobel.'  
 b. ? *Mi domando **a chi**, il premio Nobel, lo potrebbero dare.*

[Rizzi, 1997: 289]

Evidência proveniente, mais uma vez, do italiano levou à constatação de que, ao contrário do Foco, o Tópico é recursivo. Os seguintes exemplos mostram que, para além de ser recursivo, o Tópico pode surgir antes ou depois do Foco:

- (9) a. *Credo che a Gianni, QUESTO, domani, gli dovremmo dire.*  
 'Penso que ao Gianni, ISTO, amanhã, lhe deveremos dizer.'  
 b. *Credo che domani, QUESTO, a Gianni, gli dovremmo dire.*  
 c. *Credo che domani, a Gianni, QUESTO gli dovremmo dire.*  
 d. *Credo che a Gianni, domani, QUESTO gli dovremmo dire.*  
 e. *Credo che QUESTO, a Gianni, domani, gli dovremmo dire.*  
 f. *Credo che QUESTO, domani, a Gianni, gli dovremmo dire.*

[Rizzi, 1997: 295-296]

Com base na evidência acima apresentada, Rizzi (1997: 297) propõe, então, a seguinte estrutura para o sistema CP:

- (10) [**ForceP** [Force' [Force] [**TopP**\* [Top' [Top] [**FocP** [Foc' [Foc] [**TopP**\* [Top' [Top] [**FinP** [Fin' [Fin] [IP]]]]]]]]]]]

Esta proposta ainda é seguida em trabalhos recentes (cf. Haegeman, 2012; Rizzi & Cinque, 2016; Rizzi & Bocci, 2017), tendo sido alvo de apenas alguns refinamentos que visam acomodar aspetos da variação entre línguas em sintaxe comparativa e dar conta de fenómenos ainda pouco estudados que ocorrem na periferia esquerda da frase.

## 1.2. A argumentação de Haegeman (2012)

Apesar de se focar em dados do inglês, Haegeman (2012) argumenta contra uma estrutura de CP com apenas uma posição para o núcleo e apenas uma posição para uma projeção máxima, não a considerando ideal na medida em que não é capaz de dar conta de fenómenos como a Inversão Negativa do inglês e a Topicalização encaixada. Nos pontos que se seguem serão expostos os problemas que estes fenómenos colocam a uma estrutura minimalista de CP, tal como descritos pela autora.

### 1.2.1. Inversão Negativa

Considerem-se os seguintes exemplos:

- (11) a. *Not a single book did he buy.*  
b. *I swear that not a single book did he buy.*

- (12) a. *Lee wonders why Robin would volunteer.*  
b. *Lee wonders why under no circumstances would Robin volunteer.* (Culicover 1991: 15, (30a))

- (13) a. *Syntax is the kind of subject which only very rarely will students enjoy.* (Radford 2009: 292, (9b))  
[Haegeman, 2012: 8-10]

Como demonstra Haegeman (2012: 8), uma representação com apenas duas posições para CP, como classicamente proposto na Teoria de Princípios e Parâmetros, seria suficiente para frases como a de (11a) e a de (12a), sendo que em (11a) a posição de especificador seria ocupada por *not a single book* e a posição de núcleo pelo auxiliar *did*, enquanto em (12a) encontraríamos *why* na posição de especificador e a posição de núcleo vazia. No entanto, o mesmo esquema não resultaria para as alíneas b) de (11) e (12) ou para (13), em que existe um constituinte negativo focalizado – que desencadeia inversão de sujeito – aliado a subordinação:

- (i) em (11b), se *that* ocupa o núcleo de CP, não restam posições para o objeto focalizado *not a single book* nem para o auxiliar *did*;
- (ii) em (12b), ocupando *why* Spec,CP, *under no circumstances* não pode preencher a mesma posição;
- (iii) em (13), do mesmo modo, Spec,CP é ocupado pelo pronome relativo *which*, não deixando espaço para o constituinte focalizado *only very rarely*.

A autora propõe, deste modo, que haja uma projeção máxima específica para representar a Inversão Negativa, localizada entre CP e TP. Uma frase como a de (12b) teria, assim, a seguinte representação:

(14) [CP why [C' [C ] [XP under no circumstances [X' [X would<sub>aux</sub>] [TP Robin t<sub>aux</sub> volunteer]]]]]<sup>5</sup>

### 1.2.2. Topicalização

A Topicalização apresenta um problema semelhante ao da Inversão Negativa. Repare-se que, no exemplo (15), abaixo, o preenchimento da posição de especificador de CP pelo constituinte topicalizado ou pelo adjunto não gera problemas pois este encontra-se numa frase raiz. Já em (16), o tópico (ou o adjunto, no caso da alínea b)) encontra-se numa oração encaixada encabeçada por *that*. Se *that* ocupa C, não há forma de o tópico preencher Spec,CP.

(15) a. *This book, I don't need today.*

a'. [CP This book [C] [TP I<sub>subj</sub> don't [VP t<sub>subj</sub> [V' need t today]]]]

b. *Last week, I was in Paris.*

b'. [CP Last week, [TP I was in Paris]]

[Haegeman, 2012: 8-9]

(16) a. *He said that this book, he would never use again.*

b. *I swear that during the holidays, I won't do any work.*

[Haegeman, 2012: 11]

Para além disso, e como também demonstrado em 1.1.3. (cf. exemplos em (9)), o italiano permite que vários tópicos e adjuntos coocorram na mesma frase. De acordo com Haegeman (2012: 11-12), apesar de o inglês não permitir frases com múltiplos tópicos (cf. (17)), o mesmo não acontece se forem múltiplos adjuntos (cf. (18a, b)) ou uma combinação de adjunto e tópico (cf. (18c, d)). Como se poderia, então, acomodar os múltiplos tópicos/adjuntos em apenas uma posição de especificador de CP?<sup>6</sup>

(17) a. *Il libro, a Gianni, glielo darò senz'altro.* (Rizzi 1997: 290, (21))

'O livro, ao Gianni, vou-lho dar sem dúvidas.'

b. *\*This book<sub>i</sub>, to Robin<sub>j</sub>, I gave t<sub>i</sub> t<sub>j</sub>.* (Culicover 1991: 36, (177a))

c. *\*Bill<sub>i</sub>, that house<sub>j</sub>, she took t<sub>i</sub> to t<sub>j</sub> for the weekend.* (Emonds 2004: 95 (27b))

(18) a. *Last week, in Paris, I went to the pictures.*

b. *Yesterday, at this restaurant, John and I talked about the recent modification of the plan.*  
(Kuwabara 1990: note 15, (ii))

c. *All the beers you drink, on your vacation you should keep a record of.* (baseado em Culicover 1996: 453, (21c))

<sup>5</sup> Representação adaptada de Haegeman (2012: 10, (6d)).

<sup>6</sup> Note-se, ainda, que a Inversão Negativa é compatível com a Topicalização:

(i) *In the crowd, not a single woman could I find.* (Kuwabara 1990: 152, nota 9, *apud* Haegeman 2012: 13)

d. *On your vacation, all the beers you drink you should keep a record of.* (baseado em Culicover 1996: 453, (21d))

[Haegeman, 2012: 11-12]

### 1.2.3. Adjunção vs. posições especializadas

Segundo Haegeman (2012: 13), a adjunção tem sido considerada uma possível solução para os problemas apresentados nas secções anteriores, na medida em que providencia posições adicionais. Desta forma, em casos como o de (16) acima, haveria adjunção a TP do constituinte topicalizado/adjunto, enquanto o complementador ocuparia naturalmente a posição de núcleo de CP. Vejam-se, assim, as representações abaixo:

- (19) a. He said [CP [C' [C that] [TP this book [TP he would never use t again]]]]  
b. I swear [CP [C' [C that] [TP during the holidays, [TP I won't do any work]]]]

Da mesma forma, sendo a adjunção recursiva, também seria possível representar múltiplos tópicos/adjuntos ou a combinação de tópico e adjunto:

- (20) a. [CP [TP Il libro, [TP a Gianni, [TP glielo darò senz'altro]]]]  
b. [CP [TP Last week, [TP in Paris, [TP I went to the pictures]]]]  
c. [CP [TP All the beers you drink, [TP on your vacation [TP you should keep a record of t]]]]

[Haegeman, 2012: 14]

No entanto, como argumenta Haegeman (2012: 15), esta proposta implica um tratamento igual para adjuntos e argumentos topicalizados, que têm um comportamento distinto em inglês, como será descrito mais à frente. Em relação à Inversão Negativa, a hipótese de adjunção não se adequa pois, para além de ser necessária uma posição para o constituinte negativo, é necessária uma posição que acomode o auxiliar, alvo da inversão.

Assim, a autora considera a hipótese de uma projeção especializada, tanto para a Inversão Negativa, como demonstrado em (14), como para a Topicalização, que apresentaria um núcleo nulo. Seguindo Rizzi (1997), uma projeção TopP resolveria inclusivamente o problema dos múltiplos tópicos/adjuntos devido ao seu carácter recursivo.<sup>7</sup> A Inversão Negativa não beneficiaria da projeção TopP, mas de uma distinta (FocP, de acordo com a autora<sup>8</sup>), pelos seguintes motivos:

<sup>7</sup> A este respeito, a proposta de Rizzi (1997) coloca o mesmo problema que a adjunção para os dados do inglês pois TopP acomoda tanto argumentos que se movem para obter topicalização como adjuntos. É por isso que Haegeman (2012) faz uma nova proposta, que será apresentada mais à frente.

<sup>8</sup> Haegeman (2012: 16) propõe a seguinte representação:

- (i) ... [CP [FocP not a single book [Foc did<sub>aux</sub> ] [TP he t<sub>aux</sub> buy t]]]

- (i) o núcleo Top não pode hospedar um auxiliar (e.g. *This book, I have already read* vs. *\*This book have I already read*)<sup>9</sup>;
- (ii) geralmente, constituintes negativos não têm comportamento de tópico, mas de foco, como se comprova pelo facto de não serem compatíveis com a Deslocação à Esquerda Clítica (e.g. *Il tuo libro, **lo** ho letto* vs. *\*Niente, **lo** ho visto*)<sup>10</sup>.

Evidências para a existência de uma projeção TopP – bem como para a de uma FocP – e contra a hipótese de adjunção vêm também de línguas como o gungbe e o japonês, que apresentam partículas específicas de tópico e de foco, como já havia sido mencionado em Rizzi (1997) e volta a ser usado como argumento em Haegeman (2012: 17-19). Em gungbe, por exemplo, a partícula *yà* está reservada para o tópico, enquanto a partícula *wɛ* está reservada para o foco. À semelhança do que acontece em línguas românicas como o italiano, em construções de topicalização, mas não de focalização, existe um elemento anafórico correferente com o constituinte topicalizado (cf. (21), com o pronome anafórico a negrito, em (21a)).

(21)

a.

Dàn      lɔ      yà      Kòfi      hù-i.  
 snake   the   TOPIC   Kofi   kill-3SG  
 'As for the specific snake, Kofi killed it.'

b.

Ūn lén              dɔ      wémà      lɔ      wɛ      [Séna      xiá]  
 I think-PERF   that   book   the   FOC   [Sena   read-PERF]  
 'I think that it is the BOOK that Sena has read.'

[Haegeman, 2012: 19]

Um outro argumento mencionado pela autora e já antes discutido em Rizzi (1997) e em Cinque e Rizzi (2010) é indiretamente a favor da existência de um núcleo funcional associado à topicalização e, conseqüentemente, contra a hipótese de adjunção: trata-se do fenómeno de intervenção de Top no movimento de núcleo. Atente-se nos seguintes exemplos:

(22) a. *This book, I will review later.*

a'. [TP This book [TP I will review later]]

b. *\*When will this book you review?*

[Haegeman, 2012: 22-23]

Se seguirmos a hipótese de adjunção, para uma frase como (22a) teremos a representação em (22a'). Tal representação tornaria possível que o auxiliar *will* se movesse livremente para uma posição mais alta, passando pelo tópico *this book*, mas, como

<sup>9</sup> Exemplos de Haegeman (2012: 15).

<sup>10</sup> Exemplos de Rizzi (1997: 286) e Haegeman (2012:16), respetivamente.

demonstrado em (22b), esse resultado é agramatical. Se, alternativamente, considerarmos que *this book* é o especificador de uma projeção máxima cujo núcleo é nulo, poderemos explicar a agramaticalidade de (22b), já que, como demonstra (23), o núcleo nulo intervém no movimento do auxiliar.<sup>11</sup> O movimento de *will* violaria, então, a *Head Movement Constraint* (Travis (1984)).

- (23) \*[<sub>FocP</sub> When [<sub>Foc</sub> will] [<sub>TopP</sub> this book [<sub>Top</sub> Ø] [<sub>TP</sub> you t<sub>will</sub> review t<sub>this book</sub>]]] [Haegeman, 2012: 23]

### 1.3. Propostas subsequentes

#### 1.3.1. Efeitos de intervenção: topicalização vs. DEC e adjuntos periféricos

Em Haegeman (2012) é discutida a possibilidade de alteração da estrutura de CP proposta por Rizzi (1997) com base em dados que distinguem o inglês da generalidade das línguas românicas.

Em inglês é inaceitável a sequência FocP>TopP (Haegeman (2012: 20)), como se pode verificar em (24), abaixo. Em gungbe, como no inglês, quando ambas as projeções surgem na frase, TopP precede sempre FocP, algo que contrasta com línguas românicas, que permitem ambas as ordens, como demonstrado nos exemplos do italiano já apresentados em (9). O gungbe e o inglês adequam-se, pois, à hipótese de que a informação conhecida precede a informação nova, tendo em conta que o tópico representa informação conhecida e o foco informação nova.

- (24) a. *This book to ROBIN I gave.* (Culicover 1991: 36, *apud* Haegeman (2012: 20))  
b. *\*To ROBIN this book I gave.*

A autora acredita, no entanto, que a indisponibilidade deste padrão no inglês por si só não é suficiente para que se proponha uma versão reduzida da estrutura de Rizzi (1997) – como a que se pode ver de seguida.

- (25) ForceP > TopP (\*) > FocP > FinP

Esta diferença pode estar, em vez disso, relacionada com propriedades distribucionais distintas entre a topicalização do inglês, os adjuntos da periferia esquerda e as estruturas de DEC que podemos encontrar em línguas românicas. Apesar de Rizzi (1997) associar cada uma destas estruturas à projeção de TopP<sup>12</sup> – com o constituinte em questão na posição de especificador – Haegeman (2012) expõe evidência empírica adicional que contraria a ideia de

<sup>11</sup> Note-se que o núcleo de TopP, como já referido, também não pode hospedar o auxiliar movido:

- (i) [<sub>TopP</sub> This book [<sub>Top</sub> Ø] [<sub>TP</sub> I will review later]]  
(ii) \* [<sub>TopP</sub> This book [<sub>Top</sub> will]] [<sub>TP</sub> I review later]] (Haegeman (2012: 23))

<sup>12</sup> Em Rizzi (2001), no entanto (e como já visto na secção anterior), o autor reconsidera o tratamento de adjuntos, propondo uma projeção Mod(ifier), onde estes se localizariam.

um tratamento igual da topicalização e dos adjuntos periféricos, por um lado, e da topicalização e das estruturas de DEC, por outro. De seguida serão apresentadas algumas das propriedades que distinguem estas construções, para além da acima mencionada. Como se verá mais à frente, não é necessária uma alteração da estrutura de CP para dar conta destas diferenças: Haegeman (2012) considera que as diferenças podem ser, na sua maioria, explicadas por meio de efeitos de intervenção causados por conjuntos de traços.

### 1.3.1.1. Tópicos e adjuntos múltiplos na periferia esquerda

Como já mencionado em 1.2.2., podemos encontrar frases com múltiplos tópicos em línguas românicas, mas não no inglês. Segundo Haegeman (2012), esta diferença pode estar relacionada com o facto de as estruturas em questão para as línguas românicas serem estruturas de DEC, ao contrário das que vemos no inglês.<sup>13</sup> Assim como as estruturas de DEC, os adjuntos, mesmo os do inglês, podem coocorrer na mesma oração, podendo ainda coocorrer com argumentos topicalizados. Os exemplos que se seguem – o primeiro dos quais proveniente do espanhol – demonstram estas assimetrias.

(26) a. *Angela, la tesis, en el Departamento la entregó el jueves.*

‘A Ângela, a tese, no departamento, entregou-a na terça.’

[Jiménez-Fernández, 2009, *apud* Haegeman, 2012: 55]

b. *\*This book<sub>i</sub>, to Robin<sub>j</sub>, I gave t<sub>i</sub> t<sub>j</sub>.*

[Culicover, 1991: 36 *apud* Haegeman, 2012: 55]

c. *Last week, in Paris, after a hard day’s work, he met his agent again.*

[Haegeman, 2012: 73]

d. *Around Christmas, this book you should buy.*

[Rizzi, 1997: 332 *apud* Haegeman, 2012: 73]

### 1.3.1.2. Coocorrência com sintagmas-wh

#### *Sintagma-wh-argumento/adjunto*

Em inglês, um argumento topicalizado não se pode seguir a um sintagma-wh exclamativo (cf. (27a)); já as línguas românicas, que apresentam as estruturas de DEC, permitem essa sequência (cf. (27b), do francês):

(27) a. *\*How much that history book we have enjoyed reading!*

b. *Comme, ce livre-là, je l’ai aimé!*

‘Como adorei esse livro!’

[Haegeman, 2012: 56]

<sup>13</sup> Duarte (1987, 2013) demonstra que o PE apresenta tanto estruturas de DEC como estruturas de Topicalização e que ambas podem ser iteradas, dando origem a uma oração com múltiplos tópicos. Cf. secção 2.3.1. para mais detalhes.

Em interrogativas indiretas parciais, também a sequência sintagma-wh-tópico é agramatical (ou menos aceitável) no inglês, mas gramatical se o argumento estiver em DEC, como no exemplo em francês:

- (28) a. *\*I asked what, to Lee, Robin gave.* (Culicover, 1991)  
b. *?I wonder to whom this book, we should give.*  
c. *J'aimerais savoir à qui, ton texte, tu comptes le montrer d'abord.*  
'Adoraria saber a quem, o teu texto, pretendes mostrar primeiro.'

[Haegeman, 2012: 57]

Em relativas, verifica-se o mesmo padrão: ao sintagma-wh relativo não se pode seguir um tópico ou um foco em inglês, mas a estrutura de DEC já é compatível:

- (29) a. *\*the student to whom your book I will give tomorrow*  
b. *Voici l'étudiant à qui, ton livre, je le donnerai.*  
'Aqui está o aluno a quem, o teu livro, o darei.'

[Haegeman, 2012: 58]

Quanto aos adjuntos periféricos do inglês, apresentam o mesmo padrão das línguas românicas, sendo aceitável uma sequência sintagma-wh-adjunto tanto em exclamativas (cf. (30a)) como em interrogativas indiretas (cf. (30b)) e relativas (cf. (30c)).

- (30) a. *How, when we were young, we used to enjoy our trips to the seaside!*  
b. *I really wonder to whom, after the recent events, travel agents will be able to recommend this trip.*  
c. *These are the students to whom, tomorrow, I will recommend your book.*

[Haegeman, 2012: 74-75]

### **Argumento/adjunto-sintagma-wh**

Em relação à sequência tópico-sintagma-wh, que podemos ver em interrogativas diretas de línguas românicas<sup>14</sup> (cf. (31d)), Haegeman (2012) comenta que há variação nos juízos de aceitabilidade no que diz respeito ao inglês (cf. (31a, b e c)), apesar de haver hesitação mesmo por parte de quem considera a construção aceitável. Já em relação a exclamativas, esta sequência é inaceitável em inglês (cf. (32a)), mas aceitável em línguas românicas (cf. (32b)).

- (31) a. *?To Bill, what will you give for Christmas?* (Bošković, 2008: 256)  
b. *A book like this, why should I buy?* (Hudson, 2003: 614)  
c. *\*Those hot peppers, where did you buy?* (Ernst, 2001: 413)  
d. *Ce livre d'histoire ancienne, quand l'as-tu acheté?*  
'Este livro de história antiga, quando o compraste?'

---

<sup>14</sup> Considerando a hipótese de Rizzi (1997) de que o sintagma-wh das interrogativas diretas se move para especificador de FocP.



[Haegeman, 2012: 59-60]

- (32) a. *\*That history book, how much we have enjoyed reading!*  
b. *Ce livre d'histoire ancienne, comme nos l'avons aimé!*  
'Este livro de história, como o adorámos!'

[Haegeman, 2012: 61]

Mais uma vez, os adjuntos periféricos apresentam o mesmo padrão das estruturas de DEC:

- (33) a. *During the holidays, which books will you be reading?*  
b. *Last year, how much I enjoyed meeting my students again!*

[Haegeman, 2012: 77]

### 1.3.1.3. Ilhas de tópico

Em inglês, segundo Culicover (1996)<sup>15</sup>, os argumentos topicalizados criam ilhas para o movimento-wh; tal não se verifica com argumentos em estruturas de DEC<sup>16</sup>, como se pode ver no exemplo do italiano (34b), nem com adjuntos periféricos (cf. (34c)).

- (34) a. *\*Who did you say that to Sue Bill introduced?* (Boeckx and Jeong, 2004: 84)  
b. *?Non so a chi pensi che, queste cose, le dovremmo dire.* (Rizzi, 2004: 232)  
'Não sei a quem pensas que devemos dizer estas coisas.'

[Haegeman, 2012: 61-62]

- c. *These are the patients to whom Marty suggested that in the present circumstances we should give the cooked vegetables.*

[Haegeman, 2012: 77]

Os argumentos topicalizados do inglês criam ilhas inclusivamente para a topicalização, enquanto as estruturas de DEC e os adjuntos periféricos não o fazem:

- (35) a. *\*This book Lee says that, to Robin, I gave.* (Culicover, 1991: 37)  
b. *Loro, il libro, credo che a Carlo sia sicuro che non glielo daranno mai.* (Cinque, 1990: 63)  
'Eles, o livro, penso que ao Carlo é certo que nunca lho darão.'

[Haegeman, 2012: 62-63]

- c. *To these patients I suggest that in the present circumstances we should only give the cooked vegetables.*

[Haegeman, 2012: 78]

---

<sup>15</sup> *Apud* Haegeman (2012: 61).

<sup>16</sup> De acordo com Duarte (1987, 2013), tanto as estruturas de topicalização como as estruturas de DEC produzem efeitos de ilha, o que indica que a estrutura do PE não é exatamente a mesma que a do inglês e a do italiano (cf. secções 2.3.1.3 e 2.3.1.4. da presente dissertação).

#### 1.3.1.4. Recomplementação

A última propriedade distribucional que vou referir diz respeito à Recomplementação ou, nas palavras de Haegeman (2012: 83), construções de duplo *that*. Em inglês, como apontado por McCloskey (2006), existem construções semelhantes às que têm sido descritas para línguas românicas como o espanhol. Como a Recomplementação é o tema central desta dissertação, serão expostos mais detalhes sobre este fenómeno em 2. Para este ponto importa apenas referir que, apesar de a Recomplementação existir no inglês, apenas adjuntos surgem entre as duas instâncias de *that*, enquanto, em línguas românicas, se encontram tanto adjuntos como argumentos movidos para a periferia esquerda. Mais uma vez se nota a diferença entre a topicalização do inglês e as estruturas de DEC, por um lado, e a topicalização e os adjuntos do inglês, por outro. Os seguintes exemplos ilustram estas diferenças:

- (36) a. \**I hope **that** what their parents did for them **that** they'll never forget.*  
b. *Me contó **que** a tu prima **que** no le dan nada.* (Villa-Garcia, 2011: 1)  
'Disse-me que à tua prima que não lhe dão nada.'  
c. *He reminds me **that** in the days of Lloyd George **that** business leaders were frequently buying their way in.* (Guardian, G2, Nov 20, 2000: 9, col.2)

[Haegeman, 2012: 84-86]

#### 1.3.1.5. Intervenção com base em conjuntos de traços

Haegeman (2012), baseando-se em Starke (2001), Rizzi (2004) e Endo (2007), apresenta uma proposta para explicar as restrições da periferia esquerda do inglês, que a tornam diferente da das línguas românicas. Trata-se de efeitos de intervenção causados por conjuntos de traços hierarquicamente organizados: se se assumir que um traço  $\alpha$  bloqueia o movimento de um constituinte com o mesmo traço, mas não o faz se esse constituinte tiver um traço adicional, algumas das propriedades distribucionais acima expostas poderão ser explicadas. A autora assume, deste modo, que a sintagmas-wh está associado um traço quantificacional OP (*operator feature*) e que a constituintes ligados ao discurso está associado um traço discursivo,  $\delta$ . Como tal, um sintagma-wh *D-linked* apresenta tanto o traço OP como o traço  $\delta$ . Vejamos, então, como esta proposta se aplica aos dados das secções anteriores.

#### *Ilhas de tópico*

Como visto anteriormente, os constituintes topicalizados criam ilhas tanto para o movimento-wh (cf. (37)) como para outros tópicos, resistindo, por outro lado, a ilhas-wh. Tal demonstra que, por um lado, sintagmas-wh e tópicos partilham o mesmo traço OP e, por outro, tópicos têm um traço adicional, o traço  $\delta$ , que corresponde à ligação ao discurso.

- (37) \**Who did you say that to Sue Bill introduced?* (Boeckx and Jeong, 2004: 84)

## Múltiplos tópicos na periferia esquerda

Tendo em conta que os tópicos são constituintes *D-linked* e a autora os considera como tendo um traço OP – tal como constituintes-wh e focalizados – poder-se-á assumir que a agramaticalidade de frases como a de (26b), abaixo repetida como (38), advém do facto de ambos os tópicos terem OP+ $\delta$ , um deles bloqueando, assim, o movimento do outro.

(38) \**This book<sub>i</sub>, to Robin<sub>j</sub>, I gave t<sub>i</sub> t<sub>j</sub>.*

## Foco-tópico

Em inglês, a sequência foco-tópico é agramatical, como demonstrado em (24b), abaixo repetido. Se, como visto anteriormente, um constituinte topicalizado tem a especificação de traços OP+ $\delta$  e um constituinte focalizado tem apenas OP – pois não é *D-linked* –, o tópico intervém no movimento do constituinte focalizado (cf. (39a')). Com uma sequência invertida (tópico-foco), o tópico poderia passar pelo foco por ter um traço adicional (cf. (39b')).

(39) a. \**To ROBIN this book I gave.*

a'.                      *this book*                      *to ROBIN*  
                            OP+ $\delta$                       OP  
\* ←—————

b. *This book to ROBIN I gave.*

b'.                      *to ROBIN*                      *this book*  
                            OP                      OP+ $\delta$   
←—————

## Coocorrência com sintagmas-wh

Sequências sintagma-wh-tópico são agramaticais em inglês (cf. (40)) pois, havendo em tópicos a configuração OP+ $\delta$ , um sintagma-wh, mesmo *D-linked*, tem o movimento bloqueado.

(40) \**I asked what, to Lee, Robin gave.* (Culicover, 1991)

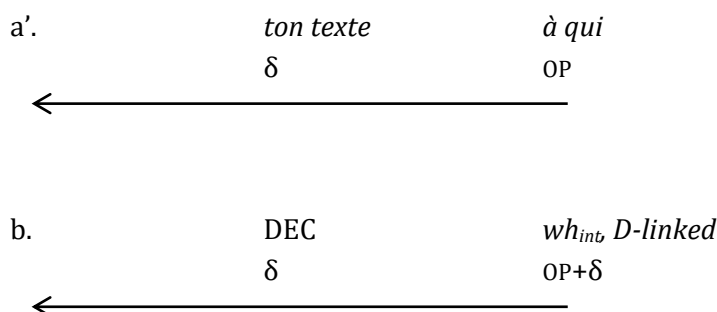
De acordo com esta proposta, sequências tópico-sintagma-wh já seriam possíveis, desde que o sintagma-wh não fosse *D-linked*, visto que o tópico, mais enriquecido em termos de traços, passaria livremente pelo sintagma-wh. No entanto, como já referido, os juízos de aceitabilidade quanto a esta sequência não são conclusivos:

(41) ?*To Bill, what will you give for Christmas?*

## Estruturas de DEC e adjuntos

Ao contrário da topicalização do inglês, as estruturas de DEC das línguas românicas não criam fenómenos de intervenção, o que indica que devem apresentar uma configuração de traços diferente. Baseando-se em Rizzi (2004), Haegeman (2012: 136) sugere que as estruturas de DEC não apresentam o traço OP, apesar de também apresentarem o traço discursivo  $\delta$ . São, por isso, compatíveis com constituintes-wh, já que constituintes-wh não *D-linked* apresentam apenas o traço OP – completamente diferente da configuração das estruturas de DEC – e constituintes-wh *D-linked*, apesar de partilharem  $\delta$  com as estruturas de DEC, também têm OP:

(42) a. *J'aimerais savoir à qui, ton texte, tu comptes le montrer d'abord.*



c. *Ce livre d'histoire ancienne, quand l'as-tu acheté?*



A mesma argumentação serve para explicar a gramaticalidade da sequência foco–DEC, visto que os constituintes focalizados também apresentam apenas o traço OP:

(43) a. *Credo che ieri, QUESTO, a Gianni, i tuoi amici avrebbero dovuto dirgli.* (Rizzi 2001: 287)

'Penso que ontem, ISTO, ao Gianni, os teus amigos lhe deveriam ter dito.

[Haegeman, 2012: 137]

No entanto, como referido pela autora, esta proposta ainda não explica o facto de as línguas românicas permitirem múltiplos tópicos em DEC na periferia esquerda, já que, tendo a mesma configuração de traços, deveria haver fenómenos de intervenção. Haegeman (2012) conclui que a ausência de fenómenos de intervenção pode ser um motivo para se considerar que não há movimento dos constituintes em DEC, sendo estes, em vez disso, alvo de *Merge* na periferia esquerda. Os adjuntos periféricos do inglês, que, como já demonstrado, exibem o

mesmo comportamento que as estruturas de DEC, também seriam alvo de *Merge* na periferia esquerda (Haegeman, 2012: 144).

### 1.3.2. Periferia esquerda em orações subordinadas adverbiais

Haegeman (2002) debruça-se sobre as orações subordinadas adverbiais – com particular incidência sobre as adverbiais condicionais – para propor uma estrutura expandida de CP que dê conta das diferenças entre adverbiais integradas e adverbiais periféricas.<sup>17</sup> Esta distinção é consequência da distinção entre *event-conditionals* e *premise-conditionals*.

As primeiras expressam um evento que conduz ao evento expresso pela oração principal (cf. (44a)) e as segundas expressam uma premissa para a proposição expressa pela oração associada (cf. (44b)) (Haegeman, 2002: 121).

- (44) a. If your back-supporting muscles tire, you will be at increased risk of lower-back pain.  
(Independent on Sunday, Sports, 14.10.1, p.29, col 3)
- b. If, as Bush and Blair maintain, they aim to leave Afghanistan better than it was when they found it, then the west is committed to defend it against all oppressors, whoever they might be.  
(Guardian, 9.10.1, p.7, col 3)

[Haegeman, 2002: 120-121]

De acordo com a autora, uma das diferenças entre os dois tipos de condicionais prende-se com a natureza mais dependente (em relação à matriz) das *event-conditionals* por oposição à natureza mais periférica das *premise-conditionals*. O mesmo tipo de distinção é feito em relação a outras subordinadas adverbiais. As adverbiais temporais introduzidas por *while*, por exemplo, expressam um evento que se desenrola em simultâneo com o evento expresso pela matriz; já quando *while* apresenta um valor contrastivo, a oração que introduz expressa uma proposição que deve ser processada em paralelo com a proposição expressa pela oração associada (Haegeman, 2002: 137). Enquanto esta última oração é periférica em relação à oração associada, a oração temporal é dependente da matriz. Assim, Haegeman (2002) classifica como orações adverbiais integradas as que são dependentes da matriz e orações adverbiais periféricas as que não são integradas na matriz. Os seguintes exemplos ilustram ambos os tipos de adverbiais com a conjunção *while*:

- (45) a. *Peter ran from the hospital while two doctors were discussing the best way to section him.*  
b. *While his wife is unemployed, John has a high-powered job and so does James.*

[Haegeman, 2002: 138]

Em termos da estrutura interna das subordinadas adverbiais, a proposta da autora é a de que as adverbiais integradas apresentam um CP defetivo enquanto as adverbiais periféricas apresentam um CP completo, o que significa que a estrutura de CP das primeiras não terá todas

---

<sup>17</sup> Esta distinção foi feita para o PE em Lobo (2002, 2003, 2013).

as projeções funcionais, ao contrário da estrutura de CP das segundas.<sup>18</sup> Isto pode ser explicado pelo facto de as adverbiais periféricas não serem tão dependentes da oração associada como as adverbiais integradas e, por isso, partilharem mais características com as orações principais. Como argumento a favor desta proposta, Haegeman (2002) refere o facto de, em inglês, o movimento de argumentos para a periferia esquerda (seja para obter topicalização, seja para obter focalização) ser agramatical em adverbiais integradas, contrariamente ao que acontece em adverbiais periféricas (cf. (46)). Relativamente a adjuntos periféricos, que, de acordo com Rizzi (1997), se encontram na mesma posição que os argumentos topicalizados (TopP), não têm o mesmo padrão, já que são permitidos tanto em adverbiais integradas como em adverbiais periféricas (cf. (47)).<sup>19</sup>

- (46) a. *\*If these final exams you don't pass, you won't get the degree.*  
 b. *While her papers they won't even review, yours they are going to accept.*

- (47) a. *If with these precautions you don't succeed, you should try again next week.*  
 b. *While during the summer he had a job, in winter he would go skiing.*

[Haegeman, 2002: 148-149]

Para além da ausência de movimento de argumentos para a periferia esquerda, as adverbiais integradas também parecem ter em falta força ilocutória independente, fazendo parte do ato de fala expresso pela oração superordenada (Haegeman, 2012: 172). As adverbiais periféricas, por outro lado, estão associadas a um ato ilocutório distinto do da oração associada. O exemplo em (48), cuja adverbial corresponde a uma interrogativa, demonstra que as adverbiais periféricas têm força ilocutória:

- (48) *These assumptions can be irritating, since who is this naive, unquestioning, plural intelligence identified as "we"?* (Observer, November 23, 2008: 12, col. 4)

[Haegeman, 2012: 173]

Do mesmo modo, como é acrescentado em Haegeman (2012: 173-174), adverbiais integradas não são compatíveis com marcadores de modalidade associados ao locutor, tal como demonstra (49a), que contém modalidade avaliativa. Se se assumir, como sugere a autora, que os marcadores de modalidade associados ao locutor estão relacionados com a codificação do locutor por meio da força ilocutória, este é mais um argumento que comprova a falta de força ilocutória em adverbiais integradas por oposição à sua presença em adverbiais periféricas, compatíveis com os mesmos marcadores de modalidade (cf. (49b)).

- (49) a. *\*If they luckily arrived on time, we will be saved.* (Nilsen, 2004, Ernst, 2007: 1027)  
 b. *If Le Pen will probably win, Jospin must be disappointed.* (Nilsen, 2004: 811, nota 5)

[Haegeman, 2012: 174]

<sup>18</sup> Esta ideia de que algumas adverbiais apresentam um CP com todas as projeções funcionais será relevante para o Capítulo II, dado a existência, no PE, de dados de recomplementação em adverbiais condicionais (com o conector *se*) e em adverbiais finais (com o conector *para*).

<sup>19</sup> Cf. ponto 1.2.3.1. para mais diferenças entre adjuntos e topicalização do inglês.

### 1.3.2.1. Truncamento

Para dar conta do facto de que as adverbiais integradas têm em falta, por um lado, topicalização e focalização e, por outro, força ilocutória, Haegeman (2002) propõe a estrutura de CP que se pode ver abaixo, em confronto com a estrutura de CP das adverbiais periféricas e das frases raiz:

A.

Frases raiz:		Top*	Foc	Force	Mod* <sup>20</sup>	Fin	IP
Adverbiais periféricas:	Sub	Top*	Foc	Force	Mod*	Fin	IP
Adverbiais integradas:	Sub				Mod*	Fin	IP

[Haegeman, 2002: 171]

Como visto anteriormente, segundo Rizzi (1997), o núcleo de ForceP, para além de ser responsável por codificar a força ilocutória da frase, é suposto ser hospedeiro da conjunção. No entanto, já que as adverbiais integradas não apresentam força ilocutória independente e as frases raiz não apresentam conjunção subordinativa, Haegeman (2002) propõe a separação de Force em duas projeções, sendo, assim, ForceP destinado à força ilocutória e Sub destinado à conjunção.

A autora considera TopP e FocP como projeções dependentes de ForceP, pertencendo as três a uma mesma componente na hierarquia, o *Force Field*, pelo que a falta de ForceP implicará a falta de TopP e FocP. Tendo em conta a proposta de truncamento de Rizzi (1994, 1995), segundo a qual a falta de um núcleo funcional na hierarquia resulta na falta dos núcleos que o dominam, ForceP não poderia, deste modo, estar acima de TopP e FocP, mas abaixo.

Mais tarde (Haegeman, 2006), a autora propõe uma projeção adicional de Top, localizada entre Mod e Fin, para dar conta do facto de que as adverbiais integradas são compatíveis com as estruturas de DEC das línguas românicas. Esta projeção, não disponível no inglês, seria licenciada por Fin, ao contrário das projeções acima, licenciadas por Force. A proposta, contudo, implicaria interpretações distintas para a topicalização e para as estruturas de DEC.

Outros problemas surgem com a proposta do truncamento:<sup>21</sup>

- (i) o facto de não haver forma de os predicados selecionarem força ilocutória específica se a primeira posição na estrutura de CP for Sub;

<sup>20</sup> A inclusão de Mod na estrutura baseia-se em Rizzi (2001) e estaria destinada a adjuntos periféricos que, como o autor já havia notado, exibem um comportamento distinto dos tópicos genuínos. Esta inclusão daria conta do facto de adjuntos poderem surgir em adverbiais integradas, ao contrário de tópicos.

<sup>21</sup> Cf. Haegeman (2012: 189-193).

- (ii) o facto de a presença de Force não ser suficiente para permitir topicalização, como se constata pela incompatibilidade da topicalização do inglês com interrogativas diretas (50a, b) e imperativas (50c), supostamente associadas a força ilocutória e
- (iii) a compatibilidade das estruturas de DEC com interrogativas-wh globais como as de (51), contrastando com a topicalização do inglês; tal implica que as línguas românicas têm disponível um TopP numa posição mais alta que FocP em casos em que o inglês não tem, pelo que a variação paramétrica não se explica pela presença de uma projeção mais baixa de TopP, licenciada por Fin.

- (50) a. *\*Those petunias, did John plant?* (Bianchi and Frascarelli 2009: 12)  
 b. *\*Those petunias, when did John plant?* (Bianchi and Frascarelli 2009: 12)  
 c. *\*This book, leave on the table.* (Bianchi and Frascarelli 2009 : 12)

[Haegeman, 2012: 190]

- (51) a. (Francês)  
*Ton texte, quand l'auras-tu terminé?*  
 'O teu texto, quando o acabas?'
- b. (Italiano)  
*E la famiglia, dove la lasci?* (Frascarelli 2000: 152)  
 'E a família, onde a deixas?'

[Haegeman, 2012: 192]

### 1.3.2.2. Movimento e intervenção

#### ***Adverbiais integradas***

Em Haegeman (2012) é feita uma outra proposta, segundo a qual o motivo para a incompatibilidade das adverbiais integradas com a topicalização e a focalização está relacionado com um fenómeno de intervenção.

Em primeiro lugar, propõe-se que as adverbiais temporais (que são integradas) sejam derivadas por movimento de um operador de TP para a periferia esquerda. Sendo que – como visto em 1.3.1.5. – em inglês, o tópico apresenta os traços OP e  $\delta$  e o foco apresenta o traço OP, será de esperar, então, que não possam surgir em adverbiais temporais, já que bloqueiam o movimento do operador temporal *when*, que apresenta um traço OP. O mesmo é proposto para as adverbiais condicionais integradas, isto é, seriam também derivadas por movimento de um operador. Baseando-se na proposta cartográfica de Cinque (1999) para os adjuntos adverbiais, Haegeman (2012) propõe que o operador em causa seja um operador *irrealis*, que partilha propriedades sintáticas com expressões de modalidade epistémica, avaliativa, evidencial e relacionada com o locutor (*high modal expressions*), o que explica o facto de as adverbiais condicionais serem incompatíveis com tais expressões. Evidência empírica para esta proposta está, segundo a autora, nas propriedades do auxiliar *moest* ('dever') do flamengo, que expressa o modo *irrealis* em orações condicionais.<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Cf. Haegeman (2012: 235 e subsequentes).



Para apoiar a hipótese do movimento e intervenção, também é feita uma associação entre as orações adverbiais e as orações relativas:<sup>23</sup> as adverbiais temporais introduzidas por *when* seriam tratadas como relativas livres, variantes das relativas introduzidas por *when* (como a de (52)); as condicionais seriam tratadas como relativas livres, variantes das interrogativas globais (sobre as quais, de acordo com Haegeman (2012: 221-222), se tem argumentado a favor da sua derivação por movimento de um operador nulo).

(52) *This was the moment [when I decided to write it].* (*Guardian*, Nov 1, 2008: 14, col. 4)

[Haegeman, 2012: 200]

### ***Adverbiais periféricas***

Haegeman (2012) coloca algumas hipóteses para a derivação das adverbiais periféricas, podendo estas, por um lado, não ser derivadas por movimento de um operador, isto é, a conjunção (*while*, por exemplo) seria um núcleo na periferia esquerda que ditaria o tipo de oração, ou, por outro, ter um operador alvo de Merge diretamente na periferia esquerda, não havendo movimento de TP para CP. Sem movimento, não há efeitos de intervenção, pelo que as adverbiais periféricas são compatíveis com topicalização e focalização.

Em relação às condicionais periféricas, também se colocam várias hipóteses para explicar o seu diferente comportamento em relação às condicionais integradas. Ao contrário das últimas, as condicionais periféricas não expressam uma condição para o evento expresso pela oração associada, o que leva à ideia de que não são derivadas por um operador condicional. Mais uma vez, uma das hipóteses é a de que a periferia esquerda destas orações não contém qualquer operador, enquanto outra é a de que há um operador, mas este é alvo de Merge diretamente em CP, na posição de especificador da projeção encabeçada por *if* – em vez de se mover a partir de MoodP<sub>irrealis</sub>, como acontece em condicionais integradas. Uma terceira hipótese implica o movimento de um possível operador associado ao ato de fala, mas para uma posição ainda mais alta na periferia esquerda, já que as condicionais periféricas são consideradas asserções e estão, por isso, associadas a força ilocutória. Qualquer das hipóteses dá conta da compatibilidade das condicionais periféricas com topicalização e focalização, pois, não havendo movimento do operador, não haverá fenómenos de intervenção e, a haver movimento, este dá-se num domínio acima do domínio da topicalização e da focalização, não existindo coincidência entre os fenómenos.

## **2. Recomplementação e Construções Semelhantes**

A Recomplementação é um fenómeno que tem vindo a ser descrito cada vez mais para diversas línguas, recebendo as línguas românicas particular atenção. Um fator comum às

---

<sup>23</sup> Para uma argumentação detalhada sobre a análise destas adverbiais como relativas livres, cf. Haegeman (2012: 200 e 220-222).

línguas por ele abrangidas parece ser o seu carácter predominantemente oral e mesmo idioletal, desencadeando diferentes graus de aceitabilidade entre os falantes.

Higgins (1988) terá sido o primeiro a empregar o termo “recomplementação” para designar estruturas com um complementador duplo, sendo o seu trabalho aplicado a estruturas do inglês antigo (Villa-García, 2012; Uriagereka, 1995). Entre as línguas que desde então têm sido apontadas como apresentando este tipo de estrutura estão o inglês e o francês (cf. Haegeman, 2012), o espanhol (cf. Martín-González, 2002; Rodríguez-Ramalle, 2003; Demonte & Soriano, 2007, 2009; Villa-García, 2012, 2015; entre outros), o galego (cf. Uriagereka, 1995), o catalão (cf. González i Planas, 2010), o português europeu (cf. Raposo, 1994, 1996; Barbosa, 2000, 2008; Carrilho, 2005 e Mascarenhas, 2015), o português antigo e o português do Brasil (cf. Ribeiro e Torres Morais, 2012). Também o turinês e o liguriano, dialetos do italiano, apresentam padrões de recomplementação (cf. Paoli, 2006).

A recomplementação consiste num constituinte (cuja natureza varia para cada língua) rodeado pelo que parecem ser duas instâncias de um mesmo complementador. O exemplo (53) ilustra esta construção para o português.

- (53) V. Ex.<sup>a</sup> diz **que eu que** não li o requerimento, que nele não se fala em acusações. (CRPC A146967 – Fonte: Política)

Nas secções seguintes serão, pois, descritas as propriedades da Recomplementação que têm sido apontadas para o espanhol, o inglês, o francês, os dialetos turinês e liguriano e o português.

## 2.1. O caso do espanhol

### 2.1.1. Demonte & Soriano (2007, 2009)

Demonte & Soriano (2007, 2009) apresentam uma descrição e discussão de dados do espanhol referentes a quatro construções que envolvem o complementador *que*. Com base nesses dados, defendem a existência de duas instâncias desse complementador, a que chamam *que*<sub>1</sub> e *que*<sub>2</sub>, e admitem a possibilidade de haver uma terceira, sendo essa correspondente ao segundo *que* das estruturas de recomplementação.

Assim, no espanhol podemos encontrar frases como as seguintes:

- (54) a. *Preguntaste [que quién había llegado a las tres de la mañana].*

‘Perguntaste quem tinha chegado às três da manhã.’

- b. *Maria preguntaba [que si queríamos más sopa].*

‘A Maria perguntava se queríamos mais sopa.’

[Demonte & Soriano, 2009: 26, 31]

- (55) *¡Qué rico (que) está!*

‘Que bom (que) está!’

[Demonte & Soriano, 2009: 26]

- (56) a. **Que** lo haga(n).  
 ‘Que o faça(m).’  
 b. *Ordeno **que** esos árboles **que** los talen.*  
 ‘Ordeno que essas árvores, que as cortem.’

[Demonte & Soriano, 2009: 39, 40]

- (57) *Dijo [**que** [a esse tío] **que** [no podía ni verlo]].*  
 ‘Ele/a disse que esse tipo que nem o podia ver (à frente).’

[Demonte & Soriano, 2009: 44]

Em (54a) está presente uma interrogativa indireta parcial que inclui uma sequência complexa de um complementador (*que*) e de um sintagma-wh (*quién*). Este tipo de construção é bastante comum no espanhol, tanto na modalidade oral como na modalidade escrita, e Demonte & Soriano (2009: 26, 29) chamam-lhe “Comp Duplamente Preenchido” (*Doubly Filled Comp*), sendo este termo aplicado apenas a sequências em que o complementador *que* precede o sintagma-wh ou o complementador interrogativo *si*. As autoras sugerem que, em interrogativas indiretas, este complementador, o *que*<sub>1</sub>, se insere no núcleo de ForceP, surgindo apenas quando a oração encaixada é finita, enquanto o sintagma-wh é alvo de Merge em spec,FocP:

- (58) *Preguntaste* [<sub>ForceP</sub> [**que** [<sub>TopP</sub> ... [<sub>FocP</sub> **quién** [... [<sub>FinP</sub> *había llegado a las tres de la mañana*]]]]]]]

Em (54b), temos uma interrogativa indireta global, que contém uma sequência em que o complementador *que* precede *si*, semelhante ao que vimos para (54a). Rizzi (2001) argumenta a favor de uma projeção IntP cujo núcleo é hospedeiro do complementador interrogativo do italiano, *se*. É, pois, referida a possibilidade de este complementador se seguir a um argumento topicalizado, para além de o poder preceder, ao contrário da contrapartida *che*, que só o pode preceder.<sup>24</sup> Demonte & Soriano (2007, 2009) contribuem para esta hipótese, sugerindo que estruturas como a de (54b), em que há coocorrência de ambos os complementadores, comprovam a existência de uma posição nuclear para cada um. Colocam, assim, *si* em Int, mantendo o *que*<sub>1</sub> em Force:

- (59) *Maria preguntaba* [<sub>ForceP</sub> [**que** [<sub>TopP</sub> ... [<sub>IntP</sub> [**si** [<sub>FocP</sub> ... [<sub>FinP</sub> *pro queríamos más sopa*]]]]]]]]]

<sup>24</sup> (i) a. *Credo **che** a Gianni, avrebbero dovuto dirgli la verità.*  
 ‘Creio que, ao Gianni, lhe deveriam ter dito a verdade.’  
 b. *\*Credo, a Gianni, **che** avrebbero dovuto dirgli la verità.*

(ii) a. *Non so **se**, a Gianni, avrebbero potuto dirgli la verità.*  
 ‘Não sei se, ao Gianni, lhe poderíamos ter dito a verdade.’  
 b. *Non so, a Gianni, **se** avrebbero potuto dirgli la verità.*

[Rizzi, 2001: 289]

O exemplo (55) mostra-nos uma frase em que *que* ocorre opcionalmente, desta feita depois do sintagma-wh exclamativo. Frases deste tipo são dadas como exclusivas da oralidade. A proposta de Demonte & Soriano é a de que, se o sintagma-wh exclamativo ocorre na mesma posição que o sintagma-wh das interrogativas indiretas, nomeadamente a posição de especificador de FocP, o *que* não pode ser o mesmo para ambas as estruturas, visto que, nas interrogativas indiretas, ocorre antes de FocP e, nas exclamativas, ocorre depois de FocP. Para além disso, há a possibilidade de ambas as instâncias de *que* coocorrerem<sup>25</sup>:

(60) *Le grito que qué mala cara que tenía.*

[Demonte & Soriano, 2009: 34]

Assim, é neste contexto que surge a segunda instância de *que* (*que*<sub>2</sub>), proposto pelas autoras como sendo gerado em Fin, codificando informação de Finitude, mais especificamente, de Modo. O espanhol teria, então, um *que* em cada limite do sistema CP. Veja-se a representação da frase de (55):

(61) [<sub>ForceP</sub> ... [<sub>TopP</sub> ... [<sub>FocP</sub> *Qué rico*<sub>excl</sub> [<sub>FinP</sub> [*que* [<sub>TP</sub> *pro está qué-rico*]]]]]]]

Em (56a), temos uma frase imperativa na 3.<sup>a</sup> pessoa. Estas imperativas diferem das imperativas na 2.<sup>a</sup> pessoa (cf. (62)) pelo facto de não terem forma morfológica especial (surgem necessariamente no modo conjuntivo) e de serem obrigatoriamente introduzidas por *que* no espanhol contemporâneo.

(62) *Hazlo tú!*  
'Fá-lo tu!'

[Demonte & Soriano, 2009: 38]

Demonte & Soriano, com base em Rivero & Terzi (1995), propõem que, em frases imperativas de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas, o verbo se mova para Fin para verificar o traço não-interpretável de modo que assumem aí existir. Já no caso das imperativas de 3.<sup>a</sup> pessoa, o verbo não se poderá mover para Fin pois não apresenta marcas intrínsecas de modo imperativo. Estando, então, a posição de núcleo de FinP por preencher, é necessária a inserção de *que*, que pode verificar o traço não-interpretável. Assim, este *que* seria o mesmo que vimos para as exclamativas-wh, *que*<sub>2</sub>. Esta ideia é reforçada pela compatibilidade deste *que* com o *que* declarativo que surge em núcleo de ForceP e que podemos ver em (56b). Frases como a de (56b) podem inclusivamente ser confundidas com as construções de recomplementação, que serão descritas de seguida.

<sup>25</sup> Tal verifica-se apenas em exclamativas, sendo que tanto as interrogativas como as estruturas de focalização não permitem que o núcleo de FinP esteja preenchido pelo complementador. Isto deve-se, segundo Demonte & Soriano, ao facto de, nas interrogativas e nas estruturas de focalização, haver movimento de V (para T) para C (Fin), ficando essa posição preenchida. O mesmo não se passa com as exclamativas, que permitem, assim, a inserção de *que* em Fin.

### 2.1.1.1. Recomplementação

Como se pode ver em (57), abaixo repetido como (63), um sintagma moveu-se para obter topicalização, ficando em especificador de TopP, entre duas instâncias de *que* (sendo a segunda destas opcional). Quase todos os exemplos apresentados pelas autoras nesta secção são casos de DEC (Deslocação à Esquerda Clítica), sendo que, na oração encaixada, se encontra um clítico resuntivo (*lo*, neste exemplo), correferente com o sintagma topicalizado.

- (63) *Dijo [que [a esse tío] que [no podía ni verlo]].*  
'Ele/a disse que esse tipo que nem o podia ver (à frente).'

[Demonte & Soriano, 2009: 44]

Inicialmente, Demonte & Soriano consideram a proposta de que o *que* opcional se encontra em Fin, enquanto o primeiro é núcleo de ForceP, argumentando que, quando há iteração do tópico, o *que* opcional não pode aparecer entre os tópicos, mas sempre depois:

- (64) *Te pido que a tu padre (\*que) en este momento (\*que) esa mentira (que) no se la digas.*  
'Peço-te que não contes essa mentira ao teu pai neste momento.'

[Demonte & Soriano, 2009: 45]

Descartam, contudo, essa hipótese: o *que* opcional não pode ser gerado em Fin pois, por um lado, as estruturas topicalizadas “não requerem um modo em particular nem vinculam uma interpretação modal especial” – como é o caso das frases imperativas acima descritas – e, por outro, “um sintagma interrogativo ou focalizado pode surgir depois da segunda instância de *que*”<sup>26</sup>, contrariamente ao que acontece nas imperativas (cf. (65)).

- (65) a. *Me aseguró que esa tontería que NUNCA la diría.*  
'Assegurou-me que essa parvoíce que NUNCA a diria.'  
b. *\*Ordenó que ese coche que SU PADRE lo lavara.*  
'Ordenou que esse carro que O SEU PAI o lavasse.'

[Demonte & Soriano, 2009: 45, 46]

Note-se, no entanto, que a frase em (64) apresenta um valor diretivo, semelhante às frases imperativas de 3ª pessoa como a que vimos em (56b), abaixo repetido (compare-se inclusivamente com (66b), modificado de (64) para melhor representar a semelhança em questão):

- (66) a. *Ordeno que esos árboles que los talen.*  
'Ordeno que essas árvores que as cortem.'  
b. *Te pido que esa mentira (que) no se la digas.*  
'Peço-te que essa mentira que não a digas.'

---

<sup>26</sup> Citações de Demonte & Soriano (2009: 45).

Como mencionado antes, em espanhol, o *que* das imperativas de 3ª pessoa é obrigatório, mesmo em frases raiz (cf. (67a)), ao contrário do que acontece em frases imperativas (raiz) de 1ª e 2ª pessoas (cf. (67b, c)). O que Demonte & Soriano propõem é que, em imperativas de 3ª pessoa, o verbo não se move para Fin por não ter marcas intrínsecas de modo imperativo, sendo por isso necessária a colocação de um *que* em Fin para verificar o traço não-interpretável. Contudo, em imperativas de 1ª pessoa, o verbo também não tem marcas de modo imperativo (surgindo necessariamente no modo conjuntivo) e, ainda assim, o *que* não é usado. Em relação às frases subordinadas, havendo um valor imperativo/diretivo/exortativo, o verbo da subordinada surge sempre no modo conjuntivo, independentemente da pessoa. Pelo que se pôde depreender da análise de Demonte & Soriano (e olhando para o par de (66)), nesses contextos, apenas em casos de 3ª pessoa é que o segundo *que* é obrigatório, sendo colocado em núcleo de FinP, como nas imperativas raiz de 3ª pessoa. As autoras assumem, portanto, que, em casos de 1ª e 2ª pessoas, se surgir um segundo *que*, não é o mesmo que surge em imperativas de 3ª pessoa, mas o mesmo que surge em subordinadas sem qualquer valor diretivo.

(67) a. **Que** Antonio no lo vea.

‘O António que não o veja.’

b. Hazlo tú.

‘Fá-lo tu.’

c. Hagámoslo nosotros.

‘Façamo-lo nós.’

[Demonte & Soriano, 2009: 38, 39]

Como se verá na secção seguinte, Villa-García (2012) propõe a distinção de dois tipos de *que*: um *que* de recomplementação, correspondente ao das frases em (63) e (65a), e um *que* jussivo/optativo, correspondente não só ao das frases imperativas de 3ª pessoa – como as de (66a) e (67a) – como ao de qualquer frase com valor diretivo ou desiderativo associado ao modo conjuntivo – das quais (66b) é um exemplo. De entre os vários pontos que Villa-García menciona como sendo distintivos dos dois tipos (e que serão listados na secção seguinte), importa aqui referir dois: (i) a obrigatoriedade *versus* opcionalidade de *que* e (ii) a possibilidade *versus* impossibilidade de iteração de *que*.

Quanto ao primeiro, o autor afirma que o *que* jussivo/optativo é obrigatório e o *que* de recomplementação tipicamente opcional. Pelo contraste entre as frases em (66) – que têm ambas um *que* jussivo/optativo, se seguirmos a análise do autor – verificamos que Demonte & Soriano não estão de acordo. De facto, em nota de rodapé, Villa-García admite que, para alguns falantes, o *que* jussivo/optativo só é obrigatório em casos de 3ª pessoa, sendo opcional (mas preferencial) em casos com outras pessoas (cf. (68)). Mais tarde, em 2015, acrescenta que, quando o verbo da oração principal seleciona necessariamente o modo conjuntivo com valor diretivo (como é o caso de *pedir*, mas não de *decir*), alguns falantes consideram o segundo *que* opcional, mesmo em casos de 3ª pessoa, principalmente quando há um objeto em DEC (cf. (69)).

- (68) *Dicen que a la fiesta, %(que) vaya/vayas/vayamos/vayáis.*  
'Dizem para ir/ires/irmos/irem à festa.'

[Villa-García, 2015: 94]

- (69) *Pidió que la fabada, (que) la hiciera su tía.*  
'Pediú que a *fabada*, (que) a fizesse a sua tia.'

[Villa-García, 2015: 95]

Relativamente ao segundo ponto, Villa-García, seguindo os juízos de aceitabilidade dos seus informantes, diz que o *que* de recomplementação pode ser iterado, i.e., pode haver dupla recomplementação na mesma frase, admitindo-se diversas configurações (cf. (70)). Como visto acima, Demonte & Soriano não admitem iteração do segundo complementador, estando este situado obrigatoriamente depois do último tópico. Contudo, o único exemplo que dão é (64), que, para Villa-García, apresenta não um *que* de recomplementação, mas um *que* jussivo/optativo. O autor refere que, ao contrário do primeiro, o segundo não pode ser iterado (cf. (71)), devendo encontrar-se sempre depois do último tópico e, mais importante, depois de um constituinte focalizado que possa surgir, algo que Demonte & Soriano mencionaram ser característico do *que* das imperativas.

(70) Dupla recomplementação/iteração de *que*:

- a. *Me dijeron que la madre de Ángel, que al perro, que no le da de comer.*  
'Disseram-me que a mãe do Ángel que ao cão que não lhe dá de comer.'  
b. *Dijo que a su perro, que Juan, entonces, que no lo va a vacunar.*  
'Disse que o seu cão, o João, por isso, não o vai vacinar.'

[Villa-García, 2012: 28, 29]

Possibilidade de colocação de *que* entre tópicos:

- c. *Me dijeron que entonces, que a tu padre no lo van a llamar ni di coña.*  
'Disseram-me que por causa disso que ao teu pai não lhe vão voltar a ligar de forma alguma.'  
d. *Me dijeron que el billete, que entonces, a tu padre, no se lo van a enviar.*  
'Disseram-me que o bilhete, que por causa disso, ao teu pai não o vão enviar.'

[Villa-García, 2012: 27]

- (71) *\*A tu madre, que a la fiesta, que la traigan.*  
'A tua mãe, que a tragam à festa.'

[Villa-García, 2012: 121]

Tal poderia explicar a divergência entre os autores no que toca à possibilidade de dupla recomplementação no espanhol, mas Villa-García também nota que ambos os tipos de *que* podem coocorrer numa mesma frase (cf. (72)), o que, aos seus olhos, tornaria (64) possível, considerando que apenas o último *que* seria jussivo/optativo. Por outras palavras, ficamos por saber se Demonte & Soriano e Villa-García discordam, de facto, quanto à possibilidade de

iteração de *que* de recomplementação/colocação de *que* de recomplementação entre tópicos ou se discordam quanto à possibilidade de coocorrência do *que* de recomplementação com o *que* jussivo/optativo (tendo também em conta que as autoras associam a este último apenas as imperativas de 3ª pessoa). Comentários por parte de Demonte & Soriano relativamente às frases em (70) – que têm indubitavelmente *que* de recomplementação – e às frases em (72) – que apresentam coocorrência de ambos os complementadores – poderiam resolver a questão.

(72) a. *Que a tu hijo, (que) como va a suspender, \*(que) lo castiguen.*

‘Ordenaram que o teu filho, como vai chumbar, que o castigassem.’

b. *Dicen que, entonces, (que) puesto que van a llegar Juan y Pablo, \*(que) venga María.*

‘Dizem que, então, que já que o João e o Paulo estão a chegar, que venha a Maria.’

[Villa-García, 2012: 122]

Não tomando partido sobre a sua posição, as autoras assumem, ainda assim, a existência de um *que*<sub>3</sub> e fazem referência a duas hipóteses: Rodríguez Ramalle (2003) – entre outros – propõe que este terceiro complementador seja um marcador de tópico inserido no núcleo de TopP; Martín-Gonzalez (2002), por outro lado, sugere que há um ForceP “duplicado”, localizado entre TopP e FocP, onde o complementador se gera. De acordo com esta última hipótese, este *que* seria um reforço do estatuto declarativo da frase, o que explicaria a impossibilidade de a recomplementação estar encaixada em predicados factivos:

(73) *Siento mucho que una película tan bonita (\*que) te la hayas perdido.*

‘Sinto muito que um filme tão bonito te tenha escapado.’

[Demonte & Soriano, 2009: 47]

## 2.1.2. Villa-García (2012)

Villa-García (2012) debruça-se com algum detalhe sobre a recomplementação, fazendo inclusivamente uma comparação com uma estrutura semelhante, envolvendo um *que* jussivo/optativo. Tem como objetivo contribuir para a discussão sobre a estrutura da periferia esquerda e a sua complexidade nas línguas românicas (com foco sobre o espanhol), principalmente no que toca a complementadores não-primários. O autor adota a hipótese já seguida por outros autores de que o *que* da recomplementação se localiza no núcleo da projeção TopP. Defende ainda a proposta de que os constituintes entre complementadores são gerados na periferia esquerda em vez de serem alvo de movimento e que o movimento através do *que* de recomplementação provoca o apagamento do mesmo.

### 2.1.2.1. Propriedades da recomplementação no espanhol

Enquanto Demonte & Soriano (2007, 2009) apresentam maioritariamente casos com sintagmas em DEC entre os complementadores que compõem a recomplementação, Villa-García (2012) refere que geralmente qualquer sintagma movido para a periferia esquerda pode surgir entre as duas instâncias de *que*, apresentando dados com DPs sujeito (cf. (74a)),



pronomes (cf. (74b)), NPs objeto (cf. (74c)), orações adverbiais (cf. (74d)), PPs (cf. (74e)) e estruturas de Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente<sup>27</sup> (DETP) (cf. (74f)):

- (74) a. *Susi dice **que** los alumnos, **que** son felices.*  
'A Susi diz que os alunos que são felizes.'  
b. *Ya le dije **que** yo, **que** no voy.*  
'Já lhe disse que eu que não vou.'  
c. *Dice **que** dinero, **que** no tenía.* (Escribano, 1991: 146)  
'Diz que dinheiro que não tinha.'  
d. *Dice **que** cuando llegue, **que** te llama.*  
'Diz que quando chegar que te liga.'  
e. *Dice **que** en ti, **que** no confía.*  
'Diz que em ti que não confia.'  
f. *Dice **que** tu ejemplo, **que** el análisis no da cuenta de él.*  
'Diz que o teu exemplo que a análise não dá conta dele.'

[Villa-García, 2012: 25-26]

Como também já discutido acima, Demonte & Soriano (2007, 2009) comentam que, a haver mais do que um tópico na periferia esquerda, devem estar todos entre as duas instâncias de *que*, não podendo haver um *que* entre tópicos. Já Villa-García (2012) – fazendo também referência aos juízos de aceitabilidade recolhidos por Martin-González (2002) – apresenta dados que comprovam que outras sequências são possíveis:

- (75) a. *Me dijeron que entonces, **que** a tu padre no lo van a llamar ni di coña.*  
'Disseram-me que por causa disso que ao teu pai não lhe vão voltar a ligar de forma alguma.'  
b. *Me dijeron que el billete, **que** entonces, a tu padre, no se lo van a enviar.*  
'Disseram-me que o bilhete, que por causa disso, ao teu pai não o vão enviar.'

[Villa-García, 2012: 27]

Da mesma forma, apesar de Demonte & Soriano (2007, 2009) rejeitarem a possibilidade de iteração do segundo *que* (de modo a haver um *que* a seguir a cada constituinte deslocado), o autor apresenta os seguintes dados, considerados aceitáveis pelos seus informantes:

- (76) a. *Me dijeron que la madre de Ángel, **que** al perro, **que** no le da de comer.*  
'Disseram-me que a mãe do Ángel que ao cão que não lhe dá de comer.'  
b. *Dijo que el dinero, **que** a Juan, **que** se lo mandaban por correo.*  
'Disse que o dinheiro que ao João que lho mandavam por correio.' (Escribano, 1991: 139)

[Villa-García, 2012: 28]

Villa-García (2012) considera ainda gramaticais frases como as seguintes:

- (77) a. *Dijo que a su perro, Juan, **que** entonces, **que** no lo va a vacunar.*  
'Disse que o seu cão, o João, que por isso, que não o vai vacinar.'

---

<sup>27</sup> Tradução do inglês *Hanging Topic Left Dislocation* (HTLD).

- b. *Dijo que a su perro, **que** Juan, entonces, **que** no lo va a vacunar.*  
'Disse que o seu cão, que o João, por isso, que não o vai vacinar.'

[Villa-García, 2012: 29]

Enfatizado pelo autor é o facto de constituintes focalizados (cf. (78a)), sintagmas quantificacionais<sup>28</sup> (cf. (78b, c)) e constituintes-wh interrogativos (cf. (78d)), todos eles atribuídos à projeção FocP, não poderem preceder o segundo *que*, surgindo apenas depois do mesmo:

- (78) a. *\*Me dijeron que SÓLO DOS PORTÁTILES, **que** le robaron a tu primo (, no tres).*  
'Disseram-me que só dois portáteis roubaram ao teu primo (, não três).'  
a'. *Me dijeron que a tu primo, **que** SÓLO DOS PORTÁTILES le robaron (, no três).*
- b. *\*Me dijeron que a todo el mundo, **que** llama mi madre.*  
'Disseram-me que a minha mãe liga a toda a gente.'  
b'. *Me dijeron que mi madre, **que** llama a todo el mundo.*
- c. *\*Me dijeron que (últimamente) ninguno de los niños, **que** llama a mi madre.*  
'Disseram-me que (ultimamente) nenhuma das crianças liga à minha mãe.'  
c'. *Me dijeron que (últimamente) a mi madre, que ninguno de los niños la llama.*
- d. *\*Me preguntaron que cuándo **que** podría venir mi madre.*  
'Perguntaram-me quando é que a minha mãe podia vir.'  
d'. *Me preguntaron que mi madre, **que** cuándo podría venir.*

[Villa-García, 2012: 30-31]

#### 2.1.2.2. *que* de recomplementação vs. *que* jussivo/optativo

Villa-García (2012) apresenta dados relativos a uma construção semelhante à recomplementação, mas com algumas propriedades distintas. Trata-se de uma estrutura que, tal como a recomplementação, exhibe um constituinte entre duas instâncias de *que*. A segunda instância, contudo, não é considerada pelo autor como um *que* de recomplementação, mas um *que* jussivo/optativo. Atente-se nos seguintes exemplos, o primeiro com um *que* de recomplementação e o segundo com um *que* jussivo/optativo:

- (79) a. *Me dijeron que como hace sol, (que) viene Guillermo.*  
'Disseram-me que como está sol, (que) o Guilherme vem.'  
b. *Me dijeron que como hace sol, \*(que) venga Guillermo.*  
'Disseram-me que como está sol, que venha o Guilherme.'

[Villa-García, 2012: 87-88]

<sup>28</sup> Como se verá no Capítulo II, foram encontradas para esta dissertação algumas ocorrências com sintagmas quantificacionais entre complementadores, embora em trabalhos para o português se considere que estas construções são agramaticais, tal como no espanhol. Cf. secções 2.3.2 e 2.3.4. do Capítulo I e 2.5.2 do Capítulo II.

À primeira vista, podemos encontrar já duas diferenças entre ambas as construções, a partir destes exemplos. Em primeiro lugar, o *que* da recomplementação é opcional, enquanto o *que* jussivo/optativo é obrigatório; em segundo, o *que* da recomplementação aparece tipicamente em orações no indicativo (como se vê pela forma “*viene*” do verbo *venir* ‘vir’, no modo indicativo), enquanto o *que* jussivo/optativo aparece obrigatoriamente em orações no conjuntivo (como se pode ver pela forma “*venga*”, no modo conjuntivo). Este último é, pois, encontrado em orações com valor exortativo/jussivo ou desiderativo/optativo.<sup>29</sup>

Estas duas instâncias de *que* distinguem-se ainda das seguintes formas:

- (i) o *que* da recomplementação não pode surgir sem ter pelo menos um constituinte topicalizado a precedê-lo (mesmo em frases raiz, iniciadas por *que* introdutor de citação) – cf. (80a, a’ vs. b, b’) –, o que significa que é licenciado por material movido para a periferia esquerda; o *que* jussivo/optativo pode surgir em frases raiz sem material à sua esquerda (cf. (81)), o que indica que não está associado a esses constituintes;
- (ii) o complemento do *que* da recomplementação pode ser elidido (cf. (82a)), enquanto o complemento do *que* jussivo/optativo não pode (cf. (82b));
- (iii) enquanto o *que* de recomplementação pode ser seguido por constituintes movidos (cf. (83a), o *que* jussivo/optativo não pode (cf. (83b));
- (iv) pode haver iteração do *que* da recomplementação (cf. (84a)), mas não pode haver iteração do *que* jussivo/optativo (cf. (84b));

(80) a. *Pedro dice que con ella (que) no van a venir.*

‘O Pedro diz que com ela que não vêm.’

a’. *Que con ella (que) no van a venir.*

‘Dizem que com ela que não vêm.’

b. *\*Pedro dice que **que** no van a venir con ella.*

b’. *\*Que **que** no van a venir con ella.*

(81) *(A la fiesta,) **que** vayan.*

‘Exijo que eles estejam na festa.’

[Villa-García, 2012: 93-94]

(82) a. *Me dijeron que si llueve (**que**) se quedan aquí, y que si nieva (**que**) también.*

‘Disseram-me que se chover, (que) ficam aqui e que se nevar, (que) também.’

<sup>29</sup>Corresponde, na verdade, à designação de *que*<sub>2</sub> por parte de Demonte & Soriano, de que já falei na secção anterior. Trata-se do *que* que surge em frases imperativas na 3ª pessoa (cf. (56)), apesar de Villa-García generalizar a construção a qualquer frase em que haja valor diretivo/desiderativo associado ao modo conjuntivo.

- b. *Dice Juana que el tenedor, \*(que) lo cojan, y que el cuchillo, (\*que) también.*  
 ‘A Joana diz para pegarem no garfo, e na faca também.’

[Villa-García, 2012: 100]

- (83) a. *Me dijeron que aunque no les cae bien, (que), a mi hermana la saludan por las mañanas.*

‘Disseram-me que, embora não gostem, (que) à minha irmã, a cumprimentam todas as manhãs’.

- b. *?\*Dice que aunque no les caiga bien, que a mi hermana la saluden por las mañanas.*

- b’. *Dice que a mi hermana, aunque no les caiga bien, que la saluden por las mañanas.*

‘Ele/a diz para cumprimentarem a minha irmã todas as manhãs, apesar de não gostarem’

[Villa-García, 2012: 103, 105]

- (84) a. *Dice que el dinero, que a Juan, que se lo mandaban por correo.*

‘Diz que o dinheiro que ao João que lho mandavam por correio.’

- b. *A tu madre, que a la fiesta, que la traigan.*

‘A tua mãe, que a tragam à festa.’

[Villa-García, 2012: 121]

Considerando estas diferenças, o autor segue a perspetiva já proposta por Rodríguez-Ramalle (2003) de que o segundo *que* das estruturas de recomplementação é um marcador de tópico localizado no núcleo Top. Quanto ao *que* jussivo/optativo, realiza-se em Fin.<sup>30</sup>

Tal explica a dependência do complementador de recomplementação em relação ao tópico, já que TopP precisa de material no seu especificador para existir. O autor assume, na linha de Rizzi (1997), que, quando não há material movido para a periferia esquerda, o CP não se expande em várias projeções, sendo que um núcleo, ao apresentar todos os traços relevantes, é suficiente. É o que acontece ao *que* jussivo/optativo em frases raiz, albergando tanto traços de força ilocutória como de finitude. Já quando há material movido, uma expansão de CP é necessária, havendo por isso uma projeção ForceP e uma projeção FinP separadas pelo material movido. Nestes casos, a haver um *que* jussivo/optativo, este realiza-se em Fin, enquanto o *que* declarativo se realiza em Force. Isto mostra que o *que* jussivo/optativo em frases encaixadas apenas aparenta ser dependente de material movido para a periferia esquerda, já que, na verdade, FinP só é projetado quando esse material ocorre.

<sup>30</sup> Não é claro se a mesma distinção se aplica ao PE. Seria necessária uma comparação pormenorizada entre frases de duas instâncias de *que* com e sem valor exortativo/desiderativo, à semelhança do que Villa-García fez para o espanhol. Como explicado no Capítulo II, deixo essa comparação para trabalhos futuros, pelo que os dados de *corpora* que envolvem valor exortativo/desiderativo não foram incluídos nesta dissertação para não comprometer a descrição dos restantes. De qualquer forma, estruturas de duas instâncias de *que* em frases com estes valores existem no PE, como demonstram os exemplos abaixo. Resta, assim, saber se a segunda instância do complementador é um *que* de recomplementação ou um *que* jussivo/optativo, apesar de a sua opcionalidade sugerir que talvez seja de recomplementação.

(i) Minha avó ainda vai dizer **que eu que** volte para trás. (CORDIAL-SIN, STE16)

(ii) Se (quer) **que ele que** vá para a escola, vai para uma escola (CORDIAL-SIN, CLC11)

Tendo em conta que os núcleos funcionais podem licenciar elipse do seu argumento se houver concordância entre especificador e núcleo em termos de traços (cf. Lobeck 1990), a perspetiva seguida pelo autor explica a possibilidade de elipse do argumento do *que* de recomplementação em contraste com a impossibilidade de elipse do argumento do *que* jussivo/optativo (cf. (85). Estando em Top, o *que* da recomplementação entra numa relação de concordância com o constituinte situado no especificador de TopP, havendo verificação de traços e permitindo, então, elipse do seu complemento. *Que* jussivo/optativo, sendo a lexicalização do núcleo de FinP e estando o especificador dessa projeção vazio, não entra numa relação de concordância com a mesma, não havendo, por isso, condições para que o complemento seja elidido. As seguintes representações ilustram esta diferença:

- (85) a. ... y [... Force' que [<sub>TopP</sub> si nieva [<sub>Top</sub> **que** ~~se quedan aquí~~ también]]]  
 b. \*... y ... [<sub>TopP</sub> el cuchillo [<sub>Top</sub> ∅ [<sub>FinP</sub> [<sub>Fin'</sub> **que** ~~lo cojan~~ también]]]]

[Villa-García, 2012: 101-102]

A proposta do autor também dá conta da diferença enunciada em (iii), já que FinP, cujo núcleo é ocupado por *que* jussivo/optativo, é a projeção mais baixa da periferia esquerda, não podendo haver material movido à direita da mesma. TopP, por outro lado, pode preceder inclusivamente outra projeção TopP. Visto que, de acordo com Rizzi (1997), TopP é recursivo, ao contrário de FinP, também podemos encontrar mais do que um *que* de recomplementação, mas não mais do que um *que* jussivo/optativo (diferença (iv)).

Naturalmente, se o *que* da recomplementação é, como defende Villa-García (2012), um marcador opcional de tópico, algumas frases, mesmo projetando TopP, poderão não ter este complementador realizado. Pelo contrário, o *que* jussivo/optativo é obrigatório pois é a realização lexical do modo conjuntivo, localizando-se no núcleo de uma projeção que codifica traços de finitude e modo. Já que ocupam posições diferentes na estrutura, também é possível que haja coocorrência de ambos os complementadores na mesma frase:

- (86) a. *Que a tu hijo, (que) como va a suspender, \*(que) lo castiguen.*  
 'Ordenaram que o teu filho, como vai chumbar, que o castigassem.'  
 b. *Dicen que, entonces, (que) puesto que van a llegar Juan y Pablo, \*(que) venga María.*  
 'Dizem que, então, que já que o João e o Paulo estão a chegar, que venha a Maria.'

[Villa-García, 2012: 122]

### 2.1.2.3. Efeitos de reconstrução

Recorrendo a testes de diagnóstico relacionados com a interpretação de variáveis ligadas, anáforas e escopo, Villa-García (2012) mostra que os constituintes que surgem entre as duas instâncias do complementador na recomplementação (e nas configurações com *que* jussivo/optativo) não exibem efeitos de reconstrução, como aconteceria caso o segundo *que* não estivesse realizado. Este facto pode constituir evidência que favorece a hipótese de que

esses constituintes são gerados diretamente no domínio de CP, em vez de serem alvo de movimento/Merge interno.<sup>31</sup>

Atente-se, pois, nas seguintes frases:

- (87) a. *Dice que a su<sub>i/j</sub> perro, todo el mundo<sub>i</sub> lo tiene que dejar fuera.*  
 ‘Diz que o seu cão<sub>i/j</sub>, toda a gente<sub>i</sub> tem de o deixar lá fora.’  
 b. *Dice que a su\*<sub>i/j</sub> perro, **que** todo el mundo<sub>i</sub> lo tiene que dejar fuera.*  
 ‘Diz que o seu cão, que toda a gente tem de o deixar lá fora.’

[Villa-García, 2012: 151]

Em (87a), a interpretação da variável ligada é possível, havendo efeitos de reconstrução, o que indica que *a su perro* terá sido c-comandado por *todo el mundo* antes de se mover para a periferia esquerda. Já em (87b), o *que* de recomplementação intervém entre o pronome possessivo e *todo el mundo*, impedindo que haja interpretação da variável ligada. Por este motivo, o autor considera que, em estruturas de recomplementação, os constituintes entre complementadores não são alvo de movimento, mas gerados diretamente nessa posição, enquanto em estruturas sem o *que* de recomplementação, os mesmos constituintes são alvo de movimento. As seguintes representações ilustram esta proposta:

- (88) a. ... [CP que [XP a su perro<sub>i/j</sub> [Ø todo el mundo<sub>i</sub>... ~~a su perro~~]]]  
 b. ... [CP que [XP a su perro\*<sub>i/j</sub> [**que** todo el mundo<sub>i</sub>...]]]

[Villa-García, 2012: 152]

No caso de anáforas na periferia esquerda, o mesmo acontece: na presença do segundo *que*, não há efeitos de reconstrução, o que inclusivamente torna a frase agramatical:

- (89) a. *Me han dicho que a sí misma<sub>i</sub>, María<sub>i</sub> se manda emails a todas horas.*  
 ‘Disseram-me que a si própria<sub>i</sub>, a Maria manda *emails* a toda a hora.’  
 b. *\*Me han dicho que a sí misma<sub>i</sub>, **que** María<sub>i</sub> se manda emails a todas horas.*  
 ‘Disseram-me que a si própria<sub>i</sub>, que a Maria manda *emails* a toda a hora.’

Questões de escopo também podem servir de argumento contra a hipótese de movimento na recomplementação. Vejam-se as frases que se seguem:

- (90) a. *Dijo que a dos o tres personas, las sacaron de todos los edificios en helicóptero.* (∃ >> ∀; ∀ >> ∃)  
 ‘Ele/a disse que a duas ou três pessoas, as tiraram de todos os edifícios num helicóptero.’  
 b. *Dijo que a dos o tres personas, **que** las sacaron de todos los edificios en helicóptero.* (∃ >> ∀; \*∀ >> ∃)  
 ‘Ele/a disse que a duas ou três pessoas, que as tiraram de todos os edifícios num helicóptero.’

[Villa-García, 2012: 154]

<sup>31</sup> A ligação que o autor faz entre os efeitos de reconstrução e o movimento dos constituintes baseia-se em Cinque (1977), López (2009) e Sportiche (1993).

Em (90a), existem duas interpretações possíveis: uma em que o quantificador universal (V) tem escopo sobre o quantificador existencial (A), correspondendo a um cenário em que tiram conjuntos diferentes de duas ou três pessoas de todos os edifícios, e outra em que o quantificador existencial (A) tem escopo sobre o quantificador universal (V), correspondendo a um cenário em que tiram o mesmo conjunto de duas ou três pessoas de todos os edifícios. Já em (90b), apenas esta última interpretação é possível. Villa-García (2012) considera esta diferença como sendo indicativa de que o constituinte entre complementadores não se moveu de uma posição abaixo do quantificador universal (V), o que seria necessário para haver reconstrução do quantificador existencial (A) e, conseqüentemente, a ordem  $V \gg A$ . Em (90a), não há um *que* a impedir movimento do constituinte e, por isso, ambas as ordens são possíveis.

#### 2.1.2.4. Efeitos ilha e movimento através de *que* <sup>32</sup>

Villa-García (2012) observa que, apesar de não exibirem efeitos de reconstrução, os constituintes entre complementadores estão sujeitos a efeitos ilha, o que é contraditório se se tiver em conta que a ausência de efeitos de reconstrução é evidência de que os constituintes em causa não são alvo de movimento e que, por outro lado, a existência de efeitos ilha indica que há, de facto, movimento. Neste sentido, atente-se nos seguintes exemplos, nos quais se nota a sensibilidade dos constituintes em recomplementação em relação a uma ilha do DP complexo (cf. (91a)) e a uma ilha de adjunto (cf. (91b)):

(91) a. \**Dijo que con el cura<sub>i</sub>, **que** no entendían el hecho de que no se puede contar t<sub>i</sub>.*

‘Ele/a disse que não percebiam o facto de que não se pode contar com o padre.’

b. \**Me han dicho que con el cura<sub>i</sub>, **que** van a sufrir porque no se puede contar t<sub>i</sub>.*

‘Disseram-me que eles vão sofrer porque não se pode contar com o padre.’

[Villa-García, 2012: 169]

No entanto, o autor também nota que esta sensibilidade dos constituintes em recomplementação não se resume a contextos de ilha, visto que os argumentos em DEC movidos a longa distância têm um resultado igualmente agramatical quando em recomplementação, mesmo na ausência de uma ilha:

(92) a. \**Dijo que sobre el artículo<sub>i</sub>, **que** escuchó que habían hecho comentarios muy positivos t<sub>i</sub>.*

‘Ele/a disse que ouviu que eles tinham feito comentários muito positivos sobre o artigo.’

a’. *Dijo que sobre el artículo<sub>i</sub>, escuchó que habían hecho comentarios muy positivos t<sub>i</sub>.*

b. \**Dicen que encima de la mesa<sub>i</sub>, **que** le había contado que ponían de todo t<sub>i</sub>.*

‘Dizem que ele/a lhe contou que põem de tudo em cima da mesa.’

b’. *Dicen que encima de la mesa<sub>i</sub>, le había contado que ponían de todo t<sub>i</sub>.*

<sup>32</sup> Não foi feita uma análise semelhante para o PE nesta dissertação pois esta centra-se na análise de dados de *corpora*, dados esses que não demonstram o tipo de efeitos apresentados nesta secção (i.e. movimento de constituintes através do *que* de recomplementação). É, contudo, uma análise a ter em conta para trabalhos futuros que utilizem testes de aceitabilidade de frases realizados por falantes do PE.

- c. \*Dijo que a Mar<sub>i</sub>, **que** no le gustaba que le dieran carne t<sub>i</sub>.  
 ‘Ele/a disse que não gostava que dessem carne a Mar.’  
 c’. Dijo que a Mar<sub>i</sub>, no le gustaba que le dieran carne t<sub>i</sub>.

[Villa-García, 2012: 170-171]

Este último facto impede, por isso, que o argumento da sensibilidade a ilhas seja válido contra a hipótese de que os constituintes em recomplementação são gerados na periferia esquerda. A favor desta hipótese, o autor sugere que os constituintes devem ser gerados no domínio CP da oração em que são interpretados e que o próprio *que* de recomplementação serve de obstáculo, na medida em que movimento através do mesmo produz resultados agramaticais, o mesmo não acontecendo quando há ausência do mesmo *que*. Em (92a), por exemplo, *sobre el artículo* move-se da sua posição de base na oração mais encaixada para o domínio CP de uma oração mais alta, tentando passar pelo *que* de recomplementação sem sucesso. No entanto, em (92a’), não há *que* de recomplementação para bloquear esse movimento e a frase é gramatical. Assim, se os constituintes em recomplementação são gerados no domínio CP, não há uma posição mais baixa que propicie efeitos de reconstrução.

Em relação aos constituintes em DETP, ao contrário dos constituintes em DEC, podem surgir a longa distância quando em recomplementação:

- (93) Dijo que, yo<sub>i</sub>, **que** escuchó que habían hecho comentarios buenos \*(sobre mí<sub>i</sub>).  
 ‘Ele/a disse que eu, que ouviu que tinham feito bons comentários sobre mim.’

[Villa-García, 2012: 179]

As estruturas em DETP estão obrigatoriamente associadas a um pronome resuntivo (ou, em casos de PPs como o acima, a um PP que inclui um pronome coindexado) ou a um epíteto no interior do comentário. O *que* de recomplementação, nestes casos, não age como obstáculo, e, como tem sido observado, os constituintes em DETP não obedecem a ilhas (cf. (94a), com uma ilha do DP complexo, e (94b), com uma ilha de adjunto). Tais factos contribuem para a hipótese de que os constituintes em DETP não são alvo de movimento<sup>33</sup>, estando em recomplementação ou não. Para além disso, é importante notar que, como reportado por Rodríguez-Ramalle (2003), a maioria dos falantes considera o *que* de recomplementação como sendo obrigatório em casos de DETP em frases subordinadas.<sup>34</sup>

- (94) a. Dijo que, el cura<sub>i</sub>, **que** no entendían el hecho de que no se puede contar \*(com él<sub>i</sub>).  
 ‘Ele/a disse que, o padre, que não percebiam o facto de que não se pode contar com ele.’  
 b. Me han dicho que, el cura<sub>i</sub>, **que** van a sufrir porque no se puede contar \*(com él<sub>i</sub>).  
 ‘Disseram-me que, o padre, que eles vão sofrer porque não se pode contar com ele.’

[Villa-García, 2012: 179]

<sup>33</sup> Uma hipótese defendida por López (2009).

<sup>34</sup> (i) a. \*Me dijo que el baloncesto, esse deporte le encanta.

b. Me dijo que el baloncesto, **que** esse deporte le encanta.

‘Ele/a disse-me que o basquetebol, que adora esse desporto.’ (Villa-García, 2012: 219)



Para complementar a ideia de que o *que* de recomplementação cria uma barreira para o movimento, Villa-García testa o movimento de sintagmas-wh, constituintes focalizados, estruturas de DEC e material do interior do constituinte entre complementadores, como se verá de seguida.

### ***Sintagmas-wh e constituintes focalizados***

Como o demonstram os exemplos em (95), o movimento a longa distância de sintagmas-wh, sejam eles sujeito ou objeto, *D-linked* ou não *D-linked*, só é aceitável quando não há *que* de recomplementação na frase (cf. (95b, d)).

- (95) a. \*¿Cuál de estos collares me dijiste que al perro **que** le habías comprado?  
           ‘Qual destas coleiras me disseste que tinhas comprado para o cão?’  
       b. ¿Cuál de estos collares me dijiste que al perro le habías comprado?  
       c. \*¿Quién me dijiste que a tu perro **que** lo vacunó?  
           ‘Quem é que me disseste que vacinou o teu cão?’  
       d. ¿Quién me dijiste que a tu perro lo vacunó? [Villa-García, 2012: 183-184]

O mesmo se verifica quando o constituinte movido é focalizado:

- (96) a. \*SÓLO A TU PADRE me dijeron que el perro **que** podía tolerar.  
           ‘Só o teu pai é que me disseram que o cão conseguia tolerar.’  
       b. SÓLO A TU PADRE me dijeron que el perro podía tolerar. [Villa-García, 2012: 183-184]

### ***Tópicos/estruturas de DEC***

De acordo com López (2009), enquanto as estruturas de DEC estão associadas a movimento, obedecendo a ilhas, os constituintes em DETP são gerados diretamente na periferia esquerda. Como já demonstrado, em contextos de recomplementação, um constituinte em DEC não se move de uma posição do interior do comentário, mas, tal como os casos de DETP, é gerado na periferia esquerda (mais precisamente na posição *pré-que* de recomplementação). Os exemplos que se seguem comprovam, assim, que *que* bloqueia o movimento e que, consequentemente, os constituintes em DEC que não estão entre complementadores são alvo de movimento. Note-se que as contrapartidas gramaticais são casos de DETP (cf. (97b)) ou casos em que não há *que* de recomplementação (cf. (97d)).

- (97) a. \*Com tu hermana<sub>i</sub>, me dijeron que tu madre, **que** no podía contar t<sub>i</sub>.  
           ‘Com a tua irmã, disseram-me que a tua mãe não podia contar.’  
       b. Tu hermana<sub>i</sub>, me dijeron que tu madre **que** no podía contar com ella<sub>i</sub>.  
           ‘A tua irmã, disseram-me que a tua mãe que não podia contar com ela.’  
       c. \*Encima de la mesa<sub>i</sub>, me dijeron que tu madre, **que** había puesto los libros t<sub>i</sub>.  
           ‘Em cima da mesa, disseram-me que a tua mãe tinha posto os livros.’

d. *Encima de la mesa<sub>i</sub>, me dijeron que tu madre había puesto los libros t<sub>i</sub>.*

[Villa-García, 2012: 187-188]

### Subextração

Por fim, a extração a partir do interior de um constituinte em DEC entre complementadores é possível (cf. (98)), o que mostra que não há problema de localidade quando um constituinte tenta sair da projeção encabeçada pelo *que* de recomplementação (TopP, como defende Villa-García). Se, por outro lado, a subextração se der a partir de um constituinte em DEC imediatamente abaixo do *que* de recomplementação, os resultados são agramaticais (cf. (99)), sendo que o constituinte extraído tenta atravessar o complementador em questão.

(98) a. *En su abuelo<sub>i</sub>, dicen que [la confianza t<sub>i</sub>], **que** no la perdió.*

‘No seu avô, dizem que a confiança, que não a perdeu.’

b. PP<sub>i</sub> [que [CLLD - PP<sub>i</sub> [**que** ...]]]

[Villa-García, 2012: 189]

(99) \**En su abuelo<sub>i</sub>, dicen que María, **que** [la confianza t<sub>i</sub>] no la perdió.*

‘No seu avô, dizem que a Maria, a confiança, não a perdeu.’

[Villa-García, 2012: 193]

#### 2.1.2.5. Proposta: efeitos Comp-t e reparo por apagamento em FF

Villa-García (2012) faz uma proposta de análise que visa explicar a incompatibilidade entre o *que* da recomplementação e o movimento através do mesmo. Originalmente, em Ross (1969), observou-se que a elipse podia reparar agramaticalidades decorrentes de efeitos ilha (cf. (100)). Recentemente, com base em Chomsky (1972), Bošković (2011) veio defender que essa estratégia de reparo, que se dá em Forma Fonética (FF)<sup>35</sup>, pode explicar o contraste entre frases com efeitos *that*-t(race) e frases sem *that* realizado (cf. (101)).

(100) a. \**That he will hire someone is possible, but I will not divulge who that he will hire is possible.*

b. *That he will hire someone is possible, but I will not divulge who ~~that he will hire is possible.~~*

[Villa-García, 2012: 207]

(101) a. \**Who do you think that won?*

b. *Who do you think won?*

[Villa-García, 2012: 198]

---

<sup>35</sup> *Phonetic Form (PF).*

Em (101a), há um efeito *that-t* decorrente da extração local de sujeito, o que significa que *that* está a bloquear esse movimento e só o seu apagamento torna a frase gramatical, como se pode ver em (101b). Villa-García nota, pois, a semelhança entre este fenómeno e os casos de bloqueio pelo segundo *que* no espanhol, já que, também nestes, só a ausência do complementador em questão torna o movimento possível. Propõe, então, que os fenómenos sejam analisados da mesma forma, mostrando também que, em ambos os casos, um constituinte adverbial a seguir-se imediatamente ao complementador pode melhorar o efeito Comp-t e tornar as frases mais aceitáveis:

(102) a. ? *Who did you say that in the end became the mayor of the city?*

b. ? *¿Quién me dijiste que a tu madre, **que** al final la va a llamar?*

‘Quem é que me disseste que à tua mãe, eventualmente lhe vai ligar?’

[Villa-García, 2012: 201]

De acordo com Chomsky (1972), uma ilha fica marcada com um \* sempre que há movimento através da mesma. Caso não haja uma estratégia de resgate ou reparo em FF<sup>36</sup> – i.e. eclipse da categoria marcada –, ocorre uma violação de ilha e o resultado é uma frase agramatical. Se, por outro lado, a categoria marcada com um \* for apagada, não há violação de ilha e a frase torna-se gramatical. Pegando nesta proposta e tendo também por base a análise de Chomsky e Lasnik (1977), Bošković (2011) aplica-a aos casos de efeito *that-t* da seguinte forma:

(103) a. *Who<sub>i</sub> do you think [<sub>CP</sub> ~~who<sub>i</sub>~~ **that\*** ~~who<sub>i</sub>~~ won?]*

b. *Who<sub>i</sub> do you think [<sub>CP</sub> ~~who<sub>i</sub>~~ ~~**that\***~~ ~~who<sub>i</sub>~~ won?]*

[Villa-García, 2012: 209-210]

Em (103a), o movimento do sujeito através de *that* faz com que o complementador seja marcado com um \*; em (103b), *that*, marcado, é apagado, tendo como resultado a frase gramatical de (101b), acima. Se esta operação não ocorresse e o complementador continuasse marcado em FF, o resultado seria a agramaticalidade de (101a).

Assim, Villa-García recorre à mesma análise de Bošković (2011), desta feita para os casos de movimento através do *que* de recomplementação<sup>37</sup>: quando há movimento através de *que*, este recebe um \* (cf. (104a)); sem apagamento deste elemento em FF, ocorre uma violação de ilha, como em (105a); havendo eclipse, o resultado é uma frase sem *que* de recomplementação, mas gramatical (cf. derivação de (104b) e resultado de (105b)).

(104) a. *¿Quién<sub>i</sub> me dijiste [<sub>ForceP</sub> ~~quién<sub>i</sub>~~ [<sub>que</sub> [<sub>TopicP</sub> a tu madre **que\*** ~~quién<sub>i</sub>~~ la va a ~~quién<sub>i</sub>~~ llamar?]]]*

b. *¿Quién<sub>i</sub> me dijiste [<sub>ForceP</sub> ~~quién<sub>i</sub>~~ [<sub>que</sub> [<sub>TopicP</sub> a tu madre ~~**que\***~~ ~~quién<sub>i</sub>~~ la va a ~~quién<sub>i</sub>~~ llamar?]]]*

[Villa-García, 2012: 211]

<sup>36</sup> Originalmente, em Chomsky (1972), na estrutura de superfície.

<sup>37</sup> Trabalhos mais recentes (Cf. Rizzi, 2016a, b) dão conta dos casos de efeitos *that-t* através do mecanismo de Etiquetagem (*Labeling*) e do princípio de Maximalidade (*Maximality*). Talvez a mesma proposta possa ser aplicada aos casos de movimento através de *que*.

- (105) a. \*¿Quién me dijiste que a tu madre **que** la va a llamar?  
 ‘Quem é que me disseste que à tua mãe lhe vão ligar?’  
 b. ¿Quién me dijiste que a tu madre la va a llamar?

[Villa-García, 2012: 199]

Assim, de acordo com esta análise, constituintes entre os dois *que* têm de ser gerados na periferia esquerda, caso contrário, como já explicado, o seu movimento deixaria o segundo *que* marcado e só o apagamento deste corrigiria a violação, resultando numa frase gramatical com movimento, em que os constituintes movidos apresentam efeitos de reconstrução. As frases com *que* de recomplementação e as frases com deslocação à esquerda mas sem *que* de recomplementação recebem, por isso, um tratamento unificado em termos sintáticos, o que também é comprovado pelo facto de a elipse do complemento de *que* ser possível tanto quando ele está presente como quando não está, visto que o elemento que a licencia é o mesmo:<sup>38</sup>

- (106) a. Dijo que hoy, **que** no compra nada, y que mañana **que** ~~no compra nada~~ tampoco.  
 b. Dijo que hoy,  $\emptyset$  no compra nada, y que mañana  $\emptyset$  ~~no compra nada~~ tampoco.  
 ‘Disse que hoje não compra nada e que amanhã também não.’

[Villa-García, 2012: 215-216]

O autor explora ainda a hipótese de que o segundo *que* possa ser apagado apenas quando há movimento através dele, como uma medida de último recurso, o que implicaria que este complementador afinal não é opcional. De facto, como referido anteriormente, o *que* de recomplementação é considerado obrigatório em contextos de DETP em frases subordinadas (cf. (107)), contextos esses em que o tópico pendente é obrigatoriamente gerado na periferia esquerda.<sup>39</sup>

- (107) a. \*Me dijo que el baloncesto, esse deporte le encanta.  
 b. Me dijo que el baloncesto, **que** esse deporte le encanta.  
 ‘Ele/a disse-me que o basquetebol, que adora esse desporto.’

[Villa-García, 2012: 219]

## 2.2. O caso do inglês e do francês

Haegeman (2012) dedica uma secção à Recomplementação no inglês (a que chama *Double That Constructions*), comparando-a com a das línguas românicas. A principal diferença entre ambas é que, enquanto no inglês encontramos apenas adjuntos entre as duas instâncias do complementador (cf. (108)), em línguas românicas encontramos, para além de adjuntos, argumentos topicalizados (cf. (110)).

<sup>38</sup> Isto não acontece se, em vez de *que* de recomplementação, tivermos *que* jussivo/optativo, pois, como visto em 2.1.2.2., nesses casos, a elipse não é possível.

<sup>39</sup> No PE, o *que* de recomplementação não é obrigatório (cf. secção 2.3.1.2.)

(108) a. He reminds me **that in the days of Lloyd George that** business leaders were frequently buying their way in. (*Guardian*, G2, Nov 20, 2000: 9, col. 2)

b. They feel that it's possible **that not many months ago that** anthrax—a small quantity of it—was handed over in Prague, Czechoslovakia, to Mohamed Atta, one of the pilots of one of the planes that flew into the World Trade Centre. (*Guardian*, Oct 16, 2001: 4, col. 2)

c. And does anyone actually believe **that there, in the dark, their imagination exposed to the various forms of horrific imagery in those three films (and countless others), that** young kids are protected by being with a parent or a guardian? (*Independent on Sunday*, Aug 27, 2006: 17, col. 3)

d. We believed **that following the farm-scale trials that** no GM crops were being grown in Britain. (*Guardian*, Aug 2005: 2, col. 6)

e. I feel honored and I feel a great deal of humility **that after all the years in there that** I have been asked to chair the party I love. (*Guardian*, Oct 25, 2002: 4, col. 7)

f. They can't believe **that after all that we've been through, that** this would happen. (*Guardian*, Feb 27, 2001: 4, col. 7)

g. But I completely understand **that once they found him that** his daughter wanted a funeral. (*Guardian*, Feb 7, 2002, G2: 9, col. 2)

[Haegeman, 2012: 84]

Como o demonstra a agramaticalidade de (109), um argumento movido para a periferia esquerda não pode aparecer entre dois *that*, ao contrário do que se verifica, por exemplo, no espanhol, com os dois *que*. Assim, em (110a, b), exemplos do espanhol, os constituintes movidos integram uma construção de DEC e estão rodeados por duas instâncias de *que*. Note-se, a partir de (110b), que a dupla recomplementação está disponível no espanhol. Para além de constituintes topicalizados, o espanhol admite recomplementação com adjuntos, como se pode ver em (110c).

(109) \*I hope **that what their parents did for them that** they'll never forget.

[Haegeman, 2012: 84]

(110) a. Me contó **que a tu prima que** no le dan nada. (Villa-Garcia 2011: 1)

'Disse-me que à tua prima que não lhe dão nada.'

b. Dijo **que, el dinero, que a Juan, que** se lo mandaban por correo. (Villa-Garcia 2011: 2)

'Disse que o dinheiro, que ao João, que lho mandavam por correio.'

c. Dijo **que por culpa del viento que** no pudieron aterrizar. (Villa-Garcia 2011: 1)

'Disse que por causa do vento que não puderam aterrar.'

[Haegeman, 2012: 86]

Villa-Garcia (2011), fonte dos exemplos em (110), propõe, deste modo, que o segundo *que* das estruturas de recomplementação seja o núcleo de uma projeção TopP.

Em inglês, encontram-se também dados que sugerem que o segundo *that* das estruturas de recomplementação pode surgir sozinho, isto é, um adjunto pode surgir como primeiro constituinte na periferia esquerda, imediatamente seguido pela conjunção *that*:

- (111) a. *I don't think when you're that young **that** you think about tomorrow that deeply.* (Guardian, Aug 25, G2, 2003: 4, col. 2)
- b. *I do feel in Scotland now **that** teaching is a respected profession.* (Guardian Education, Oct 9, 2001: 12, col. 4)
- c. *Now quite frankly I don't believe even in South Africa **that** they believe that, and certainly the rest of the world won't believe that.* (Guardian, Jul 1, 2000: 6, col. 2)
- d. *I hope before then **that** Nolan will make something more unconventional, less pyrotechnic.* (Observer, Jul 27, 2008: 11, col. 6)
- e. *We hope in 2001 **that** we will be able to stop the rot and that we will see a decrease.* (Guardian, Jan 11, 2000: 2, col. 8)
- f. *I believe traditional newspapers have many years of life but, equally, I think in the future **that** newsprint and ink will be just one of many channels to our readers.* (Guardian, Mar 14, 2006: 10, col. 6)
- g. *I think because my parents' house had white walls, had art in it, **that** I attach importance to having a contemplative space which is slightly less invasive.* (Observer Magazine, Feb 20, 2005: 41, col. 3)

[Haegeman, 2012: 84]

Haegeman (2012) refere ainda a possibilidade de recomplementação com *if* e *whether* em virtude da frase que se segue:

- (112) *I wondered **if**, given the same circumstances, **whether** a man such as Bird would have gone on a similar rampage 60 years ago.* (Observer, Jun 6, 2010: 25, col. 3)

[Haegeman, 2012: 85]

Segundo a autora, no que toca ao francês, há variação nos juízos de gramaticalidade de frases com recomplementação. No geral, os informantes consultados parecem considerar a Recomplementação aceitável apenas na oralidade, por oposição à escrita. Parecem também favorecer estruturas em que é um adjunto – e não um argumento topicalizado – que se encontra entre os dois complementadores. Os exemplos em (113) mostram, então, adjuntos entre as duas instâncias de *que*, enquanto os exemplos em (114) mostram tópicos em DEC.

- (113) a.  $\sqrt{}$ /\**Je me souviens **que**, à l'époque de François Mitterrand, **que** la presse maintenait un silence respectueux par rapport à la vie privée du président de la république.*  
 'Lembro-me de que, na época de François Mitterrand, que a imprensa conservou um respeitável silêncio relativamente à vida privada do presidente da república.'
- b.  $\sqrt{}$ /\**Je pense **que**, quand il était jeune, **que** le directeur de cet institut a lui-même eu des problèmes.*  
 'Penso que, quando era novo, que o próprio diretor deste instituto teve problemas.'

- (114) a.  $??$ /\**Je me souviens **que**, de ces choses là, **que** personne n'oserait en parler.*  
 'Lembro-me de que, dessas coisas, que ninguém teria ousado falar.'

b. ??/\*J'accepte **que**, de ce genre de problèmes, **que** nous ne pourrons pas en discuter en public.  
'Concordo que, este tipo de problemas, que não podemos discuti-lo em público'

c. ??/\*Il a annoncé **que**, au dernier point de l'ordre du jour, **qu'il** y retournerait plus tard.  
'Anunciou que, ao último ponto da agenda, que voltava mais tarde.'

[Haegeman, 2012: 86-87]

À semelhança do inglês (cf. (111)), o francês apresenta frases em que um adjunto precede uma única conjunção, mas estas são consideradas pouco aceitáveis pelos informantes, a não ser em contexto oral:

(115) a. (?) *Je pense quand il était jeune, **que** le directeur de cet institut a eu des problèmes.*  
'Penso que, quando era novo, o diretor deste instituto teve problemas.'

b. (?) *J'espère quand les élections auront eu lieu, **que** l'économie mondiale se remettra de la crise financière.*  
'Espero que, quando as eleições tiverem tido lugar, a economia mundial recupere da crise financeira.'

[Haegeman, 2012: 87]

### 2.2.1. Motivação para uma projeção ModP?

Haegeman (2012: 89-90) cita Rizzi (2009) a propósito da proposta de uma projeção adicional para o sistema CP: ModP. Segundo a autora, Rizzi (2009) usa a Recomplementação do inglês como argumento para a existência dessa mesma projeção. Já em 2001, Rizzi argumentara a favor da ideia de que adjuntos e argumentos topicalizados não têm a mesma distribuição, reformulando, desta forma, a estrutura de CP proposta em 1997, que pressupunha a união de adjuntos e argumentos numa mesma projeção, TopP. Assim, a nova projeção Mod(ifier)P estaria dedicada aos adjuntos, encontrando-se antes da projeção mais baixa de TopP:

(116) ForceP > TopP\* > FocP > ModP\* > TopP\* > FinP (Rizzi 2001)

[Haegeman, 2012: 89]

Na mesma secção, Haegeman (2012), baseada em Benincà e Poletto (2004), propõe ainda uma outra projeção ModP especializada para adjuntos que funcionam como *scene-setters*, localizada antes do TopP mais alto:

(117) ForceP > ModP\* > TopP\* > FocP > ModP\* > TopP\* > FinP

[Haegeman, 2012: 89]

A Recomplementação do inglês seria, então, um argumento a favor de uma projeção ModP na medida em que só é compatível com adjuntos. No entanto, à luz da hipótese de

movimento e intervenção,<sup>40</sup> a autora conclui que não é necessária uma projeção específica para adjuntos periféricos se se tiver em conta que estes são alvo de Merge externo diretamente na periferia esquerda, ao contrário de constituintes topicalizados (no inglês), alvo de movimento e, assim, propícios a efeitos de intervenção. Ainda assim, não fica claro de que forma é que tal hipótese se aplica aos casos de duplo *that*.

Em relação ao francês, os juízos de aceitabilidade de frases são ainda pouco claros e, como tal, pouco conclusivos.

## **2.3. O que sabemos sobre o português europeu?**

A recomplementação está ainda pouco estudada no português europeu (PE), tendo sido brevemente mencionada em trabalhos com foco em outros temas, como é o caso de Raposo (1994,1996)<sup>41</sup>, Barbosa (2000, 2008) e Carrilho (2005). Mascarenhas (2015)<sup>42</sup>, por outro lado, dedicou um pequeno artigo a este tema, dando ao fenómeno o nome *Complementizer Doubling* (*C-Doubling*), enquanto Ribeiro e Torres Morais (2012) descreveram as estruturas em questão para o português antigo em comparação com o português do Brasil.

Neste sentido, reproduzir-se-á nesta secção aquilo que foi mencionado em alguns destes trabalhos, depois de uma exposição, com base em Duarte (2013), dos tipos de tópicos existentes no PE.

### **2.3.1. Construções de topicalização**

Tendo em conta que a topicalização está bastante ligada à recomplementação, como se pôde constatar pelos dados do espanhol e por uma das hipóteses colocadas na literatura – em que o segundo complementador é considerado marcador de tópico –, uma das questões que se colocam nesta dissertação é a seguinte:

- i) Quais as construções de topicalização que fazem parte das estruturas de recomplementação no PE?

Assim, torna-se pertinente, antes de mais, fazer uma breve descrição das construções com tópicos marcados que podemos encontrar no PE. De acordo com Duarte (2013), são cinco essas construções: Tópico Pendente, Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente, Deslocação à Esquerda Clítica, Topicalização e Topicalização Não Canónica.

#### **2.3.1.1. Tópico Pendente**

Os tópicos pendentes não desempenham nenhuma função sintática na frase, sendo a sua relação com a frase-comentário puramente semântica. No interior do comentário, como se pode ver nos exemplos que se seguem, não há nenhuma expressão que retome o tópico

---

<sup>40</sup> Hipótese apresentada no capítulo 5 de Haegeman (2012) e já abordada em 1.3. nesta dissertação.

<sup>41</sup> *Apud* Barbosa (2000).

<sup>42</sup> Versão minimamente alterada do manuscrito de 2007.



(destacado em *itálico*). Esta construção surge mais frequentemente em frases-raiz (cf. (119)), o que indica que é muito pouco provável que se encontrem tópicos pendentes em recomplementação, já que este é um fenómeno exclusivo a orações subordinadas.

- (118) a. Por falar em *férias*, alguém conhece um alojamento interessante em Caminha?  
b. *sobremesas*, como vê, temos laranjas. (CRPC, PF 41)

[Duarte, 2013: 409]

- (119) a. \*Perguntaram-me se, por falar em *férias*, alguém conhece um alojamento interessante em Caminha.  
b. ??Estou a afirmar-lhe que, *sobremesas*, como vê, temos laranjas.

[Duarte, 2013: 410]

### 2.3.1.2. Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente

Nas construções de Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente (DETP), o tópico é retomado no interior do comentário por um pronome pessoal ou demonstrativo (cf. (120)) ou por um epíteto (cf. (121)). O tópico é obrigatoriamente um sintagma nominal, independentemente da função sintática da expressão que o retoma no comentário.

- (120) a. *O João*, não sei quem possa simpatizar com ele.  
b. *Água de coco*, gosto imenso dela/disso.  
c. *O João*, a Maria afinal não lhe telefonou hoje.

[Duarte, 2013: 411]

- (121) a. *O João*, não sei quem possa simpatizar com esse anormal.  
b. *Água de coco*, gosto imenso desse néctar delicioso.

[Duarte, 2013: 410]

Segundo Duarte (2013), à semelhança das construções de Tópico Pendente, as construções de DETP ocorrem tipicamente em frases-raiz. No entanto, contrapartidas aos exemplos acima com orações subordinadas não parecem ter efeitos agramaticais ou tão estranhos como os de (119):<sup>43</sup>

- (122) a. Estava a dizer que *o João*, não sei quem possa simpatizar com ele/esse anormal.  
b. Comentei com o Luís que *água de coco*, gosto imenso dela/disso/desse néctar delicioso.  
c. Penso que *o João*, a Maria afinal não lhe telefonou hoje.

Em espanhol, como visto em 2.1.2., as construções de DETP podem surgir em orações subordinadas, mas parecem, nos casos em que tal acontece, vir obrigatoriamente em recomplementação:

---

<sup>43</sup> Este trata-se de um juízo pessoal que não exclui a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre esta construção em particular.

- (123) a. *\*Me dijo que el baloncesto, esse deporte le encanta.*  
 b. *Me dijo que el baloncesto, **que** esse deporte le encanta.*  
 ‘Ele/a disse-me que o basquetebol, que adora esse desporto.’

[Villa-García, 2012: 219]

Evidentemente, no caso do PE, havendo pouca produtividade de DETP em orações subordinadas, não se esperará encontrar muitos casos de recomplementação com esta construção, apesar de, à partida, não parecerem completamente inaceitáveis: Mascarenhas (2015), que fez testes de aceitabilidade que incluem DETP em recomplementação, considera possível esta combinação (cf. (124)).

- (124) a. Acho que, este livro, que a Ana não gostou dele.

[Mascarenhas, 2015: 5]

### 2.3.1.3. Deslocação à Esquerda Clítica

Nas construções de Deslocação à Esquerda Clítica (DEC), o tópico é sempre retomado por um pronome clítico no interior do comentário, pronome esse que pode ser acusativo, dativo, dativo de posse ou demonstrativo invariável, como ilustram os exemplos abaixo. Inversamente ao que acontece nas construções de DETP – nas quais o tópico só pode assumir a forma de um sintagma nominal – nas construções de DEC o tópico assume a forma que teria se ocorresse no comentário, i.e., poderia ocorrer no comentário com a mesma função sintática assumida pelo pronome que o retoma. Assim, enquanto em (126a) o tópico é um sintagma nominal retomado por um clítico dativo (construção de DETP), em (126b) o tópico é um sintagma preposicional retomado pelo mesmo clítico dativo (construção de DEC):

- (125) a. *Esses artigos, só os vou ler amanhã.*  
 b. *Ao João, a Maria também lhe telefonou.*  
 c. *À Maria, as lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo.*  
 d. *Amigo do seu amigo, o João é-o.*

[Duarte, 2013: 413]

- (126) a. *O João, a Maria ofereceu-lhe um livro no dia dos anos.*  
 b. *Ao João, a Maria ofereceu-lhe um livro no dia dos anos.*

[Duarte, 2013: 413]

Tal como no espanhol<sup>44</sup>, no português, as construções de DEC também contrastam com as de DETP em outro aspeto: enquanto as construções de DEC são sensíveis a ilhas, as construções de DETP não são. Assim, nos exemplos que se seguem, o tópico em DEC tentou mover-se para fora de uma ilha do DP complexo (cf. (127a)) e para fora de uma ilha de adjunto (cf. (127b)), com resultados agramaticais. As mesmas estruturas, mas com tópicos em DETP, são possíveis, como se vê em (128a e b).

<sup>44</sup> Cf. discussão em 2.1.2.4.

- (127) a. \**Ao João*, conheço a pessoa [que lhe ofereceu um livro nos anos].  
b. \**A este aluno*, todos os professores gostam dele [embora poucos lhe conheçam as qualidades].

- (128) a. *O João*, conheço a pessoa [que lhe ofereceu um livro nos anos].  
b. *Este aluno*, todos os professores gostam dele [embora poucos lhe conheçam as qualidades].  
[Duarte, 2013: 414]

A DEC é bastante frequente tanto em frases-raiz como em orações coordenadas (cf. (129a)) ou subordinadas finitas (cf. (129b)), pelo que, neste aspeto, é uma das construções com tópicos marcados que mais se espera encontrar em estruturas de recomplementação. De facto, Mascarenhas (2015) refere a possibilidade de haver objetos diretos ou indiretos entre complementadores, associados a um pronome resuntivo no comentário (cf. (130))<sup>45</sup>, enquanto Barbosa (2000) contrasta a possibilidade de recomplementação com DEC com a impossibilidade de recomplementação com constituintes quantificados.

- (129) a. *O João* ofereceu-me um livro, [mas *ao Pedro*, não lhe deu nada].  
b. Podes crer [que *a mim*, ninguém me contou essa versão da história].  
[Duarte, 2013: 415]

- (130) a. Acho que esse livro que a Ana já (o) leu.  
b. Disseram-me que ao João que o professor (lhe) deu um dezoito.  
[Mascarenhas, 2015: 4]

Duarte (2013) descreve, por fim, a iteratividade das construções de DEC: é possível encontrarmos mais do que um tópico numa mesma oração (cf. (131)).

- (131) a. *À Maria*, essa história, ainda ninguém lha tinha contado.  
b. *A nós*, essa novidade, o João só no-la deu agora mesmo.  
[Duarte, 2013: 416]

#### 2.3.1.4. Topicalização

Outra construção presente no português é a Topicalização, referente a casos em que o tópico não tem qualquer retoma no comentário, apesar de ser interpretado como um elemento interno a este, respeitando inclusivamente todas as propriedades de subcategorização e de seleção do verbo do comentário. Veja-se, assim, que, em (132), *A essa conferência* é interpretado como complemento do verbo *assistir*, parecendo ter-se movido dessa posição sem, no entanto, deixar «qualquer “resíduo” com realização lexical» (Duarte, 2013: 417).

---

<sup>45</sup> Como os parênteses em (130) indicam, a presença do pronome resuntivo é opcional, sendo que a sua ausência não afeta a gramaticalidade da frase. No entanto, em caso de ausência do pronome resuntivo, não estamos perante uma construção de DEC, mas uma construção de Topicalização, que será descrita mais adiante.

(132) *A essa conferência*, confesso que não assisti \_.

[Duarte, 2013: 416]

Esta construção partilha com a DEC a sensibilidade a ilhas, o que indica que há, de facto, movimento na Topicalização. Como se pode ver nos exemplos que se seguem, o tópico marcado tenta mover-se de dentro de uma subordinada relativa, em (133a), e de uma subordinada adverbial, em (133b), ambos sem sucesso:

(133) a. \**Piscina*, alguns amigos meus já foram à casa dela [que não tinha \_].

b. \**Nesse político*, os meus amigos ficam doentes [quando as pessoas não votam \_].

[Duarte, 2013: 417-418]

Também à semelhança da DEC, a Topicalização ocorre tanto em frases-raiz como internamente a orações coordenadas (cf. (134a)) e a orações subordinadas finitas (cf. (134b)), sendo, por isso, espectável a sua ocorrência em recomplementação – já reportada em Mascarenhas (2015), como se pôde ver pela opcionalidade do resuntivo nos exemplos (130), abaixo repetidos.

(134) a. A casa era ótima, mas *piscina*, não tinha \_.

b. Acho [que *piscina*, não tinha \_].

[Duarte, 2013: 418]

(135) a. Acho que esse livro que a Ana já (o) leu.

b. Disseram-me que ao João que o professor (lhe) deu um dezoito.

[Mascarenhas, 2015: 4]

Por fim, a iteratividade também é característica da Topicalização, podendo, então, haver mais do que um tópico por oração:

(136) *Dinheiro, ao João*, já ninguém ousa emprestar \_ \_.

[Duarte, 2013: 418]

### 2.3.1.5. Topicalização Não Canónica

A última construção com tópicos marcados descrita em Duarte (2013) é uma variante da Topicalização. Tal como nesta, na Topicalização Não Canónica, o tópico é interpretado como um elemento interno ao comentário. No entanto, neste caso, o tópico não respeita integralmente as propriedades de subcategorização do verbo. Em (137), por exemplo, os sintagmas nominais topicalizados são interpretados como complementos dos verbos *precisar* e *assistir*, apesar de estes selecionarem sintagmas preposicionados (introduzidos por *de* e *a*, respetivamente).



que introduzem um ponto de referência a respeito do qual toda a oração é predicada” (Barbosa, 2000: 68<sup>46</sup>) e os segundos se encontram numa posição dentro de TP/FocP.

- (141) a. Acho que amanhã que vai haver reunião.  
b. \*Acho que nunca/já que a vi.

[Barbosa, 2000: 68]

Também é referida pela autora a possibilidade de recomplementação com DPs sujeito, como se pode ver em (142a). Como demonstra (cf. (142b)), sujeitos quantificados também não são compatíveis com recomplementação.

- (142) a. Dizem que o partido que distribuiu esses panfletos a todos os militantes.  
b. \*Disseram-me que ninguém que apareceu ontem à noite.

[Barbosa, 2000: 71]

Barbosa (2000) descarta a possibilidade de Topicalização para casos como o de (142a), já que NPs reduzidos, que podem estar em Topicalização, mas não em DEC<sup>47</sup> (cf. (143)), não surgem entre complementadores se forem tópicos sujeito (cf. (144)). Assim, conclui que construções com tópicos sujeito devem ser apenas analisadas como construções de DEC, em que o pronome resuntivo é um *pro*.

- (143) a. Livros do Tintim, li *ec* ontem antes de adormecer.  
b. \*Livros do Tintim, li-os ontem antes de adormecer.

[Raposo, 1996, *apud* Barbosa, 2000: 71]

- (144) a. \*Disseram-me que livros do Tintim que andam baratos.  
b. Disseram-me que os livros do Tintim que andam muito baratos.

[Barbosa, 2000: 72]

Em Barbosa (2008), podemos ver resultados de uma rápida busca no *corpus* do Português Fundamental (PF). A autora constata que, curiosamente, são sujeitos e advérbios que surgem mais frequentemente entre complementadores (em 52 ocorrências há 39 com sujeitos, sendo as restantes expressões adverbiais). Os exemplos apresentados nesse trabalho são expostos de seguida:

#### *Recomplementação com sujeitos*

- (145) a. ele disse que *o pai* que tinha muitas coisas dessas lá em casa (PF 0032)  
b. acho que *uma pessoa* que deve desfrutar da vida o melhor que puder (PF 0130)  
c. eu julgo que *o senhor professor* que esteve no seminário (PF 0012)  
d. eu acho que *ele* que não tem é grande queda para estudar (PF 0012)

---

<sup>46</sup> Tradução minha.

<sup>47</sup> Constatado por Raposo 1996.

## Recomplementação com advérbios

- (146) a. dizem que *hoje* que é a melhor máquina que há aí (PF)  
b. nem disseram que *lá fora* que lhes disseram para não vir (PF)  
c. e ele diz que não, que *agora* que fica cá [ortot.txt, corpus do DCP (Dicionário de Combinatórias do Português), CRPF]

[Barbosa, 2008: 144]

## A colocação dos clíticos e os sujeitos pré-verbais nas LSN

Os contextos compatíveis com a recomplementação<sup>48</sup> que pudemos observar acima estão diretamente ligados aos padrões de colocação de clíticos no PE: enquanto os advérbios aspetuais e as expressões não referenciais quantificadas (ENRQ), incompatíveis com a recomplementação, são desencadeadores de próclise (cf. (147)), os advérbios de frase, a Topicalização e a DEC, compatíveis com a recomplementação, são contextos de ênclise (cf. (148)).

- (147) a. Nunca\já a vi/\*vi-a  
b. Nenhuma resposta me deram até hoje.

- (148) a. Amanhã vejo-a/\*a vejo  
b. Esse livro, dou-lhe/\*lhe dou

[Barbosa, 2000: 66,68]

O foco do trabalho de Barbosa (2000) está, pois, na colocação dos clíticos em frases finitas, sendo o seu objetivo, por um lado, chegar a uma generalização que descreva os contextos de ênclise e próclise no PE e, por outro, usar esses mesmos contextos para argumentar a favor da hipótese de que os sujeitos em Línguas de Sujeito Nulo (LSN) não se movem para spec-TP.<sup>49</sup>

De acordo com esta hipótese, a verdadeira posição do sujeito nas LSN é à direita do verbo, pelo que são apresentadas duas alternativas para as construções com aparente sujeito pré-verbal:

- (i) Quando o sujeito aparente é uma expressão referencial, é tratado como um tópico em DEC, tal como os tópicos sujeito em recomplementação descritos acima (cf. (142a) e (144b)). Estes têm um *pro* como pronome resuntivo, localizado na posição pós-verbal, tida como verdadeira posição de sujeito.
- (ii) Quando o sujeito é uma expressão não referencial e, por isso, incompatível com a DEC, é considerado alvo de movimento A-barra para uma posição entre TP e CP, como os objetos em (139).

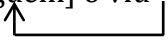
<sup>48</sup> Por “contextos compatíveis com a recomplementação” entenda-se contextos em que o constituinte em questão pode estar entre complementadores.

<sup>49</sup> Esta hipótese foi, segundo Barbosa (2008), defendida anteriormente em Rigau (1987), Vallduví (1990, 1992), Alexiadou/Anagnostopoulou (1998), Pollock (1997), Kato (1999) e estudos da própria autora (Barbosa, 1993, 1995, 1996, 2000, 2006).

A estas alternativas correspondem, respetivamente, a ênclise e a próclise. A estrutura de cada uma vem representada de seguida:

(149) a. [A Maria]<sub>i</sub> [CP/TP viu-o *pro*<sub>i</sub>]

b. [<sub>FP</sub> [Ninguém] o viu <sub>v</sub>]



[Barbosa, 2008: 142]

Desta forma, os contextos de ênclise e próclise ficam reduzidos a duas estruturas: uma em que há um constituinte em adjunção a CP/TP, podendo ser um advérbio de frase, um objeto em DEC/Topicalização ou um sujeito em DEC (padrão de ênclise), e outra em que há um constituinte pré-verbal dentro de CP, podendo ser um advérbio aspetual ou uma ENRQ (padrão de próclise).

Adicionalmente, sempre que o verbo se encontra em posição inicial absoluta, encontramos o padrão enclítico, enquanto em orações introduzidas por um complementador encontramos o padrão proclítico. As estruturas resultantes permitem, assim, chegar à seguinte generalização relativamente aos padrões de colocação de clíticos:

(150) Ênclise sse nenhum elemento com matriz fonética precede o complexo verbal no interior do CP mínimo que o contém (ou TP, sse CP não projeta). Próclise em todos os outros casos.

[Barbosa, 2008: 146]

### 2.3.3. Carrilho (2005)

O trabalho de Carrilho (2005) tem foco sobre as construções com expletivos – particularmente o expletivo *ele* –, bastante produtivas nas variedades não-padrão do PE (cf. (151)). A autora vem propor que os expletivos que encontramos no PE, ao contrário do que tem sido assumido, não devem ser tratados da mesma forma que os expletivos das línguas com sujeito obrigatoriamente realizado, como o inglês e o francês (cf. (152)).

(151) a. **Ele** {PH|nu= não} tem chovido nada. (CTL48)

[Carrilho, 2005: 271]

b. **Ele** era qualquer coisa assim. (AAL85)

[Carrilho, 2005: 287]

c. Mas, **ele** havia muita fome, naquele tempo. (VPA06)

[Carrilho, 2005: 276]

(152) a. **It** is snowing. / **Il** neige.

b. **It** is true that I like the snow. / **Il** est vrai que j'aime la neige.

c. **There** is too much snow on the roof. / **Il** y a trop de neige sur le toit.

[Carrilho, 2005: 1]



A análise, por parte de Carrilho, de um conjunto de dados do *Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN) resultou na distinção de três tipos de construções com expletivos: (i) construções impessoais<sup>50</sup>, nas quais o expletivo é um sujeito aparente (cf. (151)); (ii) diferentes tipos de configurações periféricas relacionadas com o discurso, nas quais o expletivo é obviamente periférico (cf. (153)), e (iii) construções nas quais o expletivo está em posição pós-verbal (cf. (154)).

(153) a. Que **ele** eu gosto de socorrer (...) as pessoas, homem! (COV23)

[Carrilho, 2005: 107]

b. **Ele** dão-lhe outro nome –[...]– mas é que eu não me lembro (do) nome dessa erva, agora. (AAL95)

[Carrilho, 2005: 117]

c. **Ele** agora já ninguém costuma cozer. (OUT32)

[Carrilho, 2005: 120]

d. Não, não, não. **Ele**, [HT a nós], também, o meu sabia-os matar e depois, ultimamente, até os matavam os outros. (OUT34)

[Carrilho, 2005: 126]

(154) Eu tinha (**ele**) um irmão, que trabalha de carpinteiro também (...). (PFT17)

[Carrilho, 2005: 147]

Em relação a estes expletivos, a autora defende que os tipos (i) e (ii) ocupam ambos uma posição alta na periferia esquerda, pelo que, em construções impessoais, o expletivo que pode surgir realizado é, na verdade, um expletivo periférico que coocorre com o sujeito expletivo nulo. Já o tipo (iii), o expletivo pós-verbal, apesar de também ele ser periférico, ocupa uma posição mais baixa na periferia esquerda.

Com base na proposta de Haegeman (2002), segundo a qual a projeção ForceP se divide em duas (SubP para hospedar complementadores, conjunções subordinadas ou pronomes relativos e ForceP para codificar a força ilocutória da frase)<sup>51</sup>, Carrilho (2005) propõe que o expletivo periférico/impessoal se insira em especificador de ForceP, tendo em conta o seu carácter enfático, ligado à força ilocutória, e os constituintes que pode anteceder, a saber: constituintes adverbiais, constituintes focalizados e diversos tipos de constituintes topicalizados. Relativamente ao *ele* pós-verbal, apresenta um comportamento mais adequado a uma posição de núcleo. Pode ser precedido por constituintes topicalizados e está exclusivamente ligado a um valor avaliativo. Assim, a autora propõe que seja o núcleo de uma projeção relacionada com o valor avaliativo/expressivo, EvalP. Considerando a natureza de

<sup>50</sup> A autora considera as seguintes construções como impessoais: construções com predicados impessoais, construções apresentativas, construções com extraposição de sujeito oracional e construções com extração do sujeito *qu-*. Note-se que todas estas construções incluem um sujeito expletivo obrigatório em línguas de sujeito não-nulo.

<sup>51</sup> Carrilho baseia-se numa primeira fase da proposta de Haegeman (2002), na qual ForceP se encontra entre SubP e TopP. Esta estrutura difere da apresentada em 1.3.2.1. para uma fase posterior da proposta devido a considerações sobre a integração de TopP e FocP num *Force Field*.

clítico do expletivo pós-verbal, haveria movimento do verbo, também para Eval (cf. Carrilho, 2005: 249).

### **Recomplementação**

Carrilho (2005) nota que os expletivos podem ocorrer entre duas instâncias de *que* nos dialetos do PE:

- (155) Mas olhe que eu, eu tenho a impressão (...) que **ele** que havia ainda lá disso. (AAL21)  
[Carrilho, 2005: 88]

Tal facto parece indicar que os expletivos em construções impessoais, como a de cima, demonstram comportamento de tópico (já que, geralmente, são tópicos que ocorrem em recomplementação). Se assumirmos que o expletivo nestas construções é o mesmo expletivo que surge em línguas de sujeito não-nulo, podemos considerar que, em frases como a de (155), *ele* é um sujeito expletivo realizado que se moveu para uma posição de tópico, tal como pode ser o caso de outros sujeitos em recomplementação (e.g. *A Maria disse que **a Ana** que não gosta de ler*). No entanto, não são apenas os expletivos de construções impessoais que surgem entre complementadores:

- (156) Mas se soubesse que **isto** (...) que não nos tiravam (...) o valor ao dinheiro ou assim qualquer coisa, [...] eu, agora, vendia algumas propriedades (...) (AAL27)  
[Carrilho, 2005: 160]

Em (156), a oração encaixada tem um sujeito nulo arbitrário na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, pelo que o pronome demonstrativo não pode ser o sujeito impessoal. Desta forma, tanto os expletivos impessoais como os expletivos “obviamente” periféricos podem ocorrer em recomplementação. Tal facto contribui, portanto, para a hipótese dada pela autora de que os expletivos dos tipos (i) e (ii) devem ocupar uma mesma posição na periferia esquerda, contrastando com o expletivo pós-verbal, que não pode ocorrer em recomplementação.

Uma outra construção semelhante à recomplementação é detetada por Carrilho (2005) e Betoni (2013). Trata-se de duas instâncias de *para* separadas por um constituinte que, como na recomplementação, pode ser um expletivo periférico.<sup>52</sup> Esta construção parece ser, no entanto, exclusiva do arquipélago dos Açores:

- (157) a. **Para** (ele) **para** dar a semente, **para** ele **para** a gente tirar a couvinha, tem que colher...  
(MIG01)  
[Carrilho, 2005: 244]

- b. Era cortar a cana **para** ele **para** limpar a terra, (...) para semear o tremço em Janeiro.  
(CRV57)  
[Betoni, 2013: 50]

---

<sup>52</sup> As autoras apresentam apenas dados de duplo *para* com expletivo periférico.

Carrilho (2005) faz referência ao duplo *para* durante a argumentação a favor da hipótese de que algumas orações adverbiais têm uma periferia esquerda (cf. Haegeman, 2002).<sup>53</sup>

Em ambas as ocorrências, o primeiro *para* introduz uma oração adverbial final infinitiva. De acordo com Brito (2003), a preposição *para* pode ser reanalisada como complementador quando introduz orações infinitivas, mas apenas se a oração for um complemento verbal, como no seguinte exemplo (cuja oração infinitiva é substituível por um clítico acusativo):

(158) Disse-lhe para vir jantar.

[Brito, 2003: 717]

Em adverbiais finais como as de (157), Brito (2003) assume, pois, que *para* é uma preposição. É, por isso, estranho encarar as construções de duplo *para* como construções de recomplementação, a não ser que sejam complementos:

(159) ?? Disse-lhe para, quando tiver fome, para vir jantar.

Por outro lado, é proposto em Magro (2005) que conetores tradicionalmente tidos como preposições possam corresponder a verdadeiras preposições ou a complementadores, sendo que os complementadores estariam associados à próclise e ao bloqueio da subida de clítico. De acordo com a autora, a dupla entrada lexical associada a cada um desses conetores (uma entrada como P e uma entrada como C) seria a causa da variação entre ênclise e próclise existente em orações infinitivas:

- (160) a. Fui a Lisboa para **o** ver.  
b. Fui a Lisboa para vê-**lo**.

Desta forma, o primeiro *para* em (157) poderia ser analisado como um complementador.

#### 2.3.4. Mascarenhas (2015)

Em Mascarenhas (2015) é feita uma descrição, com base em juízos de aceitabilidade por parte dos falantes, das construções de recomplementação do PE<sup>54,55</sup>, que, a seu ver, parecem

---

<sup>53</sup> Para mais detalhes sobre as adverbiais integradas e as adverbiais periféricas, cf. ponto 1.3.2. desta dissertação.

<sup>54</sup> *Complementizer Doubling*, nas palavras do autor.

<sup>55</sup> Segundo o autor, no PE, a recomplementação é uma característica da oralidade informal.

ter algumas propriedades que as distinguem das restantes línguas em que o fenómeno foi detetado.<sup>56</sup>

Entre essas propriedades está aquilo a que o autor chama “*C-tripling*”, uma espécie de dupla recomplementação em que mais um *que* surge na estrutura depois de um segundo tópico. De acordo com o autor, havendo material fonológico apropriado entre cada duas instâncias de *que*, não parece haver restrição relativamente ao número de “Cs redobrados”.<sup>57</sup> Na verdade, afirma que, para haver mais do que um tópico em recomplementação, cada um deles deve estar separado por um complementador (cf. (161)).

(161) a. ?\*Acho **que** amanhã(.) a Ana(.) **que** vai conseguir acabar o trabalho.

b. Acho **que** amanhã(?,) **que** a Ana(?,) **que** vai conseguir acabar o trabalho.

[Mascarenhas, 2015: 6]

De notar ainda que os informantes de Mascarenhas (2015) preferem a frase em (161b) sem quaisquer pausas depois de cada tópico, facto que o autor considera importante para a exclusão de hipóteses relacionadas com problemas de *performance*, como as hesitações.

Como vimos na secção sobre o espanhol (3.1.), Demonte & Soriano (2007/2009) negam a possibilidade de iteração do segundo *que*, comentando que, quando há mais do que um tópico na periferia esquerda, a segunda instância do complementador se encontra depois do último tópico (cf. (162)). Como também visto na mesma secção, o exemplo que Demonte & Soriano dão traz algumas dúvidas relativamente ao estatuto do último *que*. O verbo da oração principal tem um valor diretivo, pelo que o complementador em questão seria, nos termos de Villa-García (2012), um *que* jussivo/optativo a coocorrer com dois complementadores de recomplementação (cf. discussão em 2.1.1.1.). O autor apresenta várias sequências que os seus informantes consideram possíveis, incluindo, de facto, sequências com iteração de *que* de recomplementação (cf. (163)).

(162) *Te pido **que** a tu padre (\***que**) en este momento (\***que**) esa mentira (**que**) no se la digas.*

[Demonte & Soriano, 2009: 45]

(163) a. *Me dijeron **que** entonces, **que** a tu padre no lo van a llamar ni di coña.*

b. *Me dijeron **que** el billete, **que** entonces, a tu padre, no se lo van a enviar.*

[Villa-García, 2012: 27]

c. *Me dijeron **que** la madre de Ángel, **que** al perro, **que** no le da de comer.*

[Villa-García, 2012: 28]

Uma outra propriedade da recomplementação no PE detetada por Mascarenhas é a possibilidade de recomplementação com o complementador *se*, em interrogativas indiretas globais:

---

<sup>56</sup> É necessário ter em conta que o artigo de Mascarenhas foi elaborado em 2007 e minimamente alterado em 2015, pelo que, em relação às propriedades que aponta como exclusivas do PE, terá tido em conta apenas bibliografia existente até ao ano de 2007.

<sup>57</sup> No entanto, os dados de Mascarenhas também sugerem que construções com quatro complementadores são menos aceitáveis, apesar de sintaticamente possíveis.

(164) Não sei se o João **se** vai chegar a horas.

[Mascarenhas, 2015: 7]

De acordo com o autor, a recomplementação com *se* interrogativo foi considerada aceitável por um maior número de informantes relativamente à recomplementação com *que*. Também nestas construções apenas constituintes com propriedades de tópico podem estar entre as instâncias do complementador, como se pode ver pela agramaticalidade de (165), com um PP focalizado entre os dois *se*.

(165) \*Pergunto-me se À MARIA se o João deu um presente.

[Mascarenhas, 2015: 7]

Ao contrário do que o autor verificou para as construções com *que*, no entanto, os informantes pareceram ter dificuldades em aceitar dupla recomplementação com *se*, considerando-a pouco natural:

(166) a. ?Não sei **se** amanhã **se** o Pedro **se** consegue entregar o trabalho.

b. ?\*Não sei **se** amanhã o Pedro **se** consegue entregar o trabalho.

[Mascarenhas, 2015: 7,8]

Na verdade, como mencionado em 3.2., em inglês este tipo de construção parece ser possível com o par *if/whether*, mas apenas com adjuntos entre eles, como nos casos com *that*:

(167) *I wondered **if**, given the same circumstances, **whether** a man such as Bird would have gone on a similar rampage 60 years ago. (Observer, Jun 6, 2010: 25, col. 3)*

[Haegeman, 2012: 85]

Da mesma forma, no que respeita ao espanhol, a recomplementação com *si* foi mencionada em nota de rodapé por González i Planas (2011):

(168) *Dice mamá **si** a tu hermana **si** la llamarás. (Avellina Suñer, c.p.)*

[González i Planas, 2011: 5]

### ***Outras propriedades***

Mascarenhas (2015) corrobora o que foi mencionado por Barbosa (2000, 2008) e Raposo (1994, 1996) relativamente aos constituintes que podem surgir entre complementadores no PE: advérbios, tópicos-sujeito e objetos diretos e indiretos em DEC ou Topicalização são compatíveis com a recomplementação, enquanto constituintes focalizados/quantificados não o são. Para além destes, o autor diz ser possível recomplementação com orações adverbiais condicionais e constituintes em DETP:

- (169) a. Acho **que** se lhe ligasses **que** tudo se resolveria.  
 b. Acho **que**, este livro, **que** a Ana não gostou dele.

[Mascarenhas, 2015: 2, 5]

A incompatibilidade da recomplementação com constituintes quantificados é partilhada pelo espanhol (cf. Villa-García, 2012), mas, segundo Paoli (2006), o turinês e o liguriano, dialetos do italiano, permitem estruturas com constituintes quantificados entre complementadores:

- (170) *A Margaitin a pensa **che** quarchedun **ch'u** l'aggia avuu in bun vutu* (Liguriano)  
 'A Margarida pensa que alguém teve uma boa nota.'

[Paoli, 2006: 1068]

Outra diferença entre os dialetos do italiano mencionados e o PE e o espanhol é o facto de, no turinês e no liguriano, ser obrigatório o modo conjuntivo no verbo encaixado para haver recomplementação (cf. (171)), enquanto no PE e no espanhol a recomplementação é insensível ao modo do verbo encaixado (cf. (172)).<sup>58</sup> Por outro lado, o tipo de verbo da oração principal não influencia a possibilidade de recomplementação nos mesmos dialetos, enquanto em português, segundo Mascarenhas, não é claro se essa influência existe ou não. Os seus informantes parecem ter dificuldade em aceitar recomplementação com o verbo *lamentar* na oração principal, o que pode advir da combinação da natureza factiva com o conteúdo avaliativo – ambas propriedades do verbo em questão –, já que verbos factivos mas não avaliativos (e.g. *reparar*, *observar*) e verbos avaliativos mas não factivos não parecem influenciar a aceitabilidade das frases. Mascarenhas dá *esperar* como exemplo de um verbo com conteúdo avaliativo mas não factivo. Na literatura (Oliveira e Mendes, 2013; Marques, 2013), este verbo não é tido como a expressão de uma atitude avaliativa por parte do enunciador, mas antes como uma atitude de desejo/esperança. De qualquer forma, veja-se o contraste entre (172a) e (172b, c).

- (171) a. Verbo encaixado no indicativo:  
*\*U Gianni u disa **che** a Maria **ch'a** nu mangia de rainocce.* (Liguriano)  
 'O João diz que a Maria que não come sapos.'  
 b. Verbo encaixado no conjuntivo:  
*A Teeja a credda **che** a Maria **ch'a** parta* (Liguriano)  
 'A Teresa acredita que a Maria esteja a partir'

[Paoli, 2006: 1058, 1060]

- (172) a. ??Lamento **que** o Filipe **que** tenha chumbado no exame.  
 b. Reparei a semana passada **que** os miúdos **que** chegam sempre atrasados.  
 c. Espero **que** a Ana **que** traga o livro.

[Mascarenhas, 2015: 3]

<sup>58</sup> Ainda assim, no espanhol, o modo indicativo parece ser mais frequente, segundo Villa-García (2012).

Villa-García (2012) defende que, quando a frase apresenta um valor desiderativo ou exortativo/diretivo (em conjugação com o modo conjuntivo), o segundo *que* não é de recomplementação, pois apresenta propriedades distintas (cf. ponto 3.1.2.2). Demonte & Soriano (2007/2009) também o distinguem do *que* de recomplementação – sugerindo que se insere em Fin de forma a verificar o traço não interpretável de modo aí presente –, apesar de considerarem que esse complementador existe apenas em frases imperativas de 3ª pessoa, como as de (173) (cf. ponto 3.1.1.).

(173) a. **Que** lo haga(n).

b. Ordeno *que* esos árboles **que** los talen.

[Demonte & Soriano, 2009: 39, 40]

Se as propriedades que distinguem os dois tipos de complementador também se aplicarem ao PE, frases como a de (172c) – que apresenta um valor desiderativo – poderão, na verdade, não ser casos de recomplementação. Tal indicará que o verbo *esperar* – que vem, em casos como este, associado a um valor desiderativo – não pode ser usado como exemplo de um verbo de conteúdo avaliativo que aceita recomplementação. Neste sentido, é, por isso, possível que a natureza avaliativa do verbo da oração principal seja uma propriedade que inibe a recomplementação, o que poderá explicar a dificuldade que os informantes tiveram em aceitar recomplementação com o verbo *lamentar*. Da mesma forma, se o exemplo (172c) for, de facto, um caso de *que* jussivo/optativo, não pode ser usado para comprovar a compatibilidade da recomplementação com o modo conjuntivo. Essa compatibilidade é, por outro lado, demonstrada por Mascarenhas através da seguinte frase:

(174) Duvido **que** a Ana **que** goste de ópera.

[Mascarenhas, 2015: 3]

Já que os verbos *reparar/observar* (também verbos factivos) aceitam recomplementação, a resistência à recomplementação com o verbo *lamentar* pode, assim, advir de um destes fatores:

- (i) a natureza avaliativa de *lamentar* (como mencionado acima);
- (ii) a combinação de um verbo factivo com o modo conjuntivo, já que *reparar/observar* selecionam o modo indicativo.

Finalmente, em nota de rodapé, Mascarenhas comenta que a recomplementação também pode surgir em orações selecionadas por nomes e adjetivos predicativos:

(175) Tenho a certeza **que** a Maria **que** vai chegar a horas.

[Mascarenhas, 2015: 3 – nota 2]

De acordo com o autor, a inclusão da preposição *de* na frase acima torná-la-ia estranha, o que parece confirmar que a recomplementação tem um caráter predominantemente oral e coloquial:

(176) ??Tenho a certeza de que a Maria que vai chegar a horas.

### **Proposta apresentada**

Tal como sugerido por Rodríguez Ramalle (2003) e Villa-García (2012) para o espanhol, Mascarenhas propõe que o segundo complementador, seja ele *que* ou *se* interrogativo, ocupe a posição de núcleo da projeção TopP. O autor contrapõe esta proposta à de Paoli (2006) para o turinês e o liguriano, já que a recomplementação do PE apresenta propriedades distintas da destes dialetos do italiano. Assim, enquanto a proposta de colocação de *che*<sub>2</sub> em Fin é adequada para explicar a obrigatoriedade do modo conjuntivo no verbo encaixado e a possibilidade de haver constituintes quantificados entre complementadores, a proposta de *que/se* em Top permite explicar:

- (i) a falta de sensibilidade da recomplementação do PE ao modo do verbo encaixado;
- (ii) a impossibilidade de recomplementação com constituintes quantificados/focalizados;
- (iii) a possibilidade de haver dupla recomplementação.

A hipótese seguida por Mascarenhas resume-se, assim, à seguinte representação:

(177) a. Acho **que** amanhã **que** a Ana **que** vai ao cinema.

b. Acho [ForceP [Force' [Force que] [TopP [AdvP amanhã] [Top' [Top que] [TopP [DP a Ana] [Top' [Top que] [...]]]]]]]]

### **2.3.5. Ribeiro e Torres Morais (2012)**

Ribeiro e Torres Morais (2012) fazem uma comparação entre o português antigo (PA) e o português do Brasil (PB) no que toca ao sistema de CP e, particularmente, às construções de recomplementação, seguindo as propostas de Rizzi (1997), Benincà e Poletto (2004) e Roberts (2004). A análise do PA parte de dados de diversas fontes, entre elas a *Crónica de D. Pedro*, *A Demanda do Santo Graal* e a *Carta de Pero Vaz de Caminha*.

Os dados que as autoras apresentam com respeito à recomplementação no PA incluem, entre os dois *que*, objetos em DEC (cf. (178a, b, c)), tópicos sujeito (cf. (178d, e)) e advérbios (cf. (178f)).

(178) a. e rogamo-vos **que** essas joyas que ella leixou **que** as mandees dar ao dito Joham Fernandez  
(*Crónica de D. Pedro*, séc. xv)

b. E pero non he pera creer – diz San Gregorio – **que** o bõo logar a que o ja levaron **que** o perdesse  
(*A Demanda do Santo Graal*, séc. XIII)



c. ca lhi semelhava **que** quanto triigo despendera per todo o ano **que** ali o viia ajuntado (*A Demanda do Santo Graal*, séc. XIII)

d. e o abade San Beento dizendo o contrairo **que** Deus **que** o fezera por el (*A Demanda do Santo Graal*, séc. XIII)

e. mandou-lhi dizer **que** el **que** o ia ver (*A Demanda do Santo Graal*, séc. XIII)

f. deffendemus firmemête **que** daqui adeante **que** nenhũ seya ousado de coller nẽ de midir ome pan que teue na eyra senõ desta guysa (*Foro Real*, séc. XIII)

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 107-109]

Importa aqui referir, contudo, que, se tivermos em conta a distinção que Villa-García (2012) faz entre *que* de recomplementação e *que* jussivo/optativo (cf. ponto 3.1.2.2.), devemos considerar que os dados em (178a) e (178f) não são casos de recomplementação, mas casos com *que* jussivo/optativo, dado o valor diretivo das frases.

### ***Proposta apresentada***

Para começar, as autoras assumem que o PA apresenta propriedades de língua V2. Seguindo a ideia de que o fenómeno V2 tem por base o requisito de que Fin seja fonologicamente realizado (Roberts, 2004), consideram que o segundo *que* da recomplementação (a que chamam “*que*<sub>2</sub>”) é usado como uma de três estratégias para satisfazer esse requisito em subordinadas completivas. Essas estratégias serão expostas de seguida.

#### ***I. Movimento de que<sub>1</sub> de Fin para Force***

Esta estratégia opera quando o campo de Tópico e o campo de Foco não estão ativados (i.e. quando não há constituintes topicalizados/focalizados na periferia esquerda):

(179) a. mandou **que** o non dissessen a nengũ (*A Demanda do Santo Graal*, séc. XIII)

b. que diga **que** llj eu Algluna cousa diuía (Martins, 2002: 244; 1275)

c. nõ possamos negar (...) **que** as del nõ Recebemos (Martins, 1994: 179)

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 103]

Nestes casos, as autoras admitem duas possíveis estruturas: uma em que Force ou Fin é realizado como um núcleo sincrético, no qual se insere o complementador, e outra em que o complementador se gera em Fin e é alvo de movimento para Force. Ambas as estruturas são representadas de seguida.

(180) a. [<sub>Force/FinP</sub> **que** [<sub>IP</sub> ]]

b. [<sub>ForceP</sub> **que**<sub>i</sub> [<sub>FinP</sub> **que**<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> ...]]]

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 104]

## II. Movimento de V para Fin

Assumindo que constituintes tidos como Tema podem mover-se para especificador de FinP quando o campo de Foco não está ativado, as autoras defendem que, nestes casos, o verbo encaixado é atraído para Fin, o que também acontece em orações principais. Tal tem como resultado a ordem Tema V (S) ou a ordem S V, se o sujeito corresponder ao tema. Os seguintes dados são facultados como exemplo:

(181) a. disse-lhis [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>FinP</sub> **taaes costumes** aviam [<sub>IP</sub> eles que non poderian conviir con os seus]]] (A Demanda do Santo Graal, séc. XIII)

b. E porque o abade sabia [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>FinP</sub> **os homens da terra** o honravan [<sub>IP</sub> muito]]] (A Demanda do Santo Graal, séc. XIII)

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 104-105]

Quando o campo de Foco é ativado, o verbo move-se de Fin para Foc de modo a verificar os traços aí presentes, desencadeando a ordem Foco V (S):

(182) a. a min semelha [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>FocP</sub> **en vãão<sub>i</sub>** cuidava] [<sub>FinP</sub> *t<sub>i</sub>* *t<sub>verb</sub>*] [<sub>IP</sub> eu *t<sub>verb</sub>* *t<sub>i</sub>* que en terra de Italia non avia padres santos que fezessen miragres e maravilhas]] (A Demanda do Santo Graal, séc. XIII)

b. osmo [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>FocP</sub> **ante<sub>i</sub>** se acabaria] [<sub>FinP</sub> *t<sub>i</sub>* *t<sub>cl+verb</sub>*] [<sub>IP</sub> o dia *t<sub>cl+verb</sub>* [*t<sub>i</sub>* que] eu leixasse de contar o que...]] (A Demanda do Santo Graal, séc. XIII)

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 105]

## III. Merge de que em Fin

Quando há um constituinte no campo de Tópico, as autoras apresentam duas estruturas possíveis. A primeira está reservada para quando também há um constituinte em FocP, sendo que o verbo se move primeiro para Fin e depois para Foc, como também mencionado na estratégia II (cf. (183a)). A segunda é para quando o campo de Foco não está ativado: nestes casos, há movimento do verbo apenas para Fin e o especificador de FinP é ocupado por um operador nulo discursivo (cf. (183b)).

(183) a. ca temia o santo bispo [<sub>ForceP</sub> **que<sub>1</sub>**, [<sub>Frame/TopP</sub> se os homens soubessen aquilo que acaecera,] [<sub>FocP</sub> tanta vãã gloria lhi creceria [<sub>FinP</sub> **tdp t<sub>v</sub>**] [<sub>IP</sub> en seu coraçon quanto louvor...]] (A Demanda do Santo Graal, séc. XIII)

b. Ca diz San Joane no seu Evangelho **que<sub>1</sub>** [<sub>FrameP</sub> todos aqueles que Jesu Cristo receberam e creeron que era filho de Deus], [<sub>FinP</sub> OP deu [<sub>IP</sub> -lhis el poderio]] (A Demanda do Santo Graal, séc. XIII)

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 106-107]

Ribeiro e Torres Morais assumem também ser possível que constituintes topicalizados sejam alvo de *Merge* em especificador de FinP, apenas quando o campo de Foco não está

ativado. No entanto, nesses casos, o verbo não se pode mover para Fin (tal como não se poderia mover para Top, por este não ser um núcleo *V-related*), pelo que a inserção de *que*<sub>2</sub> em Fin é uma estratégia de último recurso, de modo a satisfazer o requisito de que Fin seja fonologicamente realizado. Assim, os casos de recomplementação no PA seriam casos em que um tópico se encontra em Spec,FinP, obrigando a que um segundo complementador se realize em Fin. Veja-se, a título de exemplo, as representações correspondentes a (178b) e (178e):

(184) a. E pero non he pera creer – diz San Gregorio – [<sub>ForceP</sub> **que**<sub>1</sub> [<sub>FinP</sub> [<sub>LD</sub> o bõõ logar a que o já levaron] [<sub>Fin'</sub> **que**<sub>2</sub>]]] [<sub>IP</sub> o perdesse] (A Demanda do Santo Graal, séc. XIII)

b. mandou-lhi dizer [<sub>ForceP</sub> **que**<sub>1</sub> [<sub>FinP</sub> el **que**<sub>2</sub>] [<sub>IP</sub> o ia ver]] (A Demanda do Santo Graal, séc. XIII)  
[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 107-108]

### ***Português do Brasil (PB)***

Relativamente ao PB, Ribeiro e Torres Morais apresentam versões de alguns dos exemplos reunidos para o PA (cf. (185)), baseando-se na sua intuição enquanto falantes. No PB, à semelhança do português europeu (PE), a recomplementação é usada na oralidade. De acordo com os seus julgamentos, para além de poder haver constituintes topicalizados entre duas instâncias de *que*, também pode haver constituintes focalizados.

(185) a. e pedimos a vocês **que** essas jóias que ela deixou **que** (vocês) mandem dar elas aos filhos legítimos.

b. defendemos firmemente **que** de agora em diante **que** ninguém seja ousado de recolher impostos sem autorização do governo.

c. e dizia **que** se não enviassem um médico **que** (ela) morreria logo/logo morreria.

d. e dizia **que** quando João chegasse **que** (eles) iriam ao cinema.

e. e diziam **que** (a/pra) todos aqueles que acreditaram em Jesus Cristo **que** Deus lhes deu a/pra eles grande poder.

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 110-111]

As autoras propõem que, à semelhança do PA, *que*<sub>2</sub>, nas frases acima, se insira em Fin; contudo, os constituintes topicalizados não são alvo de *Merge* em Spec,FinP, mas em TopP (sendo o núcleo Top preenchido por um complementador nulo). Inversamente ao que Villa-García observou para o espanhol, as autoras consideram que não há uma relação especificador-núcleo entre os tópicos e o complementador porque pode haver parentéticas entre eles:

(186) e dizia [<sub>ForceP</sub> **que**<sub>1</sub> [<sub>FrameP</sub> quando o João chegasse Ø], [<sub>Paranth.</sub> *segundo o que Maria disse*], [<sub>FinP</sub> **que**<sub>2</sub> eles iriam ao cinema]]

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 111-112]

Curiosamente, as autoras defendem a existência de mais dois tipos de *que* no PB: *que*<sub>3</sub><sup>59</sup> seria aquele que manteria a relação especificador-núcleo com o tópico, localizando-se em Top; *que*<sub>4</sub> seria o núcleo opcional de FocP (cf. (187)).

(187) a. João disse [<sub>ForceP</sub> **que**<sub>1</sub> [<sub>TopP</sub> (a) Ana **que**<sub>3</sub>/ Ø] [<sub>XP</sub> *segundo Maria*] [<sub>FinP</sub> **que**<sub>2</sub> [<sub>IP</sub> ela vai acabar o trabalho amanhã]]]

b. João disse [<sub>ForceP</sub> **que**<sub>1</sub> [<sub>FocP</sub> (a) ANA **que**<sub>4</sub>/ Ø] [<sub>XP</sub> *segundo Maria*] [<sub>FinP</sub> **que**<sub>2</sub> [<sub>IP</sub> pro vai acabar o trabalho amanhã]]]

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 113]

Quando não há material fonológico entre *que*<sub>3</sub>/*que*<sub>4</sub> e *que*<sub>2</sub>, apenas o segundo é realizado, sendo o núcleo de TopP/FocP preenchido pelo complementador Ø de modo a evitar a repetição de morfemas:

(188) a. \*João disse [<sub>ForceP</sub> **que**<sub>1</sub> [<sub>TopP/FocP</sub> (a) Ana **que**<sub>4/3</sub>] [<sub>FinP</sub> **que**<sub>2</sub> [<sub>IP</sub> (ela) vai conseguir acabar o trabalho]]]

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 114]

b. João disse [<sub>ForceP</sub> **que**<sub>1</sub> [<sub>TopP/FocP</sub> (a) Ana Ø] [<sub>FinP</sub> **que**<sub>2</sub> [<sub>IP</sub> (ela) vai conseguir acabar o trabalho]]]

Fazendo referência à possibilidade de dupla recomplementação no PE, Ribeiro e Torres Morais observam que, em frases como a de (189a) – retirada e adaptada de Mascarenhas (2007/2015) –, o segundo constituinte entre as instâncias de *que* seria mais facilmente compreendido como constituinte focalizado no PB. Apenas poderia ser considerado como tópico se houvesse um pronome resuntivo na oração encaixada, como em (189b).

(189) a. João disse **que** ontem **que** Ana **que** foi ao cinema (e não Maria/\*e não ao teatro).

b. João disse **que** ontem **que** Ana **que** ela foi ao cinema (e não ao teatro/\*e não Maria).

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 113]

As autoras mostram, assim, que sempre tem havido recomplementação na gramática do português, fazendo ainda referência a dados do PE do século XVII (cf. (190a)) e dados da escrita de descendentes africanos no Brasil (cf. (190b)). De acordo com a sua proposta, a recomplementação teve, pois, uma evolução diacrônica, sendo que, no PA, competia com a estratégia de movimento do verbo para Fin e no PB e no PE compete com o morfema Ø, já que nestas línguas não há o requisito de que Fin seja fonologicamente realizado (por movimento do verbo). Veja-se a representação destas diferenças em (191).

(190) a. diz q. deus q. não pode perdoar pecados... (Marquilhas, 1996; Anexos III, Documento IV – 1617-1620)

b. o depois o Prezidente disse **que** o sunsuro que ocorese **que** elle não tinha curpa. (1862)

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 115]

<sup>59</sup> Relativamente ao *que*<sub>3</sub>, marcador de tópico, as autoras mencionam que também existe no PA.

(191) PA: [ForceP [Force que<sub>1</sub>] [Frame/TopP [Top que<sub>3</sub>/Ø] [FocP [Foc V] [FinP [Fin V/que<sub>2</sub>]]]]]

PB: [ForceP [Force que<sub>1</sub>] [Frame/TopP [Top que<sub>3</sub>/Ø] [FocP [Foc que<sub>4</sub>/Ø] [FinP [Fin que<sub>2</sub>/Ø]]]]]

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 116]

### 3. Conclusão do Capítulo

Neste capítulo procurei, primeiro, explorar um pouco a teoria por detrás das principais propostas de representação das estruturas de recomplementação. Tais propostas pressupõem, portanto, a existência de uma periferia esquerda dividida em várias projeções funcionais, em conformidade com Rizzi (1997). A argumentação a favor de uma perspectiva cartográfica foi exposta na primeira secção, com base em Rizzi (1997) e Haegeman (2012), centrando-se principalmente em fenómenos de ordem de palavras. Também na primeira secção, foram apresentadas propostas subsequentes dentro da mesma perspetiva, envolvendo efeitos de intervenção e movimento de constituintes como uma tentativa de explicar, por um lado, diferenças entre línguas no que toca a conteúdo periférico (i.e. diferenças entre a Topicalização do inglês, os adjuntos do inglês e a DEC das línguas românicas) e, por outro, diferenças entre tipos de orações (i.e. adverbiais periféricas vs. adverbiais integradas).

Na segunda secção, para além da descrição das propriedades da Recomplementação em línguas como o espanhol, o francês e o inglês, foram mencionadas propostas para a representação do fenómeno. Enquanto a posição estrutural da primeira instância do complementador não parece gerar discussão – sendo unanimemente colocada no núcleo de ForceP – o mesmo não se pode dizer da segunda instância, para a qual foram propostas as posições de núcleo de FinP, TopP, ForceP (duplicado) e ModP.

No que toca ao PE, as propriedades que se puderam reter dos estudos de Barbosa (2000, 2008) e Mascarenhas (2015) alinham-se, na sua generalidade, com as propriedades da Recomplementação do espanhol, no sentido em que constituintes com valor de tópico, incluindo adjuntos, podem estar entre conetores, ao contrário de constituintes com valor de foco, incluindo constituintes quantificados. Mascarenhas mencionou ainda uma nova possibilidade para o PE, nomeadamente a Recomplementação com o complementador *se* interrogativo. Do estudo de Carrilho (2005) pudemos retirar a combinação da Recomplementação com o uso de pronomes expletivos periféricos – que se podem encontrar entre conetores – e com as adverbiais finais – i.e. casos de duplo *para*. Já Ribeiro e Torres Morais (2012) demonstraram que a Recomplementação também esteve presente no português antigo. Quanto a propostas relativas à representação da estrutura, Mascarenhas adotou a proposta de Top para o segundo complementador.

Como se viu tanto na primeira como na segunda secção – mais especificamente na proposta de Haegeman (2012) e na discussão de Villa-García (2012) relativa ao espanhol – os testes de movimento de constituintes revelam-se eficazes para compreender o funcionamento de um fenómeno periférico, e a Recomplementação como um desses fenómenos não parece ser

diferente. Contudo, um primeiro trabalho de consolidação das propriedades da Recomplementação baseado em dados empíricos é um passo anterior mas necessário para um melhor entendimento da estrutura. É neste sentido que, na presente dissertação – e particularmente no Capítulo II – se pretende apenas testar as principais características mencionadas para o PE com a recolha e tratamento de dados de *corpora*. Embora sejam tidas em conta eventuais ocorrências que demonstrem, por exemplo, movimento de constituintes a longa distância combinados com estruturas de recomplementação, não é esperado que estas surjam em número suficiente para se chegar a uma conclusão.

## CAPÍTULO II – OS DADOS

### 0. Introdução

#### 0.1. Hipóteses a confirmar/infirmar

Vista, no Capítulo I, alguma da literatura existente para o fenómeno da Recomplementação – tanto no português europeu (PE) como em outras línguas – muitas são as hipóteses a retirar da mesma. Neste capítulo, relativo aos dados, pretende-se confirmar ou infirmar pelo menos algumas dessas hipóteses no contexto do PE através da recolha e análise de dados de *corpora*. Em adição a essas hipóteses estarão as minhas, não encontradas na literatura. Esta subsecção serve, assim, o propósito de listar as hipóteses que espero conseguir confirmar/infirmar com a recolha dos dados. Atente-se assim, na seguinte tabela:

Tabela 1 - Hipóteses sobre o PE a confirmar/infirmar pela recolha e análise de dados

	Hipótese		Fonte
1	A Recomplementação é uma característica do PE oral e informal.		Mascarenhas (2015)
2	A Recomplementação é um fenómeno produtivo.		
3	A Recomplementação não é um fenómeno dialetal, encontrando-se por todo o país.		
4	Entre complementadores podemos encontrar:	a) constituintes em DEC	Raposo (1994, 1996), Barbosa (2000, 2008), Mascarenhas (2015)
		b) constituintes em Topicalização	Mascarenhas (2015)
		c) constituintes em DETP	Mascarenhas (2015)
		d) advérbios	Barbosa (2000, 2008), Mascarenhas (2015)
		e) pronomes expletivos periféricos	Carrilho (2005)
		f) tópicos sujeito	Barbosa (2000, 2008), Mascarenhas (2015)
		g) orações subordinadas adverbiais condicionais <sup>60</sup>	Mascarenhas (2015)
5	Entre complementadores não podemos encontrar:	a) constituintes quantificados	Barbosa (2000, 2008), Mascarenhas (2015)
		b) constituintes focalizados	Mascarenhas (2015)
		c) advérbios aspetuais/de negação	Barbosa (2000, 2008)
		d) NPs reduzidos com função de sujeito	Barbosa (2000, 2008)
6	Não pode haver mais do que um constituinte entre complementadores		Mascarenhas (2015)
7	Existe recomplementação:	a) dupla	Mascarenhas (2015)
		b) tripla	
8	Existe recomplementação subordinada a:	a) nomes	Mascarenhas (2015)
		b) adjetivos	
9	Existe recomplementação:	a) com o complementador interrogativo <i>se</i>	Mascarenhas (2015)
		b) com a preposição <i>para</i>	Carrilho (2005), Betoni (2013)
		c) com a conjunção condicional <i>se</i>	

<sup>60</sup> Apesar de Mascarenhas (2015) só fazer referência às adverbiais condicionais, acredito que outros tipos de orações adverbiais – incluindo adverbiais gerundivas e participiais – se podem encontrar entre complementadores, pelo que terei atenção a essa possibilidade durante a recolha.

Na tabela acima, podemos ver as afirmações que pretendo testar através da recolha e análise de dados, com a(s) fonte(s) correspondente(s) na coluna da direita. As quatro hipóteses para as quais não há fonte correspondem às que foram elaboradas por mim, e passarei seguidamente a explicar o contexto em que surgiram.

Quanto à Hipótese 2, mesmo tendo em conta a hipótese de que a Recomplementação é predominantemente oral e de uso em contexto informal (cf. Hipótese 1), considero relevante termos uma informação geral sobre a percentagem de uso nesses contextos.

Em relação à Hipótese 3, sendo um dos *corpora* escolhidos para recolha de dados o CORDIAL-SIN, considere relevante usar a informação sobre a localidade de origem dos enunciados para tentar perceber se a Recomplementação se encontra por todo o país ou se é restrita a determinadas áreas dialetais.

Finalmente, a Hipótese 9 c) surgiu aquando da recolha de dados de recomplementação com *se* interrogativo do *subcorpus* escrito do CRPC<sup>61</sup>, sendo que entre esses dados encontrei três ocorrências de recomplementação em que o *se* não era interrogativo, mas condicional (cf. (1)).

(1) E se os senhores se vêm aqui reclamar [...] de defenderem os interesses dos emigrantes posso dizer-vos que não têm credibilidade entre os emigrantes. (CRPC-A163260 – Política)

## 0.2. Organização do capítulo

O CAPÍTULO II organiza-se da seguinte forma: em primeiro lugar (secção 1.), apresento a metodologia por detrás da recolha dos dados a serem analisados, incluindo uma breve apresentação dos *corpora* escolhidos (o CRPC, o Português Fundamental e o CORDIAL-SIN), uma descrição do processo de recolha e seleção dos dados relevantes para cada um dos *corpora* e algumas notas sobre a organização dos anexos e a contabilização das ocorrências para efeitos de percentagem; em segundo lugar (secção 2.), faço uma análise dos dados obtidos, tentando com ela responder às hipóteses expostas na Tabela 1; em terceiro e último lugar (secção 3.), apresento uma síntese e discussão dos resultados, tentando mostrar como os dados obtidos contribuem para uma melhor compreensão da estrutura e da sua representação.

## 1. Metodologia

### 1.1. Apresentação dos *corpora* envolvidos

#### 1.1.1. Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC)

O *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC) é um dos *corpora* usados nesta dissertação para a recolha de dados de Recomplementação. É um *corpus* eletrónico que

---

<sup>61</sup> Como explicarei mais à frente, a recolha do CRPC foi feita para um trabalho prévio à dissertação.



reúne 309,8 milhões de palavras de textos escritos e 1,6 milhões de palavras de transcrições de gravações. É constituído na sua maioria por textos na variedade europeia do português, mas também abrange outras variedades nacionais (o português do Brasil e de países da África e da Ásia).

O *subcorpus* escrito do CRPC é constituído por vários tipos de texto, entre os quais o literário, o jornalístico e o técnico, sessões parlamentares, folhetos e decisões do Supremo Tribunal de Justiça. O *subcorpus* oral contém discurso formal e informal, com vários tipos de interação, como monólogos, conversas, telefonemas, leituras e homilias. Os textos que constituem o *corpus* são maioritariamente posteriores a 1970, havendo, ainda assim, textos da segunda metade do século XIX.

Sendo um projeto do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), o CRPC começou em 1988, no seguimento da compilação do *corpus* oral Português Fundamental (PF). Enquanto o *subcorpus* escrito do CRPC se encontra disponível para pesquisas *online* através da interface CQPWeb (contendo várias opções de pesquisa), o *subcorpus* oral PF tem uma amostragem de transcrições ortográficas publicada em 1987 e disponível para *download*. Outros *subcorpora* do CRPC encontram-se disponíveis no Catálogo ELRA<sup>62</sup> ou em CD-Rom.

#### **1.1.1.1. Português Fundamental (PF)**

O PF é um projeto que começou em 1970. Dentro deste projeto foram constituídos dois *corpora* com o objetivo de se reunir informação sobre o vocabulário português mais usado no quotidiano: o *Corpus* de Frequência e o *Corpus* de Disponibilidade. O primeiro, recolhido entre 1970 e 1974, é constituído por 1400 excertos (num total de 700.00 palavras) transcritos de 1800 gravações de comunicação oral espontânea, com falantes de diversas faixas etárias, estratos sociais e ocupações profissionais. O segundo, também recolhido entre 1970 e 1974, mas com um Inquérito Complementar em 1980, teve como objetivo reunir vocabulário com menor probabilidade de ocorrência no *corpus* oral. Foram feitos inquéritos dirigidos através do preenchimento de boletins, cada um com um tema diferente, obtendo-se um *corpus* de 481.800 palavras temáticas. O Vocabulário do Português Fundamental, publicado em 1984, é o resultado da análise dos dois *corpora*. Mais tarde, em 1987, foram publicados mais dois volumes que, entre outros conteúdos, apresentam uma amostragem com 106 488 palavras das transcrições ortográficas realizadas para o *Corpus* de Frequência. Estas estão disponíveis para *download* e foram utilizadas para a recolha de dados nesta dissertação.

A escolha do CRPC como um dos *corpora* alvo da recolha de dados de Recomplementação foi inicialmente feita com base na familiaridade (ainda que pouca) com a forma de pesquisa do *subcorpus* escrito, familiaridade essa obtida através da realização de trabalhos prévios. Como a Recomplementação tem sido descrita como um fenómeno predominantemente oral, a recolha de dados estendeu-se ao PF, o que permitiria confirmar ou infirmar essa ideia, com base no número de ocorrências obtidas em cada *subcorpus*. A

---

<sup>62</sup> European Language Resources Association (online em: <http://portal.elda.org/en/catalogues/catalogue-language-resources/>).

difficuldade em obter dados de relevância no *subcorpus* escrito não me permitiu, no entanto, tirar conclusões.

### 1.1.2. Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN)

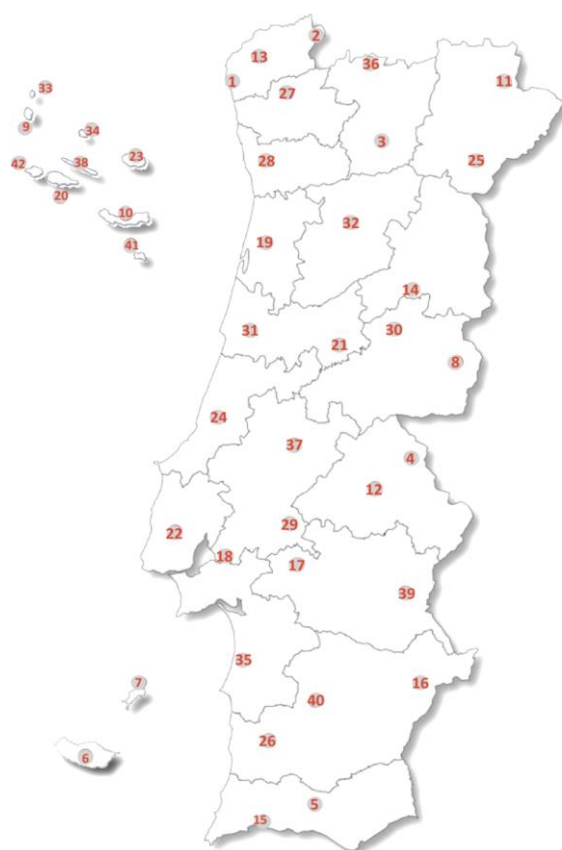
Para além da pesquisa no CRPC, foi feita uma recolha de dados do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN). Este *corpus*, em elaboração desde o ano 2000, compreende transcrições de fragmentos de fala espontânea ou semi-dirigida de informantes idosos, pouco escolarizados e naturais das localidades alvo do inquérito dialetal. As gravações que estão na origem dos excertos selecionados foram realizadas entre 1974 e 2004, no âmbito de projetos do Grupo de Dialetologia do CLUL anteriores ao CORDIAL-SIN – entre os quais o *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG), o *Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP) e o *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (ALEAç).

O CORDIAL-SIN reúne à volta de 600.000 palavras e abrange 42 localidades do território português, incluindo os arquipélagos da Madeira e dos Açores. Essas localidades apresentam-se na tabela e no mapa que se seguem.

Tabela 2 - Pontos contemplados no CORDIAL-SIN

	Código	Localidade
1	VPA	Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo)
2	CTL	Castro Laboreiro (Viana do Castelo)
3	PFT	Perafita (Vila Real)
4	AAL	Cast.Vide, Porto da Esp., S. Salv. Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre)
5	PAL	Porches, Alte (Faro)
6	CLC	Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal)
7	PST	Camacha, Tanque (Funchal)
8	MST	Monsanto (Castelo Branco)
9	FLF	Fajãzinha (Horta)
10	MIG	Ponta Garça (Ponta Delgada)
11	OUT	Outeiro (Bragança)
12	CBV	Cabeço de Vide (Portalegre)
13	MIN	Arcos de Valdevez, Bade, S. Lourenço da Montaria (Viana do Castelo)
14	FIG	Figueiró da Serra (Guarda)
15	ALV	Alvor (Faro)
16	SRP	Serpa (Beja)
17	LVR	Lavre (Évora)
18	ALC	Alcochete (Setúbal)
19	COV	Covo (Aveiro)
20	PIC	Bandeiras, Cais do Pico (Horta)
21	PVC	Porto de Vacas (Coimbra)
22	EXB	Enxara do Bispo (Lisboa)
23	TRC	Fontinhas (Angra-do-Heroísmo)
24	MTM	Moita do Martinho (Leiria)
25	LAR	Larinho (Bragança)

26	LUZ	Luzianes (Beja)
27	FIS	Fiscal (Braga)
28	GIA	Gião (Porto)
29	STJ	Santa Justa (Santarém)
30	UNS	Unhais da Serra (Castelo Branco)
31	VPC	Vila Pouca do Campo (Coimbra)
32	GRJ	Granjal (Viseu)
33	CRV	Corvo (Horta)
34	GRC	Graciosa (Angra do Heroísmo)
35	MLD	Melides (Setúbal)
36	STA	Santo André (Vila Real)
37	MTV	Montalvo (Santarém)
38	CLH	Calheta (Angra do Heroísmo)
39	CPT	Carrapatelo (Évora)
40	AJT	Aljustrel (Beja)
41	STE	Santo Espírito (Ponta Delgada)
42	CDR	Cedros (Horta)



**Imagem 1** Mapa com a distribuição das 42 localidades contempladas no CORDIAL-SIN.

O *corpus* está à disposição no *site* do CLUL<sup>63</sup> em quatro formatos: a transcrição conservadora, que exhibe marcas representativas de aspetos da produção dos informantes (e.g.

<sup>63</sup> [www.clul.ulisboa.pt/en/10-research/314-cordial-sin-corpus](http://www.clul.ulisboa.pt/en/10-research/314-cordial-sin-corpus)

pausas, hesitações, reformulações, variantes fonéticas e morfofonológicas, etc.); a transcrição ortográfica normalizada, sem as marcas presentes na transcrição conservadora; o texto com anotação morfossintática e o texto com anotação sintática, pesquisável através do programa *CorpusSearch2*. Até à data de entrega desta dissertação, estão disponíveis 33 das 42 localidades em formato de texto com anotação sintática.

A motivação por detrás da escolha deste *corpus* prendeu-se sobretudo com a possibilidade de recolha de uma grande quantidade de dados relevantes, não por se tratar de um *corpus* dialetal, mas por ter como fonte a oralidade, que parece ter maior produtividade de Recomplementação na generalidade das línguas em que o fenómeno existe. Por outro lado, o facto de o *corpus* em questão reunir dados de vários pontos do país poderia ajudar a perceber se a Recomplementação no PE é puramente dialetal, isto é, se é típica de uma determinada área, ou se é relativamente produtiva em todo o país. Adicionalmente, tanto a facilidade de acesso ao CORDIAL-SIN como a facilidade de pesquisa tiveram um grande peso na decisão. Visto que uma parte significativa do *corpus*, para além de ter passado por um processo de etiquetagem morfossintática, foi anotada sintaticamente, a probabilidade de haver erros de etiquetagem é reduzida em comparação com outros *corpora*, o que permite uma pesquisa mais rápida. Para além disso, a anotação sintática pode ser usada para esclarecer dúvidas relativamente a determinadas estruturas. Outras vantagens do *corpus* incluem o acesso à transcrição ortográfica normalizada e ao perfil do informante que produziu um determinado enunciado, o que nos fornece contexto para a melhor compreensão dos dados, e o acesso à transcrição conservadora, que nos dá informação sobre aspetos da produção presentes nas gravações, importantes, por exemplo, na deteção de pausas antes ou depois dos complementadores envolvidos na recomplementação.

## 1.2. Processo de recolha e seleção de dados

Listadas as hipóteses a confirmar/infirmar e escolhidos os *corpora* a usar para a recolha de dados, comecei por estabelecer um conjunto de critérios gerais para me guiarem nesse processo de recolha e seleção.

Tendo em conta que uma das hipóteses se refere à produtividade da Recomplementação no PE (Hipótese 2), seria necessário obter uma percentagem de ocorrências de recomplementação em relação ao total das ocorrências que tornam a recomplementação possível, pelo que a recolha teria de abranger tanto os dados com recomplementação como os dados sem recomplementação mas com condições para a terem. Para chegar a tais condições, baseei-me, na verdade, em outras hipóteses presentes na Tabela 1. Assim, se entre complementadores podemos encontrar um dos constituintes em (2) (Hipótese 4), qualquer subordinada completiva que apresente um ou mais destes constituintes tem condições para ter recomplementação.

- (2) a. sujeitos pré-verbais (foneticamente realizados)
- b. tópicos em DEC, DETP ou Topicalização

- c. pronomes expletivos periféricos
- d. advérbios
- e. orações adverbiais

Por outro lado, uma subordinada completiva (sem recomplementação) que não apresentasse nenhum destes constituintes seria ignorada e não contabilizada. Tal inclui tanto ocorrências sem qualquer constituinte realizado em posição pré-verbal (cf. (4a)) como ocorrências apenas com os constituintes mencionados na Hipótese 5, abaixo repetidos (cf. (4b) para um exemplo com um destes constituintes).

- (3) a. constituintes quantificados
- b. constituintes focalizados
- c. advérbios aspetuais/de negação
- d. NPs reduzidos com função de sujeito

- (4) a. O Lucas disse **que** foi ao cinema.
- b. O Lucas disse **que** já foi ao cinema.

Para além de estes critérios ajudarem a testar a produtividade da Recomplementação, também ajudariam a perceber quais dos constituintes em (2) têm mais probabilidades de surgir entre complementadores.

As mesmas medidas seriam tomadas para as recolhas de dados com o complementador *se* (interrogativo) e a conjunção *se* (condicional), de modo a testar a produtividade da recomplementação com *se* interrogativo e *se* condicional e compará-la com a produtividade da recomplementação com *que*. Em relação a *para*, por falta de tempo, não seriam recolhidos dados sem recomplementação, pelo que a produtividade da mesma não seria testada.

Uma última nota relacionada com os critérios seguidos diz respeito a frases com valor diretivo ou desiderativo. Como descrito no Capítulo I, observou-se em Villa-García (2012) que em algumas frases em que dois complementadores surgem separados por um constituinte, o segundo complementador não é de recomplementação, mas antes um complementador jussivo/optativo. Embora esta seja uma observação direcionada para o espanhol e embora fosse interessante verificar se os mesmos argumentos se aplicam ao caso do PE, tal discussão fica fora do escopo desta dissertação e, como tal, é deixada para trabalhos futuros. Assim sendo, sem quaisquer certezas sobre a existência de um *que* jussivo/optativo no PE, foi tomada a decisão de não integrar frases com valor directivo ou desiderativo no conjunto de dados a analisar, de modo a evitar uma descrição errada das estruturas de Recomplementação.

Exponho, de seguida, o processo de recolha para cada *corpus* escolhido. Importa referir que, enquanto a recolha do Português Fundamental incluiu dados produzidos pelos inquiridores, a recolha do CORDIAL-SIN não os incluiu pois não vêm anotados sintática ou morfologicamente.

### 1.2.1. CORDIAL-SIN

No que diz respeito ao CORDIAL-SIN, o processo de recolha dividiu-se em duas partes: a primeira relativa às localidades anotadas sintaticamente e a segunda relativa às localidades apenas com anotação morfológica. A primeira recolha neste *corpus* foi feita no âmbito de um trabalho prévio à presente dissertação, sendo recolhidos apenas dados em que havia recomplementação com *que* e com *para*<sup>64</sup>. Como tal, para esta dissertação, foi feita uma nova recolha de modo a abranger também, por um lado, ocorrências de recomplementação com *se* e, por outro, ocorrências sem recomplementação mas com condições para a terem. Contudo, note-se que esta nova recolha não foi realizada para os contextos com *para*.

#### 1.2.1.1. Recolha de dados por etiquetas sintáticas

Relativamente à primeira recolha, acedi, através do programa Notepad++, ao ficheiro de texto correspondente à anotação sintática das 27 localidades anotadas até à data da extração, (ficheiro esse disponível no *site* do CLUL). Na Imagem 2, podemos ver, a título de exemplo, parte do *corpus* sintático exposto no Notepad++.

```
6776
6777 ( (IP-MAT (NP-SBJ (PRO Eu))
6778      (VB-P sei)
6779      (CP-THT (C que)
6780              (NP-LFD-1 (DEM aquilo))
6781              (CP-THT (C que)
6782                      (IP-SUB (NP-SBJ *ICH*-1)
6783                              (NEG não)
6784                              (SR-P-3S é)
6785                              (PP (P por)
6786                                  (ADVP (ADV mal))))))
6787      (, ,)
6788      (CP-QUE-PRG (IP-IND (NP-SBJ *pro*)
6789                        (VB-P-3S sabe))
6790      (. ?)))
6791 (ID VPA15,10))
```

**Imagem 2** Exemplo da disposição do *corpus* sintático no programa Notepad++. É possível ver-se a anotação sintática da frase "Eu sei que aquilo que não é por mal, sabe?".

Apesar da possibilidade de obter os resultados esperados mais rapidamente através do programa *CorpusSearch2*, a minha falta de experiência com o mesmo não me permitiu usá-lo. Assim, foi feita uma procura no Notepad++ pelos termos que mais facilmente me dariam acesso ao paradigma que pretendia extrair. Como o objetivo era obter dados com e sem recomplementação com *que*, com *se* interrogativo e com *se* condicional, foram feitas pesquisas por três termos diferentes: "(CP-THT (C que))", "(CP-QUE (C se))" e "(CP-ADV (C se))".

<sup>64</sup> A recolha de dados de duplo *para* foi feita inteiramente através dos ficheiros com anotação morfológica. Adicionalmente, foram disponibilizados, pela Professora Ernestina Carrilho, dados de transcrições não publicadas do CORDIAL-SIN.

### *I. “(CP-THT (C que))”*

Com a procura por este termo pretendeu-se obter todas as ocorrências correspondentes a orações subordinadas completivas (introduzidas pelo complementador *que*). Os resultados desta pesquisa formaram um total de 1508 e permitiram-me selecionar mais facilmente tanto as ocorrências de recomplementação com *que* como as ocorrências de subordinadas completivas sem recomplementação, mas com condições para a terem.

Foi ao longo deste processo que me apercebi de que a pesquisa por este termo não dá origem a todos os dados de subordinadas completivas existentes no *corpus*, pois, por vezes, é adicionada uma outra etiqueta a CP-THT – e.g. CP-THT-**PRN**. Como tal, depois da seleção dos dados da primeira, foi feita uma segunda procura pelo termo “CP-THT-“, que deu origem a 282 ocorrências destes casos específicos.

### *II. “(CP-QUE (C se))”*

A procura por este termo teve como resultados pretendidos todas as ocorrências de interrogativas indiretas globais, num total de 147, o que permitiu uma seleção das ocorrências de recomplementação com o complementador *se* (interrogativo) e das ocorrências sem recomplementação, mas com condições para a terem.

### *III. “(CP-ADV (C se))”*

Finalmente, procurando por este termo, os resultados pretendidos foram todas as ocorrências de orações subordinadas adverbiais condicionais. De um total de 918, foram selecionados os dados de recomplementação com a conjunção condicional *se* e, mais uma vez, os dados sem recomplementação, mas aptos para a terem.

#### **1.2.1.2. Recolha de dados por etiquetas POS**

A recolha por etiquetas POS (*part-of-speech tags*) fez-se também através do programa Notepad++, nele se abrindo todos os ficheiros de texto anotado morfológicamente, constituindo um total de 15 – cada um correspondente a uma localidade para a qual não estava disponível anotação sintática. A Imagem 3 ilustra parte do *corpus* com etiquetas POS, exposto no Notepad++.

```

719 a/P ver/VB se/C mato/VB-P-1S aqui/ADV um/D-UM mocho/N "/QT ./.
720 eak> A/D-F mulher/N é/SR-P-3S um/D-UM bocadinho/N assim/ADV simplória/ADJ-F ,/, diz-lhe/VB-P-3S+CL assim/ADV :/.
721 s já/FP o/D passarinho/N !/..
722 s tu/NPR fosses/SR-SD-2S mocho/N também/ADV gostavas/VB-D-2S que/C te/CL matassem/VB-SD-3P "/QT ?/.. !/.. <break> Risos
723
724 header>
725
726 Um/D-UM dia/N ,/, disse/VB-D-3S que/C um/D-UM dia/N que/C ia/VB-D-3S para/P Alvalade/NPR na/P+D-F bicicleta/N e/CONJ
727 o-F senhora/N ./..
728 o-F senhora/N na/P+D-F bicicleta/N ./..
729 Ela/PRO diz/VB-P-3S aquelas/D-F-P coisas/N-P assim/ADV ,/, sempre/ADV <alt> </alt> ./..
730 O/D quê/WPRO ?/..
731 simplória/ADJ-F ,/, a/D-F mulher/N <break> (...) </break> não/NEG diz/VB-P-3S aquilo/DEM com/P maldade/N ./..

```

**Imagem 3** Exemplo da disposição do *corpus* com anotação morfológica no programa Notepad++. Cada linha corresponde a uma frase do *corpus* e cada palavra é acompanhada da etiqueta morfológica correspondente.

A procura de dados foi feita a partir de três termos, compostos pela palavra correspondente ao complementador/conjunção pretendido e pela respetiva etiqueta morfológica:

- (i) “que/C” (com 3958 resultados), para seleção de orações subordinadas completivas com e sem recomplementação;
- (ii) “se/C” (com 301 resultados), para seleção de interrogativas indiretas globais com e sem recomplementação, e
- (iii) “se/CONJ” (com 840 resultados), para seleção de orações subordinadas adverbiais condicionais com e sem recomplementação.

Quanto aos dados de duplo *para*, a procura foi feita nos ficheiros de todas as localidades a partir do termo “para/P” (com 10354 resultados).

### 1.2.2. CRPC

A recolha de dados do *subcorpus* escrito do CRPC foi feita por pesquisa de várias combinações de etiquetas POS na interface CQPWeb. Importa referir que esta foi a primeira recolha de Recomplementação que fiz, no âmbito de um trabalho prévio à presente dissertação. A dificuldade sentida em obter dados relevantes<sup>65</sup> levou a que não voltasse a repetir esta pesquisa, optando, em vez disso, por recorrer a recolhas em outros *corpora*. Consequentemente, não foram recolhidas quaisquer ocorrências do CRPC que não apresentassem recomplementação.

Foram usadas várias sequências de etiquetas POS de modo a conseguir ocorrências de NPs, PPs, e AdvPs entre complementadores/conjunções. No entanto, note-se que melhores pesquisas poderiam ter originado um maior número de dados relevantes e mais abrangentes. Teria sido útil, também, a pesquisa por etiquetas sintáticas, que nos poderia dar dados com orações entre complementadores/conjunções. De notar, ainda, que o facto de o segundo

<sup>65</sup> Tal dificuldade deveu-se a fatores como a minha falta de experiência com pesquisa em *corpora*, erros de etiquetagem do *corpus* e o próprio tamanho do *corpus*. Apesar de não esperar uma grande quantidade de dados de recomplementação provenientes de um *corpus* escrito, acredito que existem mais ocorrências do que aquelas que consegui encontrar.



complementador surgir, muitas vezes, etiquetado como pronome não ajudou na pesquisa e seleção dos dados relevantes pois aumentou o número de resultados não pretendidos (e.g. dados em que o segundo *que/se* era, de facto, um pronome). Apresento, ainda assim, algumas das sequências que usei na pesquisa.

### I. NPs

Para obter dados de recomplementação com NPs entre complementadores/conjunções, usei sequências diferentes para refletir vários tipos de NPs:

**Tabela 3 - Sequências de etiquetas POS para NPs em recomplementação**

Sequência de etiquetas POS <sup>66</sup>	Exemplo das ocorrências pretendidas
_V {que}_CJ_PRS{que}	Ela disse <b>que eu que</b> não vi nada.
_V {se}_CJ_DA_PNM{se}	O João perguntou <b>se a Maria se</b> gostou do livro.
{se}_CJ_DA_CN{se}	<b>Se o rapaz se</b> gostar do livro, ofereço-lhe o segundo da coleção.
_V {que}_CJ_DA_CN_ADJ{que}	Ela disse <b>que o carro amarelo que</b> foi roubado.
_V {que}_CJ_IA_CN{que}	Ela disse <b>que um carro que</b> foi roubado.

### II. PPs

Para obter dados de PPs entre complementadores/conjunções, usei, entre outras, as seguintes sequências:

**Tabela 4 - Sequências de etiquetas POS para PPs em recomplementação**

Sequência de etiquetas POS	Exemplo das ocorrências pretendidas
_V {que}_CJ_PREP+DA_CN{que}	Ela disse <b>que ao rapaz que</b> não (lhe) deu nada.
_V {se}_CJ_DA_PNM{se}	O João perguntou <b>se ao Pedro se</b> a Maria (lhe) deu o livro.
{se}_CJ_PREP+DA_CN_ADJ{se}	<b>Se ao rapaz simpático se</b> a Maria (lhe) der o livro, eu dou-lhe o filme.
{se}_CJ_PREP_PRS{se}	<b>Se a ele se</b> a Maria (lhe) der o livro, eu dou-lhe o filme.

### III. AdvPs

Finalmente, para obter dados de recomplementação com AdvPs, usei a seguinte sequência:

**Tabela 5 - Sequências de etiquetas POS para AdvPs em recomplementação**

Sequência de etiquetas POS	Exemplo das ocorrências pretendidas
_V {que}_CJ_ADV{que}	Ela disse <b>que ontem que</b> foi ao cinema.

<sup>66</sup> Apresento aqui a legenda para as etiquetas usadas na pesquisa:

V: verb                      CJ: conjunction                      PRS: personal (pronoun) ADJ: Adjective  
 DA: definite article      IA: indefinite article      PNM: proper name      CN: common noun  
 PREP: preposition      ADV: adverb

### 1.2.3. PF

Em relação ao PF, foi usado, mais uma vez, o programa Notepad++ para fazer a recolha. Visto que para este *subcorpus* estão disponíveis apenas transcrições ortográficas, a pesquisa foi feita por palavra, sem qualquer tipo de etiqueta associada, o que, embora se trate de uma amostra mais pequena do que a do CORDIAL-SIN, dificulta mais o processo de seleção dos dados relevantes, tornando-se este mais demorado.

Os termos usados para pesquisa neste *subcorpus* foram apenas dois, correspondentes às conjunções/complementadores envolvidos nas estruturas de recomplementação: “que” e “se”.<sup>67</sup>

#### I. “que”

A pesquisa por este termo visou a extração de dados com e sem recomplementação com o complementador *que*. Os resultados obtidos constituíram um total de 4892, que passaram depois por um processo de seleção, de modo a excluir, por um lado, ocorrências em que o *que* não fosse consensualmente tido como complementador – e.g. conjunção explicativa e pronome relativo/interrogativo – e, por outro, ocorrências em que não havia recomplementação nem condições para haver.

#### II. “se”

Com a pesquisa por este termo, o objetivo foi obter dados com e sem recomplementação com *se* interrogativo e também com *se* condicional. Teve como resultado 956 ocorrências, também depois filtradas de modo a excluir as que não correspondessem à conjunção condicional ou ao complementador interrogativo – e.g. pronome – e as que não apresentavam recomplementação nem condições para a terem.

## 1.3. Contabilização de Ocorrências e Organização dos Anexos

Depois da pesquisa e filtragem prévia dos dados relevantes, estabeleci uma estrutura de organização que, por um lado, me facilitaria a análise e descrição dos mesmos e, por outro, facilitaria a procura de dados para trabalhos futuros.

A primeira grande separação que já havia sido feita durante a recolha foi entre dados que exibiam recomplementação e dados que não exibiam recomplementação mas tinham condições para exhibir. Essa separação resultou no ANEXO A e no ANEXO B, respetivamente. Cada um dos anexos foi depois dividido conforme a origem dos dados: dados do CORDIAL-SIN, dados do CRPC (*subcorpus* escrito)<sup>68</sup> e dados do Português Fundamental. Dentro da secção

---

<sup>67</sup> Naturalmente, a procura pelo termo “se” teria como resultados relevantes tanto ocorrências com o complementador interrogativo como ocorrências com a conjunção condicional.

<sup>68</sup> Como já referido, os dados provenientes do CRPC correspondem apenas aos que exibem recomplementação (ANEXO A).

reservada para cada *corpus*, a divisão que se seguiu foi entre os complementadores/conjunções alvo do redobro: *que*, *se* interrogativo, *se* condicional e *para*<sup>69</sup>.

A partir daqui, foi necessário fazer uma classificação mais profunda de cada ocorrência com o objetivo de as agrupar de acordo com o tipo de constituinte que estivesse entre complementadores (ou que poderia estar entre complementadores, nos casos sem recomplementação). De notar que, no que diz respeito ao CORDIAL-SIN e, em particular, às localidades que têm anotação sintática disponível, tive em conta a forma como os dados estavam anotados para esclarecimento de algumas dúvidas que me surgiram sobre a estrutura das frases. Ao mesmo tempo, algumas decisões foram tomadas no que diz respeito à inclusão e à contabilização de determinadas ocorrências. Apresento de seguida algumas notas sobre as decisões tomadas.

### 1.3.1. Múltiplos tópicos/adjuntos

Primeiramente, surgiram várias ocorrências com mais do que um constituinte em recomplementação. Essas ocorrências foram organizadas em dois grupos: o grupo dos casos de dupla ou tripla recomplementação e o grupo dos casos em que, não havendo dupla recomplementação, havia mais do que um constituinte (i.e. tópicos e/ou adjuntos) entre complementadores. No que toca à contabilização, essas ocorrências foram contabilizadas à parte das ocorrências de recomplementação típica. Em relação aos dados sem recomplementação, aqueles que apresentavam mais do que um constituinte apto (cf. (2)) foram organizados num só grupo, sendo também contabilizados à parte dos dados com apenas um constituinte apto.

### 1.3.2. Repetições, reformulações e bordões linguísticos

Em segundo lugar, houve alguns casos de repetições da recomplementação, como o que podemos ver em (5). Casos como este foram contabilizados apenas como uma ocorrência de recomplementação. Houve também casos de reformulações, para os quais foi tomada a mesma medida. Em (6a,b), por exemplo, “que estava” e “que é” foram reformulados para “que veio” e “que são”, respetivamente, pelo que “que estava” e “que é” foram ignorados.

(5) e ao depois ele só dizia ~~que eu que não~~, **que eu que** não aprendia a cozinhar. (PF-839)

(6) a. [...] é, **que ontem** ~~que esta[va]~~, **que** veio o F buscar os meninos. (PF-1016)

b. eu acho, por exemplo, quanto a mim, acho **que** a, a maxi-saia, ~~que é...~~ **que** são poucas as pessoas que se conseguem defender com ela, não acha? (PF-653)

Ainda em relação a aspetos típicos da oralidade, os dados que apresentavam bordões linguísticos ou marcadores discursivos entre complementadores foram contabilizados e adicionados aos anexos apenas se outro material relevante se encontrasse nessa posição. Isto quer dizer que ocorrências como o exemplo (7a) não foram consideradas como ocorrências de

---

<sup>69</sup> A pesquisa de dados com *para* foi feita apenas no CORDIAL-SIN.

recomplementação e ocorrências como a de (7b) foram consideradas como tendo recomplementação, mas com outro constituinte que não o bordão linguístico (sendo este ignorado, tal como as repetições e alvos de reformulação apresentados acima).

(7) a. Ele disse **que... pá, que** não gostou do filme que foi ver ao cinema.

b. mas isso não quer dizer, pá **que... religião e política, pá**, que sejam, **que** sejam a mesma coisa.  
(PF-622)

### 1.3.3. Ambiguidades

Em terceiro lugar, foram encontrados três tipos de ambiguidades<sup>70</sup>: (i) ambiguidades quanto ao tipo de tópico (cf. (8)), (ii) ambiguidades quanto ao tipo de oração (completiva vs. explicativa; cf. (9)) e (iii) ambiguidades quanto à classe de palavras de *se*<sub>2</sub> (complementador vs. pronome; cf. (10)). Os tipos (i) e (iii) advêm principalmente do facto de as frases não estarem completas, como o demonstram os exemplos em (8) e (10).

(8) a. e ele para fazer ver **que o carro (que)** travado... (CORDIAL-SIN - VPC01)

b. até tenho pena **que os meus filhos** não... (CORDIAL-SIN - PVC04)

(9) disse que eu ia à missa, **que eu** gostava de ir à missa (CORDIAL-SIN - MLD22)

(10)

INF1 Eu tenho um irmão na América, que é o Francílio, que é o mais velho de todos...

INF2 Eu não sei **se a senhora se** quer...

INF1 Tenho...

INQ Não, deixe estar. Eu ainda tenho tempo. Escusa de estar com isso. (CORDIAL-SIN - GRC31)

Já que em ocorrências como a de (8a), apesar de não sabermos de que tipo de tópico se trata, a existência de recomplementação é óbvia, contabilizei-as como casos de recomplementação, mas à parte dos restantes, de modo a não interferirem na comparação de percentagens. O mesmo foi feito para ocorrências como a de (8b) (em que é óbvio que não há recomplementação), sendo contabilizadas como casos sem recomplementação, mas à parte dos restantes. Em relação a ocorrências como a de (10), em que não é claro se o *se*<sub>2</sub> é um complementador ou um pronome, e a de (9), em que o tipo de oração não é claro, não foram contabilizadas.

### 1.3.4. Dados inesperados

Em quarto e último lugar, surgiram alguns dados inesperados. Aqueles que foram incluídos nos anexos podem ser separados em cinco grupos: (i) dados de recomplementação com *que* explicativo causal (ii) dados de duplo *que* relativo (iii) dados com constituintes locativos não-adjunto, (iv) dados com Tópicos Pendentes e (v) dados de *que* de recomplementação seguido de *é que*.

---

<sup>70</sup> Em relação a estes casos, o contexto em que se inserem também não me permitiu desambiguá-los.

Como não tive como prever a sua existência durante a recolha, os dados dos grupos (i) e (ii) não foram recolhidos exaustivamente. Não tendo centrado a recolha nas orações explicativas causais e nas relativas, não poderei dizer se os casos que encontrei por acaso são pontuais ou não. Estas ocorrências não foram, assim, incluídas na contagem.

Os dados dos grupos (iii), (iv) e (v), por outro lado, receberam mais atenção pois inseriam-se no conjunto das ocorrências de recomplementação com os complementadores/conjunções alvo e suscitaram, desde o início, dúvidas de classificação. Tal fez com que fossem também recolhidos os dados sem recomplementação correspondentes, pelo que é possível determinar a proporção de ocorrências com recomplementação em relação ao total de ocorrências aptas. Estas ocorrências foram, assim, adicionadas à contagem.

## 2. Análise dos Dados Obtidos

### 2.1. Extensão do fenómeno no PE

Em relação à extensão do fenómeno no PE, foram feitas três hipóteses, apresentadas novamente abaixo:

Tabela 6 - Hipóteses 1, 2 e 3

	Hipótese	Fonte
1	A Recomplementação é uma característica do PE oral e informal.	Mascarenhas (2015)
2	A Recomplementação é um fenómeno produtivo.	
3	A Recomplementação não é um fenómeno dialetal, encontrando-se por todo o país.	

#### 2.1.1. A Recomplementação no registo oral vs. escrito (Hipótese 1)

Pretendeu-se testar a Hipótese 1, baseada em Mascarenhas (2015), através da recolha de dados do *subcorpus* escrito do CRPC e do *corpus* oral PF, fazendo a comparação entre o número de ocorrências de cada *corpus*. Como mencionado anteriormente, não foi possível fazer uma pesquisa mais precisa nem uma recolha de dados sem recomplementação no CRPC, pelo que o número reduzido de ocorrências obtidas e a falta de comparação com o número de ocorrências sem recomplementação não nos dá resultados precisos. Julgando apenas pelos dados que obtive, podemos dizer que o fenómeno é predominantemente oral mas não exclusivo da oralidade, havendo 14 ocorrências de recomplementação no CRPC contra 47 ocorrências do PF. Ainda assim, considero que estes dados não são suficientes para tirarmos uma conclusão definitiva.<sup>71</sup>

<sup>71</sup> No que toca ao registo formal/informal, foi difícil determinar o grau de formalidade de cada enunciado e, por isso, essa parte da hipótese não foi testada.

### 2.1.2. Produtividade da Recomplementação no PE (Hipótese 2)

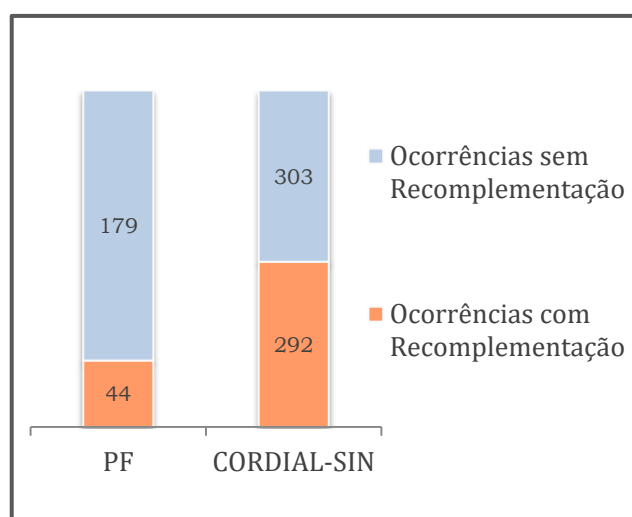
A Hipótese 2 foi testada com recurso aos dados obtidos no CORDIAL-SIN e no PF, de modo a podermos identificar a percentagem de ocorrências de recomplementação em relação ao total de ocorrências que tornam a recomplementação possível.<sup>72</sup> Apesar de haver ocorrências de recomplementação com outros complementadores/conjunções – como se verá no ponto 2.2. –, a mais produtiva é a que usa o complementador *que*, pelo que, para esta e outras hipóteses, foram tidas em conta apenas as ocorrências com *que*.

Desta forma, como se pode ver na Tabela 7, o PF reúne um total de 223 ocorrências aptas para ter recomplementação, sendo que esta se verifica em 44 dessas ocorrências, com uma percentagem de 20%. Já o CORDIAL-SIN tem um conjunto de 595 ocorrências aptas, 292 das quais apresentam recomplementação, com uma percentagem de 49%. O Gráfico 1 mostra as proporções de ocorrências com recomplementação contra as ocorrências sem recomplementação em ambos os *corpora*. Através dele percebemos com maior facilidade a diferença de proporções entre o PF e o CORDIAL-SIN, havendo mais recomplementação no último. Não é claro o que está por detrás desta diferença, mas a explicação poderá estar relacionada com o perfil dos informantes cujos enunciados compõem os *corpora*. Enquanto o CORDIAL-SIN é relativamente homogêneo quanto a esse perfil, o PF é composto por enunciados de informantes com idades, níveis de escolaridade e ocupações profissionais distintas. Ainda assim, apesar de as percentagens não estarem alinhadas, é possível concluir que a Recomplementação é, de facto, produtiva tanto no PF como no CORDIAL-SIN, mostrando os dados que o fenómeno é usado de 20% a 49% das vezes em que há essa possibilidade. A Hipótese 2 pode ser, por isso, confirmada pelos dados obtidos.

Gráfico 1 - Produtividade da Recomplementação (com *que*) no PE.

Tabela 7 - Números e percentagens das ocorrências com e sem recomplementação no PF e no CORDIAL-SIN.

	PF	CORDIAL-SIN
Ocorrências sem recomplementação	179 (80%)	303 (51%)
Ocorrências com recomplementação	44 (20%)	292 (49%)
Total	223	595



<sup>72</sup> Cf. ponto 1.2. deste capítulo para uma explicação das condições que possibilitam a existência de recomplementação.

### 2.1.3. Distribuição da Recomplementação no PE (Hipótese 3)

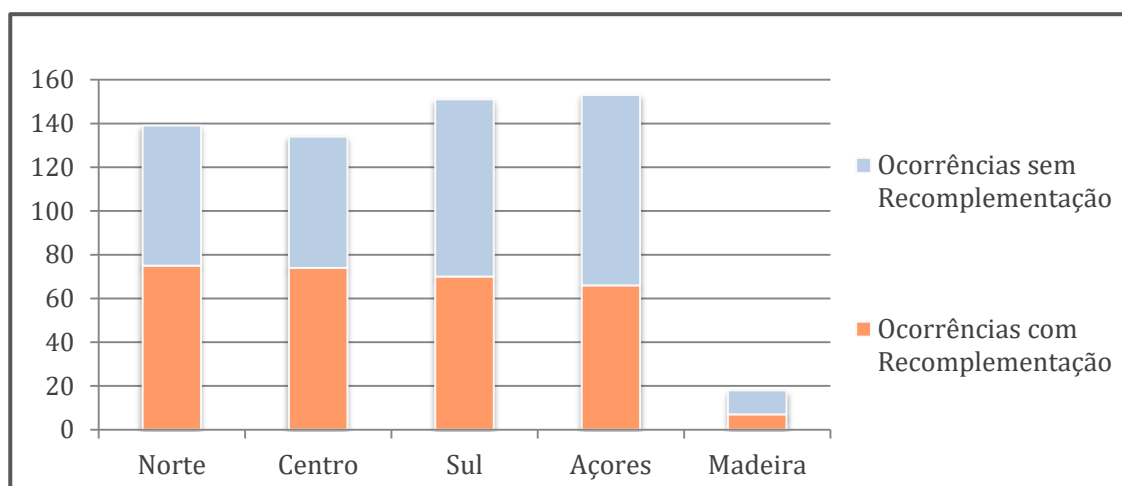
Para a Hipótese 3, usaram-se os dados do CORDIAL-SIN, já que este *corpus* é mais apropriado para o que se pretendia testar, tendo em conta a melhor organização dos enunciados em termos da sua origem. Os dados do PF também foram tidos em conta, mas, como será explicado adiante, não nos podem dar uma visão tão clara sobre a distribuição da Recomplementação no país. Mais uma vez, para esta hipótese foram apenas tidas em conta as ocorrências com o complementador *que*.

Como se pode constatar nas Tabelas 8 e 9 e nos Gráficos 2 e 3, os dados foram separados tendo em conta a região em que foram produzidos. De acordo com a Tabela 8, as percentagens de uso de recomplementação de cada região não estão muito distantes umas das outras, sendo a mais baixa (39%) pertencente à região com menor representatividade no conjunto total de ocorrências (18/595, com uma percentagem de 3%). Tendo as restantes regiões uma representatividade equiparável (entre 23% e 26%) e excluindo a região com menor representatividade (Madeira), verificamos que a percentagem de uso de recomplementação está entre 43% e 55%. Tal, para além de mostrar que existe Recomplementação em todo o país, mostra que o fenómeno não é especialmente mais ou menos produtivo numa das regiões por oposição às restantes. O Gráfico 2 demonstra precisamente as proporções a que me refiro de uma forma mais clara, já que podemos ver que não há uma variação muito marcada entre as regiões com mais ocorrências.

Tabela 8 - Números e percentagens das ocorrências com e sem recomplementação para cada região (CORDIAL-SIN).

	Norte	Centro	Sul	Açores	Madeira
Ocorrências sem recomplementação 303 (51%)	64 (46%)	60 (45%)	81 (54%)	87 (57%)	11 (61%)
Ocorrências com recomplementação 292 (49%)	75 (54%)	74 (55%)	70 (46%)	66 (43%)	7 (39%)
Total 595 (100%)	139	134	151	153	18

Gráfico 2 - Produtividade da Recomplementação (com *que*) no PE por região (CORDIAL-SIN).



Olhando ainda para o mapa da Imagem 4, que mostra o número de ocorrências com recomplementação em relação ao total de ocorrências para cada distrito, verificamos que há pelo menos 2 ocorrências de recomplementação em todos os distritos de Portugal continental e nos arquipélagos dos Açores e da Madeira.

Deste modo, é possível concluir que os dados do CORDIAL-SIN confirmam a hipótese de que a Recomplementação se encontra por todo o país (hipótese 3).



**Imagem 4** Distribuição das ocorrências de Recomplementação (a laranja) em relação à totalidade das ocorrências (a cinzento) pelos distritos de Portugal continental e os arquipélagos dos Açores e da Madeira.

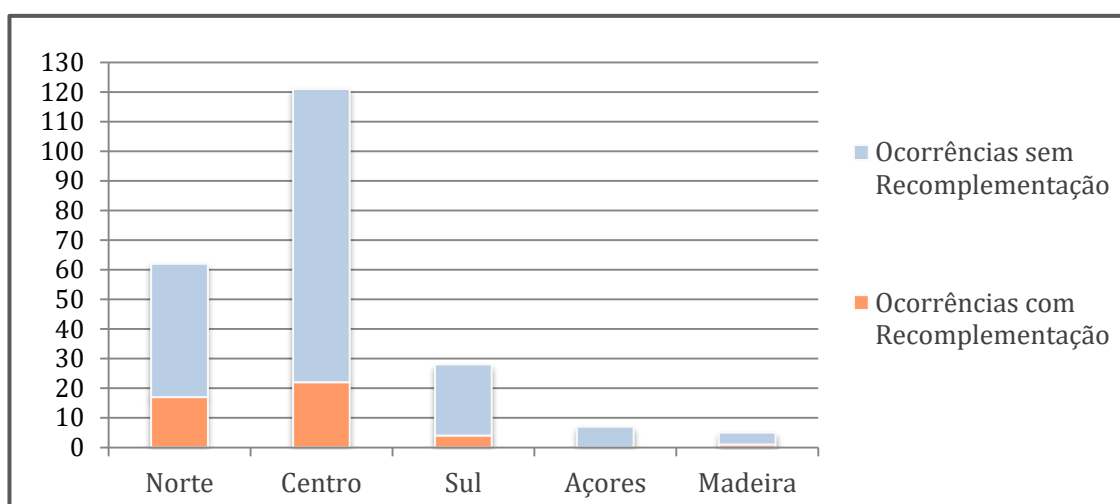
Já no que diz respeito aos dados do PF, como se pode observar tanto no Gráfico 3 como na Tabela 9, as duas regiões mais representadas no conjunto dos dados, o Norte e o Centro, apresentam uma grande diferença entre si no número total de ocorrências (62 contra 121, respetivamente). No entanto, as diferenças na representatividade de cada região advêm já do próprio *corpus*, dado que a distribuição pelos distritos das 140 transcrições disponibilizadas não é uniforme - os três distritos mais representados são Coimbra (15 transcrições), Lisboa (40 transcrições) e Porto (15 transcrições).



**Tabela 9 - Números e percentagens das ocorrências com e sem recomplementação para cada região (PF).**

	Norte	Centro	Sul	Açores	Madeira
Ocorrências sem recomplementação 179 (80%)	45 (73%)	99 (82%)	24 (86%)	7 (100%)	4 (80%)
Ocorrências com recomplementação 44 (20%)	17 (27%)	22 (18%)	4 (14%)	0 (0%)	1 (20%)
Total 223 (100%)	62	121	28	7	5

**Gráfico 3 - Produtividade da Recomplementação (com *que*) no PE por região (PF).**



Aquilo que se pode retirar da Tabela 8 e do Gráfico 2, apesar da pouca precisão, é que a Recomplementação parece ser, de facto, usada tanto na região Norte como na região Centro. Em relação às restantes regiões, o número de ocorrências não nos permite tirar conclusões.

Assim, embora os dados do PF pareçam confirmar parcialmente a Hipótese 3, os dados do CORDIAL-SIN têm mais peso nessa confirmação devido ao maior número de ocorrências e à maior representatividade de cada região no conjunto dos dados.

## 2.2. Identificação dos complementadores/conjunções (Hipótese 9)

No ponto anterior (2.1.), mencionou-se que a recomplementação com o complementador *que* é bastante mais produtiva (no PE), o que vai ao encontro da bibliografia para as restantes línguas em que o fenómeno se encontra, já que raramente se refere a possibilidade de redobro do complementador *se* ou da preposição *para* a não ser no contexto do PE. Nesta secção pretende-se verificar a existência de recomplementação com outros

complementadores/conjunções, pelo que se apresentam os resultados para a Hipótese 9, repetida abaixo.

Tabela 10 - Hipótese 9

	Hipótese		Fonte	
9	Existe recomplementação:	a)	com o complementador interrogativo <i>se</i>	Mascarenhas (2015)
		b)	com a preposição <i>para</i>	Carrilho (2005), Betoni (2013)
		c)	com a conjunção condicional <i>se</i>	

A Tabela 11, abaixo, mostra que o número de ocorrências de recomplementação desencadeada por *se* interrogativo e por *se* condicional é bastante reduzido em relação ao total de ocorrências aptas, principalmente no que toca ao *corpus* CORDIAL-SIN. A hipótese de existência deste tipo de recomplementação não é inteiramente descartada pelos dados, mas estes não nos fornecem uma evidência suficientemente forte para podermos confirmar a hipótese. Assim, se a Recomplementação se estende a *se* interrogativo e a *se* condicional, os dados parecem indicar que se trata um fenómeno muito pouco produtivo ou marginal quando comparado com a recomplementação com *que*. A título de exemplo, expõem-se algumas das ocorrências em (11), para o *se* interrogativo, e em (12), para o *se* condicional.

Tabela 11 – Números e percentagens das ocorrências com recomplementação em relação ao total para os complementadores *que* e *se* interrogativo, a conjunção condicional *se* e a preposição *para*.

	<i>que</i> 346	<i>se</i> interrogativo 8	<i>se</i> condicional 8	<i>para</i> 19
CORDIAL-SIN	292/595 49%	7/119 6%	4/471 1%	19/-
PF	44/223 20%	0/23 0%	1/78 1%	-
CRPC	10/-	1/-	3/-	-

(11) a. [ocorrência 296]

Não sei **se**, (...) para os seus lados, **se** chegou a ser assim. (CORDIAL-SIN, CTL26)

b. [ocorrência 300]

Ele não sabe **se eu se** sei muito nem se sei pouco. (CORDIAL-SIN, CPT01)

c. [ocorrência 337]

[...] [É] a oposição sujeito/objecto [...] que nos leva até à questão de saber **se o mundo pós-hegeliano se** quer perpetuação do ser humano como animal ou como verbo. (CRPC, *Expresso*)

(12) a. [ocorrência 387]  
[...] **se ele, se** falha do ri[tmo], do ritmo estragou. (PF-837-Funchal)

b. [ocorrência 338]  
Esta política de fomento deverá dar profunda atenção aos problemas da floresta, [...] designadamente no que respeita ao pinhal que [...] tenderá a desaparecer **se a tempo se** não se solucionarem os graves problemas que afligem os trabalhadores [...]. (CRPC-A109015, Política)

c. [ocorrência 340]  
E **se os senhores se** vêm aqui reclamar [...] de defenderem os interesses dos emigrantes posso dizer-vos que não têm credibilidade entre os emigrantes. (CRPC-A163260, Política)

Em relação à preposição *para*, é difícil perceber a verdadeira extensão do fenómeno sem acesso à totalidade de ocorrências aptas. Aquilo que se pode acrescentar à descoberta de Carrilho (2005) e Betoni (2013) é que os dados de duplo *para* (+infinitivo), apesar de mais concentrados nessa região, não se restringem apenas ao arquipélago dos Açores, havendo ocorrências pontuais nas regiões Centro e Norte de Portugal continental. Quanto à hipótese da existência deste fenómeno, é possível que este seja mais produtivo do que a recomplementação com *se*, mas os dados revelam-se inconclusivos devido à falta de um total de ocorrências aptas com o qual se possa estabelecer uma relação. Vejam-se as frases em (13), representativas do tipo de ocorrências obtido.

(13) a. [ocorrência 326]  
E então (...) ia aqui uma outra tabuinha, que era **para ele para** mexer com a telha, que é para cair o milho. (CORDIAL-SIN, MIG17)

b. [ocorrência 313]  
As folhas saíam e a azeitona ficava ali, em cima dum pano limpo, que era **para depois (de) já estar limpa para ele a gente** pôr dentro numa canastra. (CORDIAL-SIN, ALC17)

c. [ocorrência 308]  
Batiam, que era **para o trigo, algum que caísse, para** se poder varrer. (CORDIAL-SIN, ALC07)

## 2.3. Subordinação a Nomes e Adjectivos (Hipótese 8)

Recorde-se a Hipótese 8:

Tabela 12 – Hipótese 8

Hipótese			Fonte
8	Existe recomplementação subordinada a:	a)	nomes
		b)	adjetivos

Mascarenhas (2015) sugere que a recomplementação pode estar subordinada tanto a verbos como a nomes e adjetivos. Nos dados obtidos no CORDIAL-SIN, como se pode ver na Tabela 13, há 21 ocorrências de subordinação a nomes, um terço das quais apresenta recomplementação. No PF, para um total de 13 ocorrências aptas, 2 têm duplo

complementador separado por um constituinte periférico. Vejam-se algumas das ocorrências em (14). De notar que nenhuma das ocorrências com recomplementação exibe uma preposição a introduzir a subordinada, enquanto o conjunto das ocorrências sem recomplementação inclui 3 em que tal acontece.

**Tabela 13 – Números e percentagens das ocorrências com e sem Recomplementação subordinadas a nomes e adjetivos (CORDIAL-SIN e PF).**

	CORDIAL-SIN		PF	
	Com Recomp.	Sem Recomp.	Com Recomp.	Sem Recomp.
Subordinação a Nomes	7 (33%)	14 (67%)	2 (15%)	11 (85%)
Subordinação a Adjetivos	0 (0%)	1 (100%)	1 (33%)	2 (67%)

(14) a. [ocorrência 186]

Tenho a certeza (...) **que** as meninas **que** andam a estudar para isso. (CORDIAL-SIN, MTV06)

b. [ocorrência 78]

"Eu tenho fé **que tu que** não vais lá". (CORDIAL-SIN, COV12)

c. [ocorrência 369]

tenho a impressão **que a mocidade jovem que**, que não se adaptava tão facilmente à praxe porque... (PF-985-Coimbra)

As ocorrências aptas de subordinação a adjetivos são apenas 4 no total de ambos os *corpora* e apenas uma delas, proveniente do PF, exibe recomplementação:

(15) a. [ocorrência 343]

E estou convencido **que com o dinheiro que ali se iria buscar que** dava (...) (PF-135-Bragança)

Apesar de o número total de ocorrências ser reduzido, penso ser possível concluir que a recomplementação não é obrigatoriamente subordinada a verbos, sendo compatível com a subordinação a nomes. Já no que diz respeito à subordinação a adjetivos, os dados não são suficientes para podermos confirmar ou infirmar a hipótese.

## 2.4. Múltiplos constituintes periféricos (Hipóteses 6 e7)

Mascarenhas (2015), indo contra a descrição para o espanhol de Demonte & Soriano (2007/2009), argumenta que no PE a iteração do complementador redobrado é possível, dando origem a uma estrutura de dupla ou mesmo tripla recomplementação. Para além disso, defende que, havendo mais do que um constituinte periférico a entrar em recomplementação, cada um deles deve surgir separado por um complementador, não podendo haver mais do que um constituinte entre complementadores. Neste sentido, recordem-se as Hipóteses 6 e 7, repetidas de seguida:

Tabela 14 – Predições 6 e 7

	Hipótese		Fonte
6	Não pode haver mais do que um constituinte entre complementadores		Mascarenhas (2015)
7	Existe recomplementação:	a) dupla	Mascarenhas (2015)
		b) tripla	

Na Tabela 15 vemos 4 estratégias para lidar com múltiplos constituintes periféricos: (i) a não colocação de um ou mais complementadores redobrados, resultando numa frase sem recomplementação (cf. (16)); (ii) a colocação de dois ou mais constituintes entre complementadores (cf. (17)), que vai contra a descrição de Mascarenhas (2015); (iii) a colocação de dois ou mais complementadores redobrados, resultando numa construção de dupla ou tripla recomplementação (cf. (18)), e (iv) a colocação de um ou mais complementadores redobrados, deixando um ou mais constituintes fora dessa recomplementação (cf. (19)). Como se pode constatar pelos valores da tabela, todas estas estratégias apresentam ocorrências no conjunto de dados reunido.<sup>73</sup>

Tabela 15 – Números e Percentagens das ocorrências com múltiplos constituintes periféricos com e sem recomplementação com *que* (CORDIAL-SIN e PF).

	CORDIAL-SIN	PF
Ocorrências sem recomplementação	26 (39%)	29 (88%)
Ocorrências com mais do que um constituinte entre complementadores	19 (29%)	1 (3%)
Ocorrências com Dupla/Trippla Recomplementação	12 (18%)	1 (3%)
Ocorrências com constituintes fora da recomplementação	10 (15%)	2 (6%)
Total de ocorrências com múltiplos constituintes periféricos	66	33

(16) a. [ocorrência 675]

Quer dizer **que** depois a gente fazia o fermento, e no outro dia (...) levantávamos-se, amassávamos e depois estava muito tempo para fintar (CORDIAL-SIN, STJ47)

b. [ocorrência 670]

acho **que** como a minha mãe não tinha dinheiro, a minha mãe amassou desta farinha de trigo da terra, bem amassadinha (CORDIAL-SIN, PST19)

(17) a. [ocorrência 256]

E afinal, diziam **que** lá as bruxas antigamente **que** iam dançar, faziam aquelas grandes rodas. (CORDIAL-SIN, ALV48)

<sup>73</sup> Estes resultados referem-se apenas aos dados com o complementador *que*. Quanto aos outros complementadores/conjunções, não foi encontrada qualquer ocorrência com múltiplos constituintes em Recomplementação ou Dupla/Trippla Recomplementação.

b. [ocorrência 264]  
Toda a minha vida, ouvi falar **que** o mundo, antes dos dois mil anos, **que** acabava. (CORDIAL-SIN, PAL12)

c. [ocorrência 381]  
mas, como eles, as redações viram **que** os jornais, andando no comboio, **que** vendiam muito menos, resolveram vir cá trazê-los. (PF-502-Visau)

(18) a. [ocorrência 282]  
Já sabe **que** de hoje a oito dias **que** o Senhor Espírito Santo **que** vai para sua casa à noite. (CORDIAL-SIN, TRC21)

b. [ocorrência 271]  
Até dizem **que** aquilo que aonde há uma madre (...) numa casa que seja daquela madeira **que** as pessoas **que** morrem. (CORDIAL-SIN, CBV64)

c. [ocorrência 382]  
e eu tenho a impressão que – eu não tenho a certeza, mas – **que** quando se c(...), construiu a ponte **que** o santo **que** já tinha morrido. (PF-657-Porto)

(19) a. [ocorrência 31]  
Isto (...) eu parece-me **que** se isso esteve aqui **que** eu não me lembro. (CORDIAL-SIN, TRC28)

b. [ocorrência 342]  
eu dizia **que** neste mundo frio, engessado, cheio de máquinas, **que** nós não podíamos negar a in(...) a, o, a parte espiritual e, e, e... do homem, o interior (PF-93-Braga)

Note-se que o uso de uma destas estratégias não é exclusivo, ou seja, uma só ocorrência pode apresentar mais do que uma das estratégias que envolvem recomplementação, como é o caso da ocorrência apresentada de seguida, que tem dupla recomplementação e mais do que um constituinte entre complementadores. Esta ocorrência foi adicionada à contagem de ambas as estratégias, mas foi contabilizada apenas como uma no total apresentado na tabela.

(20) [ocorrência 276]  
Porque dizíamos **que** se se rapava no crescente, **que** a lâ, depois, **que** se nos cortava (...) nas teias – (...) na teia que fazíamos. (CORDIAL-SIN, CTL29)

No que concerne à Hipótese 6, o PF apresenta apenas uma ocorrência com mais do que um constituinte entre complementadores. No CORDIAL-SIN, no entanto, esse tipo de ocorrências constitui 29% do total, sendo essa percentagem ultrapassada apenas pela das ocorrências sem recomplementação. Desta forma, os dados constituem evidência que infirma a hipótese de que não pode haver mais do que um constituinte periférico entre complementadores.

Em relação à Hipótese 7, mais uma vez, o PF apresenta apenas uma ocorrência de dupla recomplementação. No CORDIAL-SIN, as ocorrências de dupla/tripla recomplementação constituem 18% do total de ocorrências aptas com múltiplos constituintes periféricos. Existe apenas uma ocorrência de tripla recomplementação (cf. (18b)) em 6 ocorrências aptas, pelo que, enquanto a Hipótese 7 a) pode ser confirmada pelos dados, não há dados globais suficientes que confirmem a Hipótese 7 b).

## 2.5. Natureza dos constituintes em recomplementação

Nesta secção serão apresentados os resultados para as Hipóteses 4 e 5, que podem ser consultadas de seguida:

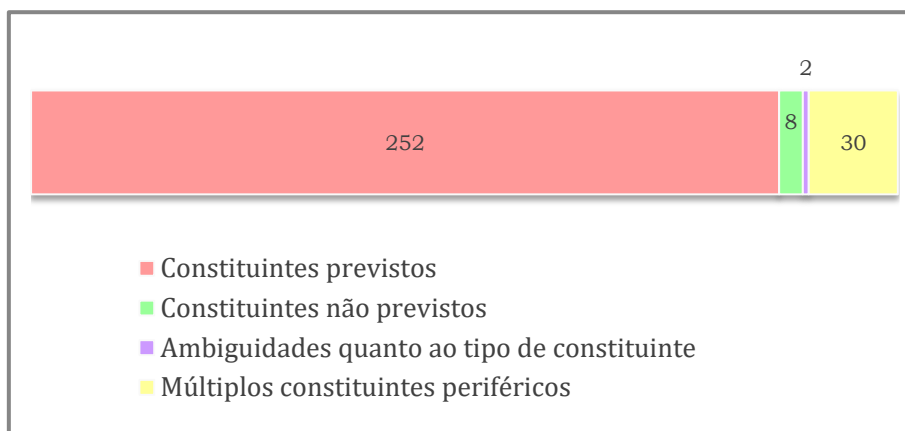
Tabela 16 – Predições 4 e 5

		Hipótese		Fonte
4	Entre complementadores podemos encontrar:	a)	constituintes em DEC	Raposo (1994, 1996), Barbosa (2000, 2008), Mascarenhas (2015)
		b)	constituintes em Topicalização	
		c)	constituintes em DETP	Mascarenhas (2015)
		d)	advérbios	Barbosa (2000, 2008), Mascarenhas (2015)
		e)	pronomes expletivos periféricos	Carrilho (2005)
		f)	tópicos sujeito	Barbosa (2000, 2008), Mascarenhas (2015)
		g)	orações subordinadas adverbiais condicionais	Mascarenhas (2015)
5	Entre complementadores não podemos encontrar:	a)	constituintes quantificados	Barbosa (2000, 2008), Mascarenhas (2015)
		b)	constituintes focalizados	
		c)	advérbios aspetuais/de negação	Barbosa (2000, 2008)
		d)	NPs reduzidos com função de sujeito	Barbosa (2000, 2008)

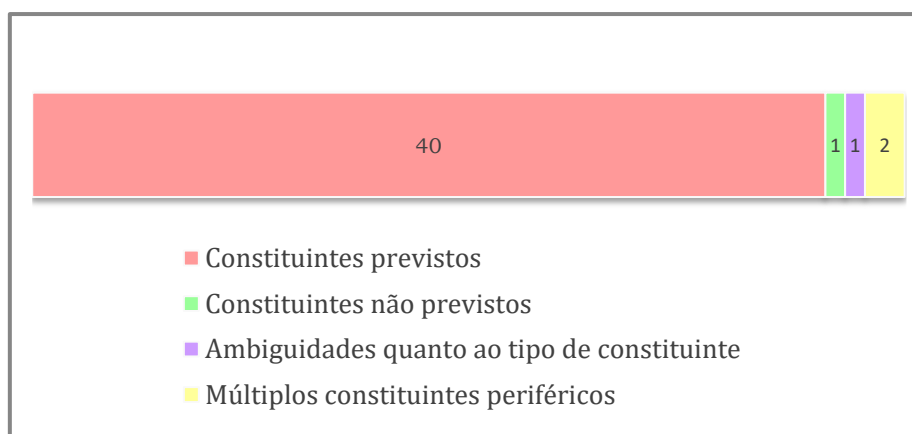
### 2.5.1. Constituintes compatíveis com a recomplementação (Hipótese 4)

O total de ocorrências de recomplementação com *que* que pudemos ver em 2.1., tanto para o CORDIAL-SIN como para o PF, divide-se, no que concerne à presente secção, em (i) ocorrências com constituintes periféricos previstos pela Hipótese 4, (ii) ocorrências com constituintes não previstos, (iii) ocorrências ambíguas quanto ao tipo de constituinte e (iv) ocorrências com múltiplos constituintes periféricos. Como se pode ver nos Gráficos 4 e 5, a grande maioria das ocorrências corresponde àquelas que apresentam constituintes previstos. Nesta secção, será, então, feita a análise deste subgrupo de dados que dizem respeito à Hipótese 4. Em relação às ocorrências de múltiplos constituintes periféricos, que, como vimos no ponto anterior, dizem respeito às ocorrências de dupla/tripla recomplementação e às ocorrências com mais do que um constituinte entre complementadores, vão ser tidas em conta também neste ponto, de modo a acrescentar os respetivos constituintes periféricos à contagem dos constituintes em recomplementação típica. Já as ocorrências com constituintes não previstos entre complementadores, serão analisadas no ponto 2.6.2. De notar, por fim, que as ocorrências ambíguas quanto ao constituinte não serão tidas em conta para este ponto, mas apenas como instâncias de recomplementação.

**Gráfico 4 – Proporção de ocorrências com constituintes previstos em Recomplementação vs. proporções de ocorrências com constituintes não previstos, ocorrências ambíguas e ocorrências com múltiplos constituintes (CORDIAL-SIN – Recomplementação com *que*).**



**Gráfico 5 – Proporção de ocorrências com constituintes previstos em Recomplementação vs. proporções de ocorrências com constituintes não previstos, ocorrências ambíguas e ocorrências com múltiplos constituintes (PF – Recomplementação com *que*).**



Entrando, desta forma, no conjunto de ocorrências com constituintes previstos, podemos observar, na Tabela 17, como o total (252, para o CORDIAL-SIN, e 40, para o PF), aliado aos constituintes das ocorrências com múltiplos constituintes, se distribui pelos vários tipos de tópicos e adjuntos previstos como compatíveis com a recomplementação. Note-se, assim, que o total presente na tabela é referente ao total de constituintes (e não o total de ocorrências), incluindo os das ocorrências com múltiplos constituintes.



Tabela 17 – Números e percentagens das ocorrências com e sem recomplementação com *que* para cada subgrupo de constituintes periféricos previstos pela Hipótese 4 (CORDIAL-SIN e PF).

	CORDIAL-SIN		PF	
	Com recomp.	Sem recomp.	Com recomp.	Sem recomp.
Constituintes em DEC	0 (0%)	2 (100%)	0	0
Constituintes em Topicalização	1 (50%)	1 (50%)	0	0
Constituintes em DETP	1 (50%)	1 (50%)	1 (100%)	0 (0%)
Adjuntos <sup>74</sup>	34 (45%)	41 (55%)	6 (11%)	48 (89%)
Pronomes expletivos periféricos	18 (67%)	9 (33%)	0	0
Tópicos sujeito	234 (49%)	244 (51%)	32 (18%)	149 (82%)
Orações Subordinadas Adverbiais	23 (62%)	14 (38%)	5 (31%)	11 (69%)
Total de constituintes	311 (50%)	312 (50%)	44 (17%)	208 (83%)

Aquilo que mais se destaca nesta tabela é o elevado número de tópicos sujeito (cf. (21)) e adjuntos (cf. (22)) em recomplementação, particularmente no que respeita aos dados do CORDIAL-SIN. De facto, Barbosa (2008) já havia constatado que os constituintes que surgem mais frequentemente entre complementadores são os sujeitos, seguidos das expressões adverbiais. No entanto, se olharmos para o lado das ocorrências sem recomplementação, percebemos que o facto de os restantes constituintes não se encontrarem tão frequentemente entre complementadores se deve em primeiro lugar à falta de ocorrências globais com esses constituintes. Não haver quaisquer ocorrências de DEC entre complementadores, por exemplo, não é indicativo de que não exista recomplementação com esses constituintes se o número total de ocorrências aptas for apenas 2.

(21) a. [ocorrência 359]

porque há quem diga **que** este castelo **que** deve ter uma saída para a beira-rio... (PF-598-Setúbal)

b. [ocorrência 365]

que a senhora mandou-me dizer **que** ela **que** tinha ido para o menino NP! (PF-785-Porto)

c. [ocorrência 378]

(...) eles sabem **que** a senhora **que** lhes arruma as gavetas, as meias e isso tudo (PF-1377-Coimbra)

(22) a. [ocorrência 13]

É porque aqui, antigamente, essa história do peixe, agora ouvíamos falar **que** em Lisboa **que** as varinas apregoavam lá carapau e aqui era charro. (CORDIAL-SIN, PAL09)

<sup>74</sup> Embora a hipótese feita com base em Barbosa (2000, 2008) e Mascarenhas (2015) se refira a advérbios, por motivos de melhor organização de ocorrências, foram agrupadas nesta dissertação as ocorrências com constituintes com valor de adjunto, que podem incluir tanto advérbios como PPs ou DPs.

b. [ocorrência 20]

Eu ontem sabia **que hoje que** ia cair vento, porque os ares estavam muito esgazeados e as nuvens quando andam, é vento. (CORDIAL-SIN, TRC39)

c. [ocorrência 4]

Um dia, disse **que um dia que** ia para Alvalade na bicicleta e levava-a a ela também. (CORDIAL-SIN, AJT18)

Neste sentido, enquanto os dados obtidos para esta dissertação nos permitem confirmar que podemos encontrar adjuntos, tópicos sujeito, pronomes expletivos periféricos (com os dados do CORDIAL-SIN apenas, cf. (23)) e orações subordinadas adverbiais (cf. (24)) em recomplementação, o mesmo não se pode dizer em relação aos constituintes em DEC, Topicalização (cf. (25a)) e DETP (cf. (25b)), já que o número de ocorrências globais é insuficiente para podermos tirar conclusões definitivas.

(23) a. [ocorrência 35]

Parece **que (ele que)** também põem aquilo (lá) em certos temperos. (CORDIAL-SIN, CBV69)

b. [ocorrência 41]

Quando a gente o vê assim, sabemos logo **que ele (...) que** se apanha peixe. (CORDIAL-SIN, MLD35)

c. [ocorrência 34]

Mas se soubesse **que isto (...) que** não nos tiravam (...) o valor ao dinheiro ou assim qualquer coisa, (que a) Caixa é que ia pagando sempre (...) o jurozito, assim coisa, eu, agora, vendia algumas propriedades (CORDIAL-SIN, AAL27)

(24) a. [ocorrência 27]

No vazante de Novembro ou Dezembro, a gente semeia o tabaco. Porque dizem **que sendo com o enchente (...) que** bota a sua espiga muito novo; e com o vazante, ele vai crescendo e cresce mais e depois de estar grado é que espiga. (CORDIAL-SIN, PIC18)

b. [ocorrência 26]

E ele então disse **que se fosse para outro que** não a levava, que ela ficava para aí estragada. (CORDIAL-SIN, MLD22)

c. [ocorrência 22]

Porque a gente – não sei se a senhora já tem ouvido contar que Tróia se arrasou? Tanto que diz **que quando Tróia se arrasou (...) que** se arrasou com areia! Que choveu três dias areia. (CORDIAL-SIN, AJT07)

(25) a. [ocorrência 1]

Minha avó dizia **que fome de pão que** nunca tinha tido, que o pai que vendia muito milho. (CORDIAL-SIN, CRV30)

b. [ocorrência 341]

eu acho, por exemplo, quanto a mim, acho **que a, a maxi-saia**, que é... **que** são poucas as pessoas que se conseguem defender com ela, não acha? (PF-653-Lisboa)

Relativamente à recomplementação com outros complementadores/conjunções, as poucas ocorrências obtidas apresentam também maioritariamente tópicos sujeito e adjuntos entre complementadores, havendo ainda assim uma maioria de pronomes expletivos

periféricos entre duas instâncias de *para* (cf. (26)). Os dados do CRPC mostram exclusividade de tópicos sujeito e adjuntos para ocorrências com *que*, com *se* condicional e com *se* interrogativo.

(26) a. [ocorrência 324]

se fosse muita água, trabalhava com três dedos, se fosse pouca, trabalhava com dois, que é para dar (a) força no penado que é **para ele para a pedrinha** andar de roda [...] para moer o milho, para fazer farinha. (CORDIAL-SIN, MIG16)

b. [ocorrência 319]

Isso começavam a caminho em meados de Agosto, (...) a trazer [AB|**para ele** para, para] **para** deitarem (...) aos porcos. (CORDIAL-SIN, CRV58)

Por fim, importa referir que, em termos da Hipótese 4 b), foram encontradas não apenas ocorrências com orações subordinadas adverbiais condicionais, como em (24b), (como Mascarenhas (2015) havia notado), mas também ocorrências com outro tipo de subordinadas adverbiais, entre elas orações adverbiais gerundivas, como a de (24a), e orações adverbiais temporais, como a de (24c).

### 2.5.2. Constituintes incompatíveis com a recomplementação (Hipótese 5)

De acordo com a Hipótese 5, constituintes quantificados, constituintes focalizados, advérbios aspetuais e de negação e NPs reduzidos com função de sujeito não podem encontrar-se em recomplementação. Ao contrário do que aconteceu para a hipótese anterior, para esta hipótese não foram tidas em conta as ocorrências sem recomplementação que pudessem ter algum destes constituintes, pois, durante a recolha, tais ocorrências foram ignoradas. Deste modo, mais uma vez, não temos como integrar o número de ocorrências obtidas num total global, pelo que as conclusões não vão ser tão precisas como as tiradas para a Hipótese 4.

No conjunto de todos os dados de recomplementação, foram encontradas apenas 4 ocorrências com constituintes tipicamente considerados incompatíveis, sendo três deles constituintes quantificados e um NP sujeito reduzido. Essas ocorrências são apresentadas de seguida:

(27) a. [ocorrência 19]

Mesmo eles dizem **que mais de dez anos que** não se pode andar numa tabaqueira. (CORDIAL-SIN, STJ24)

b. [ocorrência 184]

O meu pai dizia **que todo o gado que bebesse no Tejo, que provavelmente** (...) vinha perigoso a trazer (...) esses bichos. (CORDIAL-SIN, MTM16)

c. [ocorrência 233]

Outras pessoas dizem **que cada patinha – aquilo tem muitas patas –, cada patinha que** é uma dor. (CORDIAL-SIN, STJ52)

d. [ocorrência 181]

*INQ1... Lembra-se de ainda se cultivar o linho aqui?*

INF Eu, quer dizer, ainda me lembro também, ainda me lembro (...) de saber **que** peessoas **que** semeavam e que colhiam. E também me lembro (...) mesmo de ver pessoas ainda a fiar. (CORDIAL-SIN, MST02)

As três primeiras ocorrências acima parecem indicar que, apesar de não serem preferenciais, as estruturas com constituintes quantificados entre complementadores existem. Contudo, a falta de dados sem recomplementação com os quais possamos comparar não nos dá informação suficiente para infirmar a hipótese. Estes dados devem, ainda assim, ser considerados para eventual investigação futura. A última ocorrência acima, com o NP reduzido, parece ser um caso mais pontual. Em relação a este e aos outros constituintes habitualmente considerados incompatíveis, os dados (ou a inexistência deles) parecem indicar que o seu uso entre complementadores é bastante raro ou inexistente. Mais uma vez, contudo, a falta de dados sem recomplementação não nos permite dar uma resposta verdadeiramente conclusiva.

## 2.6. Dados inesperados

Durante a recolha e a classificação dos dados, surgiram ocorrências não previstas pelas hipóteses ou pela bibliografia. Nesta secção serão expostos 5 conjuntos de dados inesperados, dois deles relacionados com o tipo de conector redobrado, outros dois relacionados com os constituintes em recomplementação e um relacionado com as construções de clivagem.

### 2.6.1. Outros conectores redobrados

Os dados que apresento de seguida foram encontrados por acaso e, como referido anteriormente na secção de Metodologia, não foram recolhidos exaustivamente. Se são ocorrências pontuais ou um sinal de que a Recomplementação se estende a outros conectores para além dos previstos, as ocorrências que apresento não são suficientes para esclarecer.<sup>75</sup>

O primeiro tipo de ocorrências, que se pode observar em (28), diz respeito à recomplementação com *que* explicativo causal. Estes dados foram encontrados apenas no CORDIAL-SIN. Note-se que uma das ocorrências, a de (28b), é também uma instância de dupla recomplementação, com um adjunto e um sujeito entre conjunções.

(28) a. [ocorrência 293]

"Vai já, já, já, já, (...) vai (...) a Manhouce e vai ter com o padre e diz ao padre que vá para Viseu, **que o moço que** vai embora" – isto foi numa sexta-feira –, "que segunda-feira que ele que vai embora. (CORDIAL-SIN, COV11)

b. [ocorrência 294]

"Vai já, já, já, já, (...) vai (...) a Manhouce e vai ter com o padre e diz ao padre que vá para Viseu, **que o moço que vai embora**" – isto foi numa sexta-feira –, "**que segunda-feira que ele que** vai embora. (CORDIAL-SIN, COV11)

---

<sup>75</sup> Note-se que, embora não os tenha considerado como complementadores, tem-se notado, em alguns trabalhos, que estes conectores (a conjunção explicativa *que* e o pronome relativo *que*) exibem um comportamento de complementador no que toca a algumas propriedades (cf. Matos e Raposo, 2013 e Colaço e Matos, 2016, para as orações explicativas causais e Brito, 1991, para as orações relativas). Tal comportamento aproxima-os do *que* das completivas, o que pode explicar esta possibilidade de recomplementação.

c. [ocorrência 295]

Disse-me que o mercasse, **que ele que** entrava a dar metade do dinheiro. (CORDIAL-SIN, GRJ01)

O segundo tipo de ocorrências (cf. (29)) relaciona-se com as orações relativas, havendo duas instâncias do pronome relativo *que* a rodear uma oração adverbial temporal (29a) e um sujeito (29b). Ambas as ocorrências são do *corpus* PF.

(29) a. [ocorrência 385]

«ah, o teu primo, parece-me bem que é do[s], daqueles **que quando vão para casar que** resolvem a coisa quase na, na ocasião.» (PF-725-Terceira)

b. [ocorrência 386]

bem, sei fazer pratos assim que a minha senhora faz **que eu que** não sabia. (PF-839-Leiria)

## 2.6.2. Outros constituintes em recomplementação

Para além de dados com conetores redobrados diferentes do esperado, foram encontrados dados com constituintes em recomplementação que a bibliografia para o PE não menciona. São eles constituintes locativos não-adjunto (cf. (30)) e Tópicos Pendentes (cf. (31)).

(30) [ocorrência 384]

portanto, dobrou o, o paninho e desconfio **que nesse paninho que** está incluído um saquinho qualquer com essa tripa (PF-29-Porto)

(31) a. [ocorrência 286]

Porque a gente sabe **que aquela terra ali que por baixo** é (escumalho). (CORDIAL-SIN, MTV08)

b. [ocorrência 287]

Dizem **que o centeio (...)** com a cevada, **que** ficava o pão melhor. (CORDIAL-SIN, PST16)

A tabela que se segue mostra – principalmente no que toca ao CORDIAL-SIN – que, apesar de reduzido, o número de ocorrências com recomplementação<sup>76</sup> é proporcional ao número de ocorrências sem recomplementação para os Tópicos Pendentes. O número de constituintes locativos não-adjunto é mais reduzido na sua totalidade.

Tabela 18 – Números e percentagens das ocorrências com e sem Recomplementação com *que* para cada subgrupo de constituintes não previstos pela Hipótese 4 (CORDIAL-SIN e PF). Note-se que foram adicionados à contagem os constituintes presentes em ocorrências com múltiplos constituintes.

	CORDIAL-SIN		PF	
	Com Recomp.	Sem Recomp.	Com Recomp.	Sem Recomp.
Constituintes locativos não-adjunto	0 (0%)	3 (100%)	1 (33%)	2 (67%)
Tópicos pendentes	6 (50%)	6 (50%)	0 (0%)	1 (100%)

<sup>76</sup> Quanto aos dados com outros complementadores/conjunções, apenas foram encontradas 6 ocorrências com constituintes não previstos, todas elas sem recomplementação.

### 2.6.3. *que* de recomplementação seguido de *é que*

Por fim, foram encontrados dados de recomplementação associados a uma construção de clivagem, sendo a segunda instância de *que* imediatamente seguida por *é que*, como demonstram as ocorrências em (32).

(32) a. [ocorrência 289]

E o meu marido conta que o pai morreu ele tinha onze anos e **que a mãe (...)** **que é que** lavrava as terras. (CORDIAL-SIN, FLF32)

b. [ocorrência 291]

Penso **que aqui o mestre que é que** tem essa serra, [...] uma serra para serrar assim dois homens com ela, e o machado, um machado de serrador, [...] uns machados mesmo pois feitos lá no Norte. (CORDIAL-SIN, MLD46)

Foram recolhidas para comparação ocorrências de pseudoclivadas invertidas de *é que* que não envolvem recomplementação. Os resultados, sumariados na tabela 19, mostram que os dados sem recomplementação constituem a maioria, mas apenas com uma ocorrência a mais que os dados com recomplementação.

Tabela 19 – Números e percentagens das ocorrências de pseudoclivadas invertidas de *é que* com e sem um *que* de recomplementação (CORDIAL-SIN e PF).

	CORDIAL-SIN		PF	
	Com Recomp.	Sem Recomp.	Com Recomp.	Sem Recomp.
Pseudoclivadas invertidas de <i>é que</i>	4 (44%)	5 (50%)	0 (0%)	1 (100%)

## 3. Síntese e Discussão dos Resultados

A tabela que se segue apresenta todas as hipóteses associadas às conclusões que a recolha e análise de dados permitiu tirar.

Tabela 20 – Predições apresentadas no início deste capítulo com as respetivas conclusões consequentes da análise de dados de *corpora*.

Hipótese			Conclusão
1	A Recomplementação é uma característica do PE oral e informal.		Inconclusivo
2	A Recomplementação é um fenómeno produtivo.		Confirmada
3	A Recomplementação não é um fenómeno dialetal, encontrando-se por todo o país.		Confirmada
4	Entre complementadores podemos encontrar:	a) constituintes em DEC	Inconclusivo
		b) constituintes em Topicalização	Inconclusivo
		c) constituintes em DETP	Inconclusivo
		d) advérbios (/adjuntos)	Confirmada
		e) pronomes expletivos periféricos	Confirmada

		f)	tópicos sujeito	Confirmada
		g)	orações subordinadas adverbiais condicionais (e outras adverbiais)	Confirmada
5	Entre complementadores não podemos encontrar:	a)	constituintes quantificados	Inconclusivo
		b)	constituintes focalizados	Inconclusivo
		c)	advérbios aspetuais/de negação	Inconclusivo
		d)	NPs reduzidos com função de sujeito	Inconclusivo
6	Não pode haver mais do que um constituinte entre complementadores			Infirmada
7	Existe recomplementação:	a)	dupla	Confirmada
		b)	tripla	Inconclusivo
8	Existe recomplementação subordinada a:	a)	nomes	Confirmada
		b)	adjetivos	Inconclusivo
9	Existe recomplementação:	a)	com o complementador interrogativo <i>se</i>	Evidência Fraca
		b)	com a preposição <i>para</i>	Inconclusivo
		c)	com a conjunção condicional <i>se</i>	Evidência Fraca

Como se pode observar na tabela, a maior parte das hipóteses não pôde ser confirmada ou infirmada pelos dados recolhidos. Esta impossibilidade deveu-se a dois motivos. O primeiro, relacionado com os próprios *corpora*, é o facto de o número de ocorrências globais para testar uma determinada hipótese não ter sido suficiente, como foi o caso das Hipóteses 4a), b) e c), 7b) e 8b). O segundo é o facto de não ter sido feita uma recolha de todos os dados que poderiam ter sido usados para chegarmos a uma conclusão mais definitiva, como aconteceu em relação às Hipóteses 1, 5 e 9b).

As duas hipóteses que tiveram como resultado “Evidência Fraca” (Hipóteses 9a) e c)) não se encontram na mesma situação que a das hipóteses com resultado inconclusivo. Nestes casos, a recolha dos dados globais foi realizada e o número total dessas ocorrências foi mais do que suficiente. No entanto, o número de ocorrências que confirmam a hipótese é bastante reduzido em relação ao total, de tal forma que não sabemos se tais ocorrências são pontuais ou se o fenómeno em causa existe mas é pouco produtivo. Note-se ainda que a falta de ocorrências para um determinado fenómeno não é necessariamente indicativa de que o fenómeno não existe na língua, mas sim de que simplesmente não existe no *corpus* em questão.

Ainda assim, os dados foram suficientes para dar uma conclusão mais definitiva a 9 das 22 hipóteses, o que veio trazer alguma evidência empírica para um fenómeno ainda pouco estudado no PE.

Mais especificamente, os dados permitiram-nos verificar que (i) a Recomplementação é bastante produtiva em todo o território português; (ii) à semelhança de outras línguas nas quais o mesmo fenómeno está presente, constituintes periféricos que têm sido associados à posição de TopP são os que mais frequentemente se encontram no centro da estrutura; (iii) tanto a iteração do segundo complementador – criando estruturas de dupla recomplementação – como a realização de mais do que um constituinte entre complementadores correspondem a estruturas possíveis no PE, e (iv) a recomplementação no PE não se restringe a contextos de subordinação a verbos, podendo surgir subordinada a nomes.

### 3.1. A hipótese infirmada: múltiplos constituintes periféricos

Apesar de Mascarenhas (2015) afirmar que não pode haver mais do que um constituinte periférico entre complementadores, os dados recolhidos para esta dissertação são suficientemente fortes para contradizer esta afirmação, colocando o PE ao lado do espanhol, onde tais estruturas são possíveis (Demonte & Soriano, 2007, 2009; Villa García, 2012).

Seguindo mais atentamente a afirmação de Mascarenhas, não só é dito que não pode haver mais do que um constituinte entre complementadores como também é dito que, caso haja mais do que um constituinte periférico na frase, cada um deles deve ser obrigatoriamente seguido de um complementador, originando estruturas de dupla ou mesmo tripla recomplementação. Tal implica que uma sequência de «*que* – constituinte periférico – *que* – constituinte periférico» também não deveria ser possível. Como visto no presente capítulo, contudo, apesar de a dupla recomplementação ter sido comprovada, foram encontradas 12 ocorrências em que um constituinte periférico (sem propriedades associadas a FocP) surge fora da recomplementação. Isto contradiz a afirmação de Mascarenhas<sup>77</sup>, mas, mais uma vez, coloca o português a par do espanhol tal como descrito por Villa-García<sup>78</sup>, já que em ambas as línguas várias sequências que envolvem recomplementação são possíveis:

(33) a. [espanhol]

*Me dijeron **que** entonces, **que** a tu padre no lo van a llamar ni di coña.* (Villa-García, 2012: 27)

b. [PE, ocorrência 100]

Até dizem **que** (...) a cigarra **que** uma vez foi-lhe pedir trigo emprestado e a formiga disse-lhe assim: "Então de Verão o que 'fizestes'?" (CORDIAL-SIN, CPT34)

(34) a. [espanhol]

*Me dijeron **que** la madre de Ángel, **que** al perro, **que** no le da de comer.* (Villa-García, 2012: 28)

b. [PE, ocorrência 274]

Olhe lá, e diz **que** (...) se cair uma bomba atômica em Lisboa **que** a gente aqui **que** também morre. (CORDIAL-SIN, COV19)

(35) a. [espanhol]

*Dijo **que** a su perro, **que** Juan, entonces, **que** no lo va a vacunar.* (Villa-García, 2012: 29)

b. [PE, ocorrência 276]

Porque dizíamos **que** se se rapava no crescente, **que** a lâ, depois, **que** se nos cortava (...) nas teias – (...) na teia que fazíamos. (CORDIAL-SIN, CTL29)

---

<sup>77</sup> De notar, no entanto, que em 6 dessas 12 ocorrências o constituinte em questão é um sujeito pré-verbal (realizado) e Mascarenhas (2015) não parece incluir os sujeitos na sua afirmação, a julgar pelos exemplos gramaticais que dá:

(i) a. Acho **que** esse livro **que** a Ana já (o) leu.

b. Disseram-me **que** ao João **que** o professor (lhe) deu um dezoito. (Mascarenhas, 2015: 4)

<sup>78</sup> Mas não por Demonte & Soriano (2007, 2009). Cf. cap I desta dissertação.



### 3.2. Os dados inesperados: constituintes não previstos e pseudoclivadas invertidas de *é que*

Como apresentado em 2.6.2., surgiram três pequenos conjuntos de dados que a literatura para o português não nos permitiu prever: entre complementadores foram encontrados dados com constituintes locativos não-adjunto, constituintes clivados e Tópicos Pendentes.

#### 3.2.1. Constituintes locativos não-adjunto

Estando admitidamente representados apenas por uma ocorrência de recomplementação (1/6), os constituintes locativos não-adjunto correspondem aos locativos de construções com verbos de movimento (e.g. *pôr, colocar, passar, cair, ir/vir, chegar/partir, entrar/sair*), com verbos existenciais e de aparição (e.g. *morar, viver, existir, faltar, aparecer, suceder, acontecer, ocorrer, passar-se*) ou com verbos copulativos (e.g. *estar, ficar, permanecer, continuar*).

Enquanto em construções com o verbo *pôr/colocar* estes constituintes parecem ser tidos como complemento oblíquo, em construções com os restantes verbos acima, a função dos locativos não é consensual. Em Raposo (2013a,b), por exemplo, os verbos existenciais locativos *morar* e *viver* e os verbos de movimento são mencionados como verbos que selecionam expressões de lugar que funcionam como argumentos, sendo referido que, como qualquer outro complemento, essas expressões não podem ser omitidas da frase (e.g. *o João mora \*(em Lisboa)* vs. *O João construiu uma casa (em Lisboa)*). Os verbos *acontecer, ocorrer* e *suceder*, por sua vez, são descritos como selecionando um complemento locativo (ou temporal) opcional. Já em relação aos verbos copulativos acima listados, em frases que exprimem localização, o autor admite a existência de duas análises: uma em que o verbo é copulativo e, por isso, o constituinte locativo é de natureza predicativa (i.e. núcleo de uma oração pequena), e outra em que o verbo é pleno e o constituinte locativo é um complemento. Por outro lado, em Duarte (2003a), tanto os verbos de movimento (à exceção de *pôr* e *colocar*) como os verbos existenciais e de aparição são analisados como verbos inacusativos, sendo mencionado sobre os últimos que, apesar de não apresentarem todas as propriedades dos verbos inacusativos, têm as suficientes para serem considerados como tal. Tratando-se de construções inacusativas, os constituintes locativos seriam núcleo de uma oração pequena, assim como nas construções copulativas.

Em Duarte (2003a), é mencionada a construção de inversão locativa, na qual o constituinte locativo surge em posição pré-verbal ao invés da sua posição canónica, enquanto o sujeito é realizado em posição pós-verbal (cf. (36)). No contexto do espanhol, alguns autores, como Kempchinsky (2002) e Villa-García (2012, 2015), defendem uma hipótese para estas construções que coloca o constituinte locativo na periferia esquerda da frase. Villa-García (2015) faz referência a evidência que contraria a hipótese de que o constituinte locativo se

encontra em spec, TP<sup>79</sup>: em frases com valor exortativo encabeçadas por *que*, o constituinte locativo não pode surgir entre o *que* e o verbo (cf. (37)), demonstrando que não tem as mesmas propriedades distribucionais dos verdadeiros sujeitos. Para o PE, Teixeira (2016) defende a hipótese – antes colocada por Lahousse (2003, 2007, 2011) para o francês – de que os locativos pré-verbais são tópicos cénicos, definindo “tópico cénico” como um “constituente pressuposto que especifica a localização espaço-temporal do evento ou estado expresso pela frase”.

- (36) a. Em Telheiras mora o Pedro.  
 b. Na biblioteca apareceu um fantasma de voz cavernosa.  
 c. Em França ocorreu o maior acidente aéreo com um Concorde.

[Duarte, 2003a: 547]

- (37) a. *¡Que pongan unas mesas de bienvenida en el pasillo!*  
 b. *¡Que pongan en el pasillo unas mesas de bienvenida!*  
 c. ?? *¡Que en el pasillo pongan unas mesas de bienvenida!*  
 d. *¡En el pasillo, **que** pongan unas mesas de bienvenida!*  
 ‘Ponham umas mesas de inscrição no corredor!’

[Villa-García, 2015: 136]

A possibilidade de estes constituintes surgirem em recomplementação no PE<sup>80</sup> pode, assim, constituir evidência a favor da hipótese de que estamos a lidar com mais um constituinte com estatuto de tópico. Inversamente, caso seja possível comprovar de alguma outra forma que estes locativos são tópicos, a proposta de que o *que* de recomplementação é um marcador de tópico encontra mais um argumento empírico para a sustentar. De qualquer modo, para confirmar esta possibilidade, serão necessários mais dados do que os encontrados para a presente dissertação, ainda que as frases de (38) pareçam aceitáveis com a presença de recomplementação:

- (38) a. Acho **que em Telheiras que** mora o Pedro.  
 b. Contaram-me **que na biblioteca que** apareceu um fantasma de voz cavernosa.  
 c. O jornalista disse **que em França que** ocorreu o maior acidente aéreo com um Concorde.

### 3.2.2. Tópicos Pendentes

Em recomplementação foram também encontrados tópicos pendentes (6/13):

- (39) a. [ocorrência 285]  
 Porque sabem **que os bichos, que** aquilo são bichos que não prejudicam nada. (CORDIAL-SIN, AJT25)

<sup>79</sup> Esta é uma posição defendida para o espanhol por Ortega-Santos (2005), Torrego (1989) e Zubizarreta (1998), *apud* Villa-García (2015).

<sup>80</sup> Em Villa-García (2012), alguns exemplos mostram que a recomplementação com este tipo de constituintes também é possível no espanhol:

(i) *Repitió que a la fiesta, (que) vienen mis padres.* (Villa-García, 2012: 98)

b. [ocorrência 286]

Porque a gente sabe **que** aquela terra ali **que** por baixo é (escumalho). (CORDIAL-SIN, MTV08)

c. [ocorrência 287]

Dizem **que** o centeio (...) com a cevada, **que** ficava o pão melhor. (CORDIAL-SIN, PST16)

d. [ocorrência 262]

Diz **que** a víbora, o canto dela **que** encanta! (CORDIAL-SIN, EXB46)

e. [ocorrência 279]

E da grada, nas Flores, a grada, disse-me o senhor Barnabé, **que** a baleia grada **que** um quilo de dente, **que** estava (...) a cinco contos; e o da miúda a três. (CORDIAL-SIN, PIC09)

A razão pela qual não se previram tópicos pendentes em recomplementação prende-se com a descrição de Duarte (2013), sintetizada no Capítulo I (secção 2.3.1.) desta dissertação. De acordo com a autora, os tópicos pendentes são mais frequentes em frases-raiz, havendo mesmo casos em que tais constituintes em orações subordinadas parecem resultar em frases agramaticais:

(40) a. \*Perguntaram-me se, por falar em *férias*, alguém conhece um alojamento interessante em Caminha.

b. ??Estou a afirmar-lhe que, *sobremesas*, como vê, temos laranjas.

[Duarte, 2013: 410]

Naturalmente, sendo a recomplementação específica da subordinação, não se esperava encontrar uma combinação de recomplementação e tópicos pendentes.

De qualquer forma, estes dados podem constituir um reforço da evidência empírica que confirma a hipótese de que constituintes com valor de tópico são os que mais frequentemente se encontram entre complementadores.

### 3.2.3. *que* de recomplementação seguido de *é que*

Os dados de *que* de recomplementação seguido de *é que* (4/10) são ocorrências em que o constituinte entre complementadores parece ser simultaneamente clivado e “recomplementado” (cf. (41)). Embora, à partida, seja possível encontrar recomplementação associada a outras construções de clivagem, é só em pseudoclivadas invertidas e em pseudoclivadas invertidas de *é que* que a clivagem parece recair no constituinte em recomplementação (cf. (42), com os constituintes clivados em itálico<sup>81</sup>).

---

<sup>81</sup> Exemplos adaptados de Duarte (2003b: 685, 687). Segue-se, nesta dissertação, a nomenclatura de Duarte (2003b) para as construções de clivagem.

(41) Pseudoclivadas invertidas de *é que*

a. [ocorrência 288]

INF [...] E ele disse que havia de haver uma guerra em Portugal, que há-de ser vencida pelos homens de sessenta anos (...) no Campo de Ourique em Lisboa, que já não havia de haver (era) mocidade nenhuma.

*INQ1 Ai, meu Deus!*

INF **Que os homens de sessenta anos que é que** haviam de fazer uma guerra! (CORDIAL-SIN, COV18)

b. [ocorrência 289]

E o meu marido conta que o pai morreu ele tinha onze anos e **que a mãe (...) que é que** lavrava as terras. (CORDIAL-SIN, FLF32)

c. [ocorrência 290]

Até (...) as minhas irmãs ficaram aborrecidas por via que lembraram-se **que eles que é que** convenceram mais os pais para eles lhe darem aquilo quase tudo. (CORDIAL-SIN, MLD46)

d. [ocorrência 291]

Penso **que aqui o mestre que é que** tem essa serra, uma serra grande, uma serra boa, uma serra para serrar assim dois homens com ela, e o machado, um machado de serrador, uns machadões grandes, pois muito bons, uns machados mesmo pois feitos lá no Norte. (CORDIAL-SIN, MLD46)

(42) a. pseudoclivada básica:

Ele disse **que quem comeu o queijo que** foi o corvo.

b. semipseudoclivada básica/estrutura de focalização com ser:

Ele disse **que o corvo que** comeu foi o queijo.

c. pseudoclivada invertida:

?Ele disse **que o queijo que** foi o que o corvo comeu.<sup>82</sup>

d. pseudoclivada invertida de *é que*:

Ele disse **que o queijo que é que** o corvo comeu.

Os dados encontrados são problemáticos na medida em que as construções clivadas, e particularmente as clivadas de *é que*, têm vindo a ser associadas às construções de focalização contrastiva como as do espanhol e do italiano, nas quais o constituinte focalizado é movido para uma posição de especificador de CP/FocP (Lobo, 2006). Se, como parece ser o caso, o constituinte entre complementadores tem propriedades de foco, estes dados contradizem a hipótese de que apenas constituintes com propriedades de tópico é que podem estar em estruturas de recomplementação, algo que tem vindo a ser mencionado para o espanhol (Demonte & Soriano, 2007, 2009; Villa-García, 2012) e reforçado para o PE.

Por sua vez, *é que* tem vindo a ser tratado como uma expressão cristalizada<sup>83</sup> pelo facto de o verbo *ser* ser invariável em pessoa, número, tempo e modo (cf. (43)) e por não poder haver nenhum elemento entre *é* e *que* (cf. (44)). Isto levou a que Lobo (2006) considerasse a expressão como núcleo de CP (ou FocP), preenchida quando houvesse um constituinte na posição de especificador a precisar de um valor de contraste. Esta estrutura não parece ser

<sup>82</sup> Tanto quanto pude observar, não houve nenhuma ocorrência deste tipo no conjunto de dados obtido.

<sup>83</sup> Cf. Casteleiro, 1979 e Costa & Duarte, 2001, *apud* Lobo, 2006.

compatível com a recomplementação, visto que não haveria lugar para o complementador *que* entre o constituinte clivado (spec, CP/FocP) e *é que* (C/Foc), como se pode observar pelo duplo preenchimento de Foc, em (45).

- (43) a. Em casa é que eu trabalhava bem.  
b. \*Em casa era que eu trabalhava bem.

- (44) a. \*A Ana é certamente que sabe isso.  
b. A Ana é que certamente sabe isso.

[Lobo, 2006: 8]

- (45) penso [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>FocP</sub> aqui o mestre [<sub>Foc'</sub> [<sub>Foc</sub> **que é que**] [<sub>FinP</sub> tem essa serra]]]]

Cardoso & Alexandre (2013), também recorrendo a dados do CORDIAL-SIN, notam a existência, em algumas variedades do PE não-padrão, de uma construção semelhante à encontrada para esta dissertação, sendo que nela se combina uma clivada de *é que* com uma oração relativa:<sup>84</sup>

- (46) a. Mas antigamente só havia aqui um senhor que **é que** tinha muitas abelhas. (CORDIAL-CTL)

- b. INF2 Um lombozinho.

INF1 diferente da outra terra que **é que** se andava a cultivar. (CORDIAL-CBV)

[Cardoso & Alexandre, 2013: 2, 8]

Seguindo uma proposta em que o *que* relativo não é um morfema-wh, mas um complementador, as autoras encontram o mesmo problema que a recomplementação com clivadas apresenta: se *é que* é a lexicalização de C, *é que* e o *que* relativo concorrem para a mesma posição. Propõem, assim, que *é que* não é uma lexicalização de C quando em coocorrência com relativas clivadas<sup>85</sup>, sendo em vez disso uma estrutura em que o verbo *ser* seleciona uma oração pequena da qual o CP encabeçado por *que* é o predicado (sendo o sujeito uma categoria vazia). O antecedente da relativa seria extraído desse CP. Veja-se, assim, a representação da relativa de (46a):

- (47) [<sub>DP</sub> o [<sub>CP</sub> [<sub>DPrel</sub> **senhor**<sub>NP</sub> [<sub>Drel'</sub> Ø *t*<sub>NP</sub>]]] [<sub>C'</sub> que [<sub>IP</sub> é [<sub>SC</sub> *ec* [<sub>CP</sub> *t*<sub>DPrel</sub> [<sub>C</sub> que [<sub>IP</sub> *t*<sub>DPrel</sub> tinha muitas abelhas]]]]]]]]]]

[Cardoso & Alexandre, 2013: 16]

É possível que uma estrutura deste tipo também se aplique aos casos encontrados para esta dissertação. No entanto, há que ter em conta que um dos motivos para Cardoso & Alexandre (2013) não considerarem *é que* como uma expressão cristalizada é o facto de haver concordância temporal entre o verbo *ser* e o verbo da relativa (cf. (48)). Tal não acontece nos casos com recomplementação, já que o verbo copulativo surge sempre no presente, mesmo

<sup>84</sup> Cardoso & Alexandre (2013) apresentam dados com outros morfemas relativos para além de *que*.

<sup>85</sup> Cf. Cardoso & Alexandre (2013) para a argumentação por detrás desta proposta.

quando o tempo do verbo encaixado é outro (cf. (41a, b, c)). Ainda assim, a concordância temporal das relativas clivadas não parece ser obrigatória, como (46) mostra.

(48) a. Isto chamava-se a sega - uma sega -, que **era que** cortava a leiva (CORDIAL-MTM)

b. Que não podia levar sacas grandes, de cinquenta quilos, que **era que** se traziam. (CORDIAL-PFT)

[Cardoso & Alexandre, 2013: 14]

Alternativamente, e caso se adote a proposta de Top para o conector de recomplementação (cf. 3.3.4.), talvez seja possível considerar-se que é o sintagma TopP com o núcleo realizado que é alvo da clivagem. Nesse caso, estaria na posição de especificador de FocP, cujo núcleo é preenchido por *é que*.<sup>86</sup> De qualquer das formas, se o conector de recomplementação é um marcador de tópico, há nestes dados um conflito de valores discursivos, já que o constituinte em recomplementação fica marcado como tópico (i.e. informação conhecida do locutor e do interlocutor) e como foco (i.e. informação contrastiva nova) em simultâneo.

### 3.3. Consequências para as propostas de análise da Recomplementação

#### 3.3.1. *que* de recomplementação em Fin

Como referido no ponto 2.1.1. do Capítulo I, Demonte & Soriano (2007, 2009), no contexto do espanhol, ponderam inicialmente a hipótese de o *que* de recomplementação se inserir no núcleo de FinP. Os dados do PE adquiridos para esta dissertação reforçam a argumentação contra esta proposta de duas formas.

Em primeiro lugar, os dados confirmam que a dupla recomplementação é possível, i.e. é possível haver pelo menos uma iteração do *que* de recomplementação sempre que há mais do que um constituinte apropriado na periferia esquerda. Tendo em conta que FinP é a projeção mais baixa da periferia esquerda e não é uma projeção recursiva, não poderia acomodar o primeiro *que* de recomplementação, mas apenas o último. A dupla recomplementação não foi considerada uma possibilidade para o espanhol por Demonte & Soriano, mas, em Villa-García (2012, 2015), a construção é aceitável e é também usada para contrapor a proposta de Fin.

Em segundo lugar, foram encontrados dados com material periférico à direita da recomplementação, incluindo constituintes focalizados (cf. (49a)), adjuntos (cf. (49b)) e orações adverbiais (cf. (49c)). Foram também encontrados dados com advérbios aspetuais e de negação, possivelmente associados a uma projeção de foco (em Barbosa, 2000) (cf. (50)). Mais uma vez, se FinP é a projeção mais baixa da periferia e não é recursivo, a inserção do *que* de recomplementação no seu núcleo impossibilita a realização de material periférico à sua direita.

---

<sup>86</sup> Representação desta estrutura:

conta [ForceP [Force **que**] [FocP [TopP a mãe [Top **que**]] [Foc *é que*] lavrava as terras

Em última análise, este mesmo argumento é usado por Demonte & Soriano para descartar a hipótese de FinP para o espanhol.

(49) a. [ocorrência 28]

Porque eles dizem que o tubarão não faz mal. **Que** sendo dois, **que** aí podem fazer mal se se atacarem, se fizerem mal a ele (CORDIAL-SIN, PIC35)

b. [ocorrência 100]

Até dizem **que** (...) a cigarra **que** uma vez foi-lhe pedir trigo emprestado e a formiga disse-lhe assim: "Então de Verão o que 'fizestes'"? (CORDIAL-SIN, CPT34)

c. [ocorrência 126]

Diz **que** as lavadeiras **que** quando Nossa Senhora 'dia' para o Egito e mais o Senhor São José, elas 'diam' escondendo as pegadas. (CORDIAL-SIN, FLF09)

(50) a. [ocorrência 1]

Minha avó dizia **que** fome de pão **que** nunca tinha tido, que o pai que vendia muito milho. (CORDIAL-SIN, CRV30)

b. [ocorrência 44]

E depois chegam cá (...) os indivíduos a ver – lá os técnicos – a ver aquilo, vêem aquilo a rebentar, mas não dizem logo (...) **que** aquilo **que** já nunca mais dá nada. (CORDIAL-SIN, AAL31)

c. [ocorrência 33]

Mas eu tinha até coiso **que** ele **que** ainda funcionava, por ali assim, umas coisas dessas. (CORDIAL-SIN, AAL22)

É de notar que Ribeiro e Torres Morais (2012), no contexto do português do Brasil (PB), propõem a inserção do segundo *que* em Fin, argumentando que a possibilidade de uso de parentéticas entre o tópico e o complementador indica que não há uma relação de especificador-núcleo entre eles:

(51) e dizia [<sub>ForceP</sub> **que**<sub>1</sub> [<sub>FrameP</sub> quando o João chegasse Ø], [<sub>Paranth.</sub> *segundo o que Maria disse*], [<sub>FinP</sub> **que**<sub>2</sub> eles iriam ao cinema]]

[Ribeiro e Torres Morais, 2012: 111-112]

No entanto, admitem que, em casos de dupla recomplementação, o primeiro *que* redobrado seria um outro tipo de *que*, esse sim, em núcleo de TopP, o que implica que, nesses casos, não pode haver uma parentética entre o tópico e o *que*.

No que toca aos dados reunidos para esta dissertação, não foram encontradas parentéticas entre o tópico e o complementador a não ser as que têm como expressão-âncora o próprio constituinte topicalizado (cf. (52)). Assumindo aqui que a parentética (ou suplemento) se combina com o XP-âncora para formar um XP mais abrangente, nestes casos teríamos apenas um tópico mais abrangente seguido do complementador. Tal não se verifica no exemplo

de Ribeiro e Torres Morais, já que a expressão-âncora é toda a oração subordinada (*que quando o João chegasse que eles iriam ao cinema*).<sup>87</sup>

- (52) a. [ocorrência 17]  
 Diz **que** lá, ali (...) para o lado de Castelo Branco **que** ainda fiam, (...) que ainda usam.  
 (CORDIAL-SIN, PVC07)
- b. [ocorrência 209]  
 "Ó pai, o"!... "O" queria dizer **que** o seu noivo, o seu marido, **que** era aquele. (CORDIAL-SIN, PIC04)
- c. [ocorrência 368]  
 mas eu acho **que** isto, esta explicação aos miúdos **que** é benéfica. (PF-956-Coimbra)

### 3.3.2. *que de recomplementação no núcleo de um ForceP duplicado*

A hipótese do ForceP duplicado foi colocada por Martín-González (2002) para o espanhol e mencionada por Demonte & Soriano (2007, 2009). De acordo com esta, o *que* de recomplementação seria núcleo de um ForceP duplicado, localizado entre TopP e FocP, sendo responsável por reforçar o estatuto declarativo da frase. Se, por um lado, esta hipótese é favorável à existência de constituintes focalizados à direita da recomplementação – ao contrário da proposta anterior –, por outro, não explica a possibilidade de dupla recomplementação, já que para cada complementador redobrado seria necessária uma nova projeção ForceP:

- (53) a. ...**que** ontem **que** a Ana **que** fez o trabalho todo.
- [ForceP [Force' [Force que] [TopP ontem [Top' [ForceP2 [Force2' **que** [TopP a Ana [Top' [ForceP2 [Force2' **que** [FinP [Fin' TP fez o trabalho todo]]]]]]]]]]]

### 3.3.3. A projeção ModP para adjuntos

Como mencionado no Capítulo I (secção 2.2.1.), Rizzi (2001, 2009) propõe que haja uma projeção recursiva adicional na estrutura cindida de CP (cf. (54)). ModP seria a projeção onde os adjuntos estariam localizados, enquanto TopP estaria reservado para os verdadeiros tópicos. A recomplementação do inglês é um argumento usado em Rizzi (2009), visto que apenas adjuntos podem estar entre duas instâncias de *that*.

- (54) ForceP > TopP\* > FocP > ModP\* > TopP\* > FinP (Rizzi 2001)

<sup>87</sup> Para uma descrição detalhada de conexões paratáticas como a suplementação, cf. Mendes (2013: 1719-1738). Ver também Matos (2005, 2009), Matos & Colaço (2011) e Colaço & Matos (2016) para uma proposta distinta de análise sintática de algumas construções parentéticas do PE como as coordenadas parentéticas e as explicativas causais.



Não é claro em que posição se encontraria o segundo *that* e como é que essa proposta se traduziria para as línguas que aceitam tanto tópicos como adjuntos em recomplementação. Supondo que o complementador de recomplementação ocuparia o núcleo de ModP, em línguas como o PE haveria dois tipos de *que* de recomplementação: um para Top e um para Mod. De qualquer forma, a posição de ModP na periferia esquerda implicaria que não poderia haver constituintes focalizados abaixo de uma recomplementação com adjunto, o que (49a) parece contestar.

### 3.3.4. *que* de recomplementação em Top

A hipótese de o *que* de recomplementação ser o núcleo de uma projeção TopP – no especificador da qual se encontra o constituinte entre complementadores – foi colocada por Rodríguez-Ramalle (2003) e Villa-García (2012, 2015) para o espanhol e por Mascarenhas (2015) para o PE. Esta proposta tem algumas vantagens relativamente às anteriores.

Em primeiro lugar, sendo uma projeção recursiva, é compatível com os dados de dupla recomplementação reunidos. Apesar de a proposta de “*que* em Fin” parecer apropriada para dados com múltiplos constituintes periféricos entre complementadores, a proposta de Top também é adequada para estes casos – e para casos de interação entre dupla recomplementação e múltiplos constituintes – se assumirmos que o complementador de recomplementação (que é opcional) alterna com um operador nulo.

Em segundo lugar, a proposta dá conta dos dados com material periférico, mesmo constituintes focalizados, a seguir-se à recomplementação (cf. (49)), já que o primeiro TopP da estrutura definida em Rizzi (1997) precede FocP.

A grande maioria dos dados obtidos para esta dissertação apresenta constituintes com propriedades de tópico entre complementadores, o que também se adequa a esta proposta. No entanto, algumas ocorrências de constituintes quantificados em recomplementação<sup>88</sup> colocam um desafio à hipótese, visto que têm vindo a ser tratados como constituintes com propriedades de foco.<sup>89</sup> Para além disso, importa relembrar que os pronomes expletivos periféricos, apesar de semelhantes a tópicos, têm um carácter enfático e foram por esse motivo colocados no especificador de ForceP na proposta de Carrilho (2005) – proposta essa em que ForceP é dividido em duas projeções.

---

<sup>88</sup> Bem como as ocorrências de *que* de recomplementação seguido de *é que*.

<sup>89</sup> Apesar de poucos, os dados com constituintes quantificados em recomplementação dão a entender que a gramaticalidade da estrutura está relacionada com outros fatores, já que frases como as de (i), abaixo, são claramente agramaticais e frases como as de (ii) (e as encontradas no *corpus*) parecem ser aceitáveis. Talvez um maior conteúdo referencial do constituinte torne possível a sua topicalização – e, consequentemente, a recomplementação.

(i) a. \*Disseram-me **que a poucas pessoas que** foi entregue um convite.

b. \*Disseram-me **que nada que** vão poder fazer.

(Barbosa, 2000: 65)

c. \*Ele disse **que todos que** iam gostar daquele livro.

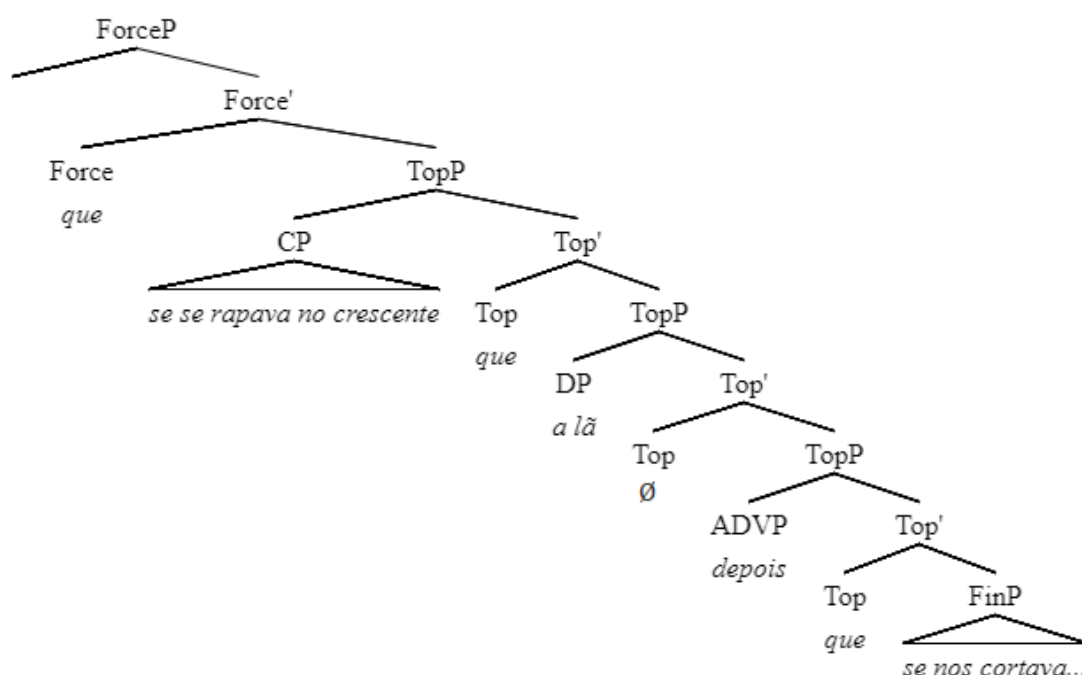
(ii) a. Ele disse **que todas as pessoas que gostam de fantasia que** podem ler aquele livro.

b. Ele disse **que muitos amigos do João que** lhe trouxeram um presente.

Ainda assim, de entre as propostas descritas no Capítulo I, a proposta de “*que* de recomplementação em Top” parece ser a mais promissora. Veja-se uma representação da recomplementação de acordo com esta hipótese:

(55) [ocorrência 276]

Porque dizíamos **que se se rapava no crescente, que a lâ, depois, que se nos cortava (...)** nas teias – (...) na teia que fazíamos. (CORDIAL-SIN, CTL29)



### 3.3.5. Recomplementação em orações adverbiais

Recordando que uma das hipóteses testadas nesta dissertação dizia respeito à possibilidade de recomplementação com outros conetores para além do complementador *que*, esta secção destina-se à discussão da estrutura que poderá estar por detrás desses tipos de recomplementação, ainda que os dados mostrem uma tendência fraca para o seu uso.

Enquanto a recomplementação com *se* interrogativo não parece ser diferente da recomplementação com *que*, já que a oração em que *se* insere é também completiva, a recomplementação com *se* condicional e com *para* insere-se numa oração adverbial. Tal indica que estas orações têm também elas uma periferia esquerda. Como discutido no Capítulo I (secção 1.3.2.), Haegeman (2002) admite esta possibilidade, propondo uma estrutura que diferencia adverbiais periféricas (que admitem tópicos, adjuntos e foco) de adverbiais integradas (que apenas admitem adjuntos<sup>90</sup>) e frases raiz.

<sup>90</sup> As adverbiais integradas também admitem DEC em línguas românicas (Haegeman 2006).

Nesse caso, seguindo a proposta de Top para o segundo conector, teríamos como resultado para a recomplementação com *se* condicional uma estrutura semelhante à da recomplementação com *que/se* interrogativo:

(56) a. [ocorrência 306]

**se o rei se** quisesse saber (...) bem a verdade, tinha os sete... (CORDIAL-SIN, PIC04)

b. [ForceP [Force' [Force **se**] [TopP [DP o rei] [Top' [Top **se** [FinP quisesse saber bem a verdade]

A recomplementação com *para*, contudo, parece ter um comportamento mais distinto das restantes. Em primeiro lugar, enquanto os constituintes entre conectores mais frequentes nos outros tipos de recomplementação são os tópicos-sujeito e os adjuntos, na recomplementação com *para* não há um único sujeito pré-verbal entre as duas instâncias do conector. Apesar de aí se encontrarem adjuntos, o constituinte mais frequente é o expletivo periférico, enquanto as ocorrências com sujeito realizado apresentam-no sempre depois da recomplementação:

(57) a. [ocorrência 321]

Para dar a semente, **para** ele **para a gente** tirar a couvinha, tem que colher... (CORDIAL-SIN, MIG01)

b. [ocorrência 324]

se fosse muita água, trabalhava com três dedos, se fosse pouca, trabalhava com dois, que é para dar (a) força no penado que é **para** ele **para a pedrinha** andar de roda para ele para o moer, para – como é que se diz? – para moer o milho, para fazer farinha. (CORDIAL-SIN, MIG16)

Em segundo lugar, como já constatado no Capítulo I (secção 2.3.3.), *para* nestas construções não é um complementador nem uma conjunção, mas uma preposição que introduz uma adverbial final. Ainda assim, se seguirmos a hipótese de que esta e outras preposições podem ter uma dupla entrada lexical – sendo essa a causa da variação ênclise/próclise em orações infinitivas, segundo Magro (2005) –, em casos de recomplementação com *para* é possível que a primeira instância seja, na verdade, um complementador.

### 3.3.6. Propriedades adicionais dos conectores de recomplementação

Como mencionado no Capítulo I (cf. 1.2.3), algumas línguas apresentam partículas específicas para marcar constituintes como tópico ou como foco, como é o caso de *yà* (partícula de tópico) e de *wε* (partícula de foco) do gungbe. Admitindo que os conectores alvo de estudo nesta dissertação, nomeadamente *que*, *se* e *para*, são todos lexicalizações de Top, há algumas diferenças entre a realização de Top no gungbe e a realização de Top no PE. Em primeiro lugar, ao contrário do que acontece no gungbe<sup>91</sup>, no PE a realização de Top, para além de ser opcional

<sup>91</sup> A partícula *yà* do gungbe parece ser opcional apenas em casos em que não é um tópico a precedê-la, mas um adjunto. Esta partícula pode surgir tanto em frases raiz como em orações subordinadas (cf. Haegeman, 2012: 17).

em orações subordinadas, é obrigatoriamente excluída em frases raiz. Em segundo lugar, a realização de Top no PE varia de acordo com o tipo de frase, o que também não é o caso do gungbe. Assim, em casos de recomplementação com *que*, sabemos que a oração é declarativa, enquanto em casos de recomplementação com *se*, sabemos que a oração é interrogativa ou adverbial. Da mesma forma, sabemos que em casos de recomplementação com *que* e com *se* estamos perante uma oração finita e em casos de recomplementação com *para* estamos perante uma oração infinitiva.

De acordo com a proposta de Rizzi (1997), estes tipos de informação traduzem-se nos núcleos obrigatórios da periferia esquerda, Force e Fin, onde os complementadores verificam os traços de força ilocutória e de finitude. De facto, numa oração subordinada (sem recomplementação) do PE, considera-se que os complementadores *que* e *se* apresentam o traço [+finito], enquanto conetores como *para* apresentam o traço [-finito] (Duarte, 2003c: 597, 621; Brito, 2003: 704). Por sua vez, *que* apresenta um traço [+declarativo], enquanto *se* (em interrogativas indiretas) apresenta um traço [+interrogativo]. As propostas de análise da recomplementação têm em comum a posição em que colocam a primeira instância do complementador: Force. Tal implica, assim, que a primeira instância nestas construções é o verdadeiro complementador.

Seguir a proposta de Top para a segunda instância dá conta da relação que parece existir entre ela e os constituintes com valor de tópico. Porém, o conector de recomplementação parece também apresentar traços de força ilocutória e de finitude, não sendo claro como é que esses traços são verificados nas propostas que favorecem Top. A segunda instância de *que/se* (int.) demonstra ainda uma dependência face à primeira, visto não poder ser realizada na sua ausência (i.e. em frases raiz), mesmo na presença de um tópico. Tais propriedades parecem sugerir que há uma partilha de traços entre as duas instâncias do conector, na medida em que a segunda instância herda os traços do núcleo mais alto, ocupado pela primeira instância, através de uma operação Agree.

## CONCLUSÃO

Nesta dissertação procurei explorar o fenómeno da Recomplementação no PE a partir de alguma bibliografia existente – tanto para o PE como para outras línguas – e da análise de dados de *corpora*.

A bibliografia mais diretamente ligada ao tema central da dissertação enquadra-se numa perspetiva cartográfica, na medida em que uma estrutura de CP alargada parece ser mais adequada para representar uma estrutura de dois complementadores e algum tipo de material entre eles. Nos estudos para o PE, vimos, no Capítulo I, que a Recomplementação partilha mais propriedades com a Recomplementação do espanhol, sendo que o material entre complementadores pode consistir em tópicos ou adjuntos (enquanto em inglês se encontram apenas adjuntos) e a iteração do segundo complementador é possível. Da mesma forma, material com propriedades de foco em recomplementação gera frases agramaticais tanto no espanhol como no PE, enquanto os dialetos turinês e liguriano, do italiano, admitem, por exemplo, constituintes quantificados. Nos estudos para o PE também se descobriu a possibilidade de recomplementação com *se* interrogativo, a existência de um duplo *para* (de orações adverbiais finais) e o uso de pronomes expletivos periféricos em recomplementação.

A extração e a análise de dados foram feitas com a intenção de complementar a informação exposta no Capítulo I, servindo de base empírica para aquilo que tem sido afirmado para o caso do PE, ainda que em pouco detalhe, e talvez dando a conhecer novas características do fenómeno, não identificadas até à data. Deste modo, foram retiradas algumas afirmações da literatura que pensei poderem ser testadas com a extração de dados do CORDIAL-SIN, do CRPC e do PF. Depois de extraídos, classificados e analisados quantitativamente, os dados permitiram-me tirar conclusões sobre 9 das 22 hipóteses, não necessariamente excluindo tendências que os dados também demonstraram relativamente às restantes hipóteses. Eis as conclusões que pude retirar com a análise de dados:

- (i) A Recomplementação é bastante produtiva no PE, não apenas numa pequena área do território português, mas um pouco por todo o território continental e ilhas.
- (ii) Entre os constituintes que podemos encontrar entre conetores, há um grande número de tópicos-sujeito e adjuntos, ambos com propriedades de tópico.
- (iii) A iteração do *que* de recomplementação – gerando estruturas de dupla recomplementação – é um dos padrões disponíveis no PE, assim como a ocorrência de múltiplos constituintes entre duas instâncias do complementador ou a combinação de ambos os padrões.
- (iv) Para além de contextos de subordinação a verbos, a recomplementação pode surgir em contextos de subordinação a nomes.
- (v) A evidência para a existência de recomplementação com *se* interrogativo e *se* condicional é fraca, podendo isto significar que as construções com estes conetores são pouco produtivas no PE, apesar de aceitáveis.

Do ponto de vista da estrutura sintática da Recomplementação, os dados favorecem uma proposta segundo a qual o conector de recomplementação (seja ele *que*, *se* interrogativo ou *se* condicional) é a realização lexical do núcleo Top, uma espécie de marcador de tópico, realizado opcionalmente e apenas quando constituintes com propriedades de tópico se encontram na frase. Apesar de, nesta dissertação, considerar a proposta de Top favorecida pelos dados – por oposição às restantes hipóteses abordadas –, não ignoro a existência de um pequeno conjunto de ocorrências que a contradizem: ocorrências com constituintes quantificados entre duas instâncias do conector e ocorrências de *que* de recomplementação seguido de *é que*. Também não rejeito uma análise que possa dar conta dos dados – e das diferenças entre línguas – em termos do movimento de constituintes e efeitos de intervenção, à luz de Haegeman (2012) ou Villa-García (2012, 2015), apesar de não ter conseguido explorá-la melhor na segunda parte deste trabalho pela falta de dados que demonstrem estes efeitos.

### ***Investigação Futura***

Futuramente, seria interessante fazer uma comparação entre os dados de recomplementação obtidos para a presente dissertação e dados de aparente recomplementação em frases com valor exortativo ou desiderativo, de modo a perceber se as instâncias do segundo *que* de cada construção devem ser tratadas como uma só ou como instâncias distintas, com propriedades que as diferenciam uma da outra, tal como Villa-García (2012, 2015) descreveu para o espanhol.

A análise do movimento e de efeitos de intervenção no contexto da Recomplementação seria uma forma de chegar a mais detalhes sobre o funcionamento da estrutura. Poder-se-ia, por exemplo, descobrir se no PE, tal como no espanhol (Villa-García, 2012), o *que* de recomplementação bloqueia o movimento de constituintes. Visto ser difícil encontrar em *corpora* dados que demonstrem estes efeitos, talvez outra metodologia fosse necessária (e.g. inquéritos de juízos de aceitabilidade de frases a falantes nativos).

Novas recolhas de dados para colmatar falhas metodológicas desta dissertação – como a não recolha de ocorrências sem recomplementação que exibissem constituintes com propriedades de foco – também seriam úteis em futuros trabalhos que tivessem como objetivo abordar algumas questões que ainda estão por esclarecer (e.g. existência de constituintes quantificados entre complementadores). Da mesma forma, seria também interessante uma investigação mais aprofundada sobre a possibilidade de haver constituintes locativos não-adjunto entre conectores e a possibilidade de um *que* de recomplementação surgir seguido de *é que*.

Finalmente, a articulação da sintaxe com outras áreas poderia vir a ser útil no estudo da Recomplementação. Em termos prosódicos, por exemplo, poder-se-ia analisar a curva entoacional associada aos constituintes em recomplementação ou procurar saber se existem pausas entre o constituinte em recomplementação e o segundo conector. Em Psicolinguística, a análise do movimento dos olhos na leitura de frases com recomplementação dar-nos-ia pistas sobre o processamento da estrutura.

## Referências

- Alexiadou, A., & Anagnostopoulou, E. (1998). Parametrizing AGR: Word Order, V-Movement and EPP-Checking. In *Natural Language & Linguistic Theory* (Vol. 16, pp. 491-539).
- Barbosa, P. (1993). Clitic Placement in Old Romance and European Portuguese. In *CLS 29: Papers from the Twenty-Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: University of Chicago.
- Barbosa, P. (1995). *Null Subjects*. Ph.D. dissertation. MIT, MITWPL: Cambridge, Mass.
- Barbosa, P. (1996). Clitic Placement in European Portuguese and the Position of Subjects. In A. Halpern, & A. Zwicky, *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena* (pp. 1-40). Stanford, Calif.: CSLI Publications.
- Barbosa, P. (2000). Clitics: a Window into the Null Subject Property. In J. Costa, *Essays in Portuguese Comparative Syntax* (pp. 31-93). New York: Oxford Press.
- Barbosa, P. (2006). Ainda a questão dos sujeitos pré-verbais em Português Europeu: uma resposta a Costa (2001). In *Revista D.E.L.T.A. n.º 22* (pp. 345-402). S. Paulo: PUC-SP-LAEL.
- Barbosa, P. (2008). Deslocação Local, Cliticização e Spell Out Cíclico. *Diacrítica, Série Ciências da Linguagem*, 22:1, pp. 131-156.
- Benincà, P., & Poletto, C. (2004). Topic, focus and V2: defining the CP sublayers. In L. Rizzi (Ed.), *The structure of CP and IP* (pp. 52-75). Oxford: Oxford University Press.
- Betoni, S. (2013). *O expletivo ele em domínios dependentes em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Bianchi, V., & Frascarelli, M. (2009). *Is topic a root phenomenon?* Paper presented at the conference on Root Phenomena, Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft Berlin: (Disponível em: <http://ling.auf.net/lingBuzz/000954>).
- Boeckx, C., & Jeong, Y. (2004). The fine structure of intervention in syntax. In C. Kwon, & W. Lee (Eds.), *Issues in current linguistic theory: a Festschrift for Hong Bae Lee* (pp. 83-116). Seoul: Kyungchin.
- Bošković, Ž. (2008). On the operator freezing effect. In *Natural Language and Linguistic Theory* 26 (pp. 249-287).
- Brito, A. M. (1991). *A Sintaxe das Orações Relativas em Português*. Lisboa: INIC.
- Brito, A. M. (2003). Subordinação adverbial. In M. H. M. Mateus et al (Orgs.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 695-728). Lisboa: Caminho.
- Bošković, Ž. (2011). Rescue by PF deletion, traces as (non-)interveners, and the that-trace effect. In *Linguistic Inquiry* 42 (pp. 1-44).
- Cardoso, A., & Alexandre, N. (2013). Relativas clivadas em variedades não standard do português europeu. In F. Silva, I. Falé, & I. Pereira, *Textos Seleccionados do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística 2012* (pp. 205-227). Porto: APL.

- Carrilho, E. (2005). *Expletive ele in European Portuguese dialects*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Casteleiro, J. M. (1979). Sintaxe e Semântica das Construções Enfáticas com "é que". In *Boletim de Filologia*, XXV.
- Cheng, L. (1991). *On the Typology of Wh Questions*. Dissertação de Doutoramento. MIT.
- Chomsky, N. (1972). Some empirical issues in the theory of transformational grammar. In P. S. Peters (Ed.), *Goals of linguistic theory* (pp. 63-130). Englewood Cliffs: Prentice Hall Inc.
- Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Chomsky, N., & Lasnik, H. (1977). Filters and control. In *Linguistic Inquiry* 8 (pp. 425-504).
- Cinque, G. (1977). The Movement Nature of Left Dislocation. In *Linguistic Inquiry* 8 (pp. 397-412).
- Cinque, G. (1999). *Adverbs and Functional Heads*. Oxford: Oxford University Press.
- Cinque, G., & Rizzi, L. (2010). The cartography of syntactic structures. In B. Heine, & H. Narrog (Eds.), *The Oxford handbook of grammatical analysis* (pp. 51-65). Oxford: Oxford University Press.
- Colaço, M. & Matos, G. (2016). Explicative clauses in Portuguese as a case of parentheses. In E. Carrilho, A. Fiéis, M. Lobo & S. Pereira (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 10: Selected Papers from 'Going Romance' 28, Lisbon* (pp. 43-60). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Costa, J., & Duarte, I. (2001). Minimizando a Estrutura: uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português. In *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 627-638). Lisboa: APL.
- Culicover, P. (1991). Topicalization, inversion and complementizers in English. In D. Delfitto, M. Everaert, A. Evers, & F. Stuurman (Eds.), *Going Romance and Beyond* (pp. 1-45). Utrecht: University of Utrecht.
- Culicover, P. (1996). On distinguishing A' movements. In *Linguistic Inquiry* 27 (pp. 445-463).
- Demonte, V., & Soriano, O. F. (2009). Force and finiteness in the Spanish complementizer system. *Probus*, 21, pp. 23-49.
- Duarte, I. (1987). *A Construção de Topicalização na Gramática do Português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Duarte, I. (2003a). A família das construções inacusativas. In M. H. M. Mateus et al (Orgs.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 507-548). Lisboa: Caminho.
- Duarte, I. (2003b). Orações relativas e construções aparentadas. In M. H. M. Mateus et al (Orgs.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 653-694). Lisboa: Caminho.
- Duarte, I. (2003c). Subordinação completiva – as orações completivas. In M. H. M. Mateus et al (Orgs.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 593-652). Lisboa: Caminho.



- Duarte, I. (2013). Construções de Topicalização. In E. P. Raposo, M. B. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. I, pp. 401-426). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Emonds, J. (2004). Unspecified categories as the key to root constructions. In D. Adger, C. de Cat, & G. Tsoulas (Eds.), *Peripheries: Syntactic Edges and their Effects* (pp. 75-121). Kluwer Publishers.
- Endo, Y. (2007). *Locality and information structure*. Amsterdam: John Benjamins.
- Ernst, T. (2001). *The syntax of adjuncts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ernst, T. (2007). On the role of semantics in a theory of adverb syntax. In *Lingua* 117 (pp. 1008-1033).
- Escribano, J. (1991). *Una teoria de la oración*. Oviedo: Publicaciones de la Universidad de Oviedo.
- Frascarelli, M. (2000). *The Syntax-Phonology Interface in Focus and Topic Constructions in Italian*. Dordrecht: Kluwer.
- González i Planas, F. (2011). Interpretación y sintaxis de la recomplementación. *44th Annual Meeting of the Societas Linguistica Europaea*. Logroño.
- Guglielmo, C. (1990). *Types of A'-dependencies*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Haegeman, L. (2002). Anchoring to speaker, adverbial clauses and the structure of CP. In *Georgetown University Working Papers in Theoretical Linguistics* 2 (pp. 117-180).
- Haegeman, L. (2006). Argument fronting in English, Romance CLLD and the left periphery. In R. Zanuttini, H. Campos, E. Herburger, & P. Portner (Eds.), *Cross-linguistic research in syntax and semantics: negation, tense and clausal architecture* (pp. 27-52). Washington, DC: Georgetown University Press.
- Haegeman, L. (2012). *Adverbial Clauses, Main Clause Phenomena, and the Composition of the Left Periphery*. Oxford: Oxford University Press.
- Higgins, R. (1988). *Where the Old English Sentence Begins*. Ms., University of Massachusetts.
- Hudson, R. (2003). Trouble on the left periphery. In *Lingua* 113, pp. 607-642.
- Jiménez-Fernández, A. L. (2009). On the order of multiple topics and discourse-feature inheritance. Paper presented at the LAGB: Edinburgh.
- Kato, M. A. (1999). Strong and Weak Pronominals in the Null Subject Parameter. In *Probus* 11 (pp. 1-37). The Netherlands: Walter de Gruyter.
- Kempchinsky, P. (2002). Locative Inversion, PP Topicalization, and the EPP. In T. Satterfield, C. Tortora, & D. Cresti (Eds.), *Current Issues in Romance Languages* (pp. 145-159). Amsterdam: John Benjamins.
- Kuwabara, K. (1990). An argument for two different positions of a topic constituent. In *English Linguistics* 7 (pp. 147-164).
- Lahousse, K. (2003). *The distribution of postverbal nominal subjects in French. A syntactic, semantic and pragmatic analysis*. Dissertação de Doutoramento. Université de Louvain e Université Paris 8.

- Lahousse, K. (2007). Implicit stage topics in French: A case study. In *Discours(e) 1* (pp. 1-18).
- Lahousse, K. (2011). Quand passent les cigognes. Le sujet nominal postverbal en français contemporain. Paris: Presses Universitaires Vincennes.
- Larson, R. (1988). On the double object construction. In *Linguistic Inquiry* 19 (pp. 335-391).
- Lobeck, A. (1990). Functional heads as proper governors. *Proceedings of the 20th Northeastern Linguistics Society Conference*, (pp. 348-362).
- Lobo, M. (2002). On the structural position of non-peripheral adjunct clauses. *Journal of Portuguese Linguistics* 1 (1) (pp. 83-118).
- Lobo, M. (2003). *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Lobo, M. (2006). Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. geração na base. In F. Oliveira, & J. Barbosa, *Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 457-473). Lisboa: APL.
- Lobo, M. (2013). Estruturas de subordinação adverbial. In E. P. Raposo, M. B. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. II, pp. 2031-2037). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopez, L. (2009). *A Derivational Syntax for Information Structure*. Oxford: Oxford University Press.
- Magro, C. (2005). Introdutores de orações infinitivas: o que diz a sintaxe dos clíticos. In *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 649-664). Lisboa: APL.
- Marques, R. (2013). Modo. In E. P. Raposo, M. B. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. I, pp. 671-693). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Martín-González, J. (2002). *The Syntax of sentential negation in Spanish*. Ph.D. Dissertation. Harvard University.
- Martins, A. M. (1994). *Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Martins, A. M. (2002). The loss of IP scrambling in Portuguese: Clause structure, word order variation and change. In D. Lightfoot (Ed.), *Syntactic effects of morphological change* (pp. 232-248). Oxford/New York: Oxford University Press.
- Mascarenhas, S. (2015). *Complementizer doubling in European Portuguese*. Faculty of Philosophy, St Catherine's College, Oxford.
- Matos, G. (2005). Parataxe: coordenação e justaposição - evidência a partir da elipse. In *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. (pp. 687-699) Lisboa: APL
- Matos, G. (2009). Appositive sentences and the structure(s) of coordination. In Tork, Danièle and Leo Wetzels (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2006*. (pp. 159-174). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

- Matos, G. & Colaço, M. (2011). Floating parenthetical coordinate clauses. In Berns, Janine, H. Jacobs & T. Sheer (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2009*. (pp. 203-221). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Matos, G. & Raposo, E. (2013). Estruturas de Coordenação. In E. P. Raposo, M. B. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. II, pp. 1761-1817). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- McCloskey, J. (2006). Questions and questioning in a local English. In R. Zanuttini, H. Campos, E. Herburger, & P. Portner (Eds.), *Negation, tense and clausal architecture: cross-linguistic investigations* (pp. 86-126). Washington, DC: Georgetown University Press.
- Nilsen, Ø. (2004). Domains for adverbs. In *Lingua* 114 (pp. 809-847).
- Oliveira, F., & Mendes, A. (2013). Modalidade. In E. P. Raposo, M. B. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. I, pp. 623-669). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ortega-Santos, I. (2005). On locative inversion and the EPP in Spanish. In *Actas del VIII Encuentro Internacional de Lingüística del Noroeste de la Universidade de Sonora*. Universidade de Sonora, Mexico. (pp. 131-150).
- Paoli, S. (2006). The fine structure of the left periphery: COMPs and subjects: evidence from Romance. In *Lingua* 117 (pp. 1057-1079).
- Pollock, J. Y. (1989). Verb movement, universal grammar and the structure of IP. In *Linguistic Inquiry* 20 (pp. 365-424).
- Pollock, J. Y. (1997). *Langage et Cognition: Introduction au Programme Minimaliste de la Grammaire Générative*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Radford, A. (2009). *An introduction to English sentence structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Raposo, E. P. (1994). *Affective Operators and Clausal Structure in European Portuguese and European Spanish*. Ms., University of California at Santa Barbara, Calif.
- Raposo, E. P. (1996). *Towards a Unification of Topic Constructions*. Ms., University of California at Santa Barbara, Calif.
- Raposo, E. P. (2013a). Estrutura da Frase. In E. P. Raposo, M. B. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. I, pp. 303-394). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E. P. (2013b). Advérbio e Sintagma Adverbial. In E. P. Raposo, M. B. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. II, pp. 1569-1675). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ribeiro, I., & Torres Morais, M. A. (2012). Doubling-que embedded constructions in Old Portuguese: A diachronic perspective. In C. Galves, S. Cyrino, R. Lopes, F. Sandalo, & J. Avelar, *Parameter Theory and Linguistic Change* (pp. 97-116). Oxford: Oxford University Press.

- Rigau, G. (1987). Sobre el Carácter Quantificador de los Pronombres Tónicos en Catalán. In V. Demonte, & M. F. Lagunilla, *Sintaxis de las lenguas Románicas*. Madrid: Textos Universitarios.
- Rivero, M. L., & Terzi, A. (1995). Imperatives, V-movement, and Logical Mood. In *Journal of Linguistics* 31 (2) (pp. 301-332).
- Rizzi, L. (1994). Early null subjects and root null subjects. In T. Hoekstra, & B. Schwartz (Eds.), *Language acquisition studies in generative grammar* (pp. 151-177). Amsterdam: John Benjamins.
- Rizzi, L. (1995). Some notes on linguistic theory and language development: the case of root infinitives. In *Language Acquisition* 3 (pp. 371-393).
- Rizzi, L. (1997). The Fine Structure of the Left Periphery. In L. Haegeman (Ed.), *Elements of Grammar* (pp. 281-337). Dordrecht: Kluwer Publications.
- Rizzi, L. (2001). On the Position "Int(errogative)" in the Left Periphery of the Clause. In G. Cinque, & G. Salvi (Eds.), *Current Studies in Italian Syntax: Essays Offered to Lorenzo Renzi* (pp. 287-296). Amsterdam: Elsevier Science.
- Rizzi, L. (2004). Locality and left periphery. In A. Belletti (Ed.), *Structures and beyond* (pp. 223-251). Oxford: Oxford University Press.
- Rizzi, L. (2009). *Some consequences of criterial freezing*. Ms., University of Siena.
- Rizzi, L. (2016a). Labeling, maximality and the head-phrase distinction. In *The Linguistic Review*; 33(1) (pp. 103-127)
- Rizzi, L. (2016b). EPP and ECP revisited: The role of labeling. In E. Carrilho, A. Fiéis, M. Lobo & S. Pereira (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 10: Selected papers from 'Going Romance' 28, Lisbon* (pp. 211-232). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Rizzi, L. & Bocci, G. (2017). Left Periphery of the clause – Primarily Illustrated for Italian. In M. Everaert & H. C. van Riemsdijk (Eds.), *The Wiley Blackwell Companion to Syntax*, edition II. Oxford, UK: Blackwell.
- Rizzi, L. & Cinque, G. (2016). Functional categories and syntactic theory. In *Annual Review of Linguistics*, vol 2 (pp.139-163).
- Roberts, I. (2004). The C-system in Brythonic Celtic languages, V2, and the EPP. In L. Rizzi (Ed.), *The structure of CP and IP (The Cartography of Syntactic Structures, vol. 2)* (pp. 297-328). Oxford: Oxford University Press.
- Rodríguez-Ramalle, T. (2003). *La gramática de los adverbios en -mente*. Madrid: Publicaciones de la Universidad Autónoma de Madrid.
- Ross, J. R. (1969). Guess who? *Papers from the Fifth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society* (pp. 252-286). Chicago: University of Chicago.
- Sportiche, D. (1993). *Clitic Constructions*. Ms., UCLA.
- Starke, M. (2001). *Move dissolves into Merge: a theory of locality*. Ph.D. dissertation. University of Geneva.

- Teixeira, J. (2016). Tópicos cénicos e inversão locativa: Os casos do inglês, francês e português europeu. In *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 425-457).
- Torrego, E. (1989). Unergative unaccusative alternations. *MIT Working Papers in Linguistics* 10. (pp.253-272).
- Travis, L. (1984). *Parameters and effects of word order variation*. Ph.D. Dissertation. MIT.
- Vallduví, E. (1990). *The Informational Component*. Dissertação de Doutoramento. University of Pennsylvania.
- Vallduví, E. (1992). A Preverbal Landing Site for Quantificational Operators. In *Catalan Working Papers in Linguistics 1992* (pp. 319-344). Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Villa-García, J. (2011). On the Spanish clausal left edge: in defence of a TopicP account of recomplementation. Paper presented at the linguistic symposium on Romance languages (LSRL 41). University of Ottawa.
- Villa-García, J. (2012). *The Spanish Complementizer System: Consequences for the Syntax of Dislocations and Subjects, Locality of Movement, and Clausal Structure*. Connecticut: University of Connecticut.
- Villa-García, J. (2015). *The Syntax of Multiple-que Sentences in Spanish: Along the left Periphery*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Zubizarreta, M. L. (1998). *Word Order, Prosody and Focus*. Cambridge MA: The MIT Press.

## **Corpora**

- CRPC: Corpus de Referência do Português Contemporâneo*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. (Disponível em: <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb>)
- Martins, A. M. (coord.) (2000- ). *CORDIAL-SIN: Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. (Disponível em: <http://www.clul.ulisboa.pt/en/10-research/314-cordial-sin-corpus>)
- PF: Português Fundamental* (amostra publicada). Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. (Disponível em: [http://www.clul.pt/sectores/linguistica\\_de\\_corpus/corpus\\_oral\\_pf\\_publicado.zip](http://www.clul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/corpus_oral_pf_publicado.zip))

# ANEXOS

# ÍNDICE

ANEXO A – DADOS DE RECOMPLEMENTAÇÃO.....	4
1. CORDIAL-SIN .....	4
1.1. Recomplementação com <i>que</i> .....	4
1.1.1. Ocorrências com Topicalização .....	4
1.1.2. Ocorrências com adjunto .....	4
1.1.3. Ocorrências com expletivo periférico .....	5
1.1.4. Ocorrências com tópico sujeito .....	6
1.1.5. Ocorrências com mais do que um tópico/adjunto entre complementadores.....	18
1.1.6. Ocorrências de Dupla/Tripla Recomplementação .....	19
1.1.7. Ambiguidades quanto ao tipo de tópico .....	20
1.1.8. Ocorrências com Tópico Pendente .....	20
1.1.9. Ocorrências com pseudoclivada invertida de <i>é que</i> .....	20
1.1.10. Ocorrências com <i>que</i> explicativo.....	21
1.2. Recomplementação com <i>se</i> interrogativo.....	21
1.2.1. Ocorrências com adjunto .....	21
1.2.2. Ocorrências com tópico sujeito.....	21
1.2.3. Ambiguidades quanto à classe de palavras de <i>se</i> <sub>2</sub> (complementador vs. pronome).....	21
1.3. Recomplementação com <i>se</i> condicional.....	22
1.3.1. Ocorrências com adjunto .....	22
1.3.2. Ocorrências com tópico sujeito.....	22
1.4. Recomplementação com <i>para</i> .....	22
1.4.1. Ocorrências com Topicalização .....	22
1.4.2. Ocorrências com adjunto .....	22
1.4.3. Ocorrências com expletivo periférico .....	23
2. CRPC .....	24
2.3. Recomplementação com <i>que</i> .....	24
2.3.1. Ocorrências com adjunto .....	24
2.3.2. Ocorrências com tópico sujeito.....	24
2.4. Recomplementação com <i>se</i> interrogativo.....	24

2.4.1. Ocorrências com tópico sujeito.....	24
2.5. Recomplementação com <i>se</i> condicional .....	25
2.5.1. Ocorrências com adjunto .....	25
2.5.2. Ocorrências com tópico sujeito.....	25
3. Português Fundamental.....	25
3.3. Recomplementação com <i>que</i> .....	25
3.3.1. Ocorrências com DETP .....	25
3.3.2. Ocorrências com adjunto .....	25
3.3.3. Ocorrências com tópico sujeito.....	26
3.3.4. Ocorrências com mais do que um tópico/adjunto entre complementadores.....	28
3.3.5. Ocorrências de Dupla Recomplementação .....	28
3.3.6. Ambiguidades quanto ao tipo de tópico .....	28
3.3.7. Ocorrências com locativo não-adjunto .....	28
3.3.8. Ocorrências com duplo <i>que</i> relativo .....	28
3.4. Recomplementação com <i>se</i> condicional.....	28
3.4.1. Ocorrências com tópico sujeito.....	28
ANEXO B – DADOS SEM RECOMPLEMENTAÇÃO .....	29
1. CORDIAL-SIN .....	29
1.1. Dados com <i>que</i> .....	29
1.1.1. Ocorrências com DEC .....	29
1.1.2. Ocorrências com Topicalização .....	29
1.1.3. Ocorrências com adjunto .....	29
1.1.4. Ocorrências com expletivo periférico .....	31
1.1.5. Ocorrências com sujeito .....	31
1.1.6. Ocorrências com mais do que um (possível) tópico/adjunto .....	41
1.1.7. Ambiguidades .....	43
1.1.8. Ocorrências com Tópico Pendente .....	43
1.1.9. Ocorrências com locativo não-adjunto .....	43
1.1.10. Ocorrências com pseudoclivada invertida de <i>é que</i> .....	43
1.2. Dados com <i>se</i> interrogativo .....	44
1.2.1. Ocorrências com adjunto .....	44
1.2.2. Ocorrências com sujeito.....	44



1.2.3. Ocorrências com mais do que um (possível) tópico/adjunto .....	48
1.3. Dados com <i>se</i> condicional .....	49
1.3.1. Ocorrências com adjunto .....	49
1.3.2. Ocorrências com expletivo periférico .....	50
1.3.3. Ocorrências com sujeito .....	50
1.3.4. Ocorrências com mais do que um (possível) tópico/adjunto .....	69
1.3.5. Ambiguidades quanto ao tipo de tópico .....	71
1.3.6. Ocorrências com Tópico Pendente .....	71
1.3.7. Ocorrências com locativo não-adjunto .....	71
1.3.8. Ocorrências com pseudoclivada invertida de <i>é que</i> .....	71
2. Português Fundamental.....	71
2.1. Dados com <i>que</i> .....	71
2.1.1. Ocorrências com adjunto .....	71
2.1.2. Ocorrências com sujeito .....	73
2.1.3. Ocorrências com mais do que um (possível) tópico/adjunto .....	79
2.1.4. Ocorrências com locativo não-adjunto .....	81
2.2. Dados com <i>se</i> interrogativo .....	81
2.2.1. Ocorrências com adjunto .....	81
2.2.2. Ocorrências com sujeito .....	81
2.2.3. Ocorrências com mais do que um (possível) tópico/adjunto .....	82
2.2.4. Ocorrências com locativo não-adjunto .....	82
2.3. Dados com <i>se</i> condicional .....	82
2.3.1. Ocorrências com adjunto .....	82
2.3.2. Ocorrências com sujeito .....	83
2.3.3. Ocorrências com mais do que um (possível) tópico/adjunto .....	86
2.3.4. Ambiguidades quanto ao tipo de tópico .....	87

# ANEXO A – DADOS DE RECOMPLEMENTAÇÃO

## 1. CORDIAL-SIN

### 1.1. Recomplementação com *que*

#### 1.1.1. Ocorrências com Topicalização

- 1) Minha avó dizia **que** fome de pão **que** nunca tinha tido, que o pai que vendia muito milho. (CRV30)

#### 1.1.2. Ocorrências com adjunto

- 2) Parece **que** na Suíça **que** dão muita importância a essas coisas. (AAL04)
- 3) Pode ser **que** à lua nova (**que**) venha mais, mas dá-se em passar o tempo. (AAL30)
- 4) Um dia, disse **que** um dia **que** ia para Alvalade na bicicleta e levava-a a ela também. (AJT18)
- 5) "Ai sim? Então se você estava à espera era porque você via **que** efectivamente **que** era verdade o que lhe eu tinha dito". (CBV12)
- 6) As galinhas parece **que** dantes **que** não era assim. (CBV61)
- 7) Agora parece **que** ali uns tempos antes de os apanhar, **que** têm (...) que tapar a água para ela não correr até o dia de os apanhar – portanto, os inhames. (CLH29)
- 8) Que dizem **que** dia de São Pedro **que** fica os cházinhos bentos. (FIG01)
- 9) Mas não são as testemunhas, sou eu que ponho duas pedrinhas – não conta-se por testemunhas, não –, que é para se (...) distinguir **que**, na realidade, **que** se trata dum marco. (GIA28)
- 10) Eu disse (...) **que**, agora já tarde, não é, **que** lá os vão botando, que lá os trazem dos jardins e tal, e que lá os vão botando nessas serras altas para inçarem. (LAR01)
- 11) Parece **que** à noite **que** há aí ensaio. (MLD02)
- 12) Olha, para encurtar de razões, quer dizer **que** depois **que** vim outra vez (...) para a mesma casa cá (...) para as Cortinas. (MLD49)
- 13) É porque aqui, antigamente, essa história do peixe, agora ouvíamos falar **que** em Lisboa **que** as varinas apregoavam lá carapau e aqui era charro. (PAL09)
- 14) Mas primeiro, até se dizia **que**, primeiro, **que** havia mais essas coisas. (PFT32)
- 15) Bem, uns dizem que – mas aquilo (diz que) foi tudo aberto – diziam **que** antigamente **que**, nas guerras, (...) dos mouros, não é, (que) enterravam lá (...) os grandes. (PFT35)

- 16) Esteve contando (...) que era um bicho, (...) uma fera de sete cabeças, que tinha pedido ao rei todos os dias uma sentinela, e **que depois que** já estava muito pessoal já morto, e, com o horror, já estavam virados ao rei, e que o rei botou foi por sortes e que tinha saído a sorte a ela para ir lá para cima, e que ia morrer. (PIC04)
- 17) Diz **que lá, ali (...)** para o lado de Castelo Branco **que** ainda fiam, (...) que ainda usam. (PVC07)
- 18) Acho **que aqui no Pisão que** havia duas galgas, mas nós ali só temos uma. (PVC09)
- 19) Mesmo eles dizem **que mais de dez anos que** não se pode andar numa tabaqueira. (STJ24)
- 20) Eu ontem sabia **que hoje que** ia cair vento, porque os ares estavam muito esgazeados e as nuvens quando andam, é vento. (TRC39)
- 21) Então pensa **que em minha casa que** havia lá um banco para se assentarem?! (UNS09)

### 1.1.2.1. Ocorrências com oração adverbial

- 22) Porque a gente – não sei se a senhora já tem ouvido contar que Tróia se arrasou? Tanto que diz **que quando Tróia se arrasou (...)** **que** se arrasou com areia! Que choveu três dias areia. (AJT07)
- 23) E dizem **que quando a ouriça anda com a menstruação,** coisa, **que** prejudica, que faz mal. (AJT25)
- 24) Parece **que só de estar a vê-las que** fico bem. (CBV26)
- 25) O que é que lhe chamam? Que até dizem **que em um bicho daqueles picando na gente, que a gente** morre. (CPT33)
- 26) E ele então disse **que se fosse para outro que** não a levava, que ela ficava para aí estragada. (MLD22)
- 27) No vazante de Novembro ou Dezembro, a gente semeia o tabaco. Porque dizem **que sendo com o enchente (...)** **que** bota a sua espiga muito novo; e com o vazante, ele vai crescendo e cresce mais e depois de estar grado é que espiga. (PIC18)
- 28) Porque eles dizem que o tubarão não faz mal. **Que sendo dois, que aí** podem fazer mal se se atacarem, se fizerem mal a ele (PIC35)
- 29) Muita gente quando tem um animal doente, faz uma promessa à Senhora da Saúde **(que) se lhe curar aquele animal, que** vai lá com ele e que anda com ele de roda. (STA27)
- 30) Porque diz **que para cantar o fado que** é o lisboeta. (STJ21)
- 31) Isto (...) eu parece-me **que se isso esteve aqui que eu** não me lembro. (TRC28)

### 1.1.3. Ocorrências com expletivo periférico

- 32) Mas olhe que eu, eu tenho a impressão (...) **que ele que** havia ainda lá disso. (AAL21)

- 33) Mas eu tinha até coiso **que ele que** ainda funcionava, por ali assim, umas coisas dessas. (AAL22)
- 34) Mas se soubesse **que isto (...)** **que** não nos tiravam (...) o valor ao dinheiro ou assim qualquer coisa, (que a) Caixa é que ia pagando sempre (...) o jurozito, assim coisa, eu, agora, vendia algumas propriedades e vendia o movimento da vida e ficava (...) só com umas coisitas – só assim com umas coisitas (...) assim pequenas. (AAL27)
- 35) Parece **que (ele que)** também põem aquilo (lá) em certos temperos. (CBV69)
- 36) Aqui para este lado (...) onde criam ovelhas, penso **que aquilo que** têm todas os seus donos. (CLH31)
- 37) E ele veio sem dizer o que é que estava no navio, que ele queriam constar **que ele que** era tudo gente morta que ia dentro dele. (CRV43)
- 38) INF vou ter consigo: "Queres ser meu caseiro? Queres ir para lá morar? Dou-te xis por mês e vais mandar no meu trabalho, recebes as minhas ordens para dares ordens aos outros" ...  
*INQ2 Sim.*  
 INF E depois andam lá dez, quinze homens, você é que dá ordens àquilo tudo. Faz de conta **que ele que** é como que seja o dono. Em não estando o patrão, é o dono.  
*INQ1 Pois.*  
 INF Põe e dispõe. Esse é que é um caseiro. (EXB35)
- 39) Eu tenho ouvido **que ele que** navegavam antigamente (...) era pelas estrelas. (GRC08)
- 40) (Parece-me **que aquilo que** eram três dias. (LUZ14)
- 41) Quando a gente o vê assim, sabemos logo **que ele (...)** **que** se apanha peixe. (MLD35)

#### 1.1.4. Ocorrências com tópico sujeito

- 42) Aqui, na nossa zona, constava-se – mas isso eu não tenho a certeza – **que o prado que** era do povo. (AAL14)
- 43) Parece **que eu que** ouvia falar nessa coisa: "Então, já tirou a paga"? ou coisa. Era assim, era. (AAL18)
- 44) E depois chegam cá (...) os indivíduos a ver – lá os técnicos – a ver aquilo, vêem aquilo a rebentar, mas não dizem logo (...) **que aquilo que** já nunca mais dá nada. (AAL31)
- 45) A senhora disse-lhe **que ela que** lhe ficava com um sinal nas costas. (AJT02)
- 46) A gente tem em dizer **que uma seca que** tem emenda e **uma molhada que** não tem. (AJT05)
- 47) Acho **que a lebre que** é um bicho (...) que cria aí também num 'recocão' qualquer mas (...) não por buraco. (AJT13)
- 48) sabendo **que ela que** era filha dele e estando ainda aí o homem e essa coisa toda, havia alguém que lhe tirasse aquela fortuna? (AJT28)

- 49) Aqui, dizem **que o melhor conduto que há que** é a fome. (AJT29)
- 50) Digo: "Ora, bem me queria a mim parecer **que o trigo que** era ralo"! (CBV11)
- 51) Não esteja a pensar **que eu que** estou a semeá-la assim e que não sei como a hei-de regar. Sei"! (CBV14)
- 52) Toda a gente dizia **que a água que** não ia lá! (CBV17)
- 53) Então tu não vês **que aqui (...)** **que** é um terreno muito mais alto do que é além, onde tu estás a dizer que vai dar água para aqui"?! (CBV17)
- 54) Aqueles dois que andavam lá comigo também diziam **que a água que** não corria. (CBV17)
- 55) Eles diziam **que a água que** não corria. (CBV17)
- 56) "Mal vocês sabem **que eu que** acabo a empreitada (...) e fico eu a olhar para vocês". (CBV17)
- 57) Isso também você sabe **que isso que** é assim. (CBV23)
- 58) Mas eu sempre lembrando-me **que ela que** nunca queria ir para casa do pai, porque, é claro, era um homem sozinho. (CBV28)
- 59) Eu já há muito tempo que não caminho lá para o lado de Portalegre, mas parece-me **que tu que** estás enganado. (CBV29)
- 60) Mas eu tinha confirmado **que ela que** me tinha falado em Doutor Balcão. (CBV29)
- 61) Por o fumo, via-se logo **que o lume que** estava a trabalhar forte naquele sítio. (CBV46)
- 62) Punha-se-lhe um (terrão) em cima e se (se) visse **que aquilo que** estava a demasiar um bocadinho, punha-se-lhe terra para cima que era para tapar a respiração, que era para o lume não ir lá. (CBV46)
- 63) parece **que isto que** é talvez o dote com que nasce as pessoas e (...) que persegue a pessoa e a pessoa tem que seguir aquele caminho (CBV65)
- 64) Porque quando se tirou as ovelhas, as pessoas (...) ficaram um bocado contrariadas porque achavam **que a ovelha que** era uma coisa que fazia muita falta. (CDR07)
- 65) Penso **que esses (...)** **que** já não devem existir, mas eu tenho uma vizinha minha que fez esteiras... (CDR08)
- 66) E até que quando era o porco do Natal, nem gostavam de deitar soro aos porcos, que diziam **que aquilo que** não fazia bom conduto. (CDR15)
- 67) INF2 O milho escolhe-se depois de sair do forno, não é?  
 INF1 É, se tem falta. E se não tem, isso então não é uma coisa que...  
 INF2 Eu parecia-me **que ele que** se escolhia que era antes de ir para o forno secar. (CLH07)
- 68) Quer dizer, a senhora há-de dizer **que isto que** não tem graça nenhuma. (CLH13)

- 69) Mas julgo **que ele que** foi para a cozinha e disse que não ia bailar, não ia mandar o baile, porque não tinha quem fosse com ele. (CLH14)
- 70) e eu parece-me **que ela que** era Margarida (CLH15)
- 71) E disseram ao velho **que a mulher que** era amigada. (CLH16)
- 72) O doutor já a desenganou, **que ela que** não tem cura. (CLH17)
- 73) Com mel e açúcar, (...) tirar só aqueles picozinhos por fora, mas também não é destas de fora nem muito das de dentro, é daquelas intermédias, e ferver aquilo com um quilo de açúcar e não sei se é um litro de água, e depois deitar aquilo de infusão, **que aquilo que** era muito bom para o fígado. (CLH17)
- 74) mas já ouvi **que eles que** as marcavam. (CLH31)
- 75) Quando lhe pareciam **que eles que** haviam de estar já a modo, iam lá experimentar. (CLH37)
- 76) "Olha, já disse ao pai e à mãe (...) **que tu que** andavas prenha". (COV02)
- 77) Quando elas vêm **que aquilo que** está cortado, agarram e cortam, mexem aquela massa toda e depois começam a botar. (COV06)
- 78) "Eu tenho fé **que tu que** não vais lá". (COV12)
- 79) São muito amigos, pronto! São amigos. (...) E se não era eu? Se eu não o levava ao (regio), não é? Olhe que às vezes, diz **que o casamento e o rio que** é por onde o guiam. (COV13)
- 80) "Olha, rapaz, eu ouço dizer **que tu que** namoras a Beatriz. [...]" (COV13)
- 81) Ela e ele, suponhamos, ela estava dentro duma casa [...], e às vezes tinha que ir fazer qualquer coisa numa casa e ele sabia **que ela que** estava e ele não entrava lá. (COV13)
- 82) Então, eu não te avisei, Arquimedes, **que tu que** podias arranjar uma mulher com mais dote? (COV13)
- 83) porque o padre dizia **que eles que** estavam amancebados, que estavam amigados, para não virem cá, (que) não a queria cá (COV13)
- 84) Olhe, eu penso cá na minha ideia **que** esta coisa (...) da CEE **que** foi mau. (COV17)
- 85) E o livro dizia que (...) os homens que haviam de voar mais alto que os passaritos. E quando nós visse (...) estas serras todas cortadas, de estradas e tudo do homem, **que o mundo que** era um paraíso – e já está! –, que ele que o mundo que durava pouco. (COV18)
- 86) Ele uma vez a ler, ali atrás com as vacas, eu era rapazote pequeno, e ele disse ao (acaso) – que diziam lá no livro – que havia de haver uma guerra – não! (...) –, **que os homens que** haviam de voar mais alto que os passaritos. (COV18)
- 87) E o livro dizia **que** (...) **os homens que** haviam de voar mais alto que os passaritos. (COV18)

- 88) INF [...] E o livro dizia que (...) os homens que haviam de voar mais alto que os passaritos. E quando nós visse (...) estas serras todas cortadas, de estradas e tudo do homem, que o mundo que era um paraíso – e já está! –, que ele que o mundo que durava pouco.  
*INQ1 Ah!*  
INF **Que a terra que** havia de ser pólvora, **a água que** havia de ser gás (...) e as pedras ser enxofre. (COV18)
- 89) E diz **que o mundo que** há-de ser quase... Dizia o homem! (COV19)
- 90) E dizia o homem, que ele lia lá nesses livros que diziam **que o mundo que** há-de ser destruído pelo fogo. (COV19)
- 91) Eu acho para mim **que** aquilo **que** é um benefício grande! (COV23)
- 92) “[...] Os homens queixam-se (...) **que as vacas que** não pegam e como é que vai ser”? (COV33)
- 93) E quando a gente vê **que ela que** não remói, ou que ela começa: "aha-aha", a arquejar, ou tem que a picar na boca... (COV34)
- 94) Eu não lhe disse outro dia **que a minha vida agora em velho que** é quase comparada à de Luís de Camões? (CPT05)
- 95) Quiseram ir para além, para estarem à vontade mais eu. Cantávamos e conversávamos e isto e aquilo. E depois por força **que eu que** me havia de embebedar. (CPT11)
- 96) Parece **que ela que** me tinha por família. (CPT11)
- 97) Porque (...) eu estava a dizer a palavra como era e ele cuidava **que eu que** estava a falar errado. (CPT18)
- 98) "Bom, você diz **que eu que** sei. (CPT19)
- 99) A formiga, (...) dizem **que a formiga que** (...) é trabalhadeira. (CPT34)
- 100) Até dizem **que** (...) a cigarra **que uma vez** foi-lhe pedir trigo emprestado e a formiga disse-lhe assim: "Então de Verão o que 'fizestes'"? (CPT34)
- 101) INF Então, mas aqui neste povo há aí uns que já têm (...) uns certos estudos. Há aí pessoas já com o sétimo ano, com o oitavo. E dizem que eles é que sabem falar.  
*INQ1 Isso dizem eles.*  
INF E **que eu que** não sei. (CPT36)
- 102) Esse homem estava lá apastorando os porcos, e veio-se para o caminho deitar lá (...) numa (...) escada pensando **que elas que** lhe haviam de dar a comida. (CRV30)
- 103) Minha avó dizia que fome de pão que nunca tinha tido, **que o pai que** vendia muito milho. (CRV30)
- 104) "Homem, diz lá ao senhor comandante **que eu que** estou satisfeito". (CRV45)
- 105) Diz **que ele que** era pequenino, mais pequenino que os outros. (CRV50)

- 106) "[...] O Filóxeno está zangado, diz **que tu que** não fazes nada, que és um doido"! (CRV50)
- 107) Deitou-se e não se levantou. Se fosse dizer **que ela que** ia... Ela estava num lugar bom para estar. (CRV52)
- 108) Mas diz **que essa mulher que** lavrava direitinho, que parecia que o rego dela (...) que era feito com uma fita. (CRV65)
- 109) Mas diz que essa mulher que lavrava direitinho, que parecia **que o rego dela (...) que** era feito com uma fita. (CRV65)
- 110) Estava abrigada lá, e eu estava lá pensando **que ela que** já queria vir para aqui, e estava enganado com isso. (CRV75)
- 111) O médico (...) diz **que ela que** já queria vir, que estava melhor, {pp} foi-se embora dum momento para o outro. (CRV75)
- 112) O fiel dele era o cão. Mas, depois, como a mãe não queria que fosse, lá uma noite, ela viu **que ele (...) que** teimava e que ia para a Espanha para onde à rapariga, e ela prendeu o cão, para ver se ele tinha medo (...) que não ia sozinho. (CTL08)
- 113) E ele julgou **que o cão que** ia atrás dele; mas o cão nunca apareceu. (CTL08)
- 114) Ela bem percebia **que eu que** ia à procura deles. (CTL41)
- 115) INF2 Dizia que andava há não sei quantos dias sem se deitar, (e sem ir dormir à cama).  
INF1 Sem se deitar, e que levava muito trabalho, e **que ele e o cavalo dele que** havia um mês (...) que não parara, que tal (...)... (CTL43)
- 116) Pensava **que a rapariga que** estava à espera dele, mas ela disse-lhe como era. (CTL49)
- 117) INF Fazia-me acachapar-me, ao meio do caminho, para ver... Que achava **que eu que**... Eu era assim muito teso, muito coiso,  
*INQ Rhum-rhum.*  
INF e queria ganhar sempre como os homens – não é? (EXB08)
- 118) INF Não sei. Não. Diz que (...) a víbora, o canto dela que encanta!  
*INQ2 Ah!*  
INF O canto dela! E **que quem tiver (...) a cabeça da víbora, que** tem sempre sorte. (EXB46)
- 119) INF Às vezes, vai a gente lá buscar, que (...) dizem **que pôr assim (...)**  
*INQ Na casa?*  
INF **nas casas que** faz bem. (FIG12)
- 120) agora dizem **que o nosso grão daqui que** é miúdo, que só para ração, que não presta. (FIG26)
- 121) Quando ele via **que o linho que** estava a ficar já bastante moído, tinha um gancho, (...) começava a levantar com o gancho aquele linho que estava ali a moer. (FIS05)
- 122) eu vi bem **que ela (...) que** não bateu com a barriga no chão, mas escorregaram-lhe as mãos (FIS11)



- 123) Do pano tecido, era outra vez muito bem escaldado com farinha ou cinza, e depois ia corar até que a gente entendesse **que ele que** estava mais ou menos bem à vontade da gente (FIS13)
- 124) Eu nunca comi, mas (que) diziam **que isso que** era bom. (FIS32)
- 125) Essas senhoras disseram, Amélio, que também estão (...) a fazer perguntas nos Cedros. E agora eu disse **que tu que** eras dos Cedros... (FLF01)
- 126) Diz **que as lavadeiras que** quando Nossa Senhora 'dia' para o Egito e mais o Senhor São José, elas 'diam' escondendo as pegadas. (FLF09)
- 127) Muitos (...) era cusbindo (...) no linho para fiarem e diz **que aquele que** era mais forte do que com água. (FLF18)
- 128) Aquela senhora está dizendo, Amélio, que há uma erva dura que o senhor Anacleto disse **que eu que** havia de saber, que ceifava muita dela. (FLF29)
- 129) E começou o povo a dizer **que o meu pai que** devia um jantar, e que era devido a essa promessa que os outros todos tinham... (FLF55)
- 130) E depois, quando a gente vê **que a linguica que** está bem curadinha, tira-se para fora, lava-se bem lavada – já se sabe –, que ela tem muito fumo. (FLF64)
- 131) Quando a gente vê **que ela que** já larga a pelinha... (FLF65)
- 132) Eu, olhe, eu, disse-me uma pessoa aqui para trás **que aqueles 'animales' que** têm que se rolar. (FLF75)
- 133) Eu, olhe, eu, disse-me uma pessoa aqui para trás que aqueles 'animales' que têm que se rolar. **Que o que não se rola que** não vive. (FLF75)
- 134) Aquilo funciona... Que eu digo muitas vezes **que os portugueses que** não têm aqui gasolina, e que (...) há-de-se apoiar esta como a gasolina... Foi uma pena não terem aperfeiçoado o gasogénio. (GIA33)
- 135) A gente amarrava... Faz de contas **que isto que** é este prego: vem preso numa linha por aqui abaixo (...) e aquilo não há nível nenhum mais certo que aquilo. (GRC14)
- 136) A gente faz de contas (...) **que isto que** é uma vara. (GRC17)
- 137) Pois, sei **que a senhora que** não é de cá porque a não conheço. (GRJ05)
- 138) Quando viu **que ela que** já não podia tornar para trás, que já não lombrigava a casa da mãe, ficou a ver (GRJ06)
- 139) Porque ele lembrava-se **que ela que** tornava para trás. (GRJ06)
- 140) INF As crianças... Às vezes dizem **que aquele cocó mole das crianças que** é...  
*INQ Das crianças e dos adultos.*

- INF E dos adultos. Que (...) é dores de barriga que dão e são (vírus). (GRJ21)
- 141) Pois estava. Em Toita estava um primo. Acho **que esse que** ainda consulta. (GRJ26)
- 142) Estou-lhe a dizer **que vossemecê que** foi lá por causa de doente e de ser mouquinha. (GRJ29)
- 143) Olhe, quando foi – eu digo-o diante dele é para que me não digam **que eu que** sou mentirosa –, quando foi a primeira vez que o meu homem me levou à terra, juntou-se o povo todo que ficaram doidos comigo. (GRJ41)
- 144) Quando foi que a minha casinha se queimou, olhe, levantaram-me **que nós que** éramos comunistas. (GRJ49)
- 145) Espalharam por todo o mundo **que nós que** éramos os comunistas e que tínhamos lá as bombas. (GRJ49)
- 146) E assim uma ocasião, até julgava **que os cães que** a apanhavam (LAR32)
- 147) Pessoas mais idosas é que diziam **que estes arados que** era para lavrar terras (...) (para arroz), aí nessas várzeas, nesses vales, nessas coisas assim, que aquilo (...) nunca (pegava). (LUZ01)
- 148) e depois o senhor disse **que eu que** era bonito fazer um livrinho (LUZ20)
- 149) INF Quando vendo **que aquilo que** está bom, está assim um bocadinho macio, está macio ou que esteja um bocadinho já mais duro,  
*INQ1 Pois.*  
 INF tiram-se para fora. (LUZ25)
- 150) e então era dali **que o mel que** (...) ia para baixo. (LUZ31)
- 151) Isso o chorão é uma coisa que... Parece-me **que isso que** não dá nada. (LUZ43)
- 152) Que, depois, essa farinha que a gente põe por cima do pão, (...) quando a gente sabe **que o pão que** está capaz de ir para o forno, é quando é que o pão abriu umas rachadelinhas por cima, nessa farinha. (LUZ54)
- 153) Depois quando a gente vendo **que o pão que** está capaz, vamos ver se o forno está capaz. (LUZ54)
- 154) E a senhora sabe **que eu que** era um bocado traquino! (LVR01)
- 155) (Quem) é que me havia de dizer a mim **que eu que** andava em cima daquilo, que era (aí) uma grossura aí da perna dum homem, hem, (...) e agora está uma sobreiro, que é uma sobreiro, uma coisa... (LVR01)
- 156) Por isso é que dizem **que a cortiça (...) criada no mato, que** se torna (mui) melhor. (LVR03)
- 157) Viam logo **que aquilo que** não deitava lá nada (...). (LVR07)
- 158) as senhoras podem até pensar **que isso que** é mentira também (LVR23)
- 159) "O homem está parvo! Então não vê **que aquilo que** se queima"! (LVR23)

- 160) "Mas você (...) quando escrever ao Antero" – que ele (...) o apelido do meu filho (...) é Cirano Antero – "quando escrever ao Antero (...) não lhe diga **que eu que** tornei para a Madeira". (MIN07)
- 161) Mas eu já tive carta da Madeira donde me disseram **que ela que** andava lá já a passear. (MIN07)
- 162) O pai não fique dizendo **que eu que** desobedeço. (MLD25)
- 163) É verdade, eu bem conheço **que o pai que** me está mantendo. (MLD25)
- 164) Uma vez fui (...) lá ao mesmo sítio e o homem, assim que soube **que eu que** lá estava, abalou de casa a propósito e foi lá. (MLD27)
- 165) Já há muita gente que eu tenho aconselhado e que dizem que não podem comer, (...) **que os médicos que** lhe tiram-lhe de comer sardinhas, (MLD36)
- 166) Tanto que (...) um camponês ia a qualquer vila, (...) não era preciso perguntar a ninguém para eles saberem logo (...) **que eles que** eram do campo. (MLD43)
- 167) Ele (...) até pelo andar, parece **que eles que** os conheciam – que os conheciam logo. (MLD43)
- 168) E então (...) a gente, às vezes, até deve ver como vergonha porque sabe **que a palavra que** não é dita assim. (MLD44)
- 169) mas até acho (...) **que esta região aqui que** tem (...) a pausa de fala muito parecida com o que é lá na região de Lisboa, mais ou menos. (MLD45)
- 170) Parece **que eu que** não estou enganado. (MLD48)
- 171) Havia um homenzito além em Santa Cruz que até diziam **que ele que** era assim amaricado e o homenzito, coitado, fazia qualquer coisa (...) que o mandassem fazer. (MLD48)
- 172) Botou-se a gritar aí (...) para a família ouvir quem tivesse garotos que ele que os mandasse à escola (...) que era favor, **que a professora que** tinha mandado pedir para irem à escola e tal – lá em Santa Cruz! (MLD48)
- 173) Quer dizer **que eu que** fui para lá no princípio do Inverno, tinham uma courela – (...) que a gente dá-lhe nome uma courela. (MLD48)
- 174) Olhe, até me parece **que ela que** estava em jeitos de ter esse Minhoca quando eu lá estive. (MLD48)
- 175) Depois eles sabiam **que eu que** tinha cegueira naquilo e achavam que eu que tocava bem realejo (MLD49)
- 176) Depois eles sabiam que eu que tinha cegueira naquilo e achavam **que eu que** tocava bem realejo (MLD49)
- 177) Cá o meu elemento, (...) para mim, acho (...) **que o pão que** é uma coisa de primeira necessidade. (MLD50)

- 178) Mas eu até acho **que ele que** é por aí mais caro. (MST01)
- 179) Mas sei **que os borreguinhas que** ficam separados. (MST02)
- 180) Eu sei **que ele que** anda nas Rasas. (MST02)
- 181) *INQ1... Lembra-se de ainda se cultivar o linho aqui?*  
INF Eu, quer dizer, ainda me lembro também, ainda me lembro (...) de saber **que peessoas que** semeavam e que colhiam. E também me lembro (...) mesmo de ver pessoas ainda a fiar. (MST02)
- 182) E eu faziam confusão como é que elas haviam de aprender. Metia-se-me cá na ideia **que elas que** não eram capazes de aprender. (MST12)
- 183) Porque (...) até já tenho estado a sonhar **que eu (...) que** escrevia uma carta. (MST12)
- 184) O meu pai dizia **que todo o gado que bebesse no Tejo, que provavelmente** (...) vinha perigoso a trazer (...) esses bichos. (MTM16)
- 185) E eu também já tinha informações **que eles que** não queriam assim, que o senhor Hálvio já me disse que querem, mais ou menos, como a uma oliveira mas um bocadinho diferente. (MTV05)
- 186) Tenho a certeza (...) **que as meninas que** andam a estudar para isso. (MTV06)
- 187) "Amanhã vai lá abaixo com uma caldeira com cal e marca as oliveiras que você diz **que ele que** marcou". (MTV07)
- 188) Mais tarde disseram-me **que aquilo que** era tal e qual vinho do Porto. (MTV18)
- 189) Eh pá, mas não põem na ideia **que a verde que** ficou lá e a outra, (...) que é viceira que ficou lá. (MTV21)
- 190) Está-lhe a parecer **que a dele (...) que** é maior. (MTV32)
- 191) Pôs-se-lhe na ideia **que o pai que** tinha ido vivo, morto, que tinha ido vivo para a cova e que acabou de morrer no fim de estar tapado, de estar fechado. (MTV46)
- 192) E ele dizia muita vez **que nós que** não sabíamos comer fruta, que a gente nunca devia de debulhar a fruta. (MTV47)
- 193) **Que a casca que** ajuda a fazer a digestão, dizia ele muita vez... (MTV47)
- 194) Mas eles pensavam **que aquilo que** era vinho! (MTV51)
- 195) Dizem **que aquilo que** até é bom quando a gente tem papeira, para esfregar isto aqui na coisa. (MTV57)
- 196) (...) e ele estava – eu parece **que eu que** já contei –, (que) ele estava (doido) e eu disse que (ele) não (tenha) na ideia que há podadores de árvores. (MTV58)
- 197) Mas eu sei **que eles (que)** fizeram mangação de mim. (MTV59)

- 198) Mas se (se) ver **que a gente que** é para mal... Porque há vezes que pessoas que, mesmo por vezes, podem querer assaltar uma pessoa (...) ou espancá-la e o cão (...) pode auxiliar (...) o dono. (OUT45)
- 199) Ele a parecer **que a gente que** já via que já não tinha força verdadeira, (...) deixava-se (...) um dia ou dois sem mexer nele para ele aclarar, e já empeça depois a enxarcar, já empeça a saber (...) o vinho... (OUT57)
- 200) Então você não vê **que esta parte aqui que** é boa, homem?! (PAL04)
- 201) Ora, (...) um empregado nas finanças, um homem (...) que estuda, ou que estudou, para adquirir (...) aquele lugar; e dizer a um analfabeto, dono da propriedade, **que ele que** ficava bem (com) só aquela (...) árvore carregada de fruto – uma daroeira, com aquelas bagas. (PAL04)
- 202) Ora, no outro dia, ia para (...) ir vê-la, chega logo o homem (...) da agência, que me veio participar **que ela que** tinha morrido. (PAL07)
- 203) Dizem (...) **que os antigos que** eram todos uns atrasadinhos. (PAL18)
- 204) Pois ele é que me disse **que o elefante que** remói, tal e qual como a rês. (PAL25)
- 205) *INQ1 Olhe, dizia-se alguma coisa quando, numa família, havia sete filhos? Dizia-se alguma coisa do mais novo?*  
INF1 Ah, (diziam) **que um que** era bruxo. É. Quando houvesse sete, que um que era maluco – ou assim seguidos (...)... (PFT25)
- 206) *INQ1 Olhe, dizia-se alguma coisa quando, numa família, havia sete filhos? Dizia-se alguma coisa do mais novo?*  
INF1 Ah, (diziam) /dizia\ que um que era bruxo. É. Quando houvesse sete, **que um que** era maluco – ou assim seguidos (...)... (PFT25)
- 207) E os jeovás dizem que a Nossa Senhora – nisso é que eu não gosto (...) deles, por eles (dizerem) isso – dizem **que Nossa Senhora que** teve mais do que um filho, (...) que fez como as outras mulheres. (PFT27)
- 208) Não tem padre nenhum, nem igreja nenhuma, nem livro nenhum de católico, de religião, que diga **que Nossa Senhora que** foi como nós fazemos com os nossos homens. (PFT27)
- 209) "Ó pai, o"!... "O" queria dizer **que o seu noivo, o seu marido, que** era aquele. (PIC04)
- 210) E quando se parece, um sapateiro vai e reclama **que ele que** tinha cortado as cabeças do bicho, e que tinha salvado a filha do rei. (PIC04)
- 211) Estavam-se aparelhando para casar e este homenzinho vinha cá à aldeia e ouvia dizer **que a filha do rei que** tinha escapado e tal, mas que ia-se casar com um sapateiro, tal, e esta coisa assim. (PIC04)
- 212) Já houve aqui (...) um bote, aqui de São Jorge, e já o vi também aqui entre nós e não vi **que ele que** fizesse a vantagem. (PIC11)
- 213) Mas ele tinha-lhe dito ao irmão, se a árvore estivesse murcha ou seca **que (...) um deles que** iam mal, ou o pai, ou um deles que iam mal. (PIC20)

- 214) Ai, eu levei tanto tempo, eu tola, com sono e não queria dormir, porque estava sempre lembrando **que ela que** podia (...) esquecer-se de tomar fôlego. (PIC27)
- 215) E dizem **que este olho que** comunica com este lado. (PST09)
- 216) E quando a gente amassava de oito em oito dias, já se sabia, mais ou menos, o forno, **que a temperatura que** andava quente e o pão deixava-se a levedar (...) no alguidar... (PST16)
- 217) Mas ali uns cinco minutos, seis minutos que a gente vê **que a rosquilhinha que** (...) não tostava de calor, botava-se o pão. (PST16)
- 218) (E que acaso) (...) então, graças a Deus, foi o que Nosso Senhor não me deu foi ser falsa, mentirosa, amiga de sacrilégios, graças a Deus. Tenho o que Nosso Senhor me (depare), ouço dizer **que os outros que** têm, por exemplo, posso ouvir dizer: "Olha, aqui à parte de cima está uma festa, uns noivos ou qualquer coisa". (PST19)
- 219) A gente tinha aquilo afinadinho, tudo amoladinho e quando era preciso, que a gente via **que ela que** já não moía bem, a gente levantava-se e picava-se. (PST24)
- 220) Que muita das vezes, a gente traz um repolho grande, pensa **que ele que** é bom, mas por dentro está oco. (SRP19)
- 221) Agora, aquele dono que o comprou viu **que aquilo que** lhe ficava caro com os panos – ouviu? (SRP25)
- 222) Quase **que um homem que** (não) /nem\ é preciso tampouco descalçar-se. (SRP04)
- 223) "Gotardo, que seja a última vez que te ouça dizer e que não volvas mais a dizer isso, **que o pão que** é negro! [...]" (STA19)
- 224) "[...] Gotardo, nunca mais volvas dizer **que o pão que** é negro! (STA19)
- 225) "Dizer **que o pão que** é negro?! Não é negro. Negra é a fome"! (STA19)
- 226) *INQ Como é que lavava a roupa antigamente?*  
INF Água e sabão só. Agora já é o sabão em pó, já é mais bom de lavar.  
*INQ Não fazia uma coisa que...*  
INF Umas barreiras. Isso era as antigas que eu já não usei disso. Porque diz **que os homens que** usavam a camisa de linho, as calças de linho... (STA34)
- 227) Diziam **que esta cinza de carvalho, da lenha de carvalho, que** fazia clarear muito a roupa. (STA34)
- 228) E é por isso que a gente lhe disse **que eu que** era aqui o médico da terra, não é? (STA39)
- 229) Eu pus-me a andar, (...) depois fazia como uns pinheiros (...), à volta do caminho, ainda eu parei um nadinha porque cuidava **que minha avó que** vinha bradar para eu ir para trás. (STE16)
- 230) "Então é porque o senhor foi a algum lado que viu o Cristiano, para saber **que este que** é o pai do Cristiano". (STJ06)
- 231) "**que vocês** (...) **que** me 'himpotinizaram' o rapaz... [...]" (STJ06)

- 232) Eu até acho (...) **que elas que** nem picam. (STJ52)
- 233) Outras pessoas dizem **que cada patinha – aquilo tem muitas patas –, cada patinha que** é uma dor. (STJ52)
- 234) Se a víbora – parece-me **que a víbora que** é mouca. (STJ53)
- 235) Via se o semeador semeava bem, se semeava mal; se ele via **que ele que** semeava, ensinava (STJ64)
- 236) Souberam **que eu que** ordenhava, fui chamado pelas autoridades à... (...) Para ter um cartão. (STJ71)
- 237) Isto é (...) um uso, então, que eu, eu talvez é que o tenha posto a andar – não é? –, mas entendo **que a pessoa que engorde uma rês que** é merecedora de receber isso. (TRC07)
- 238) Os seus convidados já sabem **que o marchante que** chegou. (TRC13)
- 239) Quando dá um foguete grande, eu já vejo os vizinhos saírem e virem para ajudar porque já sabem **que eu que** cheguei. (TRC13)
- 240) quando há o bombão grande, toda a gente sabe **que eu que** cheguei. (TRC16)
- 241) Depois de o outro dar o seu jantar e de terminar o bodo, já sabe **que ele que** vai para sua casa. (TRC21)
- 242) E depois a gente demos em cramar **que o trabalho que** era muito, depois é que deu em botar para o Pico. (TRC30)
- 243) É em São Mateus que ele dizem **que a prombeta (...) que** é cabra, mas a gente aqui é prombeta. (TRC42)
- 244) Vê-se mesmo **que eles que** não podem, coitadinhos. (TRC59)
- 245) "Ah, a minha avó pensa agora **que eu que** quero o chá doce como o de minha avó"! (TRC65)
- 246) E o grande ladrão quando me vê a descer ali, em ceroulas, com a vela, quase que lhe parecia **que eu que** era alguma ovelha branca e deixa de morder o cão, direito a mim. (UNS08)
- 247) E até dizem **que a palha que** era mais saudável que os colchões de agora. (UNS28)
- 248) "Tenho duas filhas e dois filhos, se me chegar a notícia a casa – porque depois sei aquilo que me fazia falta – se me chegar a notícia **que os meus filhos que** gazearam a escola" ... (VPA15)
- 249) Eu sei **que aquilo que** não é por mal, sabe? Mas quem ouve... Vem cá uma pessoa estranha, não é, não conhece e diz: "Ah, (...) são malcriados, os pescadores" (...). (VPA15)
- 250) E vai à venda! Mas já avisa os compradores **que este peixe que** está estragado, que está deteriorado. (VPA23)

251) Aquela mulher gostou de mim. O que é que (eu) não podia lá ficar, que ela sabia **que eu que** era (casado). (VPA40)

252) Eu... estava a ver (...) **que o rapaz que** me morria. (VPA51)

### 1.1.5. Ocorrências com mais do que um tópico/adjunto entre complementadores

253) Também há quem faça essa coisa. Mas eu encontro **que aquilo em bravo que** é melhor porque fica mais arreigado (...) e a cepa dura mais tempo. (AAL02)

254) Então dizem **que a ouriça quando está nessas condições que** faz mal, que prejudica. (AJT25)

255) E ele achou **que o negócio para ali para aquele lado que** não foi assim muito bom e então o outro pegou nos marcos, vieram-lhos tancar cá no lugar da Senceira e lá para o lado do Manguelho já não foi. (AJT28)

256) E afinal, diziam **que lá as bruxas antigamente que** iam dançar, faziam aquelas grandes rodas. (ALV48)

257) E eu li já há muitos anos **que a comida seca, desde que perca o sumo, mas que fique com a cor verdoenga, que** é muito melhor para o gado. (CDR60)

258) E ele disse que havia de haver uma guerra em Portugal, que há-de ser vencida pelos homens de sessenta anos (...) no Campo de Ourique em Lisboa. [...] E **que as mulheres, nestas aldeias, quando vissem um homem – quer dizer, cá como os 'aciprestes', quer dizer, como os padres – e quando vissem um homem que** haviam de dizer assim: "Louvado seja o Senhor, lá vem um homem"! (COV18)

259) E o meu pai dizia **que ele com mais de oitenta que** ainda tinha a lavoura dele ao cuidado dele. (CRV42)

260) Mas diziam **que as crianças que nascessem de oito meses, naquele tempo, que** (...) não viviam, que morriam. (CTL16)

261) INF E há quem diga **que elas quando é no (...) desenxamear, quando abala o enxame, que** vai...  
Estão quatro ou cinco ou seis ou uma dúzia deles, não é?

INQ1 *Rhum-rhum.*

INF Daqueles grandes, da abelha grande.

INQ1 *Sim.*

INF E então, depois elas é que começam (...) a lutar umas com as outras e naquelas todas vai ficar só uma, que é a abelha-mestra. (EXB33)

262) Diz **que a víbora, o canto dela que** encanta! (EXB46)

263) Até penso **que ele agora que** até mudaram para o sábado. (MTM16)

264) Toda a minha vida, ouvi falar **que o mundo, antes dos dois mil anos, que** acabava. (PAL12)



- 265) E bem sabes **que** desde que tenho cá a carta, se não fosse a estar à tua espera como tu me 'dissestes', **que** esperávamos e que ia contigo, eu tinha ido. (PFT22)
- 266) Os ares quando estão riscados, o céu está riscado, aquelas nuvens todas riscadinhas, a gente sabe que vai fazer vento, **que ele o dia que** é ventoso. (PIC32)
- 267) Mas ele ainda dizem **que a gente, cortando por este lado,** **que** corta a veia (...) do olho. (PST01)
- 268) Já sabem **que** aqui o trigo aqui **que** se acabou. (SRP26)
- 269) E começámos a pensar (...) **que a vida assim que** estava mal. (STJ33)
- 270) Diziam dantes (...) **que a gente dando um golpinho para sair o veneno, que...** (STJ54)

### 1.1.6. Ocorrências de Dupla/Tripla Recomplementação

- 271) Até dizem **que aquilo que aonde há uma madre (...)** numa casa que seja daquela madeira **que as pessoas que** morrem. (CBV64)
- 272) E o livro dizia que (...) os homens que haviam de voar mais alto que os passaritos. E quando nós visse (...) estas serras todas cortadas, de estradas e tudo do homem, que o mundo que era um paraíso – e já está! –, **que ele que o mundo que** durava pouco. (COV18)
- 273) E a gente, olhe, e que ainda é outra coisa que ele dizia: **que para a fim do mundo que a gente que** não havia de conhecer o Verão do Inverno senão pelas folhas. (COV18)
- 274) Olhe lá, e diz **que (...)** se cair uma bomba atómica em Lisboa **que a gente aqui que** também morre. (COV19)
- 275) Outros é Lomba, Palheiros. Agora Palheiros diz **que ele que as primeiras habitações (cá) que** houveram **que** foi aí. (CRV62)
- 276) Porque dizíamos **que se se rapava no crescente, que a lâ, depois, que** se nos cortava (...) nas teias – (...) na teia que fazíamos. (CTL29)
- 277) E quando fosse só que ele primeiro que parece **que ele (...)** **que o lume que** ardia só por fora um bocadinho, e ficava a lenha toda cozida, repassadinha, ficava toda em carvão. (MLD47)
- 278) O que é que elas depois parece que diz (...) **que aquilo que as que não iam bem** arranjadas às vezes, ou bem tecidas, e as maranhas **que** vinham muito fracas. (MST19)
- 279) E da grada, nas Flores, a grada, disse-me o senhor Barnabé, **que a baleia grada que um quilo de dente, que** estava (...) a cinco contos; e o da miúda a três. (PIC09)
- 280) Agora, aquele dono que o comprou viu que aquilo que lhe ficava caro com os panos – ouviu?; naturalmente, diz **que aquilo que por jeitos que** lançaram-lhe um imposto diferente, estão a ver?, um imposto diferente – e então comprou um motor e trabalha a motor, mas lá tem a dita... A armação lá está feita; o que lhe tirou foi os panos. (SRP25)

281) Depois eu, eu cheia de medo, porque dizem **que** aquilo (...) **que** se elas morderem, **que** aquilo **que** não tem cura. (STJ52)

282) Já sabe **que** de hoje a oito dias **que** o Senhor Espírito Santo **que** vai para sua casa à noite. (TRC21)

### 1.1.7. Ambiguidades quanto ao tipo de tópico

283) INF1 Bem, é a mesma coisa. A cor é a mesma. O que (é) /é é\ que a guelha tem (algumas três andainas de dentes) – de dentes! Três andainas: uma, duas, três. E a tintureira não. A tintureira até parece que tem (...) uma ou duas, para aí. E mais pequena. (...) Eu já lhe disse a você – não (lhe) disse já? –

INQ2 O quê?

INF1 **que** no bacalhau (**que**) caçámos duas

INQ2 Ah! Sim, sim.

INQ1 Já disse.

INF1 como daqui a acolá. Foi preciso (içá-las até aqui). (VPA32)

284) e ele para fazer ver **que** o carro (**que**) travado... (VPC01)

### 1.1.8. Ocorrências com Tópico Pendente

285) Porque sabem **que** os bichos, **que** aquilo são bichos que não prejudicam nada. (AJT25)

286) Porque a gente sabe **que** aquela terra ali **que** por baixo é (escumalho). (MTV08)

287) Dizem **que** o centeio (...) com a cevada, **que** ficava o pão melhor. (PST16)

### 1.1.9. Ocorrências com pseudoclivada invertida de *é que*

288) INF [...] E ele disse que havia de haver uma guerra em Portugal, que há-de ser vencida pelos homens de sessenta anos (...) no Campo de Ourique em Lisboa, que já não havia de haver (era) mocidade nenhuma.

INQ1 Ai, meu Deus!

INF **Que** os homens de sessenta anos **que** é que haviam de fazer uma guerra! (COV18)

289) E o meu marido conta que o pai morreu ele tinha onze anos e **que** a mãe (...) **que** é que lavrava as terras. (FLF32)

290) Até (...) as minhas irmãs ficaram aborrecidas por via que lembraram-se **que** eles **que** é que convenceram mais os pais para eles lhe darem aquilo quase tudo. (MLD46)

291) Penso **que** aqui o mestre **que** é que tem essa serra, uma serra grande, uma serra boa, uma serra para serrar assim dois homens com ela, e o machado, um machado de serrador, uns machadões grandes, pois muito bons, uns machados mesmo pois feitos lá no Norte. (MLD46)

292) Diz **que** o que apagar a luz diante **que** é o que morre diante. (STA31)

### 1.1.10. Ocorrências com *que* explicativo

- 293) "Vai já, já, já, já, (...) vai (...) a Manhouce e vai ter com o padre e diz ao padre que vá para Viseu, **que o moço que** vai embora" – isto foi numa sexta-feira –, "que segunda-feira que ele que vai embora. (COV11)
- 294) "Vai já, já, já, já, (...) vai (...) a Manhouce e vai ter com o padre e diz ao padre que vá para Viseu, que o moço que vai embora" – isto foi numa sexta-feira –, "**que segunda-feira que ele que** vai embora. (COV11)
- 295) Disse-me que o mercasse, **que ele que** entrava a dar metade do dinheiro. (GRJ01)

## 1.2. Recomplementação com *se* interrogativo

### 1.2.1. Ocorrências com adjunto

- 296) Não sei **se**, (...) para os seus lados, **se** chegou a ser assim. (CTL26)
- 297) E então isto vai-se botar de molho, que eu hoje então estou (aí) por casa, vou ver **se** hoje e amanhã **se** faço isso. (PIC01)
- 298) Não sei **se** já para aí para fora **se** já estão a votar, se não. (TRC61)

### 1.2.2. Ocorrências com tópico sujeito

- 299) INF [...] não sei (**se o senhor**) **se** já tem visto? –,  
*INQ Pois, pois. Já.*  
INF a gente enche a mão, apanha do sementeiro e aventa com ela assim; espalha no ar, não é?  
(AAL16)
- 300) Ele não sabe **se eu se** sei muito nem **se** sei pouco. (CPT01)
- 301) E ele disse: "Agora vou experimentar **se o assobio** (...) **se** é certo". (PIC04)
- 302) Não sei **se aquilo se** também não estava bem experimentado, se quê, não sei. (PIC11)

### 1.2.3. Ambiguidades quanto à classe de palavras de *se*<sub>2</sub> (complementador vs. pronome)

- 303) INF1 Eu tenho um irmão na América, que é o Francílio, que é o mais velho de todos...  
INF2 Eu não sei **se a senhora se** quer...  
INF1 Tenho...  
*INQ Não, deixe estar. Eu ainda tenho tempo. Escusa de estar com isso. (GRC31)*

### 1.3. Recomplementação com *se* condicional

#### 1.3.1. Ocorrências com adjunto

- 304) Oh, pois, **se ali aos arredores**, **se** havia ali uns farrejais, algum que se descuidava a semear ou cevada branca ou trigo, pois via-se à nora porque os pássaros andavam por cima daqueles telhados e lá dos telhados voavam e iam-se caminho daquelas searas. (AJT31)

##### 1.3.1.1. Ocorrências com oração adverbial

- 305) Levei lá a minha irmã e diz ele: "**Se quando ela adoeceu**, **se** vêm cá, abria-lhe uma sangria" ... (STJ63)

#### 1.3.2. Ocorrências com tópico sujeito

- 306) E, por acaso, **se o rei se** quisesse saber (...) bem a verdade, tinha os sete... (PIC04)
- 307) Já se sabe **se a senhora**, **se** tivesse chegado aqui e eu tivesse dito: "Eh senhora, eu (...) não quero saber nada disso", a senhora ficava alcançada, pois já se sabe que ficava. (TRC64)

### 1.4. Recomplementação com *para*

#### 1.4.1. Ocorrências com Topicalização

- 308) Batiam, que era **para o trigo, algum que caísse**, **para** se poder varrer. (ALC07)

#### 1.4.2. Ocorrências com adjunto

- 309) Por exemplo, (...) se o pote leva – chama-lhe a gente – um almude, é de vinte litros; se um pote leva dezoito, coze com doze, que é **para em depois para** ter coiso, para ferver e (...) para não entornar. (AAL05)
- 310) (...) Até diz que lhe davam um tear **para lá para ela** trabalhar. Mas é assim... (MTM15)
- 311) A gente quando apanha um peixe daqueles, a gente **para aqui para** apanhar um peixe daqueles (...) é embrulhado (...) naqueles aparelhos. (TRC40)
- 312) Tenho lá dessa maga – dessa tripa da sardinha. Tenho lá na arca. Tenho lá na arca, fechadinha, congelada. Sabe para que é? (Que é) **para um dia para** ir para a pesca. (VPA54)

##### 1.4.2.1. Ocorrências com oração adverbial

- 313) As folhas saíam e a azeitona ficava ali, em cima dum pano limpo, que era **para depois (de) já estar limpa para ele a gente** pôr dentro numa canastra. (ALC17)

314) INF Ah, (...) é feita quando ela está já prontinha... Eu tenho aí me parece. Fazia-se assim: entrançavase, era uma estriga de milho. Que é o que se deita agora nas pipas e assim – que se compra aquelas estrigas –, que se compra para se deitar nas torneiras, *INQ Sim.*

INF **para quando se mete a torneira para ela** não deitar e assim. (GIA09)

315) Mesmo até nas panelas. (...) E então, isso depois ainda era (...) enrolado – tipo quase de enrolar o pão (...) do padeiro –, ainda era aqui rolado, rolado, rolado e batido, **para, se houver ainda alguma bolha que escapasse à mão,** (...) **para** rebentar ali. (STJ38)

### 1.4.3. Ocorrências com expletivo periférico

316) Era cortar a cana **para ele para** limpar a terra, (...) para semear o tremoço em Janeiro. (CRV57)

317) Alguns lavravam, mas (...) eram poucos que lavravam. Só se **para ele para** cultivar a terra com (...) segunda cultura: batata-doce para semente; outros semeavam milho era para os bois comerem agora em Outubro, quando carreavam (...) o milho das terras (...) altas... (CRV63)

318) E outra vez, (...) para o rego não ir sempre no mesmo sítio, já ia daqui para acolá, que era [AB|**para ele**] **para** cortar a terra, (...) para não ir sempre ele a terra (...) lavrada (...) da mesma maneira sempre. (CRV64)

319) Isso começavam a caminho em meados de Agosto, (...) a trazer [AB|**para ele** para, para] **para** deitarem (...) aos porcos. (CRV58)

320) A furna. Logo que tem abrigo [AB|**para ele**] **para nós** nos abrigarmos é uma furna. (CRV32)

321) Para dar a semente, **para ele para a gente** tirar a couvinha, tem que colher... (MIG01)

322) calçavam (...) o ripanço atrás com uma pedra também pesada, não é, e as mulheres ripavam aquilo, (**para ele**) **para a semente** cair toda, (para ele) para tirar a semente, para o ano ter semente outra vez. (MIG03)

323) calçavam (...) o ripanço atrás com uma pedra também pesada, não é, e as mulheres ripavam aquilo, (para ele) para a semente cair toda, (**para ele**) **para** tirar a semente, para o ano ter semente outra vez. (MIG03)

324) se fosse muita água, trabalhava com três dedos, se fosse pouca, trabalhava com dois, que é para dar (a) força no penado que é **para ele para a pedrinha** andar de roda para ele para o moer, para – como é que se diz? – para moer o milho, para fazer farinha. (MIG16)

325) se fosse muita água, trabalhava com três dedos, se fosse pouca, trabalhava com dois, que é para dar (a) força no penado que é para ele para a pedrinha andar de roda **para ele para** o moer, para – como é que se diz? – para moer o milho, para fazer farinha. (MIG16)

326) E então (...) ia aqui uma outra tabuinha, que era **para ele para** mexer com a telha, que é para cair o milho. (MIG17)

## 2. CRPC

### 2.3. Recomplementação com *que*

#### 2.3.1. Ocorrências com adjunto

- 327) [...] [N]ão digo **que aqui que o princípio** é violado [...]. (CRPC-A151905, Política)
- 328) Está mais descansada, minha senhora - veio dizer a Joana - diz **que logo que** se levanta. (CRPC, Queiroz, *O Primo Basílio*)

#### 2.3.2. Ocorrências com tópico sujeito

- 329) V. Ex.<sup>a</sup> diz **que eu que** não li o requerimento, que nele não se fala em acusações. (CRPC-A146967 – Política)
- 330) Não subscrevo a interpretação que o Sr. Deputado Nogueira de Brito há pouco fez [...], mas admito **que ela que** possa ser sustentada, aliás, como o é, designadamente por V. Ex.<sup>a</sup>. (CRPC-A127332, Política)
- 331) Ficarão sempre em pânico quando vierem discutir e equacionar os problemas da mulher, como o ficam sempre que pressentem **que o caminho que** se vai abrindo à mulher como cidadã de pleno direito (...). (CRPC-A157573, Política)
- 332) [...] [O] actual Sr. Ministro das Finanças afirmava **que ele que** conhecia a propaganda do Partido Republicano Português não por ouvir falar nela, mas por nela ter tomado parte; bem sabia que a liberdade tinha feito parte dessa propaganda intensa. (CRPC-A1941, Política)
- 333) Ontem, Jorge Amado indicou **que a brigada que** se deslocou ao local juntamente com um inspector da Inspecção-Geral das Actividades Económicas e que apenas encontraram "alguns resíduos não perigosos". (CRPC, *Público*)
- 334) Tu pensas **que eu que** não sei? (CRPC, Miguéis, *A Escola do Paraíso*)
- 335) [...] [L]ogo se vê **que o dinheiro que** lhes sobrava! (CRPC, Gonçalves, *A Floresta em Bremerhaven*)
- 336) [...] [M]as quem é que dizia **que a gaja que** se havia de alevantar? (CRPC, Guerreiro, *Livro de Anedotas*)

### 2.4. Recomplementação com *se* interrogativo

#### 2.4.1. Ocorrências com tópico sujeito

- 337) [...] [É] a oposição sujeito/objecto [...] que nos leva até à questão de saber **se o mundo pós-hegeliano se** quer perpetuação do ser humano como animal ou como verbo. (CRPC, *Expresso*)

## 2.5. Recomplementação com *se* condicional

### 2.5.1. Ocorrências com adjunto

- 338) Esta política de fomento deverá dar profunda atenção aos problemas da floresta, [...] designadamente no que respeita ao pinhal que [...] tenderá a desaparecer **se a tempo se** não se solucionarem os graves problemas que afligem os trabalhadores [...]. (CRPC-A109015, Política)

### 2.5.2. Ocorrências com tópico sujeito

- 339) A entidade patronal tem direito a descontar na retribuição do trabalhador a importância correspondente aos dias em que ele faltou ao trabalho, ou, **se o trabalhador se** assim o preferir, a diminuir de igual número de dias o período de férias imediato. (CRPC-A80242, Política)
- 340) E **se os senhores se** vêm aqui reclamar [...] de defenderem os interesses dos emigrantes posso dizer-vos que não têm credibilidade entre os emigrantes. (CRPC-A163260, Política)

## 3. Português Fundamental

### 3.3. Recomplementação com *que*

#### 3.3.1. Ocorrências com DETP

- 341) eu acho, por exemplo, quanto a mim, acho **que a, a maxi-saia**, que é... **que** são poucas as pessoas que se conseguem defender com ela, não acha? (PF-653-Lisboa)

#### 3.3.2. Ocorrências com adjunto

- 342) eu dizia **que neste mundo frio, engessado, cheio de máquinas**, **que nós** não podíamos negar a in(...) a, o, a parte espiritual e, e, e... do homem, o interior (PF-93-Braga)
- 343) E estou convencido **que com o dinheiro que ali se iria buscar** **que** dava (...) (PF-135-Bragança)
- 344) os intelectuais parece **que ao mesmo tempo** **que** estragam a vida. (PF-455-Lisboa)
- 345) até, até diziam **que este ano** **que** já não havia apanha de algas por causa desse motivo... (PF-764-Setúbal)
- 346) X: [...] disse-me a NP que vinhas cá agora, que veio cá o F, que veio ontem o F  
C: Ah, não...  
X: buscar os meninos e eu agora vi-te entrar, digo a(...)...  
C: (...) ora que coisa, inda agora viemos.  
X: É.  
D: Chegou ontem.  
X: É, **que ontem** que esta[va], **que** veio o F buscar os meninos. (PF-1016-Vila Real)

347) e ele tava a dizer **que realmente que** era bom, mas nem para todos, para todos é bom. (PF-1377-Coimbra)

### 3.3.2.1. Ocorrências com oração adverbial

348) mas, quer dizer, eu acho **que sempre que se pode explicar com verdade, que** é uma estupidez estar-se a dizer-lhes uma coisa que depois mais tarde nos contradigamos. (PF-956-Coimbra)

349) portanto as pessoas talvez pensem **que... tendo antigo que...** seja... mais valorizável (PF-990-Lisboa)

350) não podem passar porque já sabem **que chegando aí à uma hora e que não estão cá em baixo que a senhora** começa daqui a ralar com eles (PF-1377-Coimbra)

### 3.3.3. Ocorrências com tópico sujeito

351) porque viu **que o santo que** era pequeno, julgava que aquele que era o filho do grande. (PF-31-Porto)

352) julgava **que aquele que** era o filho do grande. (PF-31-Porto)

353) pensava **que os pecados que** era uma, bom, quer dizer, bom, como o pai-nosso, quer dizer, uma coisa assim que se chamava pecados. (PF-31-Porto)

354) mas o poder paternal não pode passar para a mãe, excluindo casos em que se prove **que o marido** que é, **que** é um criminoso (PF-53-Lisboa)

355) até traz coisas falsificadas, de pessoas amigas que lhe passam a dizer **que ele que** tem dívidas, etc, etc. (PF-53-Lisboa)

356) quem não estiver habituado a ouvir os termos e a maneira de, de se exprimir sente **que a coisa que** não está bem (PF-290-Porto)

357) então a menina agora está-me a dizer **que eu que** sou NP? (PF-376-Beja)

358) e ao fim e ao cabo acabam por chegar aqui às dez e meia dizendo que acabam por se deixar dormir, **que a avó que** não os chamou (PF-476-Lisboa)

359) porque há quem diga **que este castelo que** deve ter uma saída para a beira-rio... (PF-598-Setúbal)

360) na televisão disse **que uma, uma menina** que foi, **que** foi apanhada sem carta, hoje de manhã, por exemplo, e à tarde foi-se embora porque... e, e à tarde foi apanhada novamente a conduzir sem carta (PF-618-Coimbra)

361) mas isso não quer dizer, pá **que... religião e política**, pá, que sejam, **que** sejam a mesma coisa. (PF-622-Santarém)



- 362) portanto considerada assim a religião, pá, pois a religião é uma coisa que existe por si. Contra o que muita gente julga, pá, **que a religião que** foi uma, uma coisa que se inventou e tal (PF-622-Santarém)
- 363) realmente te[nho], tenho a gravação em francês. que eu acho, que eu acho **que a ópera que** perde no sentido italiano. (PF-710-Porto)
- 364) acha **que isso que** fica bonito? (PF-769-Lisboa)
- 365) que a senhora mandou-me dizer **que ela que** tinha ido para o menino NP! (PF-785-Porto)
- 366) as pessoas mais indicadas que têm feito um estudo sobre etnografia e folclore e coisa, dizem **que essa viola que** é mesmo originária de cá (PF-837-Funchal)
- 367) e ao depois ele só dizia que eu que não, **que eu que** não aprendia a cozinhar. (PF-839-Leiria)
- 368) mas eu acho **que isto, esta explicação aos miúdos que** é benéfica. (PF-956-Coimbra)
- 369) tenho a impressão **que a mocidade jovem que**, que não se adaptava tão facilmente à praxe porque... (PF-985-Coimbra)
- 370) de maneira que depois não semeiam cenouras, porque não sabem **que a cenoura que** é uma coisa tão necessária para a criança (PF-1009-Lisboa)
- 371) não quer dizer **que o trabalho fixo que** seja... (PF-1020-Bragança)
- 372) «[...] digo **que o senhor prior que** as queimou.» (PF-1055-Beja)
- 373) acho **que o Zé Calvário que** é um, tem qualidades para vir a ser um, um grande nome na, na, na orquestração de, de canções em Portugal (PF-1242-Aveiro)
- 374) mas eu estou de acordo que ele se comercialize porque o Rubio diz **que ele que** vive da canção (PF-1242-Aveiro)
- 375) eu acho **que esse selo, o selo mais caro, portanto, da colecção, da colecção portuguesa que** parece (...) custa cento e dez contos. (PF-1308-Lisboa)
- 376) mas, mas aí em Alcobaça, tava eu a dizer que quem fizesse algum mal, (...) já sabia **que o rei que** o mandava... bem, castigava-os, não é (PF-1315-Leiria)
- 377) e eles como sabem **que a senhora que** vai por trás, (...) eles sabem que a senhora que lhes arruma as gavetas, as meias e isso tudo, eles podiam ser umas meni(...), uns meninos que conservassem, não é (PF-1377-Coimbra)
- 378) (...) eles sabem **que a senhora que** lhes arruma as gavetas, as meias e isso tudo (PF-1377-Coimbra)
- 379) eles todos sabem **que eu que** sou uma defensora acérrima da mulher e do ta(...) igualdade de trabalho, igualdade de salário, tudo isso (PF-1378-Porto)

380) inda lhe dá para hoje e para, para amanhã ou... inda dá! Ó C! Com certeza **que** esta sopa **que** te dá, não achas? (PF-1383-Lisboa)

### 3.3.4. Ocorrências com mais do que um tópico/adjunto entre complementadores

381) mas, como eles, as redacções viram **que** os jornais, andando no comboio, **que** vendiam muito menos, resolveram vir cá trazê-los. (PF-502-Viseu)

### 3.3.5. Ocorrências de Dupla Recomplementação

382) e eu tenho a impressão que – eu não tenho a certeza, mas – **que** quando se c(...), construiu a ponte que o santo **que** já tinha morrido. (PF-657-Porto)

### 3.3.6. Ambiguidades quanto ao tipo de tópico

383) ele até me deu antibióticos, ele, duas amostras que ele lá tinha a duzentos escudos cada seis. Foi ele que mas ofereceu, porque viu **que** eu **que**, ficou. (PF-785-Porto)

### 3.3.7. Ocorrências com locativo não-adjunto

384) portanto, dobrou o, o paninho e desconfio **que** nesse paninho **que** está incluído um saquinho qualquer com essa tripa (PF-29-Porto)

### 3.3.8. Ocorrências com duplo *que* relativo

385) «ah, o teu primo, parece-me bem que é do[s], daqueles **que** quando vão para casar **que** resolvem a coisa quase na, na ocasião.» (PF-725-Terceira)

386) bem, sei fazer pratos assim que a minha senhora faz **que** eu **que** não sabia. (PF-839-Leiria)

## 3.4. Recomplementação com *se* condicional

### 3.4.1. Ocorrências com tópico sujeito

387) A: Portanto quando estão a dançar, há sempre uma pessoa que está com aquela, com aquele brinquinho também a...

X: Sempre, sempre, sempre!

A: a dar o ritmo.

X: No ritmo. Precisamente no ritmo, **se** ele, **se** falha do ri[tmo], do ritmo estragou. (PF-837-Funchal)

## ANEXO B – DADOS SEM RECOMPLEMENTAÇÃO

### 1. CORDIAL-SIN

#### 1.1. Dados com *que*

##### 1.1.1. Ocorrências com DEC

388) Mas, quer dizer **que** o que lá vou poupar, gasto-o na camionete. (LVR21)

389) Quer dizer **que** (...) a ele até lhe compraram logo uma concertina e tudo. (MLD46)

##### 1.1.2. Ocorrências com Topicalização

390) significa **que** a minha fala não oiço. (ALV01)

##### 1.1.3. Ocorrências com adjunto

391) (Quer dizer **que**) num enxame, todas elas trabalham dentro (...) para o cortiço. (ALC33)

392) Sei **que** no dia – eu não me lembra em que dia é que lá fazem a festa –, ia muita gente daqui lá festejar (AJT03)

393) sei já **que** para o outro mês ganho cinco. (ALV36)

394) Vemos **que** o Dezembro estamos nas matanças (CDR01)

395) Como se usava muito o nabo, naquele tempo, com o porco – que até penso **que** agora já ninguém (...) coze –, era semeado entre os outonos do gado. (CDR48)

396) Aquele peixe que disseram **que** lá – lá no continente – (...) (ficam) (...) com o fígado, e depois deitam fora, que é (...) a xara. (CLC02)

397) Ele, por vezes, estava sempre a contar **que** uma vez vinha (...) de Vale de Cambra e chegou ali (...) às Penhas da Felgueira um que chamavam-lhe o Assis. (COV26)

398) Eu digo **que** agora sou sozinho. (CPT07)

399) Claro, tu tens razão de **que** (...) no teu tempo, já só iam certa gente (...) que não sabia fazer outra coisa. (CTL24)

400) (Diz-se) **que** para o lado de Tondela (costuma) pôr num púcaro e irem botar a ferver dentro do púcaro essas coisas. (GRJ25)

401) Quer dizer **que** depois, no fim de estar todo tapado, (...) abria-se uma bocazinha de lado (LVR07)

- 402) Não é cá do uso da nossa terra, mas sei **que**, por o tamanho que eu tenho visto leitões assados, nunca podem ter mais que é ali dois meses, três meses... (LVR18)
- 403) Quer dizer **que** depois já o pão estava no tabuleiro – ainda crescia, ainda aumentava mais – quando fomos então limpar o forno por dentro. (LVR35)
- 404) porque sabiam **que** aqui havia essa pobre (MIG14)
- 405) Sabem **que** ali naquele sítio (...) há trigo, não é? (MIG15)
- 406) Mas sabe **que** hoje em dia já não é assim. (MIG56)
- 407) Quer dizer **que** nessa parede deixava-se logo uns agulheiros por baixo (MLD47)
- 408) Quer dizer **que** agora morreu-me a minha irmã mais velha, (...) a Guiomar. (MLD48)
- 409) Quer dizer **que** de qualquer madeiro, faziam ali umas masseiras. (MLD52)
- 410) Costuma-se a dizer **que** depois fica é requeijão, é travia. (MST01)
- 411) A mulher confirmou **que**, realmente, era verdade o que ele estava dizendo. (PAL14)
- 412) Acredite **que** o outro dia (...) apanhámos uma, acho que não levou bem uma hora, estava morta. (PIC09)
- 413) Creio **que** agora talvez não, porque agora (...) o preço do azeite veio para cima um bocado muito grande. (PIC09)
- 414) E ela disse **que** ali não se pagava nada (PIC20)
- 415) Chegou no prazo (...) desse tempo que ele tinha dito ao irmão **que** a fim de um ano tinham que estar ali a esperar para vir visitar o pai e a mãe, e o irmão veio até à boca do caminho. (PIC20)
- 416) Parece **que** lá não havia água nenhuma! (UNS14)
- 417) Não vê **que** antigamente não havia máquinas para subir a pedra. (UNS32)

#### 1.1.3.1. Ocorrências com oração adverbial

- 418) parece-me **que** quando me vim embora, que deixei lá o moinho, ainda lá ficou percevejos dum cabrão. (AJT22)
- 419) Eu lembro-me **que** quando me casei fiz um cão – bordei um cão (CDR08)
- 420) (Daqui) o que é certo é que descobriram **que**, ao chegar àquele ponto, iam abaixo. (CTL16)
- 421) E então a gente, quer dizer **que** quando viesse aí era... (LUZ23)
- 422) Eu pensava **que** se não houvesse essas coisas, talvez se resolvesse melhor (LVR06)

423) Ia buscar uma meada nova e eles (que viram **que**) quando cá vinham pessoas gostavam (...) que estivesse assim o tear. (MST11)

#### 1.1.4. Ocorrências com expletivo periférico

424) Estivemos ali em Moscavide, à entrada de Lisboa, à espera (...) **que** aquilo houvesse a revolta, mas não houve. (AAL73)

425) Que eu sei **que** (ele há) outra coisa que se tira (ALC31)

426) Mas ele eu tenho (...) **que** ele é um erro que a gente temos aqui. (CRV60)

427) mas sei **que** isso podia-se correr esse risco, não é? (MTM10)

#### 1.1.5. Ocorrências com sujeito

428) "[...] Agora em o senhor falando, pode ser **que** eu lhe saiba responder". (AAL53)

429) A faia, parece-me **que** essa também nasce. (AAL97)

430) Já (...) há muitas pessoas que dizem **que** ela tem, mas (...) a mulher é que não está lá a mostrar, pois. (AJT02)

431) Uma lebre, (ele) parece **que** aquilo (...) duas crias, três, duas, três, é o que cria. (AJT13)

432) "Então não vês **que** isto está queimado já do mar, homem"! (AJT22)

433) "Tu não vês **que** isto está já queimado de lá da água do mar, homem?! (AJT22)

434) Você vai-me arrematando **que** eu levei-lhe muito e eu fico-a arrematando que devia-lhe ainda ter mamado mais cinquenta, e não coiso. (AJT27)

435) Um dia, eles foram lá, ele não estava lá, disseram **que** eles estavam cá (AJT32)

436) Quer dizer **que** o vento estava, por exemplo, além daquele lado e a gente tinha que deitar a semente contra o vento (AJT33)

437) Quer dizer **que** o trigo estava aqui junto e a gente depois íamos para além. (AJT33)

438) diziam **que** eu não tinha fala de Alvor. (ALV01)

439) Acho, acho eu, **que** ele tem compadres que tapem em Portimão. (ALV02)

440) Eu parece-me **que** aquilo do bacalhau já não é coisa existente. (ALV26)

441) Os ovos grandes, acho **que** os ovos grandes (galados) vão levar aos pequeninos. (ALV27)

442) Acho **que** ela só cria dois. (ALV30)

- 443) Eu acho **que** a lua não se pode partir aos pedacinhos. (ALV33)
- 444) porque está a ver **que** aquele barco não é próprio ele também de sair. (ALV37)
- 445) Mas é porque eu disse **que** o homem tinha medo e tem medo de ir (com o) salva-vidas. (ALV37)
- 446) E o Aquiles Benjamim, a mãe sabia **que** ele era lobisomem (ALV50)
- 447) Sabia **que** ele era e, às vezes... (ALV50)
- 448) Nunca mais se ouviu dizer **que** ele era lobisomem. (ALV50)
- 449) O que você está a dizer eu já estava à espera **que** você dissesse isso". (CBV12)
- 450) "Diga lá ao homem **que** eu tiro". (CBV29)
- 451) Mas parece **que** isso tinha assim um outro nome qualquer. (CBV43)
- 452) "Ó Antolino, eu gostava **que** tu me fizesses a mim – estândomos a gente a falar – o que vocês costumam a fazer aos gaiatos, bater-lhe com as maniotas na mão". (CBV41)
- 453) As pessoas esperavam **que** ele abrisse numa casa para depois ir abrindo nas outras todas. (CDR10)
- 454) Diziam (...) **que** o porco só mamava no mesmo peito, e que não ia ao peito (...) dum dos outros. (CDR16)
- 455) No princípio as pessoas achavam **que** o toucinho, o conduto do porco, não era tão saboroso com o chamoscar do gás como com a rameira. (CDR17)
- 456) A galinha, quando começa a comer urtiga, há a certeza **que** ela vai começar a pôr. (CDR22)
- 457) Até que eu há bocadinho disse (...) **que** o cavalo (...) só calivava, mas o meu pai tinha um macho que moía na atafona. (CDR26)
- 458) a gente começa a ver **que** a massa vai começar a subir devagarinho. (CDR30)
- 459) (não sei) com certeza **que** ele tenha vindo de São Miguel, mas chamavam-lhe o tio Jeová de São Miguel (CDR32)
- 460) Já sabe **que** eu trabalhei trinta e cinco anos lá (CLC28)
- 461) Se não, quando eu (...) via (...) **que** as baleeiras iam direito (...) às baleias, eles apagavam. (CLC28)
- 462) Eles viam **que** a gente ia... (CLC28)
- 463) Sabe **que** (...) o pessoal agarrava-se primeiro à baleeira mais pesada, para arrear primeiro. (CLC32)
- 464) a gente já via **que** ela estava mudando. (CLC32)

- 465) Mas antigamente, assim que (...) chovia, que ele parecia **que** a ribeira vinha, a gente vinha logo, porque não havia moagem. (CLH07)
- 466) Ele disse **que** ele foi lá dentro dizer que não ia porque ele disse a umas quantas... (CLH14)
- 467) Um dia parecia-me que não chegava com o carro a casa porque começou a chover e as borrachas foram alagando, elas começaram a crescer (...) e foram-se 'desenmalhetando' (...) e eu estava-lhe a ver jeito **que** (ele) tinha que vir a casa buscar (...) umas betas (...) para amarrar os 'canziles' para (.../VB). (CLH21)
- 468) Quer dizer **que** o meu filho nem nunca teve nada do pai nem da mãe. (COV02)
- 469) Faz de conta **que** (...) o arrieiro é este (COV05)
- 470) Eu acho **que** ele sabe mais que os que se andam lá. (COV09)
- 471) Você vai ver **que** o seu filho não vai lá fora". (COV11)
- 472) Queres ver **que** ela achou-se doente. (COV13)
- 473) E as senhoras sabem **que** (eu tenho que ir embora)! (COV13)
- 474) mas um dia as senhoras ainda hão-de ver **que** o povo ainda se há-de agarrar à terra ou há-de morrer de fome. (COV16)
- 475) está provável (...) **que** o mundo acabe. (COV19)
- 476) Lá trouxe o homem para aqui mas eu sabia **que** ele gostava muito de aguardente. (COV23)
- 477) Mas agora eu gostava **que** esses homens ainda (fossem) vivos. (COV29)
- 478) E quando a gente vê que ela que não remói, ou **que** ela começa: "aha-aha", a arquejar, ou tem que a picar na boca... (COV34)
- 479) Sei dizer **que** a gente diz que é uma mestra, e põe lá uma só, porque se fosse duas podia ser macho ou fêmea. (COV37)
- 480) Parece **que** elas até me conhecem. (COV37)
- 481) Não vê **que** essas coisas não é todo o ano que aparecem. (CPT15)
- 482) Dizem **que** (...) a criatura que é picada daquele bicho tem que ser vestida de encarnado (CPT33)
- 483) Não precisava de vir dizer ao velho a casa **que** ele tinha feito zaragata com ele (...) nos dois dias! (CRV42)
- 484) Dizia ele **que** ele ia lá assentado lá na borda (...) do barco e que ia brincando com os pés na água. (CRV44)
- 485) Não, eu parece-me **que** ele disse (...) que tinha vindo para aqui. (CRV46)

- 486) ele pensava agora **que** os outros iriam mostrar (...) ao professor que já eles (...) estavam sábios. (CRV50)
- 487) Há quem diga **que** isso foi feito ali por causa disso. (EXB01)
- 488) Que eu tinha medo **que** ele semeasse trigo em cima de trigo. (EXB16)
- 489) Eu sei **que** essas cepas não são duradouras, mais ou menos. (EXB23)
- 490) Tanto podem a gente dizer **que** ela tem ou seis anos, como tem sete, como tem oito. (EXB24)
- 491) Depois então, via **que** ele estava corado, não fechava mais o forno (EXB26)
- 492) dá-me a impressão **que** (...) a flor dele vai-se embora. (EXB44)
- 493) Às vezes, até estão engelhadinhos, a gente pensa **que** aquilo é muito bom, vai ver – eh pá! –, aquilo até amarga... (EXB44)
- 494) É só por dizer **que** uma pessoa está aqui entretida e ele (...) sempre gostou disto. (EXB47)
- 495) Ora (...), eu vi bem – **que** quem ia a chamá-la era o meu filho (FIS11)
- 496) Basta **que** eu tinha uns meus tios, (que) tinham uns campos, passavam com as ovelhas (...) nos barcos para ir (...) para o que é deles. (FIS31)
- 497) Mas há quem diz **que** as aves comem muitos desses bichos da terra – não sabe? (FLF07)
- 498) Bem basta **que** elas não são como as outras aves de darem prejuízo (...) na cultura (FLF09)
- 499) E o meu marido conta **que** o pai morreu ele tinha onze anos e que a mãe (...) que é que lavrava as terras. (FLF32)
- 500) (Olhe), ele faz de conta **que** o animal (...) estava aqui. (FLF41)
- 501) pois já se sabe **que** ela tem melhor sabor (FLF64)
- 502) E quando a gente vê **que** a pele – a pelinha – já arrepelou da morcela, quando já há tempo que elas estão a cozer, estão cozidas. (FLF65)
- 503) minha mãe contava **que** ele tinha porcos no mato (FLF67)
- 504) eles vêem-no nos olhos e coisa **que** o animal já está bem morto (FLF70)
- 505) Sim, e eu também agora estava a dizer **que** o linho foi fiar, mas antes ele ainda tinha muito trabalho. (GIA01)
- 506) E então, por vezes, se ensinava uma vaca quando se via **que** a vaca era mansa e que era bem amanhada e inteligente, e tal. (GIA18)



- 507) Porque a lavoura tem tido (...) muitas fases em que é aconselhada a fazer uma coisa que vê-se, no fim e ao cabo, pela prática, **que aquilo** não tem jeito nenhum (GIA25)
- 508) eu sabia **que ela** tinha ali os ovos (GIA29)
- 509) A senhora sabe **que ela** estava a brincar com os patinhos (GIA29)
- 510) porque a senhora sabe **que nós** tivemos uma época em que se aproveitava todos os trepos das árvores para fazer carvão. (GIA32)
- 511) Faça de conta **que aquilo** é como gás que se está a perder. (GIA33)
- 512) Creio **que ele** (...) cria que era um peixe bom para (...)... (GRC01)
- 513) Isto, faz de contas **que isto** é o meão. (GRC12)
- 514) Também dizem **que ele** é sobrinho da Goreti. (GRC31)
- 515) Eu tive um tio – um tio da minha mulher – em bem que soube **que a gente** tivemos a carta de minha irmã para chamar a gente para a América... (GRC32)
- 516) A senhora sabe **que a gente aqui** é uma bruta. (GRJ05)
- 517) Supomos **que** (...) **o lenço** chegava daqui aqui, não é? (GRJ23)
- 518) Olhe, a senhora não se lembra **que ela** ia a uma faixa de palha, ripava-a toda e andava sempre: bumba! (GRJ25)
- 519) Lembra-lhe **que eu** estive a morrer com ela? (GRJ33)
- 520) e o patrão, como sabe **que eu** sofro muito do reumático, de vez em quando manda-me dar um bocado. (GRJ33)
- 521) Este nunca gostou (...) de **que eu** tivesse isso nas pernas. (GRJ44)
- 522) Gostam muito **que eu** componha as coisas. (GRJ47)
- 523) Gostam muito de **que eu** faça as coisas. (GRJ47)
- 524) E fartaram-se de dizer **que nós** tínhamos lá umas bombas – que tínhamos lá umas bombas, que éramos comunistas. (GRJ49)
- 525) E começa a escurecer, a escurecer, e nós com medo **que a outra malta** nos não vissem (GRJ67)
- 526) E nós a cuidar **que as cabrinhas** estavam todas comidas dos lobos. (GRJ67)
- 527) Isso a gente já sabe **que os anos** têm vindo ruins, secos (LAR25)
- 528) E parece-me **que aquilo** foi no dia 19. (LUZ09)
- 529) Depois aquilo quer dizer **que elas** deitam, elas sacodem-nos todos. (LUZ29)

- 530) Vocês vieram aqui, afincaram-se a dormir, vê lá **que os gambozinos** até ('merdaram') para dentro da saca. (LUZ37)
- 531) E quer dizer **que eu** andava com aquilo de olho, para ver se era capaz de apanhar lá outro bocado de cortiça. (LVR03)
- 532) Porque a gente sabe **que a lenha** tem aquele gás. (LVR07)
- 533) O atalho quer dizer **que a gente** vai por aqui (...) em atalho, porque é para cortar terreno. (LVR09)
- 534) Quer dizer **que o animal** já não passa aqueles necessidades que passava antigamente. (LVR15)
- 535) Alguém me era capaz de meter na cabeça (...) **que o plástico** aguentava ali? (LVR23)
- 536) Vimos-se **que a massa** já estava capaz. íamos acender o forno. (LVR35)
- 537) dizem **que a fermentação do balseiro** é muito melhor do que na selha (MIG20)
- 538) Quando lavavam já se sabe **que aquilo** tirava. (MIG26)
- 539) Mas a gente já (sabiam) **que aquele lado** (...) estava roto (MIG26)
- 540) Porque eu sei **que** (...) essas muitas variedades de cedros veio quando veio os serviços florestais. (MIG32)
- 541) "A mamã se acha **que as camionetas** são muito caras" (MIG44)
- 542) No outro dia falou na televisão, **que** (...) as nossas estradas estão (...) com muita primavera. (MIG47)
- 543) Mas isso é só para mostrar **que elas** tinham uma rodinha dessas assim em baixo. (MIG52)
- 544) O museu é que lhe falou e diz **que essa seve** está no nosso carro. (MIG56)
- 545) eu falo e falo hoje aqui e diante (...) de vocês **que eu** não sei como algumas mulheres esquecem o marido. (MIN05)
- 546) "Minha mãe, mandou-me dizer **que a Antonina** tinha chegado aí com os meninos. [...]" (MIN07)
- 547) Isto suponha **que isto aqui assim** (...) é o meão, o meio (MIN09)
- 548) mas diz **que eu** era muito linda em pequenina! (MIN15)
- 549) As pessoas parece que estão pensando **que isto** tem tendência de acabar, (que não) de aumentar. (MLD03)
- 550) Então mas não lhe disse uma data de vezes (...) **que isso** não estava capaz! (MLD17)
- 551) Ele não lhe disse logo uma data de vezes **que aquilo** estava cru? (MLD17)

- 552) disse **que eu** ia à missa (MLD22)
- 553) E ele então disse que se fosse para outro que não a levava, **que ela** ficava para aí estragada. (MLD22)
- 554) No ano passado aconteceu-me **que eu** estava com o barco (...) com o mar muito manso, queria ir para o mar [...] e havia uma luz enfiado na direcção (...) que eu queria sair para o mar (MLD33)
- 555) Mas eu ouço dizer a muita gente **que a sardinha** faz mal (MLD36)
- 556) Quer dizer **que** (...) **a plantação** (...) também já foi já um bocadinho já mais moderna. (MLD41)
- 557) Mas eu então acho (...) que não quer dizer **que as pessoas** sejam assim instruídas como são em Lisboa, mas até acho (...) que esta região aqui que tem (...) a pausa de fala muito parecida com o que é lá na região de Lisboa, mais ou menos. (MLD45)
- 558) (Viemos-se) embora os dois e dissemos **que eles** tinham mandado a gente embora. (MLD48)
- 559) Quer dizer **que ela** (...) foi para lá coisa... (MLD49)
- 560) INF1 A mulher,  
 INF2 (...)  
 INF1 (...) quer dizer **que a que eu estive junta com ela**, também era uma mulher que, pois, que não era de desperdiçar. (MLD49)
- 561) E então, acho **que isso** seja uma grande coisa para o governo. (MLD50)
- 562) Acho (...) **que o meio 'arrátele'** devia ser meio quilo. (MST18)
- 563) e disseram-me **que ali essas feiras** tinham sido passadas para o sábado. (MTM16)
- 564) Por exemplos, faz de conta **que isto** (...) era a tal, e estava enfiada nesse tal prumo, não é (MTM22)
- 565) faz de conta **que isto** era a mesa do carro, aqui assim (MTM27)
- 566) faz de conta **que isto** era a mesa do carro (MTM27)
- 567) ele disse-me (...) **que a gente** tínhamos o remédio – ele era de mal de peles –, tínhamos o remédio em casa e que íamos gastar o dinheiro à farmácia. (MTV04)
- 568) Quando eu o metesse na boca, o mosto, que eu fosse ali e tirasse um pouco de mosto, e metesse na boca e que me 'repunisse', já sabia **que ele** estava em ordem de sair. (MTV18)
- 569) E ele dizia muita vez que nós que não sabíamos comer fruta, **que a gente** nunca devia de debulhar a fruta. (MTV47)
- 570) Vê **que ele** aprendeu comigo? (MTV58)
- 571) É claro **que eu** não me sabia apresentar a um senhor daqueles, não é menina? (MTV59)  
 “Saiba (...) Vossa Excelência **que eu** vinha-lhe pedir... [...]” (MTV59)

- 572) Vejo **que** isto é mesmo da natureza. (PAL01)
- 573) Já se vê **que** aquelas coisas é nascido mesmo pela natureza. (PAL02)
- 574) Pois não vêem **que** eu gosto de aproveitar aquilo que eu vejo. (PAL18)
- 575) Mas eu é que não é caso para achar **que** as pessoas estejam a falar mal, porque não sei ler (PAL18)
- 576) Pois, (...) não acho **que** eu vá notar um defeito naquela pessoa instruída. (PAL18)
- 577) Ou coentro, que (...) é a mesma espécie – da mesma família, mas com a diferença **que** um é coentro, tem um gosto, (...) e a salsa tem outro. (PAL26)
- 578) Está claro **que** a massa tem que crescer. (PAL30)
- 579) Eu tenho lá uma filha e um filho que gostava **que** eles andassem para a frente, que soubessem mais que a minha raça toda. (PAL36)
- 580) "Se eu soubesse **que** o meu marido lhe deu aquilo (...) por via deles (...) remocar com ele e não lhe deixar as partilhas (...) à vontade que ele queria, que até ficava de prejuízo, eu nunca mais falava para eles". (PFT21)
- 581) (Tu) sabes **que** (...) eu já te tinha contado. (PFT22)
- 582) e foi-se pôr num caminho onde ela já tinha sabido **que** ele ia passar. (PFT25)
- 583) ((...) Mas) sei **que** ele é jeová. (PFT27)
- 584) Mas eu ouço dizer, de há muitos anos, **que** Nossa Senhora só teve (o) /um\ filho, (...) e foi tocado na testa. (PFT27)
- 585) Olhe, viu agora (...) **que** eu (...) ia a dizer e já parei? (PFT31)
- 586) Eu se for segar sem eles, parece que é (a) palha muito amorosa, parece **que** (eu) não a agarro bem. (PFT36)
- 587) Ali para o lado de Murça, também me disseram **que** a doença deu (...) nessas árvores, secou tudo. (PFT42)
- 588) Mas eu parece-me **que** eu botei numa mala ainda livros dos tais ainda aí. (PIC03)
- 589) (Ele) no dia adiante, àquelas horas que disseram **que** a filha do rei saía de casa, ele aproximou-se fora da casa do rei. (PIC04)
- 590) Esteve contando (...) que era um bicho, (...) uma fera de sete cabeças, que tinha pedido ao rei todos os dias uma sentinela, e que depois que já estava muito pessoal já morto, e, com o horror, já estavam virados ao rei, e **que** o rei botou foi por sortes e que tinha saído a sorte a ela para ir lá para cima, e que ia morrer. (PIC04)
- 591) "E o senhor como é que sabe **que** eu não morro"? (PIC04)

- 592) e ela faz confiança em ele dizer **que** ela não morria e coisa (PIC04)
- 593) Claro **que** o fogão não dá calor para enxugar a língua. (PIC07)
- 594) E eu queria dizer **que** ela já tinha vindo tarde e que já não tinha pachorra. (PIC08)
- 595) E é de forma que a gente habitua-se àquilo e gosta daquilo, acha **que** aquilo é mesmo um desporto e gostamos daquilo. (PIC09)
- 596) É claro **que** a pesca da albacória tem dado muito bem!(PIC14)
- 597) É claro **que** eu fui à proa, que era trancador... (PIC16)
- 598) Vai a casa do pai, estive fazendo uma visita ao pai, viu **que** o pai estava de saúde e a mãe estava de saúde e arranca-se na volta de onde o irmão tinha caminhado. (PIC20)
- 599) E ele pega a falar com a mulher, que botasse o irmão cá para fora, que ele sabia **que** ela tinha lá o irmão. (PIC20)
- 600) E vai ele pega a contar: **que** ele tinha ficado mais ela, mas tinha posto a espada no meio da cama, de maneira que ele tinha conhecido que era a sua cunhada, e que andava à procura do irmão, e que tinha ido perguntar o caso, e vai aí é que veio a descobrir que o irmão estava nesta torre. (PIC20)
- 601) e vai aí é que veio a descobrir **que** o irmão estava nesta torre. (PIC20)
- 602) ficam os bofes lavados que quem os vê parece **que** o (...) porco não tinha sangue nenhum. (PIC28)
- 603) Daí a bocado, de manhã, (...), a bem dizer, quando o sol está ali a nascer ou depois, a gente sabe se vai fazer mau tempo ou (...) vê **que** o tempo vai mudar, o Pico principia a gente chama um chapéu... (PIC32)
- 604) Sei **que** a despesa está em cima de mim porque eu é que dou tudo (PIC33)
- 605) Porque eles dizem **que** o tubarão não faz mal. (PIC35)
- 606) E quando é na parte da tarde, (...) espera-se **que** eles abram o porco (PST11)
- 607) Parece **que** eu estou vendo meu pai meter assim a mão... (PST12)
- 608) Quando a gente via **que** o forno estava muitos dias sem cozer pão, dava-se-lhe mais uma coisinha de lenha (PST16)
- 609) Pensa **que** ela não ficava gostosa? (PST19)
- 610) Faz de conta **que** aquilo é uma música (PVC04)
- 611) Faz de conta **que** (...) isto aqui é o fuso. (PVC10)
- 612) Eu alembra-me que eu, **que** eu ia lá muita pequenina, e puxava (PVC21)
- 613) *INQ Também se chama uma regadeira?*

INF Uma regadeira à mesma.

*INQ E as outras mais pequeninas também?*

INF Uma regadeira à mesma. Com (a) diferença **que** a outra mais pequeninas é a regadeira do cantão e as outras são as mestras. (SRP13)

614) E a fava já tem que estar ali um mês ou dois à espera **que** elas acabem de enxugar (SRP14)

615) Quer dizer **que** a gente passa por uma horta, vê um couval, diz: "Olha que rico couval"! (SRP19)

616) já se sabe **que** isto cai para baixo (SRP26)

617) Pois (...) um qualquer (hoje) sabe bem **que** (eu vou pôr) (STA01)

618) porque tanto me dá **que** isto acuse como é que não acuse. (STA05)

619) Mas ouvia-lhe falar à mãe do meu marido, **que** ela usava muito essa barrela. (STA34)

620) Nalgum tempo, (diz **que** os homens acho) que arrufiavam às raparigas mas eu também não sei se é costume. (STE11)

621) "Ah! Tu dizias **que** ela não te servia, fica aqui bem justinha"! (STE14)

622) Então vou-lhe dizer **que** eu conheço-o bem. (STE21)

623) Meu pai (disse) **que** quem trouxe isso foi um senhor que veio para aqui morar (STE44)

624) Não vê **que** elas fizeram isso? (STJ06)

625) Vê-se **que** as pessoas são sérias. (STJ06)

626) Porque quando eu vi **que** elas estavam tão encantadas (que tinham que estar) aos beijos (STJ07)

627) (cuido **que**) ele chamava-se a Sesmaria (STJ08)

628) "Acho **que** o senhor não tem nada com isso. (STJ11)

629) E há muitas que a menina está a dizer **que** isto é em pau. (STJ26)

630) depois de a gente verificar **que** (...) o barro estava mais ou menos, (...) ainda era feito nuns blocos redondos da dimensão que nós (...) necessitávamos a peça (STJ38)

631) "Ó diabo, não digas **que** os mosquitos mordem! (STJ44)

632) Então não vês **que** eles não têm dentes! (STJ44)

633) Dizia-se **que** o avô do engenheiro (...) era (mercenário). (STJ67)

634) sempre ouvi dizer **que** isto era o teatro do Senhor Espírito Santo e a despesa do Senhor Espírito Santo. (TRC03)

635) vamos dizer **que** eu não sei que ele vai falar naquela guerra (TRC34)

- 636) vamos dizer que eu não sei **que ele** vai falar naquela guerra (TRC34)
- 637) E até se diz (...) **que ele** vende poesia. (TRC35)
- 638) Até porque eu acho **que o sindicato** está a trabalhar muito mal ultimamente. (TRC38)
- 639) digo eu à senhora **que a gente** ia mesmo... (TRC49)
- 640) Quer dizer **que a casa, qualquer uma casa** serve para a gente morar, não precisa de (tolices)! (TRC53)
- 641) Parece **que a gente** vai cair (para cima da parede). (UNS14)
- 642) A mulher espera (...) **que o forneiro** vá (...) dar ordens para amassar. (UNS24)
- 643) começava ali a roçar giestas para o monte, cortar e deitar para trás, cortar e deitar para trás, (...) até me parecer (...) **que eu** visse as horas (...) para fazer a brasa. (UNS42)
- 644) Vê **que a corda** tem uma casola. (UNS45)
- 645) Diz que tinha medo, **que os bichos** vinham por os buracos. (UNS48)
- 646) Eu não tenho medo **que a senhora** me prenda. (VPA05)
- 647) Ainda hoje disse aqui, ao cabo do mar que estava aqui, **que eu** 'preferava' não comer (VPA16)
- 648) Eu (...) só sei, (porque ela) nos contou, **que ela** foi pôr aquilo lá. (VPA38)
- 649) Quando (as mulheres) já viam **que aquilo** estava em condições, apanhavam e lavavam-na e depois botavam-na a enxugar. (VPC07)
- 650) Sabe **que a língua, a nossa língua portuguesa** (...) é custosa (até de)... (VPC16)

### 1.1.6. Ocorrências com mais do que um (possível) tópico/adjunto

- 651) Eu acho **que o peixe, quando vem, quando avoa fora de água**, fecha os olhos. (ALV12)
- 652) E os lavradores queixavam-se **que, de vez em quando, ovelhas, cabras, coisas dessas assim, os lobos** perseguiram isso aí. (CBV44)
- 653) Tu sabes bem **que ele em Paçô eles** viram para aquele lado e a gente encaminhava logo para este lado. (COV28)
- 654) Com a diferença **que isto eu** estou já velho, isto até não sei. (CPT20)
- 655) Pois, então não vê **que eu se não as escrevesse** não as decorava. (CPT28)
- 656) Que eu lembra-me **que naquele tempo os ovos** era a vinte centavos. (CRV49)

- 657) E acho **que** ele esse do Brasil teve sete filhos. (CRV50)
- 658) Não digo **que** ela (...) aqui ou ali (...) não desmoronasse lá uma coisinha mas pouca coisa. (CRV69)
- 659) E as minhas irmãs contavam, e a minha mãe, **que** (o) meu pai, quando veio da América, veio num navio que foi atacado por outro navio. (FLF55)
- 660) E depois elas diziam **que** se se chamasse por eles (...) o sangue ficava mais abertinho. (GIA13)
- 661) Pode-se fazer na praia porque se sabe que se aluga tudo e **que** no fim ele o que falta é casas, não é gente. (GIA25)
- 662) ele disse, lá o director, **que** o vendedor o que quer é quilos. (GIA33)
- 663) E as pessoas pegaram a ver (...) **que**, ao fim e ao cabo, (...) o leite não lhe dava para as rações. (LAR03)
- 664) Sim, quer dizer **que** (...) durante o Inverno, eles iam para a arramada (LUZ23)
- 665) Dizem **que** depois, vindem as águas novas, aparecem uns carochinhos. (LVR33)
- 666) Eu sei o que é que a senhora está dizendo. **Que** a gente, ele tem o buraco donde o milho cai – não é?... (MIG17)
- 667) E é claro **que** a gente aqui não havia esses tratos... (MIG19)
- 668) Ai, eu acho **que** ele no tempo tinha aí um balseiro... (MIG20)
- 669) Parece **que** ele o porco não (tem sangue nenhum). (PIC28)
- 670) acho **que** como a minha mãe não tinha dinheiro, a minha mãe amassou desta farinha de trigo da terra, bem amassadinha (PST19)
- 671) (Ele) um dia, a minha cunhada vinha da vila, e ali à Almagreira, passou e diz **que** chegando ali (...) ao pé, direitos a uma porta, a rapariga diz que pareciam umas cascas por baixo dela, (...) do escadão, assim, e perguntou: "Esse rapazinho como é que se chama"? (STE11)
- 672) Eu até já li num livro **que** aquilo quando elas estão na água, faz-se um barómetro com elas. (STE44)
- 673) Então eu ouvi tanta vez ao meu pai **que** a cortiça dantes não rendia nada (STJ19)
- 674) Quer dizer **que** depois (...) os primeiros anos ainda fizemos searas de tomate, searas de arroz e trabalhámos aqui nos períodos que a gente via que tinha assim mais rentabilidade. (STJ33)
- 675) Quer dizer **que** depois a gente fazia o fermento, e no outro dia (...) levantávamos-se, amassávamos e depois estava muito tempo para faltar (STJ47)
- 676) E sabe **que** o peixe – olhe, assim como o robalo, como a truta, (...) como esses peixes – os barcos fazem muito barulho, com estes motores, e o peixe também espanta. (VPA08)



### 1.1.7. Ambiguidades

#### 1.1.7.1. quanto ao tipo de tópico

- 677) Mas (ali), eu julgava **que** ali não... (AAL21)
- 678) Ah, já está a ver **que** aquilo também não... (AAL28)
- 679) Que ele dizia **que** ele nos... (COV18)
- 680) até tenho pena **que** os meus filhos não... (PVC04)

#### 1.1.7.2. quanto ao tipo de oração (completiva vs. explicativa)

- 681) disse que eu ia à missa, **que** eu gostava de ir à missa (MLD22)

### 1.1.8. Ocorrências com Tópico Pendente

- 682) E ele lá quando via **que** o trigo estava bom – o vento –, mandava a notícia à pessoa: "Olha, hoje vem moer, que hoje está bom vento". (CDR26)
- 683) Para eles verem **que** o lacrau é uma mordidela (terrível). (STJ44)

### 1.1.9. Ocorrências com locativo não-adjunto

- 684) E antes disso, diziam **que** na Quinta da Rocha apareceu uma coisa (ALV51)
- 685) Não. Pois (ele) conheço **que** nos fundos dos tanques da água, aparece umas bichinhas, mas são sobre compridinhas, a gente chama sanguessugas. (STE44)
- 686) Estou convencido (**que**) (...) de mim até lá aonde estavam esses, (...), não passou lá ninguém. (CBV44)

### 1.1.10. Ocorrências com pseudoclivada invertida de *é que*

- 687) E dizem **que** eles é que sabem falar. (CPT36)
- 688) Eu tenho a impressão de **que** a cor é que derivou (...) da flor. (MIG29)
- 689) Meu amigo, costuma-se a dizer **que** quem é bom é que vai depressa. (MIN05)
- 690) Que vai pesar uma pequenina, aquela é que pesa, já sabe **que** aquela é que tem que comer. (SRP19)
- 691) Quer dizer **que** esse dinheiro é que a gente vai guardando para as construções e para as necessidades que temos aqui (...) do império. (TRC05)

## 1.2. Dados com *se* interrogativo

### 1.2.1. Ocorrências com adjunto

- 692) Não sei *se* actualmente merece a pena porque nós estamos um bocado longe dos outros (GIA25)
- 693) Ao fim vimos *se* realmente estava tudo bem. (STA32)
- 694) não sei *se* agora ainda lá estão, se não. (STJ09)
- 695) Bom, é como hoje há uma moeda de dois escudos e meio, não sei *se* no continente também há?! (TRC69)

### 1.2.2. Ocorrências com sujeito

- 696) Não sei *se* isto é em toda a parte, se o que é (AAL01)
- 697) não sei *se* o senhor já tem ouvido falar (AAL03)
- 698) Vão ver aquilo tudo, fazer contas a ver *se* as facturas estão bem e essa coisa toda. (AAL06)
- 699) Não sei *se* as senhoras são crentes das pessoas que morrem? (AJT02)
- 700) Não sei *se* as senhoras já foram aqui? (AJT02)
- 701) não sei *se* a senhora já tem ouvido contar que Tróia se arrasou? (AJT07)
- 702) Não sei *se* isso custou aí a trezentos mil réis, se foi trezentos e cinquenta o quilo. (AJT21)
- 703) "Então o que é que tu estás a dizer"? "*Se* vomecê autoriza eu fazer além uma represa, que eu ponho a água a correr do fundo do ribeiro aqui ao nível da terra. [...]" (CBV17)
- 704) eu vou ali buscar uma coisa a ver *se* vomecê me sabe dizer o que aquilo é. (CBV24)
- 705) Ora vamos lá ver *se* vomecê me sabe dizer o que é isto. (CBV24)
- 706) "[...] Eu vou dar aqui uma liberdade à garota, a ver *se* o pai quer". (CBV28)
- 707) Entrei além em casa do seu vizinho e ele procurou-me *se* eu sabia quanto é que era a conta que eu devia (CBV29)
- 708) Não sei se foi alguma curiosidade que tiveram, que lhe deitaram alguma coisa, *se* ela secou por ter de secar. (CBV70)
- 709) não sei *se* os senhores lá conhecem? (CDR02)
- 710) agora já não sei *se* ela existe ou não (CDR17)

- 711) não sei **se a senhora** sabe o que é? (CLH09)
- 712) Mas eu não dormia para ver **se ele** chegava para ver se eu ia ao baile. (CLH14)
- 713) Mas eu não dormia para ver se ele chegava para ver **se eu** ia ao baile. (CLH14)
- 714) Metiam a mão e experimentavam o vime a ver (...) **se ele** não quebrava. (CLH37)
- 715) Olhe que eles gastavam um dinheirão (...) com os médicos para ver **se ela** tinha filhos. (COV01)
- 716) "Diz à tua mãe (...) **se ela** quer ir chamá-los a Lomba agora (...) para vir cá fazer-lhe as terras. [...]" (COV02)
- 717) não sei **se as senhoras** são casadas, se não... (COV10)
- 718) "[...] e eu queria ver **se a senhora** lhe dava algum jeito para ele não ir". (COV11)
- 719) "Não. Eu estou aqui até ver **se ela** morre ou ela escapa". (COV22)
- 720) Então, ele comprava-se ovelhas. Íamos ele ali ao Castro de Aire – não sei **se as senhoras** sabe o que (são)? (COV24)
- 721) Ele agora havia de ser vivo que eu dizia-lhe **se eu** tinha pipas ou não tinha pipas. (COV29)
- 722) e a gente vê **se elas** estão em termos de dar enxame. (COV37)
- 723) "[...] E então ele não sabe **se eu** sei muito nem se sei pouco"! (CPT02)
- 724) Mas quem sabe se eu estivesse sempre na casa da minha irmã, **se eu** muitas das vezes sofreria?! (CPT26)
- 725) Não sei **se ela** tinha isso, pois bem. (CPT41)
- 726) não sei **se os versos** são bons nem se são ruins. (CPT53)
- 727) Não sei **se eles** passavam de noite se como era! (CRV43)
- 728) não sei **se ele** teve três avarias, se teve quatro. (CRV46)
- 729) não sabia **se ele** queria avariar hoje, se não". (CRV46)
- 730) e ela prendeu o cão, para ver **se ele** tinha medo (...) que não ia sozinho. (CTL08)
- 731) era varejá-la bem varejada para ver **se ela** abria uma coisinha (FLF24)
- 732) Eu já não me recordo **se ele** era cozido... (GIA01)
- 733) não sei **se a senhora** tem (GIA21)
- 734) não sei **se a senhora** sabe disso (GIA27)

- 735) e ela, às vezes, vai ali para dentro, e berra por ele, para ver **se ele** está ali na cama. (GIA29)
- 736) INQ2 *Mas como é que se fazia então quando as raparigas?... O senhor chegou ao asilo e falou com ela?*  
INF **Se eu** falei com ela? (GRC27)
- 737) Não sei **se a senhora** já viu? (GRJ20)
- 738) não sei **se a senhora** sabe onde é. (GRJ41)
- 739) A ver **se ele** toca aí! (GRJ59)
- 740) E eu tentei botá-la abaixo a ver **se os cães** a agarravam (LAR32)
- 741) não sei **se vomecê**s conhecem a roçadoura (...). (LUZ02)
- 742) "Há-de provar aqui isto a ver **se isto** está bom". (LUZ12)
- 743) A cortiça está ali, como é que a gente sabe **se ela** tem nove, se tem dez? (LUZ16)
- 744) Eu mandei um livrinho lá para o senhor Marco Paulo, mas não sei **se ele** o recebeu, se não. (LUZ20)
- 745) Não sei **se vomecê** já viu... (LUZ22)
- 746) não sei **se eu** não o possuiria ainda hoje (LUZ49)
- 747) vamos ver **se o forno** está capaz (LUZ54)
- 748) Não sei **se as senhoras** sabem onde é... (LUZ57)
- 749) eu não sei **se o senhor** conhece o senhor visconde (MIG13)
- 750) E eu não sei **se aquele senhor** sabe muito bem (MIG45)
- 751) Não sei **se o senhor** está compreendendo? (MIG58)
- 752) Isto há uma falta de respeito, num certo sentido, que eu não sei **se as pessoas** compreendem. (MLD05)
- 753) Não sei **se os senhores** já conhecem? (MST02)
- 754) Era, por exemplos, ele era acolá e eu estava aqui, e sabia **se o moinho** andava depressa, se andava devagar. (MTM22)
- 755) Eu estava aqui e sabia **se o moinho** andava depressa, se andava devagar. (MTM22)
- 756) Com aquilo eu sabia **se o moinho** andava depressa (ou devagar). (MTM22)
- 757) Não sei **se a menina** sabe? (MTV03)

- 758) Tem que ver **se o chão** (...) tem alimento, se tem (...) sustento. (MTV06)
- 759) Não sei **se a senhora** conhece? (MTV08)
- 760) E vamos lá ver mas é que como é que é que lá está a outra: **se a outra** está madura como a esta quando para aqui veio. (MTV21)
- 761) E depois logo vês **se ele** trabalha ou não trabalha. (MTV23)
- 762) e a gente via **se o ovo** estava galado ou não estava galado. (MTV56)
- 763) não sei **se eu** contei, não sei se contei às meninas... (MTV58)
- 764) Para descobrir (...) **se eu** era católico ou se não era. (MTV59)
- 765) "Quando vier o senhor prior, quando venha, que ele procure **se o senhor** tem lanche, o senhor diz que não. [...]" (MTV60)
- 766) Uma daroeira, não sei **se a senhora** conhece. (PAL04)
- 767) Aproveitar em ouvir (...) para ver **se eles** estão a falar bem ou se estão a falar mal. (PAL18)
- 768) Eu não sei **se as senhoras** têm fé na missa. (PFT27)
- 769) Vê **se ela** gosta de levar. (PIC01)
- 770) e eu perguntei a ele **se ele** fazia os cestos se era com os olhos abertos ou os olhos fechados (PIC02)
- 771) e depois ele perguntou **se eu** queria trocar o bordão pelo cão e por esta espada (PIC04)
- 772) como eu estava ali, falaram comigo **se eu** queria ir, e eu disse que sim. (PIC35)
- 773) depois (...) disseram (...) **se eu** podia ir ao outro dia, eu disse a eles que sim (PIC35)
- 774) pedi tanto a Nossa Senhora de Fátima que me auxiliasse, (a) ver **se eu** ganhava qualquer coisa, então, graças, fiquei ganhando. (PST10)
- 775) eu não sei **se ele** é meu, se não é. (STA08)
- 776) não sei **se ele** é meu, se não é. (STA08)
- 777) O senhor padre perguntou **se eu** tinha aliança e eu disse que não tinha. (STE10)
- 778) Alguns já nem pegavam em malaçada, mas naquelas brincadeiras (...) para ver **se a gente** conhecia. (STE18)
- 779) não sei **se a senhora** sabe donde é São Pedro (STE41)
- 780) não sei **se os senhores** conheciam (STE43)

- 781) Bate-se, bate-se, ou com latas, ou joga-se água, ou joga-se terra para ver **se ele** pousa. (STE46)
- 782) (Ele) por acaso, não sei **se ele** aí está, se não (STJ06)
- 783) Para fazer um nó com a mão esquerda para ver **se a gente** era capaz. (STJ10)
- 784) Veja lá **se (eu)** sei lhe dizer ou não sei. (STJ11)
- 785) Por exemplo, deixa lá ver **se elas** compreendem. (STJ25)
- 786) Se aquilo não se desabotoa aqui a pregadeira, eu não sei (...) **se eu** não ia lá também ter (...) lá àquilo. (STJ27)
- 787) ainda o varriámos todo com essa vassourinha áspera para ver **se ele** vem quanto mais limpo melhor. (STJ35)
- 788) não sei **se vocês** conhecem o que é uma peneira? (STJ46)
- 789) não sei **se vocês** conhecem isso, se quê. (STJ51)
- 790) Via **se o semeador** semeava bem, se semeava mal (STJ64)
- 791) e guinda-se com umas pedras para ver **se o peixe** dá na rede, que é para ficar malhado. (TRC31)
- 792) Para ver **se a gente** come à noitinha um bocadinho. (TRC56)
- 793) Eu não sei **se ele** é vivo, se não é. (TRC60)
- 794) Não sei **se ele** é vivo, se não. (TRC60)
- 795) "Olhe minha mãe, que eu, eu não sei **se esta roca** há-de ir ao lume". (TRC68)
- 796) e foram então para ir ver daquilo, **se ele** tinha comido ou não (UNS07)
- 797) não sei **se a senhora doutora** sabe? (VPC02)
- 798) eu não sei **se a senhora doutora** sabe disto? (VPC04)
- 799) "Olha, vê lá **se eles** estão chocos". (VPC23)

### 1.2.3. Ocorrências com mais do que um (possível) tópico/adjunto

- 800) A ver **se ele aqui** toca em nada, não toca em nada. (GRJ59)
- 801) "Tio Cirilo, prove lá agora, que eu já pus mais um bocadinho, prove a ver **se isto agora** está bom". (LUZ12)
- 802) Ele pagava logo mais (...) para ver **se acaso (ele)** tinha homens. (MLD50)

803) Eu não sei se quando foram à Espanha, vocês não foram aqui, foram a Verín – não foi? – com o padre de Vilar. (STA19)

### 1.3. Dados com *se* condicional

#### 1.3.1. Ocorrências com adjunto

804) Depois, se amanhã começo a ser doente, ainda pior. (AAL29)

805) Se, por acaso, é de vacas, a canga é assim, minha senhora. (AAL38)

806) Vamos embora, que isto, se ali vamos para a nossa vila, para a nossa terra, isso é aí um falatório medonho. (AAL55)

807) Se algum dia der aqui para o azar é uma chatice. (ALV13)

808) E se por acaso (...) não der lá ao coiso (que é o coiso), eles não registam aquilo. (CBV52)

809) Se, por exemplo, acertava no um, que era o ás, ela recolhia as cartas. (...) (CLH13)

810) "Eu se de solteira soubesse a vida de casada, nunca homem nenhum me possuía"! (GRJ18)

811) Se acaso não lhe convém um qualquer trabalhador, acarear um lavrador é que acho que não está bem. (MLD25)

812) Se acaso se acabava de debulhar, (ele) ainda se ia fazer a tarde lá (...) no alagamento depois. (MLD42)

813) Se acaso fosse lenha do ar e se fossem cepas, podiam pôr assim (MLD47)

814) tirava-se todo para fora, punha-se em cordões e escolhia-se, se acaso tinha algumas pedras ou alguma coisa, e ensacava-se. (MLD47)

815) E se acaso não fosse assim, porque se acaso a vida estivesse como estava, eles não me podiam ajudar. (MLD50)

816) Se alguma vez suceder alguma coisa, (...) tem que se cortar (...) aquele plantão. (MTV06)

817) Para a gente, se então sovar, não serem os vinte cinco bolinhos, ser só por doze vezes (...). (PIC05)

818) Se hoje lá estivessem, isto era importante! (PVC04)

819) Tanto que isso (se) às vezes há homem que faz a mancheia pequena, vai logo o outro, o encarregado que anda atrás ou assim: "Caramba, fazes uma mancheia que parece a mancheia duma mulher, homem! [...]" (SRP14)

820) E se por acaso, for leite que for fervido, já não faz isso. (SRP32)

821) se um dia lhe apetecer dizer: "Olha, vou para tua casa"! , pronto, vem para aqui. (STA33)

- 822) **Se, por exemplo,** fosse panelas, cântaros e isso, era feito mesmo colocado em cima da própria roda (STJ37)
- 823) "Ai, credo! Então (...) **se agora** aqui caísse um bocado de entulho, eu ficava aqui debaixo. (UNS14)
- 824) **se às vezes** havia uma confusão, um buraco mal feito, ou uma poça com o dedo um bocadinho mal feita, ou outra que a massa cresceu que se conhecia mal, às vezes uma tirava o que não era dela e tal, e depois iam era fazer a diferença (UNS24)
- 825) **Se às vezes** se encostam ali, que a gaja está ali (ao) 'delandão', assim aquela curva grande, pode partir. (UNS40)
- 826) **Se ali** havia muita pedra que não dava, a gente ia (...) a um buraco cavar um bocado de terra para tapar, (...) se aquela ali não dava. (UNS41)
- 827) **Se por acaso** se abrisse algum buraco, a gente andava alerta e ia ver. (UNS41)

### 1.3.2. Ocorrências com expletivo periférico

- 828) **Se aquilo** chegou para perto o trabalho, eu às vezes venho-me embora mais cedo (...)... (CLH04)
- 829) **Se (ele)** alguém disser alguma coisa, (...) diga-lhe que foi à minha ordem. (COV13)
- 830) Se ela (...) tiver mestra, larga aqueles ovitos; **se ele** não tiver mestra, não larga nada. (COV37)
- 831) Então **se ele** é a fé, pois sem fé também nós não nos salvamos. (GRJ26)
- 832) **Se ele** é a fé, é com aquela fé que a gente tem, (...) também então sem fé também nós não nos salvávamos. (GRJ26)
- 833) **Se aquilo** não se desabotoa aqui a pregadeira, eu não sei (...) se eu não ia lá também ter (...) lá àquilo. (STJ27)

### 1.3.3. Ocorrências com sujeito

- 834) **Se nós** tivermos uma coelheira e que deite para lá umas ervas destas, os coelhos que comem isto morrem. (AAL01)
- 835) **se elas** agarrarem bem, quando é naquele ano, dão enxertias. (AAL02)
- 836) Por exemplo, (...) **se o pote** leva – chama-lhe a gente – um almude, é de vinte litros; se um pote leva dezoito, coze com doze (AAL18)
- 837) **se um pote** leva dezoito, coze com doze, que é para em depois para ter coiso, para ferver e (...) para não entornar. (AAL18)
- 838) Por exemplos, (...) **se a eira** era muito grande e que havia muita égua, muito macho, muita mula, muita coisa para fazer aquilo e muito homem... (AAL07)



- 839) Porque, **se a gente** começasse a ceifar e que não fizesse aquele negalho, não era capaz de apanhar tanto com um coiso. (AAL09)
- 840) nesta cova, aqui onde nós estamos, **se o vento** viesse dali que batesse numa erva ali do outro lado, voltava para trás (AAL10)
- 841) (É que) nós, por exemplos, (...) **se nós** soubéssemos... (AAL27)
- 842) Mas **se a casita** fosse maior, eu, é claro, tinha aquelas maquinas, tinha-as aqui e, enfim, aquilo, tinha tudo mais a jeito. (AAL35)
- 843) "Olha, **se eu** não me esquecer hei-de levar um bocadinho para fazer chá". (AJT08)
- 844) "[...] Então **se tu** fosses mocho também gostavas que te matassem"?! (AJT17)
- 845) "[...] **Se eu** quisesse café, digo à mulher para fazer aí em casa, que eu não vou cá tomar bicas". (AJT19)
- 846) **Se ele** me tem dito antes, talvez que eu não comesse. (AJT20)
- 847) **Se vossemecê** (...) apanhasse uma injeção, que eu apanhei uma vez! (AJT22)
- 848) A cobra é um bicho, **se você** se chegar aqui assim (...) e estiver aí uma cobra, ou encontrar uma cobra aí em qualquer banda, pois se você se aproximar dela, ela começa lá com aquilo, fff-fff-fff, a assoprar, principalmente no Verão. (AJT25)
- 849) pois **se você** se aproximar dela, ela começa lá com aquilo, fff-fff-fff, a assoprar, principalmente no Verão. (AJT25)
- 850) **se você** lhe der uma pancada mata-a. (AJT25)
- 851) **Se a gente** estiver deitados até um bocadinho mais tarde, não se ouve rumor de nada. (AJT26)
- 852) Mas **se você** for a um café defronte e tenha lá a mesma garrafa, iguais, compradas ao mesmo gajo e essa coisa toda, você já pode vender uma garrafa dessas por setenta mil réis. (AJT27)
- 853) **se ele** fosse lá para deixar os marcos, matava-o lá. (AJT28)
- 854) **Se vocês** falarem lá na Peroguarda, (eles) ainda há lá, muitos Honórios. (AJT28)
- 855) Pois **se eu** não tinha cá pão melhor em casa que era aquele! (AJT29)
- 856) Depois pode-se semear favas, pode-se semear ervilhas, pode-se semear batatas – **se ela** for boa para batatas, porque (...) nem todas as terras semeia-se batatas. (ALC01)
- 857) Chegava-se à noite, **se ele** precisasse do dinheiro, levava já o dinheiro. (ALC06)
- 858) **se a cepa** é fraca, deixa-se só uma volta e um atarraque (ALC16)
- 859) **se a cepa** é valente, deixa-se duas voltas ou três (...). (ALC16)

- 860) Que, **se elas** vêem lá outro ovo, começam a picar e partem os ovos. (ALC31)
- 861) **Se a natureza** dá o marisco para nós pescar, foi a providência que deu. (ALV02)
- 862) E **se ele** pôr mais, como tinham o rio quase todo ele elevado – diz que já pôs lá para umas (sacas) para elevá-lo todo (ALV02)
- 863) **se ele** pôr mais, arrebenta com a gente todos, marítimos. (AAL02)
- 864) Sim, **se aquele** vende (...) a vinte nove, ele, se puder, vende a trinta e cinco, o outro vende a quarenta (e nove), e coisa e tal. (ALV03)
- 865) **Se uma traineira** anda ao mar – porque eu conheço pouco mais ou menos –, se anda dez meses no mar, ela tem que parar. (ALV09)
- 866) **Se ele** visse, ele desviava-se. (ALV12)
- 867) Quer dizer, **se (ele)** ali ficasse... (ALV17)
- 868) **Se eu** cá conhecesse, eu falava! (ALV20)
- 869) **Se a gente** apanha um anequim, que ele possa apanhar a gente, (...) eu despedaço-o todo. (ALV21)
- 870) Agora, a tintureira, (**se**) **uma pessoa** vai tomar banho, que esteja (e) não tenha calções, a tintureira ataca o homem. (ALV21)
- 871) A gente vai para o mar e **se a gente** tiver lá toninas, a gente começa a assobiar (ALV30)
- 872) **Se eu** pudesse me evitar de ir, não ia, mas como ele me apontasse tinha que ir. (ALV37)
- 873) Aqui o salva-vidas era bom era **se eles** pusessem um motor de quinze cavalos. (ALV37)
- 874) Até há um barco para levar umas camisolas de lã **se a gente** se molhar. (ALV37)
- 875) **Se a noite** ser grande, sendo a mesma maré, a maré é mais grande (ALV45)
- 876) E **se o golpe** for um bocadinho alto, seca e nunca chega a tapar aquilo. (CBV06)
- 877) **se os sargaços** são pequenos, a lavoura volta-os e eles fazem até estrume. (CBV07)
- 878) Mas **se eles** são grandes, não. (CBV07)
- 879) **Se a terra** estiver muito suja, aquilo chega a pontos parece um cilindro. (CBV07)
- 880) "[...] **Se ela** está boa, então não ficava boa de certeza"! (CBV12)
- 881) "Ai sim? Então **se você** estava à espera era porque você via que efectivamente que era verdade o que lhe eu tinha dito". (CBV12)
- 882) "Ouça lá, então **se você** me deixasse fazer além uma presa, além, que eu punha a água a correr aqui a esta altura (...), aqui ao nível da terra"? (CBV17)

- 883) "Ouça lá, e **se isto** aparecer feito como eu estou a dizer, o qual é que é o maluco"? (CBV17)
- 884) Eu chamo-lhe aquilo que me disseram que era. E **se ela** se partir é exactamente. É exactamente, depois de estar partida. (CBV24)
- 885) **Se ela** quiser ir para a tua casa; vai para a tua casa, e se quiser estar na minha, está na minha. (CBV28)
- 886) porque, **se a pessoa** não tiver saúde, não tem alegria, não tem nada. (CBV29)
- 887) E **se o senhor** passar lá pela estrada (...) para Fronteira, olhe lá, porque tem lá o letreiro. (CBV35)
- 888) E **se as linhas** (foram) a direito, qualquer coisa abre aquilo (...) duma ponta à outra. (CBV45)
- 889) Porque **se o lume** (...) continuasse lá a fazer, fazia era cinza; não fazia carvão. (CBV46)
- 890) **Se a lâ** ficava para fora, mal qualquer coisinha de água, aquilo encharcava logo. (CBV47)
- 891) **Se a lâ** ficava para dentro, ficava o casco para fora, começasse a apanhar água, apodrecia depressa. (CBV47)
- 892) Porque isso, **se o cardo** fosse posto no leite, depois aparecia (...) nos queijos. (CBV55)
- 893) Agora **se você** faz muito empenho em ver o bezerro, eu vou a Vaiamonte chamar os homens para abrirem-lhe o bezerro, que é para você o ver (CBV59)
- 894) "Porque **se a besta** não puxar, a carroça não anda". (CBV65)
- 895) **Se a pessoa** não empurra o carro de mão ou não o puxar, ele não vai. (CBV65)
- 896) Quer dizer, **se ela** apanhar aonde se amparar, ela cresce muito. (CBV68)
- 897) Porque **se eu** passar todos os meses, eu vou lá duas horas e passo tudo. (CDR02)
- 898) E **se eu** deixar aquilo enrelvar e ficar muitas mondas, olha, já não se consegue chegar lá. (CDR02)
- 899) **Se a massa** está lêveda, que não passou de lêveda e que está bem lêveda, a gente começa a ver que a massa vai começar a subir devagarinho. (CDR30)
- 900) **Se a massa** passou de lêveda (...) cá fora, chega ao forno, a gente põe-a no forno e ela sobe muito, e dá uma pancada e desce, e já fica abatida. (CDR30)
- 901) **Se o forno** demora mais a dar o calor de cima, tira-se os jornais para fora mais cedo para então dar a cor à massa. (CDR30)
- 902) **Se o forno** rosa muito depressa, fica... (CDR30)
- 903) Depois, **se elas** nascem todas, são (...) trabalhadas e arraladas. (CDR50)
- 904) **Se o trigo** fosse mais basto, se fosse melhor, dava mais palha. (CDR56)

- 905) **Se o forno** tem muito calor, que estala muito o milho, nunca se pára de mexer que é para não deixar torrar o milho (CDR60)
- 906) Mas **se a patrulha** fosse a bordo dele... (CLC02)
- 907) **Se este** (...) dá debaixo da pedra, se está na lama, levanta-se a pedra e ela está debaixo. (CLC03)
- 908) E **se aquilo** cair na roupa, aquilo... Assim tinham que limpar aquele garro todo. (CLC09)
- 909) A gente, **se o vento** fosse contra, a gente tinha-se que ficar de fora. (CLC13)
- 910) Mas (**se ele**) tem o feitio dum coelho, está aqui. (CLC22)
- 911) E agora (...) **se o bilro** comesse só assim (...) a tremelear? (CLH10)
- 912) **se eu** dizia "três" e (...) calhava a ser três, eu recolhia as cartas (CLH13)
- 913) "**Se ele** não estivesse na América, (também) eu já não estava contigo". (CLH15)
- 914) **Se ele** estivesse arrebetado, a gente ia ter sorte na vida (CLH18)
- 915) **Se o tempo** vai húmido, dá-se sulfato (...) mais vezes (CLH25)
- 916) E agora já ficando com as mãos ou em terreno igual ou donde tem os pés, ele **se o tapume** não é muito alto, é fácil de 'jampar' para a outra banda. (CLH30)
- 917) O pior é **se algum** dava parecido com outro que já tinha marca igual. (CLH31)
- 918) e **se a pedra** estava à feição de se poder arrancar, arrancava (CLH34)
- 919) **Se a corda** era segura, a gente dava-lhe uma rabadela depressa, e pás! (CLH40)
- 920) "Olha, menina, um dia, um dia – **se eu** o desse –, um dia eu (...) e a tua sogra éramos uns cães ali na casa. (COV02)
- 921) "então Arquimedes, e agora **se eu** o desse? (COV02)
- 922) **Se eu** o tivesse dado à tua sobrinha? (COV02)
- 923) e agora **se eu** o tivesse dado à tua sobrinha? (COV02)
- 924) Também **se ela** se mexer, perde a farinha. (COV05)
- 925) Porque **se a senhora** quer fazer um arroz, quer fazer uma coisa qualquer, vai lá, quer um bocado daquele de fígado, (...) (ou está junto)... (COV07)
- 926) porque **se eles** não tem, estão em minha casa; se eu, às vezes, preciso de qualquer coisa, vou à casa deles, e ali (...) é uma família toda... (COV10)
- 927) **se eu** demorava um bocadito, até urinar, (...) já não apanhava a camioneta. (COV11)

- 928) “[...] e **se ele** vai embora, que há-de ser de mim e da minha mulher”? (COV11)
- 929) “**Se ele** não for lá fora, **se ele** for que não vá lá fora, dou-te dois contos”. (COV11)
- 930) “Se ele não for lá fora, **se ele** for que não vá lá fora, dou-te dois contos”. (COV11)
- 931) **Se ela** é pobre, (...) agora entende-te! (COV13)
- 932) E ela (...) chegava lá e **se ele** lá estivesse salvava-o, ia-lhe a salvar e vinham eles ambos os dois. (COV13)
- 933) “[...] e **se vocês** não quiserem, ide falar com o padre”. (COV13)
- 934) **Se eu** não o levava ao (rego), não é? (COV13)
- 935) **Se eu** (...) não me punha ao lado dela, pois o que seria dela?! (COV13)
- 936) E **se ele** protegesse a agricultura, na vez de vir de fora, gastava o de cá. (COV14)
- 937) E **se a agricultura** estivesse mais desenvolvida, os adubos... (COV14)
- 938) então e ele **se ele** não estiver registado, não a pode vender. (COV14)
- 939) e **se você** pode ter uma casa cheia de dinheiro mas não tendo comer você morre à fome?! (COV15)
- 940) E **se você** (...) tiver menos dinheiro ou pouco dinheiro mas tiver muito comer, não morre. (COV15)
- 941) E **se eu** for vivo para então, é o que eu vou fazer. (COV15)
- 942) “E **se vocês** puder remediar (...) sem trabalhar, sem agricultura, fazeis bem.[...]” (COV16)
- 943) “[...] Mas **se vocês** (logo) se virem naufragados, agarrai-vos à terra”. (COV16)
- 944) Olhe que eu, eu dava hoje mais de vinte contos por aquele livro, **se eu** o tivesse. (COV18)
- 945) “[...] **se tu** quiseses faz-me uma escritura de quanto tens (...) e eu pago a tua dívida”. (COV20)
- 946) “**Se ela** morre, que há-de ser? [...]” (COV22)
- 947) **Se aquele homem** ia a mais eu, não morria. (COV25)
- 948) **se as senhoras** agarrarem um vício (...) de ter uma coisa qualquer, é que têm mesmo! (COV30)
- 949) “[...] Os 'empulmões' dele estão assapados: **se eles** abrirem, temos homem [...]”(COV35)
- 950) “[...] Os 'empulmões' dele estão assapados: se eles abrirem, temos homem; **se** ele (...) não abrir, amanhã até às três horas ele morre”. (COV35)
- 951) e **se ela** tiver mestra, põe assim umas coisinhas, uns ovinhos, compridinhos, umas coisinhas, e a gente toca-lhe e aquilo saem tudo em água. (COV37)

- 952) **Se** ela (...) tiver mestra, larga aqueles ovitos; se ele não tiver mestra, não larga nada. (COV37)
- 953) **Se** o dono lá vai e bate-as e tira-lhe a mestra, pronto, ela não foge. (COV37)
- 954) **Se** (...) o dono – o dono ou uma pessoa qualquer – não vá lá tirá-las, elas saem – com licença –, fogem com qualquer punhado de abelhas. (COV37)
- 955) **Se** eles não sabem nada ao pé de mim! (CPT07)
- 956) **Se** eu sou capaz de dizer isso publicamente aí no meio dessas ruas, que ninguém me pode desmentir. (CPT07)
- 957) **Se** eu sou nascido de duas gerações quais delas piores para cantarem e fazer versos... (CPT21)
- 958) **Se** alguma ferida está mal assombrada, punha-se uma folha daquelas ali, e ligava-se. (CPT22)
- 959) Mas quem sabe **se** eu estivesse sempre na casa da minha irmã, se eu muitas das vezes sofreria?! (CPT26)
- 960) Oh, **se** eu estivesse como nesse tempo, bem eu estava hoje! (CPT27)
- 961) **Se** o mar está mau, eles não podem ir ao peixe nem a buscar carne. (CRV11)
- 962) Tinham fé com o Senhor Espírito Santo e agora, **se** uma pessoa (...) partia uma perna, prometiam fazer uma perna daquela massa ao Senhor Espírito Santo. (CRV18)
- 963) E **se** o vento for daqui e o sol está dando por lá, que está de abrigo, aqui está soalheiro. (CRV31)
- 964) Ele (...) foi em 36, **se** eu não estou enganado, (...) que essas plantas vieram. (CRV39)
- 965) (**Se** eu os tivesse) em hortas melhores, terra melhor... (CRV39)
- 966) Para irem nelas, ele era só (...) como tu se te der na cabeça amanhã, (...) **se** o Josué vier e meteres-te na lancha (CRV43)
- 967) "**Se** eu tinha chegado aqui e o indivíduo pondo a telha acolá, ele tinha levado com a bengala". (CRV48)
- 968) Eram (...) dez divisões, **se** eu não estou enganado. (CRV54)
- 969) E lá para cima, o milho é semeado no fim de Abril, princípio de Maio, **se** o tempo permite. (CRV55)
- 970) Teu pai (...) não semeou nenhum antes de meado de Maio, **se** eu não estou enganado, mais o companheiro dele. (CRV55)
- 971) Pois **se** as fazendas são nossas, a gente é que tem os prejuízos (EXB03)
- 972) **se** ele picasse, para não perder o doce e que ele picasse um bocadinho, era logo tirado. (EXB05)
- 973) "[...] **Se** vocês têm a pouca sorte de ser apanhados (...) pela Pide, eles matam-nos logo"! (EXB10)

- 974) “As raparigas, **se eu** deixo isto andar mais para diante, elas casam-se e ficam cá”. (EXB11)
- 975) “E eu não gosto disto, e depois ou elas prendem-me aqui, (...) ou, **se eu** for, já também tem (...) anos e anos que não as vejo”. (EXB11)
- 976) **Se a pessoa** se atrasasse com a enxada dizia logo: “Olha, olha... Olha vê lá, olha que tu não estás a ser camarada (...) do... Estás a castigar o teu camarada, hem!” (EXB14)
- 977) **Se a gente** não estivesse à porta do patrão, para matar o bicho, para pegar no serviço, quando tocasse o sino, (...) se chegasse lá cinco minutos depois de tocar o sino, já não pegava ao serviço. (EXB18)
- 978) Sem endireitar (...) os quadris; ai senhor **se ele** ia endireitar! (EXB19)
- 979) Ao fim de quinze dias, eu ia na carreira, **se uma pessoa** se assentasse ao pé de mim a fumar, cheirava-me mal. (EXB20)
- 980) **Se ele** quiser faz sozinho e se quiser fala a homens. (EXB35)
- 981) **Se o meu filho** a não compuser, não se pode... – a mó não anda já. (FIG23)
- 982) **Se este** ma não compuser, eu acabo também com ele, com o moinho. (FIG24)
- 983) **Se o senhor** lá quisesse ir cozer: “Olhe, eu queria cozer amanhã”. “Está bem. Coze aquando quiseses”. (FIG27)
- 984) INF1[...] A gente, ora veja, neste bocado aqui, que é uma comparação, **se a gente** ia aqui deitar pão, sem o cavarem, (...)  
INF2 Pois é.  
INF1 não dava nada. (FIG27)
- 985) **se o Verão** não for assim muito seco, – quê? –, duas horas já encora, já eu posso moer aí uma hora, ou duas horas. (FIS02)
- 986) **se a água** fosse bem corrente, chegavam oito (FIS14)
- 987) **se a água** fosse assim mais um pouco parada, então era preciso nove. (FIS14)
- 988) Porque **se ele** não estivesse bem quente... (FIS16)
- 989) Que depois **se uma pessoa** tinha que mandar uma... Consoante andava a lançadeira, tinha que a perna andar também (FIS24)
- 990) andava-se de volta e metia-se-lhe madeira para dentro, (...) **se o bagaço** não chegava acima, se não dava (...) para encher a caniça bem cheia (FIS28)
- 991) **se ela** passar, é que pode muito fácil envenenar (...) o animal. (FIS36)
- 992) **Se o pente** estava enfiado, era (...) acrescentado de nó, direitinho – (...) os de cima (...) e os do pente –, acrescentado de nó. (FLF19)

- 993) E **se o pente** estava despido, (...) era enfiar assim um fio, um fio (...) em cada palma. (FLF19)
- 994) E a gente, (...) **se o pente** está enfiado, é muito fácil. (FLF20)
- 995) E **se o pente** não está enfiado, se a roupa (...) do pente não está enfiada, é enfiá-la. (FLF20)
- 996) E se o pente não está enfiado, **se a roupa (...) do pente** não está enfiada, é enfiá-la. (FLF20)
- 997) E depois **se o dono** as quer outra vez trabalhar, já dão mais trabalho a tirar aquela monda, que fica a semente na terra. (FLF30)
- 998) **Se a cebola** está (...) da caixa ou do frigorífico, está bem fria, aquele sangue é coado e deitado lá. (FLF69)
- 999) Porque (...) **se a gente** se desmazelasse e deixasse ficar a terra ali umas horas durante a manhã do dia, a terra secava e depois a semente não nascia. (GIA20)
- 1000) Eu estou convencido **se a alimentação de agora** fosse a que era quando eu nasci, metade (...) da gente já tinha morrido. (GIA22)
- 1001) **Se ela** pegar, isto rebenta (GRC18)
- 1002) **Se a gente** não andar com ele gemado, aquilo começa a rebentar (...) ainda abaixo da pua, começa a rebentar (...) e forma outra vez o mesmo pé de vinha, o mesmo cavalo que tem. (GRC18)
- 1003) **Se ele** começar a ferver, arrebenta com tudo. (GRC21)
- 1004) E agora **se os meus filhos** estão pequeninos que não podem trabalhar... (GRC30)
- 1005) Agora já (...) me favoreceram um dinheiro, **se eu** quisesse ir. (GRC32)
- 1006) **Se eu** tivesse que ver a América... (GRC32)
- 1007) **Se ele** quisesse que eu estivesse bem, ele tinha-me posto na América, lembra-me perfeitamente, já há uns vinte anos. (GRC32)
- 1008) E veja lá, (...) **se aquele meio litro** foi dezassete e meio! (GRC38)
- 1009) **Se ela** lá tiver o livro, porque era (...) um livro com... (GRJ06)
- 1010) **Se a senhora** o conhecesse! (GRJ20)
- 1011) "Emanuel, e **se tu** saíesses do trabalho, que ganhas tão pouquinho, e arranjassemos (...) a ir vender uma frutinha, ou assim qualquer coisinha, que ganhássemos mais alguma coisa"? (GRJ20)
- 1012) Que lhe dá um jeitinho, **se a senhora** lá viesse"... (GRJ21)
- 1013) **Se a gente** tem comido, diz-lhe que ainda não comeu (GRJ22)
- 1014) e **se a gente** não tem comido, diz-lhe que já a tem comido. (GRJ22)



- 1015) "Olhe, **se** vossemecê fizesse o favor logo de vir aqui ver o senhor Estevão. [...]" (GRJ36)
- 1016) **se** nós precisássemos todos os dias... (GRJ36)
- 1017) **Se** nós precisássemos todos os dias que nos ele lá fosse fazer qualquer coisa a casa, ele ia sempre. (GRJ36)
- 1018) Olhe, **se** eu cá tenho... (GRJ44)
- 1019) Quando a parte vier, **se** você cá não estiver, que esteja para Lisboa, nós pagamos do nosso bolso. (GRJ50)
- 1020) **Se** a senhora quiser, eu vou lá buscá-lo. (GRJ53)
- 1021) **se** ele ainda demorava a arrefecer, metia-o (...) numa vasilha com água, num alguidar, uma latinha (...) com o leite a arrefecer. (GRJ61)
- 1022) **Se** vós 'passassens' o que nós passámos, 'comiens' até pedras"! (GRJ68)
- 1023) "**Se** o tio lha quiser dar, olhe que ela vai bem, porque ele é muito bom rapaz". (GRJ69)
- 1024) "Tens o Faustino da Vila da Ponte e olha que tu, **se** ele me vem cá inquietar à porta, que me vem cá"... (GRJ69)
- 1025) **Se** eu vejo bem que era a raposa até lhe podia dar com uma pedra ou coisa! (LAR02)
- 1026) **Se** eu lhe fosse contar (...) duma parte que houve uma vez com uma caldeirada sobre essa coisada! (LUZ12)
- 1027) **Se** a gente tira com dez, pois... (LUZ16)
- 1028) **Se** a parede era com meio metro, (...) tinha aqui um buraco e aqui tinha outro. (LUZ18)
- 1029) **Se** eu pagar até ao fim do mês, fazem-me um descontozinho no livro (...) e não entra o IVA. (LUZ20)
- 1030) Pois, **se** ele faz o ninho no meio das ervazinhas, isso (...) é a 'aventoinha'. (LUZ50)
- 1031) **Se** o forno estiver ainda escuro, metemos mais uma lenhita no... (LUZ54)
- 1032) **Se** o pão (...) não estiver ainda bem capaz, metemos mais uma lenhita no forno para empatar. (LUZ54)
- 1033) **Se** o forno estiver já capaz, a gente põe o panito no forno. (LUZ54)
- 1034) Por exemplos, **se** esta foi tirada em... É (...) ou o nove ou o seis. (LVR03)
- 1035) **Se** a farinha caísse e ficasse logo preta, então tínhamos que esperar ainda um bocadinho (LVR35)

- 1036) e **se a farinha** ficasse a corar, estava capaz de se meter o pão no forno. (LVR35)
- 1037) **se o pão** estava branco e se não ganhava cor, havia uma (porta) em madeira, ou uma lata... (LVR35)
- 1038) E **se o pão** estava a ganhar cor demais, ia lá atrás. (LVR35)
- 1039) Mas (...) **se as pessoas** têm muito – (que) temos muito aqui e muita quantidade –, vão-lhe já comendo aquelas tenrinhas. (MIG01)
- 1040) Lá ia para o pasto, lá ficava, **se o tempo** estava bom. (MIG04)
- 1041) Já é uma vaca que está boa é para ir para o matadouro, **se ela** continua a fazer isso muita vez. (MIG06)
- 1042) **Se a vaca** errou, errou. (MIG06)
- 1043) Agora **se ela** ficar para muito velha, ela vai fazer um tronco mais grosso e despega uma árvorezinha (...) maior. (MIG18)
- 1044) **Se a senhora** puder... (MIG20)
- 1045) **Se ela** estiver em terra ou coisa, ela cresce assim, alta. (MIG29)
- 1046) E **se a gente** não estiver sempre em cima, a gente, aquilo dá cabo do jardim. (MIG29)
- 1047) Porque **se a gente** porem sempre no mesmo tear, isso faz um rolo assim (...) e descabeça. (MIG45)
- 1048) “[...] Porque **se eu** estivesse doente, (...) já não vinha para cá”. (MIG46)
- 1049) **Se ele** partir, o pai há-de trazer mais. (MIG48)
- 1050) Isso é um lacinho que eu ponho aí, porque, às vezes, **se eu** levo muito tempo a tecer e se eu me despercebo... (MIG54)
- 1051) Isso é um lacinho que eu ponho aí, porque, às vezes, se eu levo muito tempo a tecer e **se eu** me despercebo... (MIG54)
- 1052) Porque **se eu** tivesse lugar, eu botava era aqui. (MIG56)
- 1053) **Se a gente** fosse só a viver disso não dava! (MIN03)
- 1054) **Se (...) a água** chegar perto do eixo, não anda. (MIN26)
- 1055) **Se ele** fosse muito, o levaria aos poucos (MIN32)
- 1056) **se ele** fosse pouco, levava-oduma vez. (MIN32)
- 1057) **Se a eira** fosse grande, cabia muito (MIN32)

- 1058) **Se o senhor** quer (...) que eu dê cabo delas, que as acabe de matar, é ir limpá-las agora nesta altura. (MLD09)
- 1059) (**Se ele** era parvo) daqui a São Teotónio (ele) a pé! (MLD19)
- 1060) **se a vida** não for má, alguma coisa se acareia (MLD25)
- 1061) **se eu** quisesse era para já. (MLD25)
- 1062) **Se tu** te manteres solteira e que me faças as vontades, nunca tens dificuldades (MLD25)
- 1063) "Então, **se eu** for capaz"! (MLD26)
- 1064) **Se ele** estiver negro como aquele está, não precisa de levar mais cobertura nenhuma (MLD29)
- 1065) **se ele** estiver amarelo, pois tem de levar. (MLD29)
- 1066) **Se eu** apanhasse uma propriedade, que eu tivesse condições para viver lá dentro, para possuir os meus animaizinhos, tratar à minha vontade, eu (...) tinha uma vida mais tranquila que do que tenho assim, não é? (MLD30)
- 1067) **Se a rede** não vier parelha, se vier lá um alar mais adiantado que outro, o peixe (...) já pode... (MLD35)
- 1068) Mas eu ouço dizer a muita gente que a sardinha faz mal, mas a sardinha tem (...) uma tripazinha que **se a gente** tirá-la, não faz mal. (MLD36)
- 1069) **se esta rede** tiver só este buraco, vêm, passam, saem todas por este buraco. (MLD39)
- 1070) E **se ele** tivesse preciso de mais mondas, pois íamos sempre mondando, conforme ele precisasse da monda. (MLD41)
- 1071) Até porque **se a senhora** desse em puxá-los, eles chegavam a pontos davam em dizer também coisas... (MLD44)
- 1072) **se a gente** vai vender o género para ir comprar as outras coisas, então... (MLD50)
- 1073) Já se sabe que trabalhar naquilo, vendo o que ganho ali para ir comprar as outras coisas, (...) **se o género** não rende, pois se o negócio não pode dar, a gente não pode viver dali! (MLD50)
- 1074) Já se sabe que trabalhar naquilo, vendo o que ganho ali para ir comprar as outras coisas, (...) se o género não rende, pois **se o negócio** não pode dar, a gente não pode viver dali! (MLD50)
- 1075) Pois **se eles** estavam também mal, estava tudo mal! (MLD50)
- 1076) **Se a gente** quiser beber assim frio, bebe (MLD51)
- 1077) E **se a gente** não quiser atabafar, faz ali (...) com ele frio, e põe – agora no Verão –, põe ali sopas ali dentro e come-se aquilo. (MLD51)
- 1078) Mas aquele, **se a gente** o puser ao lume agora, corta. (MST01)

- 1079) **Se a água** andava fria, já (custava) /ficava\ lá mais a curtir. (MST15)
- 1080) **Se a senhora** desse (...) volta a isto, isto é muito grande! (MST24)
- 1081) **se a semente** é forte, com três ou quatro (vezes) que a gente bota a foice, faz-se uma gavela. (MST34)
- 1082) Mas **se a semente** é fraquinha, a gente anda ali um bocado para arranjar uma gavela. (MST34)
- 1083) O milho depois, **se a gente** quer, leva-o para uma eira. (MST37)
- 1084) **Se a semente** está boa, a gente ia e levava-lhe aqueles alqueires que tínhamos tratado. (MST40)
- 1085) **Se a semente** estava (reles) /ruim\, é como digo: "Ó Senhor (de tal), olhe que a semente não prestava" (MST40)
- 1086) Vem aqui ter com a gente, **se a gente** deixar ficar. (MTM15)
- 1087) Pronto, porque **se a gente** a não empregar, se ainda (...) não for continuando a dar-lhe o emprego, ela (...) não (ganha), nem vai pedir nada. (MTM19)
- 1088) **se o vento** era muito forte, eu embrulhava-lhe as velas aos braços, à madeira. (MTM22)
- 1089) Por exemplo, **se o vento** era daqui, puxávamos o moinho para ali, (...) o vento dava nas velas por cima, parava. (MTM22)
- 1090) Se não, **se o vento** mudasse, e se lhe desse por trás que a gente (...) tivesse o moinho atrás (...), ou então se desse nas velas por trás, o moinho virava todo, quebrava-se tudo. (MTM23)
- 1091) O vento hoje estava daqui, (...) daqui a nada já estava dali, e **se ele** virasse e a gente lá não estivesse, quebrava o moinho. (MTM25)
- 1092) **Se a gente** queria abaixar... Por exemplo, queria o arado a lavrar mais fundo, dava nesta cunha para cima e alevantava o temão para cima, já ficava a picar mais fundo. (MTM26)
- 1093) **Se nós** pusermos trigo nestas mós, o pão fica escuro (MTM31)
- 1094) Eles sabem. **Se eles** quiserem, sabem. (MTM32)
- 1095) E depois propriamente, **se aquilo** estiver muito ruim, estiver muito bravo, põe dentro (duns) /de dois\ trapinhos (MTV04)
- 1096) É claro, **se a gente** vai cortar, mas se não têm alimento, até propriamente secam. (MTV06)
- 1097) Eh pá, **se vocês** andassem mais puxados um bocadito, eu mandava buscar um barril de água-pé (...) à quinta e acabavam-me isto, pá! (MTV12)
- 1098) Ora, **se eles** não acabassem aquilo, aquele bocado, no outro dia ia eu (...) com vinte homens, vamos lá por aqui, com vinte homens atrás de mim. (MTV12)

- 1099) Agora, **se eu** o consentisse na boca, que estivesse ainda maduro, doce, não pode! (MTV18)
- 1100) **Se eu** vou deitar a água toda, arranjava-a bonita! (MTV22)
- 1101) (**se eu** falar, vê) se é verdade ou é mentira (MTV30)
- 1102) **se** (...) a cultura é grande, deixa-se estar uma temporada e depois passa-se com uma grade por cima, (arrasa-se), torna-se a atalhar. (MTV34)
- 1103) "**Se o senhor** me ensinar como eu me hei-de apresentar, eu vou pedir ao senhor bispo. [...]" (MTV59)
- 1104) "[...] Ia-me deitar **se o senhor** me fosse ensinar onde era a cama". (MTV59)
- 1105) (Mas) **se a menina** tinha uma casa, claro, pediam (MTV61)
- 1106) **Se a** lã for boa, a gente fia (...) melhor. (OUT22)
- 1107) Depois, **se a gente** precisa (...) para assoalhar uma casa ou para qualquer coisa, depois a gente vende... (OUT44)
- 1108) Às vezes, (...) **se uma cria** se enrelhava – (...) andava a gente a lavrar e calhava a chegar-lhe com a relha aos animais –, faziam um cozimento daquilo e botavam-lhe na pata aos animais (OUT46)
- 1109) É tanto que **se a gente** comer uma porção delas, se não caírem bem, se está sujeito a apanhar uma dor de barriga que até!... (OUT53)
- 1110) **Se ele** é vivo, ainda hoje diz que vai à igreja. (PAL14)
- 1111) Mas, **se as pessoas que me compreendem**, podem dizer: "Não" – eu proferi esta palavra, a palavra não é assim – "mas ele não sabe ler, pois (ele) /é\ anda convivido com (o) pessoal igual a ele, aí no campo, nesses meiozinhos pequeninos, portanto, não é asneira o que ele diz". (PAL16)
- 1112) Ora, é claro, **se as nuvens** se formam (...) e vai, vai, vai e se dispersam. (PAL19)
- 1113) Porque **se** (...) eu errei, (...) quer dizer, errei, não foi bem um erro. (PAL20)
- 1114) Fica às vezes pendurado, **se o animal** (...) é bravo. (PAL24)
- 1115) **Se ela** é afogada, pois ela é afogada, não ardeu. (PAL36)
- 1116) **Se o patrão que a enfornou** ser bom, perceber bem do que está a fazer, pois ficou o madeiro tal e qual (a) um carvão. (PAL36)
- 1117) (**Se**) o pão (...) não tiver cor, não se podia pôr a porta. (PFT10)
- 1118) "[...] **Se a senhora** pudesse deixar, preferia de que aos ovos". (PFT20)
- 1119) "**Se eu** soubesse que o meu marido lhe deu aquilo (...) por via deles (...) remocar com ele e não lhe deixar as partilhas (...) à vontade que ele queria, que até ficava de prejuízo, eu nunca mais falava para eles". (PFT21)

- 1120) Olhe, prometi uma missinha às almas **se** Nosso Senhor ma levasse. (PFT29)
- 1121) **Se** ela lá estiver, a gente: "Olha, eu vou regar aquilo" mas depois tem que ir botar para a do vizinho, como (...) nas açudas, não é? (PFT35)
- 1122) mas todo o dinheiro que lá ganhei, **se** eu não empregasse, gastava-o todo (PFT41)
- 1123) Mas é **se** ela gostar. (PIC01)
- 1124) E **se** eu vou botar a mão (a algum) em cima destes? (PIC01)
- 1125) **Se** isto for apanhados e descascados, isto fica alvinhos – alvos como leite! (PIC02)
- 1126) Em vimes é que **se** eu quisesse trabalhar, em vimes, a minha arte pegava em vimes. (PIC02)
- 1127) "Olhe o senhor, **se** o senhor desse-me este bordão, eu dava-lhe esta espada e este cão. [...]" (PIC04)
- 1128) **Se** o senhor disser: "Minha espada, corta o pescoço àquele homem ou àquela senhora", corta logo (PIC04)
- 1129) "[...] **se** o senhor mandar este cão fazer uma maldade qualquer, ele faz também". (PIC04)
- 1130) "**Se** ele não tem precisão deste cão e desta espada, eu também não tenho precisão (...) do meu cão e da minha espada. [...]" (PIC04)
- 1131) Portanto, **se** eles não têm precisão (...) da espada e dos cães, eu também não tenho precisão deste assobio. (PIC04)
- 1132) **se** o rei não botasse, o bicho chegava à cidade, arrasava a cidade. (PIC04)
- 1133) (Não se há-de dizer uma coisa, **se** ela) não é criança esquecida! (PIC08)
- 1134) Isto **se** a albacória descesse um pouco... (PIC09)
- 1135) **Se** ela diminuísse um pouco, pois esta ia progredir mais um bocado. (PIC09)
- 1136) Pois **se** eu não arreasse à baleia, pois podia ir mais ou podia sair mais. (PIC12)
- 1137) **Se** a gente não tiver dinheiro no banco, pois nós não podemos viver como o meio de vida está. (PIC12)
- 1138) Isto precisamente **se** a pesca da baleia nos desse soldada como dá precisamente o atum, [...] talvez os nove botes estivessem a trabalhar por aí. (PIC14)
- 1139) Ele disse logo que não; **se** o rei sabia que o matava (PIC20)
- 1140) Mas ele tinha-lhe dito ao irmão, **se** a árvore estivesse murcha ou seca que (...) um deles que iam mal, ou o pai, ou um deles que iam mal. (PIC20)

- 1141) **Se** ela for corta este ano, para o ano (...) sega-se os ali de baixo, para ficar só as duas ou as três em cima na ponta. (PST01)
- 1142) Mas **se** a gente quer que ela dê latada, deixa-se-lhe estes olhos só. (PST01)
- 1143) **Se** o ovo viesse acima de água, a moira estava pronta. (PST14)
- 1144) Já se sabe, (...) **se** (...) a gente matasse o porco no Natal, já se sabe, chegando, depois da morte do porco, no outro dia faziam aqueles pedaços de carne para deitar alho e vinagre e loiro e tudo e ficava ali numa vasilha a conservar até dia de festa. (PST19)
- 1145) Minha mãe, acho que não tinha dinheiro, coitadinha. Praticamente, **se** minha mãe não tinha, não me disse (PST19)
- 1146) Que eu, **se** eu não tenho e a senhora tem, oferece-me uma melancia. (PST19)
- 1147) **Se** a senhora tem peros ou laranjas, oferece-me... (PST19)
- 1148) **Se** eu ouvir dizer: "Olha, fulano pisou-se, ou (ele morreu) /morreu\, ou coisa", isso eu tenho mais pena. (PST19)
- 1149) A esta porta deste lado, a parte esquerda, eu já nem lha podia abrir, porque **se** eu lha abrisse, ela ia trazer o aro consigo. (PST19)
- 1150) **Se** isso aprovasse, (que) desse o conserto em todos, estava tudo aí, estavam todos. (PST24)
- 1151) **Se** os senhores vissem aqui neste... (PVC04)
- 1152) Todos os domingos se vendia **se** a gente lá estivesse. (PVC25)
- 1153) Saíam à rua, **se** o ar estava limpo e se ela já vinha fora, (diziam): "Já cá está a estrela-boieira, que são horas de dar de comer aos bois". (SRP02)
- 1154) Saíam à rua, se o ar estava limpo e **se** ela já vinha fora, (diziam): "Já cá está a estrela-boieira, que são horas de dar de comer aos bois". (SRP02)
- 1155) E **se** as coisas faltam, os governos mandam vir dum lado para o outro, tudo aos mesmos preços. (SRP04)
- 1156) "**Se** aquele mato fosse corto, aquele terreno produzia boas qualidades de pastagem...[...]" (SRP06)
- 1157) **Se** aquele rego estava feito aqui, ficava este quadrado (SRP08)
- 1158) E assim, **se** a terra está aqui, o tal dito charrueco passou aqui, voltou este rego ao contrário. (SRP08)
- 1159) **Se** a terra era direita... (SRP09)
- 1160) **se** a terra fosse direita, punham uma baliza aqui e outra naquela ponta, tinha avondo. (SRP09)

- 1161) **Se a regadeira** estiver... (SRP13)
- 1162) **Se o vento** está daqui, a gente leva a forquilha a este lado e joga-o para aqui. (SRP16)
- 1163) **se o vento** está deste lado, a gente começava a jogar a palha ao ar deste lado, que é para a ir levando sempre para diante, sempre para diante. (SRP16)
- 1164) Essas tinas de madeira, quando chegam às adegas, **se aquilo** for para caso de negócio, é pesada. (SRP21)
- 1165) **Se a gente** colher (...) e o outro perguntar: "Isso, não sei o que é que tens"... Exactamente, digo: "Tenho aqui a flor (...) da azeitona na mão". (SRP23)
- 1166) Agora, **se ela** não abrir, então está falida. (SRP23)
- 1167) **se eles** pensarem em terem-nos até terem cinco ou seis meses, capam-nos, que engordam mais. (SRP31)
- 1168) **Se a gente** o quiser comer para sopa – com sopa –, faz-se o almece... (SRP32)
- 1169) E só aparece (...) essa água verde, novamente, esse azulamento dessa água (...) **se esse chorrilho** (...) for cozido. (SRP32)
- 1170) **Se o chorrilho** não for cozido, não se sabe (SRP32)
- 1171) E **se aquele** for cozido, aparece outra qualidade ainda. (SRP32)
- 1172) **Se a comida** está debaixo da terra, lá vai procurar com a tromba se a terra lhe dar... (SRP34)
- 1173) Se a comida está debaixo da terra, lá vai procurar com a tromba **se a terra** lhe dar... (SRP34)
- 1174) **Se os senhores** são matrimónio, são; e se não são, é igual. (...) (STA09)
- 1175) **Se eu** tinha (...) o meu povo todo (assim) a ajudar-nos (...) a esbandalharmos aquilo tudo, tudo ali, e tiram-nos as mangas dali para fora?! (STA09)
- 1176) Mas **se o Gotardo** (...) começa a "rnhum-rnhum", a engrunhar, as coisas (...) não rolavam bem. (STA09)
- 1177) E (a senhora) ou o senhor, **se eles** querem também estragar a minha, que Deus Nosso Senhor nos castigue a qualquer um. (STA10)
- 1178) "Ah, **se a gente** formos-lhe à porta pedir água"... (STE13)
- 1179) "[...] **Se tu** visses a morte, largavas a fugir"! (STE14)
- 1180) Isto tinham que ser muito bem feitinhos, porque **se isto** (...) tivesse um empeno qualquer, não fiava. (STE28)
- 1181) Vai-se enrolando, depois, em fio, que é para fazer uma meada, **se a gente** quiser pintar. (STE31)



- 1182) **Se** eles ma tirassem, deixa que o meu médico tentava logo para ma dar (STJ02)
- 1183) E elas, (...) **se eu** sei o que sei hoje, elas tinham levado ali duas bofetadas no focinho, dele! (STJ06)
- 1184) Então **se** a minha mãe lá não está, as putas dum cabrão até me capavam (STJ06)
- 1185) O que é que ele tinha com isso, **se** a gente levava fato-de-banho ou não? (STJ11)
- 1186) "Ah, **se eu** apanhasse um ramozinho daqueles (...) também levava"! (STJ13)
- 1187) **Se** ele tiver de rebentar, rebenta, dali é a parreira – a plantação, cá. (STJ15)
- 1188) **se** a gente tirar a caruma toda, morre. (STJ22)
- 1189) O pinheiro, **se** a gente lhe tirar a caruma toda, morre. (STJ22)
- 1190) E **se** aquilo era (muito difícil)! (STJ27)
- 1191) Depois elas fogem para longe; daí a bocado, **se** a gente estiver assim perto, elas dão um vôo, cantam, ouve-se logo (aqui e além): piu! (STJ32)
- 1192) **Se** nós estivéssemos a fabricar uma peça daquelas, que aparecesse uma bolha de ar, podia até cair a peça toda. (STJ36)
- 1193) **se** a peça era maior tinha que ser um bloco maior. (STJ38)
- 1194) Depois eu, eu cheia de medo, porque dizem que aquilo (...) que **se** elas morderem, que aquilo que não tem cura. (STJ52)
- 1195) **Se** a bicha ouvisse... (STJ53)
- 1196) Diziam **se** a víbora ouvisse e o licanço visse, não havia ninguém (...) que resistisse. (STJ53)
- 1197) **Se eu** visse (...) as plantas no campo, eu conhecia melhor (...) as coisas, agora assim... (STJ55)
- 1198) **se** ele via que ele que semeava, ensinava (STJ64)
- 1199) **Se** o outro arreava, não diziam nada. (STJ72)
- 1200) **Se** a minha mãe arreava (...) com a correia... (STJ72)
- 1201) **Se** a gente diz: "Olha, pois então este ano temos dinheiro que a gente talvez pudesse compensar aquilo que a gente tem em falta" – não é? –, lá a gente utiliza o dinheiro logo naquela falta que temos, está a perceber? (TRC19)
- 1202) Isto (...) eu parece-me que **se** isso esteve aqui que eu não me lembro. (TRC28)
- 1203) **Se eu** precisasse de escrever, isso eu tinha que ir... Tinha que ir ao dicionário procurar essa palavra. (TRC37)

- 1204) **se a gente** se trancar naquela espinha (TRC41)
- 1205) **Se ele** não fosse canalha, deixava-se sair do castelo primeiro e depois é que se casava. (TRC44)
- 1206) **se a gente** descalçar aquilo dos pés para fora e andar para a rua, para apanhar uma 'aleijadura' (...) nas pernas é um instante! (TRC45)
- 1207) As pessoas bebem desse chá **se eles** mandam. (TRC47)
- 1208) **Se eles** não mandam não bebem. (TRC47)
- 1209) "Pois **se ela** for ao lume, tu levas pancadas! [...]" (TRC68)
- 1210) "[...] **Se ela** for à luz, tu levas pancada"! (TRC68)
- 1211) E também se urdia com a estopa **se ela** era rija! (TRC68)
- 1212) Agora **se ela** era mais podre, ninguém podia urdir com ela (TRC68)
- 1213) **Se o meu irmão** ia com elas, o meu pai tinha que o lá ir esperar. (UNS07)
- 1214) **Se o meu pai** ia com elas, o meu irmão tinha de o lá ir esperar. (UNS27)
- 1215) **se o pastor** viesse de trás, avançavam diante (UNS07)
- 1216) **se o pastor** viesse diante, avançavam de trás. (UNS07)
- 1217) E então, **se a senhora** quer regar, desde o momento que entre a regadia, a senhora tem que pedir a água a esse senhor. (UNS16)
- 1218) **Se o homem** é competente para tratar daquele problema, é esse de quinhentos que faz mais barato é que fica com ela. (UNS34)
- 1219) **se o gajo** tem mais consciência, bota menos, que é para dar para os outros. (UNS35)
- 1220) E **se o tempo** vai seco... (UNS39)
- 1221) INF1 E **se o tempo** vai seco,  
 INQ1 *Tenho que ir regando.*  
 INF1 depois aí de oito em oito dias, um baldezinho de água. (UNS39)
- 1222) INF1 **Se ela** tem aí dois metros ou assim,  
 INQ1 *Pois.*  
 INF1 faz um rego no chão, aí com um palmo de fundo, mergulha-a lá, mergulha-a lá,  
 INQ1 *E as...*  
 INF1 (...) segura-a com o pé e bota-lhe terra em cima e já não sai dali. (UNS40)
- 1223) **Se ela** sair para fora um grande bocado, deixa-lhe aí trinta centímetros de fora. (UNS40)
- 1224) **Se a ponta** tiver trinta ou quarenta centímetros, depois corta-lhe a ponta e deixa-a só aí com trinta (...) centímetros de fora. (UNS40)

- 1225) Se ali havia muita pedra que não dava, a gente ia (...) a um buraco cavar um bocado de terra para tapar, (...) se aquela ali não dava. (UNS41)
- 1226) Ora, se ele me deu aquilo, é porque já tinha experimentado mais. (UNS44)
- 1227) Se o nosso governo não acaba com isso, aqui a pesca (...) artesanal daqui da nossa praia está perdida. (VPA01)
- 1228) Se as autoridades proibissem por todo o lado, era (muito melhor). (VPA14)
- 1229) Faz de conta, se eu deito ao mar, digo assim: "Oh, eu deito ao mar, outro não deita, também (o) vou levar. Aquele não deita, (...) eu também o não deito". (VPA14)
- 1230) Se eles não aprenderem, aí está certo. (VPA15)
- 1231) Mas se eles me gazearem a escola, eu, o remédio que lhe dou é queimar-lhe as mãos. (VPA15)
- 1232) Mas nós aqui, aqui, a nossa pronúncia, a nossa pronúncia é, se a sardinha está deteriorada, "a sardinha já esqueima". (VPA23)
- 1233) Se o ferro encaixou e não solta, que no barco não solta, (...) apanha-se (...) aquela boinha e puxa-se por o filame. (VPA27)
- 1234) Se uma pessoa visse a figura do peixe, já uma pessoa dizia: "Olha, pode ser a sardinha, pode ser carapau", pode ser isso assim, não é? (VPA30)
- 1235) Se aquele véuzinho estivesse esfolado, já não valia tanto a pescada como valia com aquele véuzinho. (VPA44)
- 1236) Se estes são míscaros... (VPC32)
- 1237) Que se eles falassem... (VPC39)
- 1238) INF Se o escôparo falasse,  
*INQ1 Sim.*  
 INF que ninguém podia estar ao pé destes animais. (VPC39)
- 1239) Se as víboras (...) vissem e os escôparos falassem, não sei o que seria da gente. (VPC40)

#### 1.3.4. Ocorrências com mais do que um (possível) tópico/adjunto

- 1240) Mas (em) /e\ depois, se isto, amanhã, abaixam os juro ou qualquer coisa, que isto (naturalmente) /não está muito\... (AAL27)
- 1241) se o senhor amanhã ou o seu superior querer ir ver, eu digo onde é que é o rio (...) (ALV02)
- 1242) Se uma traineira durante um ano pára um mês e meio, quando calha hoje, já não param amanhã; pára (a) outra. (ALV09)

- 1243) Se, por exemplo, a cozinha (...) era... (CLH09)
- 1244) Se a gente, por exemplo, acertasse na 'pingue-larita' eram quinze pontos (CLH10)
- 1245) Se, por exemplo, a senhora ia botar a carta e dizia "dois" e era dois, a senhora recolhia as cartas que tivesse (CLH13)
- 1246) Se, por exemplo, ele ia dizendo, assim que chegava (...) à carta (...) que ele dizia, acabava. (CLH13)
- 1247) E se eles, por exemplo, não comiam as batatas da terra, as cascas, a gente ajuntava-as (CLH23)
- 1248) se eu, às vezes, preciso de qualquer coisa, vou à casa deles, e ali (...) é uma família toda... (COV10)
- 1249) E depois abria-se uns regos (...) para regar, se realmente esse terreno tivesse águas. (FIS06)
- 1250) Que se acaso eu morro e não ensino ninguém, mais ninguém faz". (MLD24)
- 1251) Mas se eu agora pretendo, eu tenho que me governar. (MLD25)
- 1252) Se naquele sítio (...) a rede está a pescar, que se não apanha peixe um dia ou dois, nós depois 'mudamos-a' à procura (...) de outros sítios melhores, onde haja mais peixe. (MLD34)
- 1253) Se acaso eles queriam semear o arroz, punham o arroz de molho logo uns dias antes, nos sacos, e depois semeavam o arroz. (MLD41)
- 1254) E se acaso eles não queriam semear, ou estavam os viveirinhos do arroz semeados, (...) já grandinho, e a gente ia, apanhávamos o arroz, os molhinhos, e lavávamos muito bem lavadinhos. (MLD41)
- 1255) Se acaso até ao meio-dia, às vezes, fizesse bom vento, pois no outro dia, de noite, perdíamos a noite quase toda (...) a debulhar, que levava a noite quase toda. (MLD42)
- 1256) mas se acaso ele se amansasse, eles (...) não mandavam nenhum embora. (MLD48)
- 1257) E se acaso não fosse assim, porque se acaso a vida estivesse como estava, eles não me podiam ajudar. (MLD50)
- 1258) mas se eu hoje fosse a vender, (...) davam-me três vezes mais, e só comprei há dois anos. (PFT41)
- 1259) Se (um dia) ele não aproveitasse, a gente não sabia, eles não sabiam dela. (PST07)
- 1260) se a gente (então falava) em juntar-se, era todos os sábados... (PVC25)
- 1261) se a gente agora cortá-lo aqui – ou seja ao comprimento –, e se o abrir ao meio, como sendo a lenha, é que a gente já lhe chama a cavaca. (SRP29)
- 1262) "Então, se eu algum dia lá passar, vou lá"! (STJ06)
- 1263) se, por exemplo, numa peça daquelas, ficar ali um bocadinho de raiz, ali, depois vai ao fogo, arde, fica um buraquinho. (STJ35)

1264) Mas é que (...) **se eu agora** o encontrasse!... (VPC13)

### 1.3.5. Ambiguidades quanto ao tipo de tópico

1265) **Se eu** não... (COV12)

1266) Se o dono lá vai e bate-as e tira-lhe a mestra, pronto, ela não foge. **Se um homem** não... (COV37)

### 1.3.6. Ocorrências com Tópico Pendente

1267) E a gente vai ali e às vezes aquilo não descobre bem, está a compreender? **Se a gente** não se descobre bem, a gente molha assim o dedo e esfregamos assim na cortiça. (LUZ16)

### 1.3.7. Ocorrências com locativo não-adjunto

1268) **Se aqui** (...) se pusesse um restaurante ou uma bomba de gasolina... (AJT27)

1269) Coitado de quem morre, **se ao céu** não vai! (TRC62)

### 1.3.8. Ocorrências com pseudoclivada invertida de *é que*

1270) Então **se a tua mulher** é que é a filha (...)!"! (AJT28)

## 2. Português Fundamental

### 2.1. Dados com *que*

#### 2.1.1. Ocorrências com adjunto

1271) Calcula **que agora** vamos ver na televisão o NP rebolando-se na areia com uma menina. (PF-122-Évora)

1272) e ele diz **que nessa altura** dependurou a toga e deixou de advogar (PF-232-Portalegre)

1273) Eu estava convencido **que no inverno** se engraxava mais que no verão. (PF-328-Porto)

1274) acho que teria muito interesse, não é, **que depois** aplicassem todas essas... os resultados dessas pesquisas ao, ao ensino primário, não é? (PF-457-Coimbra)

1275) suponho **que agora** há, de facto, uma maior atenção e actividade de... orientadas para esse problema. (PF-457-Coimbra)

1276) eu creio que é mais uma dos gra[ves], um dos graves problemas que atravessamos, não é, e **que futuramente** será pior (PF-476-Lisboa)

- 1277) pois se a coisa se verificar **que** na realidade não é culpado, pois nós entregamos um caso a um perito (PF-618-Coimbra)
- 1278) E eu praticamente também pouco mais foi porque é verdade **que**, durante um ano tive correspondência com... o meu marido, mas foi um ano... (PF-725-Terceira)
- 1279) Uma ocasião, uma vez lá, diz **que** lá em Lisboa partiu uma perna e foi mal curada no hospital (PF-785-Porto)
- 1280) eu tenho a impressão **que** em Portugal se come banana (PF-793-Santarém)
- 1281) Eu acho **que** realmente é muito importante que não se percam as duas coisas. (PF-832-Vila Real)
- 1282) Eu julgo **que** nesta profissão deve haver um factor muito importante que é uma questão de gosto. (PF-990-Lisboa)
- 1283) eu por exemplo tenho uma preferência por uma marca que acho **que** mundialmente são os melhores adubos do mundo (PF-1072-S.Miguel)
- 1284) X: e só quando sinto **que**, na realidade, não posso  
A: não se pode passar sem eles.  
X: passar sem eles, não é? (PF-1082-Viana do Castelo)
- 1285) Diz **que** aqui há tempo, pôs, enfeitou uma travessa tão bonita (PF-1146-Aveiro)
- 1286) «[...] você vai ver **que** depois já me agrada.» (PF-1146-Aveiro)
- 1287) já sei **que** em determinada data foi posta em circulação, a, a edição xis, e, portanto, vou, espero nessa altura e compro. (PF-1308-Lisboa)
- 1288) eles falaram **que** agora pensavam ir fazer a selecção do turismo em Espanha. (PF-1358-Coimbra)
- 1289) mas mesmo assim a pessoa tem que reconhecer **que** para certos campos até é muito teórica (PF-1394-Lisboa)
- 1290) a gente sente **que** cá para o sul há muito, muita maior dificuldade em a pessoa se aceitar como é (PF-1394-Lisboa)

#### 2.1.1.1. Ocorrências com oração adverbial

- 1291) Ó pá, mas já pensaste **que** se toda a gente pensasse assim, o mundo acabava daqui a... (PF-218-Coimbra)
- 1292) Agora, não há dúvida nenhuma, **que** se for de facto um indivíduo responsável na produção tem de se incomodar porque não é apoiado naquela parte de stocks de existências, de fornecimentos, etc. (PF-290-Porto)
- 1293) Até porque eu tenho a impressão **que** quando disfar(...), quando levam muitos anos a prolongar o namoro, aca(...), acabam por se aclimatar tão bem um ao outro que acabam por se esconder (PF-725-Terceira)

1294) revela ainda, portanto, **que...** para se triunfar, para se vencer qualquer mo(...), em qualquer movimento é necessário uma organização bastante poderosa (PF-1098-Leiria)

1295) foi uma surpresa ver **que** apesar de não ter havido nenhum acordo prévio havia uma grande... concordância, um consenso quanto às linhas gerais (PF-1296-Lisboa)

### 2.1.2. Ocorrências com sujeito

1296) telefonei para cima e disse: «menina, o senhor NP não está?» «não está, foi para a, foi à esquadra», eu lembrei-me **que** ele se tivesse esbarrado (PF-22-Porto)

1297) e o pai está à espera do menino, **que** ele chegue, depois vêm os dois para casa. (PF-22)

1298) e até disseram, até disseram **que** ele não devia ter feito aquilo. (PF-29-Porto)

1299) Porque são parvas. Porque não atingiram **que** aquilo era de plástico. (PF-29-Porto)

1300) sei **que** ele fez lá um gesto. (PF-29-Porto)

1301) Portanto rebenta o saco e, parecendo que toca no, portanto, fazem[do], parecendo **que** o saco faz parte do corpo da gaja, não é? (PF-29-Porto)

1302) nota-se perfeitamente **que** a serra vem até mais baixo que o corpo da rapariga (PF-29-Porto)

1303) E dizer **que** a farinha de trigo era amassada sem fermento. (PF-31-Porto)

1304) tinha medo que me dissessem exactamente **que** aquilo não tinha valido a pena (PF-93-Braga)

1305) mas agora parece **que** o peixe desapareceu, pá! (PF-106-Aveiro)

1306) fala-se **que** os peixes morrem ou não existem porque não há algas. (PF-106-Aveiro)

1307) quando fui para o curso de Direito, fui na convicção de **que** auxiliar a justiça ou contribuir para que se fizesse justiça no mundo era um ideal bastante elevado e era um ideal para que todos nós na... dentro das nossas possibilidades, devíamos procurar contribuir. (PF-108-Évora)

1308) Os anos de prática, como advogado, mostraram-me **que** eu tinha uma ilusão muito própria da idade em que me nasceu no espírito essa ideia. (PF-108-Évora)

1309) Ah, não quer dizer **que** a gente vá trabalhar para o mesmo sítio. (PF-122-Évora)

1310) A, ainda hoje, não é, eu não quero dizer **que** os salários sejam altos, há, há enfim, aqui, um operário já ganha bem, mas também não está mentalizado para fazer uma vida, conforme o dinheiro que ganha (PF-135-Bragança)

1311) Hum. Quer dizer que o, **que** os homens são mais... (PF-147-Faro)

- 1312) tu sabes **que** a vantagem e a virtude do nosso circuito está precisamente nas características é, que ele tem. (PF-170-Vila Real)
- 1313) até porque diz-se **que** um filho num casal, um filho pode ser um amparo dum casal (PF-218-Coimbra)
- 1314) Eu acho **que** isso é a preocupação máxima até que se deve ter ao educar seja um filho ou seja uma criança qualquer (PF-218-Coimbra)
- 1315) as pessoas fartam-se de dizer **que** o mundo é cruel, (...), que é difícil viver, que as pessoas sofrem, que isto é um vale de lágrimas (PF-218-Coimbra)
- 1316) as pessoas fartam-se de dizer que o mundo é cruel, (...), que é difícil viver, **que** as pessoas sofrem, que isto é um vale de lágrimas (PF-218-Coimbra)
- 1317) as pessoas fartam-se de dizer que o mundo é cruel, (...), que é difícil viver, que as pessoas sofrem, **que** isto é um vale de lágrimas (PF-218-Coimbra)
- 1318) Hoje deparam-se uma série de problemas e eu hoje acho **que** nós começamos a vivê-los muito mais cedo do que antigamente (PF-218-Coimbra)
- 1319) eles começam a ver **que** o castigo é uma coisa que não dá resultado (PF-221-Castelo Branco)
- 1320) quando sentiu, quando sentiu, **que** a sua missão como a(...), advogado, era fazer a mesma coisa que fazia um, um varapau na idade média, deixou de advogar (PF-232-Portalegre)
- 1321) só se eu sei **que** o restaurante é realmente de confiança é que eu como peixe lá (PF-262-Faro)
- 1322) e eu parece-me **que** o peixe nunca tá fresco (PF-262-Faro)
- 1323) eu vou às peixarias e parece-me **que** o peixe não tem ar fresco. (PF-262-Faro)
- 1324) «[...] Então a senhora não viu **que** eu lhe dei de sinal?» (PF-262-Faro)
- 1325) Simplesmente, enquanto que é perfeitamente necessário **que** esses indivíduos existam (PF-290-Porto)
- 1326) e eu pensava **que** ele ficava na brincadeira e não estava nada, não é? (PF-340-Lisboa)
- 1327) já sinto **que** ele está mais comigo, não é (PF-356-Lisboa)
- 1328) «[...] Então quer dizer **que** eu não sou filho do, do meu pai, não?» (PF-376-Beja)
- 1329) sei dizer que eu às sete horas da manhã já não dormia a pensar **que** aquelas alminhas tivessem... que se levantar. (PF-377-Lisboa)
- 1330) quando nós somos mais jovens pensamos **que** o que é fundamental na nossa vida é a inteligência, a cultura, o conhecimento do mundo. (PF-455-Lisboa)
- 1331) suponho **que** a difusão da língua será sempre um problema que interessa a todos (PF-457-Coimbra)



- 1332) acho **que** isso tem bastante interesse, não é? (PF-457-Coimbra)
- 1333) suponho até **que** os brasileiros têm sido um bocado mais activos do que nós (PF-457-Coimbra)
- 1334) Portanto, quer isto dizer **que** você tá com umas dificuldades tremendas (PF-476-Lisboa)
- 1335) mas não há dúvida nenhuma **que** o factor humano e, e formação de pessoal é outro, senão o problema mais delicado que qualquer empresa pode ter (PF-476-Lisboa)
- 1336) Mas achou **que** aquela revista era muito elevada porque até trazia palavras que ela tinha que ir consultar ao dicionário. (PF-479-Lisboa)
- 1337) e agora vejo **que** ela faz aquilo com a maior das facilidades (PF-485-Lisboa)
- 1338) antigamente eu creio **que** os jornais eram transportados pelo comboio... (PF-502-Viseu)
- 1339) sabe **que** eu ando agora numa vida de ambulante e não, não devo cá estar. (PF-529-Castelo Branco)
- 1340) há-de reparar **que** aqueles terre[nos], terrenos estão realmente um bocado... têm ali... nota-se nitidamente terreno aluído. (PF-598-Setúbal)
- 1341) dizem **que** as construções em cima da rocha são realmente as mais seguras (PF-598-Setúbal)
- 1342) A, a certa altura convenci-me **que** o tecto abria (PF-598-Setúbal)
- 1343) convenci-me **que** a, a mobília do quarto de cima caía em cima da minha cama (PF-598-Setúbal)
- 1344) por vezes vêm ao correio dizer **que** o telefone está avariado (PF-633-Viseu)
- 1345) acho **que** a moda est(...), está interessante, este ano. (PF-653-Lisboa)
- 1346) sabe **que** a moda começa a definir-se a partir... de Outubro (PF-653-Lisboa)
- 1347) Mas isso é bom, eu acho **que** as pessoas devem puxar para cima, não? (PF-673-Beja)
- 1348) lembro-me **que** ela trazia sempre uns pãozinhos de tamanho especial para nós (PF-682-Funchal)
- 1349) eu suponho **que** o meu erro foi ter começado um bocadinho tarde. (PF-710-Porto)
- 1350) Mas eu para, para acreditar **que** isso dava resultado, só se realmente convivesse com pessoas que tivessem tido essas preparações todas e visse nelas que isso tinha dado resultado. (PF-725-Terceira)
- 1351) Mas eu para, para acreditar que isso dava resultado, só se realmente convivesse com pessoas que tivessem tido essas preparações todas e visse nelas **que** isso tinha dado resultado. (PF-725-Terceira)
- 1352) creio **que** a coisa já não está assim tão dura. (PF-763-Coimbra)

- 1353) dir-se-á **que** o Alentejo também é uma região muito agrária (PF-770-Santarém)
- 1354) todos sabem **que** o Ribatejo é dos locais onde a agricultura vai na vanguarda (PF-770-Santarém)
- 1355) Ora de certeza **que** a posição do sindicato é a mesma, não é (PF-776-Lisboa)
- 1356) Porque pensam **que** o sindicato só serve para isso (PF-776-Lisboa)
- 1357) diz-me **que** as pessoas não vão (PF-776-Lisboa)
- 1358) e a menina lá soube **que** a mãe disse que estava há quinze dias com a perna estendida. (PF-785-Porto)
- 1359) a moda é uma coisa que interessa a todas as mulheres, pelo menos à maior parte e, portanto, eu até acho **que** ela tem o seu interesse, e, enfim, note, cá me vou arranjando. (PF-795-Lisboa)
- 1360) E ela depois então foi; ma(...) a, a convite depois da rainha vitória que parece que numa ida dela à Inglaterra, ela fez com que a rainha - dizem que foi isso, **que** ela fez qualquer diligência nesse sentido - pedisse nossos produtos daqui da madeira fossem para a feira internacional (PF-816-Funchal)
- 1361) Eu a partir de agora começo a ter doenças e ao mesmo tempo eu acho **que** elas não podem ser apenas físicas (PF-832-Vila Real)
- 1362) acho **que** a juventude é construtiva (PF-832-Vila Real)
- 1363) mas, no fundo vejo **que** eles têm muita mais experiência (PF-832-Vila Real)
- 1364) «senhor doutor, mas há um aluno nosso que os pais se queixam **que** ele deve ter propensão a ter desastres [...]» (PF-836-Coimbra)
- 1365) Não haverá possibilidade - uma vez que os pais não podem pagar - ser proporcionada a essa criança uma consulta da especialidade, até atendendo **que** isso é prever, é prevenir acidentes! (PF-836-Coimbra)
- 1366) Mas notava **que** a falta de disciplina das crianças nas aulas... não era falta de disciplina pura e simples (PF-836-Coimbra)
- 1367) eu tenho a certeza absoluta **que** aqueles miúdos não eram normais (PF-836-Coimbra)
- 1368) «[...] era conveniente **que** a Caixa tomasse providências em... » (PF-836-Coimbra)
- 1369) Até dizem **que** as bonecas têm as castanholas (PF-837-Funchal)
- 1370) já sabemos **que** a gente temos que aprender a fazer tudo, não é? (PF-839-Leiria)
- 1371) Eu sei **que** a minha mãe tem um adereço muito antigo que era da minha bisavó (PF-864-Setúbal)
- 1372) acho **que** a coisa tá, ti(...), tem que ser assim (PF-883-Lisboa)

- 1373) fiquei convencido **que** isto já não era na minha era (PF-883-Lisboa)
- 1374) você alguma vez acreditou **que** isto se pudesse dar ainda (...) na, na sua vida? (PF-883-Lisboa)
- 1375) acho **que** isso é fundamental (PF-883-Lisboa)
- 1376) «ah, pensava **que** a senhora queria fechar a porta!» (PF-885-Coimbra)
- 1377) Depois quando o avião desceu, o senhor não acredita **que** eu fiquei, não tinha ouvido, não ouvia nada! Eu fiquei assim pa(...), assim surda, não ouvia nada. (PF-894-Viseu)
- 1378) e penso que, **que** os garotos ficam numa excitação muito grande (PF-956-Coimbra)
- 1379) X: [...] não quer dizer **que** eu lhes vá explicar as...  
B: pois!  
X: problemas, com todas as minúcias (PF-956-Coimbra)
- 1380) Eu acho **que** eles vão... (PF-956-Coimbra)
- 1381) E eu noto **que** estes pontos são melhores. (PF-964-Bragança)
- 1382) e parece que tenho a impressão **que** uma criança gritava (PF-965-Lisboa)
- 1383) E depois pensei **que** essa criança tivesse ficado aqui ao pé desta árvore. (PF-965-Lisboa)
- 1384) Eu aliás acho **que** o desenvolvimento da sensibilidade é uma questão de cultura. (PF-977-Coimbra)
- 1385) Diga-lhe lá **que** eu tou boa. (PF-1009-Lisboa)
- 1386) Não sei quem foi que me falou aqui de manhã, **que** tu vinhas buscar os meninos... (PF-1016-Vila Real)
- 1387) Pensei que dizia que, **que** nós vínhamos, ou que chegámos ontem a Lisboa, por exemplo ou assim... e que vínhamos buscá-los. (PF-1016-Vila Real)
- 1388) e ela disse-me que tinha trinta e nove anos e eu pensei **que** ela tinha cinquenta e tal... (PF-1020-Bragança)
- 1389) lembre-se **que** eu fui criada na aldeia e, e sei. (PF-1020-Bragança)
- 1390) Verificamos **que** um incêndio ateia-se com uma facilidade enorme e torna-se difícilimo de extinguir (PF-1042-Porto)
- 1391) e ele dizia **que** aquilo tava já ali muito mal, que faziam muito má vista ali na, na igreja (PF-1055-Beja)
- 1392) mas acho **que** isso era bem (...) (PF-1055-Beja)
- 1393) agora o doente leva o papel - a receita neste caso - e quer ser imediatamente atendido, porque sabe **que** o medicamento está pronto. (PF-1082-Viana do Castelo)

- 1394) Eu penso **que** «o couraçado de potemkine» é uma pequena parte do início da, da tomada do poder pelos trabalhadores, pelos camponeses, pelos operários, pelo povo soviético. (PF-1098-Leiria)
- 1395) o filme indica-nos também de **que os trabalhadores e os operários** terão que encontrar formas organizadas mas capazes de, de terem nas suas mãos a força das armas (PF-1098)
- 1396) E a senhora até gosta **que ele** esteja bem disposto! (PF-1146-Aveiro)
- 1397) vêm logo **que o homem coitado** já tem, tem já aquela palidez cada[vérica], cadavérica não é, que o homem tá morto (PF-1201-Lisboa)
- 1398) sabes **que o meu cunhado** era empregado da companhia (PF-1201-Lisboa)
- 1399) Eu acho **que isso** tá mal (PF-1212-Lisboa)
- 1400) Sucede **que o Sporting** tem uma sede maravilhosa - porque tem - que é aqui mesmo ao pé (PF-1212-Lisboa)
- 1401) no seu bairro tá visto **que a pessoa** é conhecida (PF-1232-Lisboa)
- 1402) parece **que a malta do «Diário de Lisboa»** está a fugir para lá (PF-1238-Coimbra)
- 1403) Pois eu, a mim parece-me **que ele** é efectivamente, deve ser, dos mais ousados orquestradores portugueses. (PF-1242-Aveiro)
- 1404) Mas olha, não achas por exemplo **que a canção portuguesa** é ainda, quer dizer, ainda é muito incipiente, se a relacionarmos por exemplo, não só com a canção anglo-americana, (...) por exemplo com a canção francesa? (PF-1242-Aveiro)
- 1405) o Rubio não está de acordo **que o Patxi** se comercialize (PF-1242-Aveiro)
- 1406) mas eu estou de acordo **que ele** se comercialize (PF-1242-Aveiro)
- 1407) X: essa que estava sabia o caso da outra e chegou-se à conclusão **que... a bebé que o cigano tinha pensado**  
A: que tinha morrido...  
X: **que tinha morrido**, não morreu. (PF-1250-Lisboa)
- 1408) quando a gente lá foi e vimos então **que o homem** tinha a rede na... numa rede na hélice, onde podia (...) onde o barco não podia manobrar. (PF-1293-Coimbra)
- 1409) quer dizer **que o barco** passou-se para fora (PF-1293-Coimbra)
- 1410) Estavam aqui a dizer **que tu** sabias pescar marisco (PF-1293-Coimbra)
- 1411) É verdade o, o, o NP disse-me **que tu** te interessavas por filatelia (PF-1308-Lisboa)
- 1412) Mas, mas aí em Alcobaça, tava eu a dizer **que quem fizesse algum mal**, (...) já sabia que o rei que o mandava... bem, castigava-os, não é (PF-1315-Leiria)

- 1413) eu acho **que** isso é uma estupidez, sinceramente. (PF-1325-Lisboa)
- 1414) pois eu penso **que** ela se terá mantido essencialmente a mesma (PF-1336-Setúbal)
- 1415) eu penso **que** esse reforço talvez se tenha dado (PF-1336-Setúbal)
- 1416) Eu acho **que** a tua ideia era genial (PF-1358-Coimbra)
- 1417) eu, se ficar doente em casa, nem ninguém dá conta **que** eu estou doente (PF-1367-Lisboa)
- 1418) e eles determinam **que** a mulher há de fazer isto, há de fazer aquilo (PF-1378-Porto)

### 2.1.3. Ocorrências com mais do que um (possível) tópico/adjunto

- 1419) eu tinha reparado até **que** em poesia, quando era nas aulas de poesia, ele por uma ou por outra se interessava (PF-93-Braga)
- 1420) e eu acho **que** hoje em dia isso é um problema que se põe muito mais cedo e a todas as camadas. (PF-218-Coimbra)
- 1421) acho bem **que** as raparigas hoje não queiram es[ta], esta vida, não é. (PF-356-Lisboa)
- 1422) sei dizer **que** eu às sete horas da manhã já não dormia a pensar que aquelas alminhas tivessem... que se levantar. (PF-377-Lisboa)
- 1423) sei **que** eles dum momento para o outro aquase que resolvem a coisa (PF-426-Lisboa)
- 1424) X: eu lembro-me **que** eu durante.  
A: (...)  
X: durante oito dias eu fui dar banho a uma criança recém-nascida, que a mãe tinha medo. (PF-455-Lisboa)
- 1425) começamos a pensar **que** isso afinal talvez não seja tudo na vida (PF-455-Lisboa)
- 1426) creio **que** ao fim de trinta dias se, se, se a viatura não aparecer, ter-se-á de que, de indemnizar o segurado, não é (PF-618-Coimbra)
- 1427) E então quem é que diz **que** agora durante três anos são todos maus, lá se vai o fruto de... destes coisos, não é? (PF-673-Beja)
- 1428) Diziam os antigos **que** antigamente isto era um ciclo, as searas eram sete anos de vacas gordas e sete anos de vacas magras. Eram sete anos bons e depois metiam-se sete anos ruins. (PF-673-Beja)
- 1429) Eu acho **que** a pessoa mesmo que, que namore muitos anos, anda para ali... (PF-725-Terceira)
- 1430) Penso **que** os rapazes lá em Lisboa devem continuar a estudar coisas de computadores (PF-770-Santarém)
- 1431) Eu penso **que** para este efeito o mérito deve ser procurado na diversidade. (PF-770-Santarém)

- 1432) (...) e até dá-me ideia **que** no fundo isso é um ciclo vicioso (PF-776-Lisboa)
- 1433) eu recordo-me da minha, da minha tia dizer **que** antigamente a madrinha lavava os cortinados (PF-796-Leiria)
- 1434) E ela depois então foi; ma(...) a, a convite depois da rainha Vitória que parece **que** numa ida dela à Inglaterra, ela fez com que a rainha - dizem que foi isso, que ela fez qualquer diligência nesse sentido - pedisse nossos produtos daqui da madeira fossem para a feira internacional (PF-816-Funchal)
- 1435) e eu ainda me lembro **que** uma vez ele a falar para uns vizinhos que eu, que eu tinha disse assim: «olhe, a minha mãe traz um bebé na barriga.» (PF-956-Coimbra)
- 1436) E por outro lado, eu acho **que** também a pessoa às vezes compra uma coisa e depois até deixa de gostar, não é? (PF-977-Coimbra)
- 1437) Embora eu, a mim me pareça **que** também na generalidade os interesses são muito limitados. (PF-977-Coimbra)
- 1438) (...) eu acho que, **que** infelizmente nós estamos a viver dum, dum artificialismo do género das coisas. (PF-1072-S. Miguel)
- 1439) Aí nota-se claramente **que...** apesar de... os tripulantes do couraçado se, estarem já libertos - eles - da opressão que subjugava o povo russo, isso não acontecia em relação às próprias populações (PF-1098-Leiria)
- 1440) mas eu ouço dizer **que** às vezes os comboios das outras linhas andam assim um bocado... (PF-1166-Lisboa)
- 1441) acho **que** ele deve, tem, se já to(...), tem uma tomada de posição deve continuar a tomá-la... (PF-1242-Aveiro)
- 1442) As pessoas não se convencem **que** nós, quando estamos a trabalhar estamos com um racionamento. (PF-1264-Lisboa)
- 1443) e já sabiam **que** aí o rei não lhe tocava (PF-1315-Leiria)
- 1444) eu lembro-me bem, **que** antigamente, a gente havia lá terrenos onde íamos jogar o futebol (PF-1333-Lisboa)
- 1445) parece-me **que** à primeira vista a coisa pode ser interpretada como um reforço, vá lá, dos partidos de Esquerda (PF-1336-Setúbal)
- 1446) eu penso que esse reforço talvez se tenha dado, mas tou convencida de que é provisório, e **que** de certo modo a entrada dos militares para o governo terá significado a tentativa de resolução dum, dum impasse por parte desses militares (PF-1336-Setúbal)
- 1447) a entidade patronal abusa e sabe **que** duma maneira geral a mulher até é mais, cumpridora, mais assídua... (PF-1378-Porto)
- 1448) Aliás parece - tou eu convencido - **que** no teatro, os heróis negativos é que interessam. (PF-1394-Lisboa)

#### 2.1.4. Ocorrências com locativo não-adjunto

1449) é possível **que** na, nas vilas e aldeias ainda se mantenha, não é? (PF-1082-Viana do Castelo)

### 2.2. Dados com *se* interrogativo

#### 2.2.1. Ocorrências com adjunto

1450) eu não sei **se** aqui fazem a mesma coisa (PF-784-Santarém)

1451) que me levantei cedo para adiantar, a limpar, sabe, que é para ver **se** de tarde tenho um bocadinho. (PF-1020-Bragança)

#### 2.2.2. Ocorrências com sujeito

1452) convidou o público todo a ir lá ver, verificar **se** (...) aquilo era uma porcaria qualquer de plástico. (PF-29-Porto)

1453) **se** outras pessoas verificaram ou não, não sei. (PF-29-Porto)

1454) não lhe interessa **se** eles estão bem se estão mal (PF-53-Lisboa)

1455) não sei **se** isso teria alguma influência para o peixe (PF-106-Aveiro)

1456) X: porque sabes porquê? porque nós não lhes perguntamos

A: Ah pois!

X: **se** eles querem nas[cer], nascer se não (PF-218-Coimbra)

1457) não os consultamos para eles, **se** eles querem realmente nascer nem se não (PF-218-Coimbra)

1458) eu às vezes penso - não sei **se** vocês estão de acordo que para a geração - eu sou um pouco mais velha do que vocês - mas acho que por exemplo para a geração da minha idade e possivelmente da vossa também, é a geração em que é mais difícil viver! (PF-218-Coimbra)

1459) eu não sei **se** ele já voltou a advogar, mas creio que sim. (PF-232-Portalegre)

1460) foi lá uma vez lá um, um frade perguntar **se** eu queria assinar a revista (PF-479-Lisboa)

1461) «[...] eu agora vou-te perguntar **se** tu sabes.» (PF-479-Lisboa)

1462) todos os indivíduos que tenham que têm telefone em casa, e que por vezes vêm ao correio dizer que o telefone está avariado, e a ver **se** nós conseguimos aqui, no posto público, fazer a chamada que eles não conseguem fazer, quando [a]final a avaria deles é igual à nossa (PF-633-Viseu)

1463) não sei **se** os senhores já repararam nisso (PF-653-Lisboa)

- 1464) telefonou-me a dizer para ver **se eu** lá queria ir passar o natal (PF-785-Porto)
- 1465) «ai, nós somos tão competentes como os médicos escolares para podermos ver **se a criança** tem ou não tem [...]» (PF-836-Coimbra)
- 1466) inda hoje aconteceu-me até... à hora de almoço - já tava para ir embora - e um cliente a bater-me à porta **se eu** inda podia atender, que estava de passagem (PF-885-Coimbra)
- 1467) X: [...] porque nós sem querermos vamos levados por aquelas coisas que estamos sempre a ouvir, o... aquela coisa do bater no coiso: o diabo seja cego surdo e mudo, sei lá, **se ele** é cego,  
A: Pois.  
X: se é (...), se o diabo existe, não é, daquelas coi[sas] que nós ouvimos de, por tradição desde pequeninos, desde que nascemos, quer dizer (PF-1325-Lisboa)
- 1468) X: [...] porque nós sem querermos vamos levados por aquelas coisas que estamos sempre a ouvir, o... aquela coisa do bater no coiso: o diabo seja cego surdo e mudo, sei lá, se ele é cego,  
A: Pois.  
X: se é (...), **se o diabo** existe, não é, daquelas coi[sas] que nós ouvimos de, por tradição desde pequeninos, desde que nascemos, quer dizer (PF-1325-Lisboa)
- 1469) interessa-nos fundamentalmente saber como é que as pessoas que são completamente estranhas à publicidade, **se elas** têm de facto... ficam com a ideia que nós queremos que elas tenham, não é. (PF-1396-Setúbal)

### 2.2.3. Ocorrências com mais do que um (possível) tópico/adjunto

- 1470) eu tenho uma sobrinha que vou ver **se ela realmente** g(...), vai gostar da flauta, gosto imenso também. (PF-710-Porto)
- 1471) estou à espera dum telefonema, para ver **se realmente o barco** saiu ou... que é para eu depois eu governar a minha vida (PF-1146-Aveiro)

### 2.2.4. Ocorrências com locativo não-adjunto

- 1472) não sei **se lá para a, para o São João do Estoril** sucedeu isso. (PF-106-Aveiro)

## 2.3. Dados com se condicional

### 2.3.1. Ocorrências com adjunto

- 1473) **Se acaso** vou a Cascais em dia de lota, à noite ou assim, nessa altura... (PF-262-Faro)
- 1474) «[...] **se um dia** ficar viúva eu é que tenho de governar, tenho que ficar a ganhar para os filhos e não, e não hei-de ter medo.» (PF-839-Leiria)
- 1475) e, e também como na, na pintura **se na realidade** me agradam e posso comprar é um prazer que me dou a mim própria (...) (PF-977-Coimbra)



1476) **Se** de repente tenho uma reacção... que se pode levar à conta de, de superstição... (PF-1325-Lisboa)

1477) **se** agora lhe pusessem o problema: o que é que se há-de fazer para desenvolver aqui isto, acha que tinha algumas condições de começar a... (PF-1333-Lisboa)

### 2.3.2. Ocorrências com sujeito

1478) **se** a mãe também não tem possibilidade, que é que acontece às crianças? (PF-53-Lisboa)

1479) olha, **se** eu arranjasse aí um, um anúncio, ao pepsodente - ao pepsodente já não, que eu agora tou um bocadito rapada de dentes. (PF-122-Évora)

1480) ora a gente vamos aí por a estrada adiante, quer dizer, **se** a água está de costas... mas a gente com a, com a (...) com a rotação dos tractores, não é, tá sempre de caras (PF-164-Portalegre)

1481) X: [...] porque de resto **se** o futebol for de mudos, não tem coiso,  
A: não tem interesse.  
X: não tem espectáculo (PF-170-Vila Real)

1482) as velhotas têm os netos e tal e **se** eles vierem, se ele vier são, têm que ir lá, vão, vão a pé, vão assim, vão assado e lá vão cumprir a sua promessa (PF-184-Castelo Branco)

1483) **se** uma pessoa não vai já a contar com aquilo, se nos apanha assim de chofre, cansa um pedaço, também... (PF-194-Guarda)

1484) **se** a gente vai preparado para isso, o filme passa a ter toda uma outra dimensão. (PF-194-Guarda)

1485) ora **se** uma pessoa não pode nas aulas, subentende-se não pode-se fazer barulho, nem, têm que estar um bocado retraídos, têm dez minutos para se movimentar, e para berrar, e para gritarem. (PF-221-Castelo Branco)

1486) a gente sabe, **se** o senhor for a falar e que peça uma caralhota e que não diga a caralhota e que diga outra coisa qualquer e que seja por engano, nós sabemos (PF-248-Santarém)

1487) até que **se** eu ouvisse pedir a uma pessoa qualquer assim e que eu - nós fazemos que não disse - não é: é uma caralhota, nós d(...) dexplicamos como é, pessoas que não sabem, não é. (PF-248-Santarém)

1488) «[...] mas **se** você se atrevesse a falar como está a falar sem tar a sua senhora, sem tar aqui estas senhoras, era já desta hora que você levava já com um banco aí por cima» (PF-248-Santarém)

1489) só **se** eu sei que o restaurante é realmente de confiança é que eu como peixe lá (PF-262-Faro)

1490) às vezes **se** ele demora mais tempo gostava de ir esperá-lo (PF-340-Lisboa)

1491) «[...] **se** eu pudesse viver daquilo que é meu, eu nunca... ia trabalhar para os outros» (PF-340-Lisboa)

- 1492) **se a minha sogra** fosse uma pessoa assim mais coisa, podia às vezes ir ver, não é? (PF-340-Lisboa)
- 1493) **se nós** lá passarmos e, e apanharmos um caixote de fruta ou umas couves, ou uma... assim umas coisas, não é, a polícia se tá mais em baixo manda-nos parar e autuam-nos. (PF-426-Lisboa)
- 1494) portanto um gajo tem que o empurrar, e, quer dizer, e ele só, um pode empurrar **se ele** obedecer às pernas. (PF-482-Lisboa)
- 1495) X: [...] porque o cavalo é que faz tudo, ele é que manda tudo, ele é que sabe, ele é que... e **se um gajo** intervém, qualquer intervenção assim, enquanto nos outros um gajo tem que conduzir e levá-lo lá, percebes,  
A: Pois.  
X: e intervir para o gajo sair onde a gente quer, aquele não. (PF-482-Lisboa)
- 1496) **se um gajo** o tira de dentro do ritmo dele o tipo já não faz nada. (PF-482-Lisboa)
- 1497) **se a menina** não berrar eles também n(...) são capazes de não ligar nenhuma. (PF-485-Lisboa)
- 1498) pois, **se os jornais de Lisboa** chegassem mais cedo... (PF-502-Viseu)
- 1499) ah pois, **se ela** não, não fica com o cartão de vacinas, depois têm todas (...) ela tem é ao matricular-se de pedir, novamente, que lhe dêem o cartão, se não assim anda toda a vida! (PF-529-Castelo Branco)
- 1500) **se ela** for vacinada, duas doses seguidas, não é, se levar duas doses seguidas, pois ela ao fim de cinco anos é que leva a terceira dose, leva o reforço. (PF-529-Castelo Branco)
- 1501) mas **se ela** não voltar a vacinar-se novamente, depois para o ano, torna-se a matricular é-lhe, é-lhe exigido novamente...! (PF-529-Castelo Branco)
- 1502) **se o carro** está seguro contra roubo pois tem que, que creio que ao fim de trinta dias se, se, se a viatura não aparecer, ter-se-á de que, de indemnizar o segurado (PF-618-Coimbra)
- 1503) se o carro está seguro contra roubo pois tem que, que creio que ao fim de trinta dias se, se, **se a viatura** não aparecer, ter-se-á de que, de indemnizar o segurado (PF-618-Coimbra)
- 1504) **se o segurado** tem a culpa toda em casos então tão flagrantes como esse dos stops e outros, os senhores pagam na mesma (PF-618-Coimbra)
- 1505) **se ele** participou que é culpado, pois nós temos que pagar, não é (PF-618-Coimbra)
- 1506) Evidentemente **se ele** não for culpado, pois se a coisa se verificar que na realidade não é culpado, pois nós entregamos um caso a um perito (PF-618-Coimbra)
- 1507) Evidentemente se ele não for culpado, pois **se a coisa** se verificar que na realidade não é culpado, pois nós entregamos um caso a um perito (PF-618-Coimbra)

- 1508) muitas vezes a agricultura tá má, e então... Porque **se uma pessoa** vive exclusivamente só da... bom, ainda quando se têm prédios ou outras coisas para a coisa contrabalançar ainda é, ainda, ainda é como o outro, não é, agora quem viva só das terras... (PF-673-Beja)
- 1509) quer dizer, **se a gente** tivesse todos os meses... (PF-673-Beja)
- 1510) ora pois **se eles** têm as aldeias, onde podem ver a televisão à noite, podem conviver com, com as outras pessoas (PF-673-Beja)
- 1511) mas **se eu** puder ajudar no sentido de ela se dedicar à flauta, acho que sim, que é formidável. (PF-710-Porto)
- 1512) **se uma pessoa** trouxer chapéu, anda a fazer uma farsa (PF-763-Coimbra)
- 1513) porque **se o senhor** não sabe vou-lhe dizer, que é uma das primeiras lotas do país em peixe grosso é esta sesimbra. (PF-765-Setúbal)
- 1514) **Se eles** andassem a trabalhar no campo como eu andava, a apanhar sol de manhã e à noite, e chuva e vento e tudo, eles tinham, eles tinham saúde e, e era saudável (PF-769-Lisboa)
- 1515) **se eu** estou a perceber bem... (PF-769-Lisboa)
- 1516) **Se uma pessoa** diz uma realidade ela já é considerada como um conflito político (PF-776-Lisboa)
- 1517) porque se, **se eles** são onnipotentes na resolução dos problemas então, quer dizer, isso continua a ser a, a fantochada que no fundo é. (PF-776-Lisboa)
- 1518) mas como é que eu ia passar o natal, **se eu** andava também doente? (PF-785-Porto)
- 1519) agora **se nós** pomos no mercado uma determinada fruta, uma maçã, uma pera a cinco escudos, o público não lhe toca (PF-793-Santarém)
- 1520) **se nós** pomos a oito o público compra (PF-793-Santarém)
- 1521) **se eu** tivesse estudado, se eu tivesse, sei lá, tivesse acabado o quinto ano, não sei, gostava de ter tirado um curso de secretariado talvez cá... no ISLA ou no ISPA, ou na, uma coisa al(...) instituto de novas profissões, ou uma coisa assim parecida, não sei. (PF-795-Lisboa)
- 1522) se eu tivesse estudado, **se eu** tivesse, sei lá, tivesse acabado o quinto ano, não sei, gostava de ter tirado um curso de secretariado talvez cá... no ISLA ou no ISPA, ou na, uma coisa al(...) instituto de novas profissões, ou uma coisa assim parecida, não sei. (PF-795-Lisboa)
- 1523) **Se ele** estiver com muita fome ou assim... (PF-854-Guarda)
- 1524) **se você** fosse, const(...) fizesse parte desse governo, qual era a preocupação maior que teria? (PF-883-Lisboa)
- 1525) **se eu** dissesse assim: «bom, ele não tem de facto o que eu quero», como não tinha, não é, eu não tinha o tom que ele queria (PF-885-Coimbra)
- 1526) **se eu** soube[sse]... (PF-894-Viseu)

- 1527) bem, mas **se eu** quisesse eu não lhe pagava, nem lhe dava nem um tostão (PF-913-Lisboa)
- 1528) **se as inundações** fosse, fosse durante o dia, teria morrido mais gente porque a malta ia-se metendo nas lojas, tava a chover (PF-965-Lisboa)
- 1529) **Se eu** não os obrigo a sair certamente morriam lá. (PF-965-Lisboa)
- 1530) **se a própria realidade** evolui, nós também temos que evoluir (PF-977-Coimbra)
- 1531) Ai! **Se o senhor C** fizesse isso, havia (...) como esgota. (PF-1020-Bragança)
- 1532) mas **se a pessoa** tem a fruta já em condições (PF-1072-S. Miguel)
- 1533) **se Deus** nos der saudinha, isto... uns seis, oito mesinhos, pagamos a nossa casi(...) depois (...) fazer nova. (PF-1146-Aveiro)
- 1534) e **se a gente** fosse largar as redes apanhávamos a criação toda pequena. (PF-1293-Coimbra)
- 1535) porque **se o regedor** não dissesse: «tás preso!» e «vai para a cadeia!» ele não ia, não se ia entregar (PF-1315-Leiria)
- 1536) sabe que cada banho me custa seis escudos, **se o cliente** quiser ir à casa de banho geral (PF-1358-Coimbra)
- 1537) pois **se uma pessoa** estiver doente, isto com a, com a, com a falta de, de instituições de saúde que nós temos - não sei se se chamam assim instituições de saúde? (PF-1367-Lisboa)
- 1538) bem, minha senhora, **se eu** lhe for a dizer o que é que eles gostam mais de comer: se lhe dermos bifos, batatas fritas e ovos estrelados, carne assada... (PF-1377-Coimbra)
- 1539) **se eu** tenho ali uma saca, porque é que eles não me (...) põem a roupa como deve ser, suja naquela saca ? (PF-1377-Coimbra)
- 1540) «ai, **se ela** me reponta eu faço e aconteço...!» (PF-1378-Porto)
- 1541) **se eu** soubesse que me dava tão bem com a placa, eu não tinha posto pelo menos há dez anos ou mais que eu tenho, já tinha posto há trinta ou quarenta (PF-1383-Lisboa)
- 1542) X: [...] ora acontece que no teatro **se o actor** finge fora do fingimento teatral,  
A: (...)  
X: depois a personagem assenta mal, fica tudo falso. (PF-1394-Lisboa)
- 1543) X: [...] **se nós** tivermos contracções, tiques ou qualquer coisa, essas contracções e esses tiques vão-se reflectir no trabalho e vão fazer com que o trabalho se pessoalize,  
A: Pois  
X: a... no, no actor. (PF-1394-Lisboa)

### 2.3.3. Ocorrências com mais do que um (possível) tópico/adjunto

- 1544) porque me parecia... uma coisa detestável, um problema grande de consciência, **se amanhã como magistrado** viesse a verificar que tinha errado ou que tinha julgado mal (PF-108-Évora)
- 1545) é que **se eu hoje** fosse magistrado tinha já uma preciosa experiência como advogado. (PF-108-Évora)
- 1546) já vínhamos a fazer rumo às ilhas, **se às vezes ele** continuasse e a perseguir-nos nós íamos para as ilhas, arribávamos às ilhas, os que podiam. (PF-149-Aveiro)
- 1547) Seria egoísmo **se nós realmente** tivéssemos possibilidades de os consultar e não o fizéssemos (PF-218-Coimbra)
- 1548) pois **se nós agora** estamos a vacinar as grávidas... (PF-529-Castelo Branco)
- 1549) e **se as pessoas num ambiente pequeno como é o de uma terra de província**, são obrigadas a ver a televisão porque não há mais nada para fazer e de alguma maneira têm de passar o tempo, têm que preencher o seu tempo, parece-me que deveria, deveríamos exigir à televisão portuguesa, neste caso, um nível diferente da sua programação (PF-1392-Viseu)

#### **2.3.4. Ambiguidades quanto ao tipo de tópico**

- 1550) quer dizer, mas **se eu** não... (PF-769-Lisboa)